(n.t.)

REVISTA LITERÁRIA
EM TRADUÇÃO

ANO VII - 2º VOL. DEZ./2016 – REVISTA BILÍNGUE SEMESTRAL – BRASIL

Nósside de Lócria Zinaida Gippius

Sarah Kirsch Nikos Engonópoulos

George Bacovia Virgílio

Nankichi Niimi Stanisław Lem

Primo Levi Henry James

Edgar Allan Poe Horacio Quiroga

Stéphane Mallarmé Paul Valéry

Thomas Carlyle Raffi

Delmira Agustini (III)

ISSN 2177-5141

13

tradução
μετάφραση
ترجمه
ԹԱՐԳՄԱՆՈՒԹՅՈՒՆ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
නඟනවා
תרגום
vertaling
번역
käännös
translation
тәржемә
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canjı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 –
[recurso eletrônico].

Semestral, ano 7, n. 13, 2º vol., dez. 2016
Bilingue: 12 idiomas
Editada por Gleiton Lentz; coeditada por Roger Sulis
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: world wide web: http://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Dropbox
ISSN 2177-5141

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

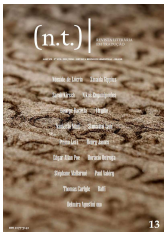
Indexada no Latindex e Sumários.org
Licenciada na Creative Commons

INTRO

"E revelam de repente os segredos eternos."

Nikos Engonópoulos

EDITORIAL



www.notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

Edição e Coordenação
Gleiton Lentz

Coedição e Consultoria
Roger Sulis

Ilustração e Curadoria
Aline Daka

Revisão e Assistência
Amanda Zampieri

Consultoria Linguística
Scott Ritter Hadley

Revisão dos Originais
Equipe (n.t.)

Agradecimentos

Fac-símiles e originais: ▪ Maksim Moshkow's Library (Rússia), para *Час ночи*, de Zinaida Gippius; ▪ The Latin Library (EUA), para *Aeneidos Liber Quartvs*, de Virgílio; ▪ Aozora Bun-ko (Japão), para 疣, de Nankichi Niimi; ▪ Internet Archive (EUA), para "Translator's Preface...", de Thomas Carlyle; ▪ Biblioteca Nacional de Uruguay, para manuscrito original de "Lo Inefable", de Delmira Agustini; ▪ Vahagnakanch (Armênia), para ԽԵՆԹԱՐ, de Raffi. **Direitos de publicação:** ▪ Editura Cartex (Romênia), para *Plumb*, de George Bacovia; ▪ Wydawnictwo Literackie (Polônia), para "Wyprawa pierwsza A...", de Stanislaw Lem; ▪ *Corriere della Sera* (Itália), para "Noi di Auschwitz", e Einaudi (Itália), para "Auschwitz, città tranquilla" e "Pipetta da guerra", de Primo Levi; ▪ Éditions du Tambourinaire (França), para *De la musique encore et toujours !*, de Valéry e Mallarmé. **Direitos autorais cedidos:** ▪ Charles Apovian (Brasil), pela tradução de *O Louco* (*Khent*), de Raffi, via o site Armênia Brasil.

A arqueologia e o estudo da história do Sri Lanka estabelecem que os registros mais antigos da ilha encontrados até então datam do século VI a.C., quando povos dravidianos, uma das populações mais antigas do sul da Índia, migraram para o antigo Ceilão a partir de Bengala, localizada no subcontinente indiano. A crônica cingalesa de *Mahavamsa*, registro histórico sobre os reis drávidas do Sri Lanka, relata a chegada à ilha da comitiva do princípe Vijaya, que viria a se tornar o primeiro rei cingalês, em 543 a.C. À época, no entanto, a ilha era habitada por povos aborígines, os Wanniyala-Aetto ou Veddas, que se acredita serem de origem malaia.

É dessa mestiçagem entre dravidianos e veddas que nasce a etnia cingalesa, e logo, a língua sinhala (සිංහල), falada atualmente no Sri Lanka. O vocabulário do idioma deriva fundamentalmente do páli, a língua litúrgica budista, mas foi influenciado sobretudo pelo tâmil, de origem dravidiana, e pelo sânscrito, de origem indo-europeia. Já o alfabeto cingalês, introduzido na ilha por volta dos séculos III e II a.C., evoluiu a partir do brami, um descendente da antiga família brâmica de escritas indianas. Trata-se de um alfassilabário derivado do grantha, uma versão meridional da escritura brami, que está a meio caminho entre um silabário e um alfabeto, pois resulta de um conjunto de sinais usado pela população local para escrever e representar os fonemas de sua língua, como também do páli e do sânscrito.

As mais antigas inscrições cingalesas em prácrito (a vasta família das línguas e dialetos índicos falados na Índia antiga que mantinham um parentesco com o sânscrito) datam desse período, do séc. III a.C., após a chegada do budismo no Sri Lanka. A capa desta edição, por exemplo, traz uma pedra com inscrições em sinhala, proveniente de Polonnaruva, uma das antigas capitais do país, sede dos reis cingaleses entre os séculos XI e XIII.

Além de muitos empréstimos da língua tâmil, falada no sul da Índia, a sinhala emprestou também características fonéticas e gramaticais das línguas dravídicas vizinhas, embora o cingalês formal seja mais semelhante ao páli e ao cingalês medieval. A partir dela, se originou também o divehi ou mahl, idioma falado nas ilhas Maldivas, que junto à sinhala, representa um subgrupo especial junto às modernas línguas indo-arianas, chamado indo-ariano insular. Porém, o que chama a atenção é que o idioma se enriqueceu, a partir do século XV, com empréstimos não só do holandês e do inglês, mas também do português, introduzido pelos lusitanos.

E é a partir dessa mesma língua que deixou constância no cingalês que seguem impressas, ao lado de seus respectivos originais, as traduções contempladas neste 13º número da (n.t.). A revista abre com a seção "Poesia", inicialmente, com os *Epigramas* | *Ἐπιγράμματα*, da poetisa grega Nósside, traduzida por Rodrigo Bravo; depois, *A hora da noite* | *Час ночи*, da russa Zinaida Gippius, por Verônica Filíppovna; *Grãos Negros* | *Schwarze Bohnen*, da alemã Sarah Kirsch, por Viviane de Santana Paulo; *O Re-*

torno dos Pássaros|*Ἡ ἐπιστροφὴ τῶν πουλιῶν*, do grego Nikos Engonópoulos, por Théo de Borba Moosburger; *Chumbo*|*Plumb*, de George Bacovia, por Beethoven Alvarez; e *Eneida, Canto IV: Dido e Eneias*|*Aeneidos Liber Quartus*, de Virgílio, por Adriano Aprigliano.

Na seção subsequente, "Contos & Excertos", segue uma breve mostra da literatura universal, com as narrativas: *Verrugas*|*疣*, do japonês Nankichi Niimi, traduzido por Karen Kazue Kawana; *Expedição primeira A ou o Poetômato de Trurl*|*Wyprawa pierwsza A, czyli Elektrybałt Trurla*, do polonês Stanisław Lem, por Olga Kempińska; *Nós, de Auschwitz*|*Noi di Auschwitz*, de Primo Levi, por Márcia Marques Marinho Castro; *As Bostonianas*|*The Bostonians*, de Henry James, por Fernanda Bender; e *Os Óculos*|*The Spectacles*, um conto de humor de Edgar Allan Poe, traduzido por Liziane Kugland.

Já em "Ensaios Literários", quatro escritrores versam, respectivamente, sobre conceitos gerais em literatura, música e tradução: primeiro, o uruguaio Horácio Quiroga apresenta o *Manual do contista*|*Manual del cuentista*, por Thaís Soranzo; depois, os franceses Valéry e Mallarmé discorrem sobre *A música de novo e de novo!*|*De la musique encore e toujours !*, traduzidos a quatro mãos por Carolina Dittrich e Tiago Hermano Breunig; e por fim, o escocês Thomas Carlyle apresenta o *Prefácio do tradutor à primeira edição inglesa d'Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*|*Translator's Preface to the First Edition of Meister's Apprenticeship*, por Luiz Natônio Gusmão.

E encerrando a edição, seguem as duas clássicas seções da revista, "Memória" e "Quadrinhos". Na primeira, que homenageia traduções antigas ou pouco conhecidas em língua portuguesa, publicamos parcialmente o célebre romance armênio *O Louco*|ԽԵՆԹԸ, do escritor Raffi (Hagop Melik-Hagopian), na tradução realizada por Charles Apovian. E na seção seguinte, cujas páginas *ilustram* a literatura, Aline Daka apresenta a HQ "O inefável", baseada no homônimo poema da uruguaia Delmira Agustini, pertencente ao livro *El Canto de la mañana*, de 1910.

E para concluir, assim como a língua sinhala ou cingalês, que é fruto de uma série de influências linguísticas absorvidas ao longo dos séculos, que a consolidaram como uma das principais do Sri Lanka, os idiomas presentes nesta edição, que vão do grego ao latim, do polonês ao japonês, do russo ao armênio, entre outros, também passaram e continuam passando por transformações linguísticas, de ordem estrutural e cultural, instituindo-se como o idioma de suas nações e como representantes de suas literaturas. E o idioma português, que igualmente conta com uma história e origem que já alcança um milênio, ao possibilitar a tradução dos doze idiomas contemplados nesta edição da (n.t.), transcende, por sua vez, os próprios limites geográficos, evidenciando que, "sem tradução", como diria George Steiner em *After Babel* (1975), "estaríamos vivendo nas províncias que fazem fronteira com o silêncio".

Boa literatura vertida ao português! ■

Os editores
Desterro, abril de 2017.

(n.t.) | 13°

Publicada na Ilha do Desterro,
em Santa Catarina, Brasil.

© Todos os direitos reservados
aos autores, tradutores e editores.

Licenciada na Creative Commons,
Licença Internacional 4.0

ISSN 2177-5141

SUMÁRIO

POESIA
POESIA
POESIA
POESIA
POESIA

Epigramas | Ἐπιγράμματα . . . *09*
texto de Nósside de Lócria
tradução de Rodrigo Bravo

A hora da noite | Час ночи . . . *16*
texto de Zinaida Gippius
tradução de Verônica Filíppovna

Grãos Negros | Schwarze Bohnen . . *39*
texto de Sarah Kirsch
tradução de Viviane de Santana Paulo

O Retorno dos Pássaros
Ἡ ἐπιστροφὴ τῶν πουλιῶν . . . *62*
texto de Nikos Engonópoulos
tradução de Théo de Borba Moosburger

Chumbo | Plumb *89*
texto de George Bacovia
tradução de Beethoven Alvarez

Eneida, Canto IV: Dido e Eneias
Aeneidos Liber Quartus *108*
texto de Virgílio
tradução de Adriano Aprigliano

CONTO
CONTO
CONTO

Verrugas | 疣 *148*
texto de Nankichi Niimi
tradução de Karen Kazue Kawana

Expedição primeira A ou o Poetômato de Trurl
Wyprawa pierwsza A, czyli Elektrybałt Trurla . *174*
texto de Stanisław Lem
tradução de Olga Kempińska

MEMÓRIA

O Louco | ԽԵՆԹԸ
texto de Raffi (Hagop Melik-Hagopian)
tradução de Charles Apovian
362

Nós, de Auschwitz | Noi di Auschwitz . . *197*
texto de Primo Levi
tradução de Márcia Marques Marinho Castro

As Bostonianas | The Bostonians . . . *220*
texto de Henry James
tradução de Fernanda Bender

Os Óculos | The Spectacles . . . *259*
texto de Edgar Allan Poe
tradução de Liziane Kugland

ENSAIO
ENSAIO
ENSAIO

Manual do contista | Manual del cuentista . . *306*
texto de Horacio Quiroga
tradução de Thaís Soranzo

A música de novo e de novo !
De la musique encore et toujours ! . . *335*
textos de Paul Valéry e Stéphane Mallarmé
tradução de Carolina Dittrich e Tiago Hermano Breunig

Prefácio do tradutor **à primeira edição inglesa d'***Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*
Translator's Preface **to the First Edition of** ***Meister's Apprenticeship*** . *346*
texto de Thomas Carlyle
tradução de Luiz Antônio Gusmão

QUADRINHOS

O inefável | Lo inefable . *429*
texto de Delmira Agustini
quadrinhos de Aline Daka
tradução de Gleiton Lentz

INDEX *437*

poesia

(n.t.)|Humberstone

EPIGRAMAS
NÓSSIDE DE LÓCRIA

O TEXTO: Recolhidos da *Antologia Grega*, os doze epigramas compostos por Nósside versam sobre temas distintos. Do erotismo à descrição de objetos artísticos e religiosos, os poemas, compostos em duas estrofes de dísticos elegíacos, recuperam cenas da vida e da cultura na Magna Grécia sob uma ótica feminina, raríssima no *corpus* da literatura em grego antigo. A tradução buscou reproduzir o metro original a partir da oposição de versos dodecassílabos e decassílabos, e do uso do *enjambement* como coerção sintática de leitura.

Texto estabelecido e traduzido a partir de: Paton, W. R. The *Greek Anthology* – vols. I, II e III. Londres: William Heinemann, 1960.

A AUTORA: Nascida por volta de 300 a.C., na Lócria, cidade no Sul da Itália, Nósside compôs doze epigramas constantes da *Antologia Grega*. Além do que se entrevê por seus poemas, muito pouco se sabe sobre sua vida pessoal. Inspirada pelo estilo e pelos temas de Safo, a poeta foi considerada "rival das Musas" pelos poetas epigramáticos do período helenístico (323-31 d.C.).

O TRADUTOR: Rodrigo Bravo é professor e tradutor, bacharelando em Letras Clássicas pela USP. Desenvolve pesquisa em tradução poética. Além de artigos e um livro sobre o tema, também produziu traduções de poemas em inglês (Shakespeare), japonês (Basho), alemão (Jandl), latim (Catulo) e grego (Rufino).

ΕΠΙΓΡΑΜΜΑΤΑ

" Ἦ καλόν, ὅκκα πέλη τέκνα γονεῦσιν ἴσα."

ΝΟΣΣΙΣ

V - 170

Ἄδιον οὐδὲν ἔρωτος· ἃ δ' ὄλβια, δεύτερα πάντα
ἐστίν· ἀπὸ στόματος δ' ἔπτυσα καὶ τὸ μέλι.
Τοῦτο λέγει Νοσσίς· τίνα δ' ἁ Κύπρις οὐκ ἐφίλασεν,
οὐκ οἶδεν κήνα γ' ἄνθεα ποῖα ῥόδα.

VI - 132

Ἔντεα Βρέττιοι ἄνδρες ἀ π' αἰνομόρων βάλον ὤμων
θεινόμενοι Λοκρῶν χερσὶν ὑπ' ὠκυμάχων,
ὧν ἀρετὰν ὑμνεῦωτα θεῶν ὑπ' ἀνάκτορα κεῖνται,
οὐδὲ ποθεῦντι κακῶν πάχεας, οὓς ἔλιπον.

VI - 265

Ἥρα τιμήεσσα, Λακίνιον ἃ τὸ θυῶδες
πολλάκις οὐρανόθεν νεισομένα κατορῆς,
δέξαι βύσσινον εἶμα, τό τοι μετὰ παιδὸς ἀγαυᾶς
Νοσσίδος ὕφανεν Θευφιλὶς ἁ Κλεόχας.

VI - 273

῾Αρτεμι, Δᾶλον ἔχουσα καὶ ᾽Ορτυγίαν ἐρόεσσαν,
τόξα μὲν εἰς κόλπους ἅγν᾽ ἀπόθου Χαρίτων,
λοῦσαι δ᾽ ᾽Ινωπῷ καθαρὸν χρόα, βᾶθι δὲ Λοκρούς
λύσουσ᾽ ὠδίνων ᾽Αλκέτιν ἐκ χαλεπῶν.

VI - 275

Καίροισάν τοι ἔοικε κομᾶν ἄπο τὰν ᾽Αφροδίταν
ἄνθεμα κεκρύφαλον τόνδε λαβεῖν Σαμύτας·
δαιδαλέος τε γάρ ἐστι, καὶ ἁδύ τι νέκταρος ὄσδει,
τοῦ, τῷ καὶ τήνα καλὸν ῾Αδωνα χρίει.

VI - 353

Αὐτομέλιννα τέτυκται· ἴδ', ὡς ἀγανὸν τὸ πρόσωπον
ἁμὲ ποτοπτάζειν μειλιχίως δοκέει·
ὡς ἐτύμως θυγάτηρ τᾷ ματέρι πάντα ποτῴκει.
ἦ καλόν, ὅκκα πέλῃ τέκνα γονεῦσιν ἴσα.

VI - 354

Γνωτὰ καὶ τηνῶθε Σαβαιθίδος εἴδεται ἔμμεν
ἅδ' εἰκὼν μορφᾷ καὶ μεγαλοφροσύνᾳ.
θάεο· τὰν πινυτὰν τό τε μείλιχον αὐτόθι τήνας
ἔλπομ' ὁρῆν· χαίροις πολλά, μάκαιρα γύναι.

VII - 414

Καὶ καπυρὸν γελάσας παραμείβεο, καὶ φίλον εἰπὼν
ῥῆμ' ἐπ' ἐμοί. ῾Ρίνθων εἶμ' ὁ Συρακόσιος,
Μουσάων ὀλίγη τις ἀηδονίς· ἀλλὰ φλυάκων
ἐκ τραγικῶν ἴδιον κισσὸν ἐδρεψάμεθα.

VII - 718

Ὦ Ξεῖν', εἰ τύ γε πλεῖς ποτὶ καλλίχορον Μιτυλάναν
τᾶν Σαπφοῦς χαρίτων ἄνθος ἐναυσαμέναν,
εἰπειν, ὡς Μούσαισι φίλαν τήνα τε Λοκρὶς γᾶ
τίκτεν ἴσαν ὅτι θ᾽ οἱ τοὔνομα Νοσσίς, ἴθι.

IX - 332

'Ελτοῖσαι ποτὶ ναὸν ἰδώμεθα τᾶς Ἀφροδίτας
τὸ βρέτας, ὡς χρυσῷ διαδαλόεν τελέθει.
εἴσατό μιν Πολυαρχὶς ἐπαυρομένα μάλα πολλὰν
κτῆσιν ἀπ' οἰκείου σώματος ἀγλαίας.

IX - 604

Θαυμαρέτας μορφὰν ὁ πίναξ ἔχει· εὖ γε τὸ γαῦρον
τεῦξε τό θ' ὡραῖον τᾶς ἀγανοβλεφάρου.
σαίνοι κέν σ' ἐσιδοῖσα καὶ οἰκοφυλαξ σκυλάκαινα
δέσποιναν μελάθρων οἰομένα ποθορῆν.

IX - 605

Τὸν πίνακα ξανθᾶς Καλλὼ δόμον εἰς Ἀφροδίτας
εἰκονα γραψαμένα πάντ' ἀνέθηκεν ἴσαν.
ὡσ ἀγανῶς ἕστακεν· ἴδ', ἁ χάρις ἁλίκον ἀντεῖ.
χαιρέτω· οὔ τινα γὰρ μέμψιν ἔχει βιοτᾶς.

EPIGRAMAS

"Quão belo é o parecer das gerações!"

NÓSSIDE DE LÓCRIA

V 170

"Mais doce que o Amor, nada; gozo algum se iguala:
nem o mel que verti de minha boca".
Assim Nósside disse, e quem não amou Cípris,
não saberá que rosas são suas flores.

VI 132

As armas, Brutos soltam, dos funestos ombros
feridos pela lépida mão Lócria,
Pelos reis virtuosos no hinear se dobram,
nem lamentam o peso que largaram.

VI 265

Hera honrada que, muito, dos céus, nos visitas,
e guardas o Lacínio perfumado
Aceita o líneo manto que teceu Teufílide
de Cleocante, com Nósside, sua filha.

VI 273

Põe teu arco sagrado no colo das Graças,
Artemisa de Delos e de Ortígia,
no Ínopo tua pele lava, e vai à Lócria
livrar da dor das cólicas Alcete.

VI 275

Aceitou Afrodite, como oferta, a rede
que adornava os cabelos de Samita;
Tecida com destreza e de aroma do néctar,
com que a deusa unge o belo Adônis.

VI 353

É Melina em pessoa! Vede como o seu
casto rosto nos fita docemente;
Quão parecida, em tudo, a filha é da mãe.
Quão belo é o parecer das gerações!

VI 354

Em forma e majestade se parece a estátua
com Sabetide, até mesmo de longe.
Contempla: dá pr'a ver sua bondade e prudência!
Longa vida a ti, ó mulher ditosa!

VII 414

Dando um riso estridente, disse-me palavras
amáveis: sou Rintão de Siracusa
Pequeno rouxinol das Musas, e das bufas
tragédias apanhei minha própria hera.

VII 718

Se fores, estrangeiro, à bela Mitilene,
que a Safo, flor das Graças, atiçou,
Diz que gerou a terra Lócria quem amou
as Musas; sua igual, chamada Nósside.

IX 332

Chegando ao templo, vemos a estátua de Cípris
habilmente adornada pelo ouro.
Oferta-a Poliarces que grande fortuna
ganhou com as belezas de seu corpo.

IX 604

No quadro é Taumareta: pintaram tão bem
suas graças e seus olhos de menina!
Se a visse, a cadelinha abanaria o rabo,
achando estar diante de sua dona.

IX 605

No altar da loura Cípris, Caló ofertou
um quadro que era, em tudo, igual à deusa.
Quão bondosa ela é; vê a graça a tomar-lhe!
Salve! Não há censuras em sua vida.

A HORA DA NOITE

ZINAIDA GIPPIUS

O TEXTO: Os poemas desta seleção integram o livro *Стихотворения* (*Poesias*), de Zinaida Gippius. Críticos consideram a sua poesia "obscura", "conflituosa" e "apocalíptica". Sua obra se destaca pela riqueza de aliterações, pela flexibilidade rítmica (assim como sugere a tradução), pela presença de imagens teológicas, pela densidade poética e, sobretudo, pelo inefável. Alguns de seus poemas foram censurados à época e depois reescritos para serem publicados.

Texto traduzido: Гиппиус, З. Н. *Стихотворения.* Санкт-Петербург: Новая Библиотека Поэта, 1999.

A AUTORA: Zinaida Nikolaievna Gippius (1869-1945), poetisa, dramaturga e ensaísta. É considerada uma das expoentes do simbolismo russo, por sua poesia simbolista de orientação mística. Em 1889, casou-se com o escritor Dmitri Merezhkovski, com quem partiu para São Petesburgo e onde deu início a uma intensa atividade literária, abrangendo não só a poesia, mas também contos e romances, além de dramas para o teatro. Sua figura exerceu muita influência no meio literário do simbolismo russo e hoje seu nome se destaca como um dos mais importantes do "Século de Prata" da poesia russa.

A TRADUTORA: Verônica Filíppovna é doutoranda em Ciência da Literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Para a (n.t.) traduziu os poetas russos Marina Tsvetáeva, Ossip Mandelstam e Konstantin Balmont.

Час ночи

“Что мне делать со смертью – не знаю.
А вы, другие, – знаете? Знаете?”

ЗИНАИДА ГИППИУС

БЕССИЛЬЕ

Смотрю на море жадными очами,
К земле прикованный, на берегу...
Стою над пропастью – над небесами, –
И улететь к лазури не могу.

Не ведаю, восстать иль покориться,
Нет смелости ни умереть, ни жить...
Мне близок Бог – но не могу молиться,
Хочу любви – и не могу любить.

Я к солнцу, к солнцу руки простираю
И вижу полог бледных облаков...
Мне кажется, что истину я знаю –
И только для нее не знаю слов.

1893

ЦВЕТЫ НОЧИ

О, ночному часу не верьте!
Он исполнен злой красоты.
В этот час люди близки к смерти,
Только странно живы цветы.

Темны, теплы тихие стены,
И давно камин без огня...
И я жду от цветов измены, –
Ненавидят цветы меня.

Среди них мне жарко, тревожно,
Аромат их душен и смел, –
Но уйти от них невозможно,
Но нельзя избежать их стрел.

Свет вечерний лучи бросает
Сквозь кровавый шелк на листы...
Тело нежное оживает,
Пробудились злые цветы.

С ядовитого арума мерно
Капли падают на ковер...
Все таинственно, все неверно...
И мне тихий чудится спор.

Шелестят, шевелятся, дышат,
Как враги, за мною следят.
Все, что думаю, – знают, слышат
И меня отравить хотят.

О, часу ночному не верьте!
Берегитесь злой красоты.
В этот час мы все ближе к смерти,
Только живы одни цветы.

1894

ЛЮБОВЬ – ОДНА

Единый раз вскипает пеной
И рассыпается волна.
Не может сердце жить изменой,
Измены нет: любовь – одна.

Мы негодуем иль играем,
Иль лжем – но в сердце тишина.
Мы никогда не изменяем:
Душа одна – любовь одна.

Однообразно и пустынно,
Однообразием сильна,
Проходит жизнь... И в жизни длинной
Любовь одна, всегда одна.

Лишь в неизменном – бесконечность,
Лишь в постоянном – глубина.
И дальше путь, и ближе вечность,
И всё ясней: любовь одна.

Любви мы платим нашей кровью,
Но верная душа – верна,
И любим мы одной любовью...
Любовь одна, как смерть одна.

1896

ПЫЛЬ

Моя душа во власти страха
И горькой жалости земной.
Напрасно я бегу от праха –
Я всюду с ним, и он со мной.

Мне в очи смотрит ночь нагая,
Унылая, как темный день.
Лишь тучи, низко набегая,
Дают ей мертвенную тень.

И ветер, встав на миг единый,
Дождем дохнул – и вмиг исчез.
Волокна серой паутины
Плывут и тянутся с небес.

Ползут, как дни земных событий,
Однообразны и мутны.
Но сеть из этих легких нитей
Тяжеле смертной пелены.

И в прахе душном, в дыме пыльном,
К последней гибели спеша,
Напрасно в ужасе бессильном
Оковы жизни рвет душа.

А капли тонкие по крыше
Едва стучат, как в робком сне.
Молю вас, капли, тише, тише...
О, тише плачьте обо мне!

1897

НЕ ЗНАЮ

Мое одиночество – бездонное, безгранное;
но такое душное; такое тесное;
приползло ко мне чудовище, ласковое, странное,
мне в глаза глядит и что-то думает – неизвестное.

Всё зовет меня куда-то и сулит спасение – неизвестное;
и душа во мне горит... ему принадлежу отныне я;
всё зовет меня и обещает радость и мученье крестное,
и свободу от любви и от уныния.

Но как отречься от любви и от уныния?
Еще надеждою душа моя окована.
Уйти не смею я... И для меня есть скиния, –
но я не знаю, где она мне уготована.

1901

КАК ВСЕ

Не хочу, ничего не хочу,
Принимаю всё так, как есть.
Изменять ничего не хочу.
Я дышу, я живу, я молчу.

Принимаю и то, чему быть.
Принимаю болезнь и смерть.
Да исполнится всё, чему быть!
Не хочу ни ломать, ни творить.

И к чему оно всё – Бог весть!
Но да будет всё так, как есть.
Нерушимы земля и твердь.
Неизменны и жизнь, и смерть.

1901

ВСЁ КРУГОМ

Страшное, грубое, липкое, грязное,
Жестко тупое, всегда безобразное,
Медленно рвущее, мелко-нечестное,
Скользкое, стыдное, низкое, тесное,
Явно-довольное, тайно-блудливое,
Плоско-смешное и тошно-трусливое,
Вязко, болотно и тинно застойное,
Жизни и смерти равно недостойное,
Рабское, хамское, гнойное, черное,
Изредка серое, в сером упорное,
Вечно лежачее, дьявольски косное,
Глупое, сохлое, сонное, злостное,
Трупно-холодное, жалко-ничтожное,
Непереносное, ложное, ложное!

Но жалоб не надо. Что радости в плаче?
Мы знаем, мы знаем: всё будет иначе.

1904

НЕИЗВЕСТНАЯ

Что мне делать со смертью – не знаю.
А вы, другие, – знаете? Знаете?
Только скрываете, тоже не знаете.
Я же незнанья моего не скрываю.

Как ни живи – жизнь не ответит,
Разве жизнью смерть побеждается?
Сказано – смертью смерть побеждается,
Значит, на всех путях она встретит.

А я ее всякую – ненавижу.
Только свою *люблю*, неизвестную.
За то и *люблю*, что она неизвестная,
Что умру – и очей ее не увижу...

1915

ЕСЛИ

Если гаснет свет – я ничего не вижу.
Если человек зверь – я его ненавижу.
Если человек хуже зверя – я его убиваю.
Если кончена моя Россия – я умираю.

1918

ТИШЬ

На улицах белая тишь.
Я не слышу своего сердца.
Сердце, отчего ты молчишь?
Такая тихая, такая тихая тишь...

Город снежный, белый – воскресни!
Луна – окровавленный щит.
Грядущее всё неизвестней...
Сердце мое, воскресни! Воскресни!

Воскресение – не для всех.
Тихий снег тих, как мертвый.
Над городом распростерся грех.
Тихо плачу я, плачу – обо всех.

1918

ЗАКАТ

Освещена последняя сосна.
Под нею темный кряж пушится.
Сейчас погаснет и она.
День конченый – не повторится.

День кончился. Что было в нем?
Не знаю, пролетел, как птица.
Он был обыкновенным днем,
А все-таки – не повторится.

1928

A HORA DA NOITE

"O que fazer com a morte – não sei.
E tu, amigo, – sabes? Sabes?"

ZINAIDA GIPPIUS

IMPOTÊNCIA

Olho para o mar com os olhos ávidos,
À terra acorrentada, às margens...
Estou sobre um abismo – sobre o céu, –
Mas não posso voar até o azul.

Não sei me rebelar nem humilhar,
Não há coragem para morrer, para viver...
Estou perto de Deus – mas não posso orar,
Quero amar – e não posso amar.

Ao sol, ao sol estendo as mãos
E vejo uma cortina de nuvens pálidas...
Parece que eu conheço a verdade –
Mas não sei palavras para ela.

1893

AS FLORES DA NOITE

Ó, não acredito na hora da noite!
Ela é cheia de beleza má.
Nesta hora todos estão perto da morte,
Só as flores estranhas vivem.

Escuras, as paredes tranquilas,
Há tempos a lareira sem fogo...
Das flores espero a traição, –
As flores me odeiam.

Entre elas sou quente, ansiosa,
O aroma é ousado e sensual, –
É impossível ficar longe delas,
Ninguém escapa das suas flechas.

Os raios de luz perpassam a escuridão
Entre sangrentos lençóis de seda...
O corpo vem à vida suavemente
Despertando as flores do mal.

Com um aroma venenoso
Gotas caem no tapete...
Tudo é mistério, tudo está errado...
E a mim surge uma disputa silenciosa.

Sussurram, agitam, respiram,
Como inimigos, me seguem.
Todas, penso – sabem, ouvem
E querem me envenenar.

Ó, não acredito na hora da noite!
Cuidado com a maldade da beleza.
Nesta hora estamos perto da morte,
Só uma das flores vive.

1894

O AMOR É – UM

Apenas uma vez ferve até a espuma
A onda e se desfaz.
O coração não pode viver de traição,
As traições não existem: o amor é – um.

Nos indignamos ou jogamos,
Ou mentimos – mas há o silêncio no coração.
Nós nunca traímos:
A alma é uma – O amor é um.

Monótono e deserto,
Forte em sua monotonia,
A vida passa... E na vida longa
O amor é um, sempre um.

Apenas no inalterável – o infinito,
Apenas no constante – a profundidade.
Depois, o caminho, além, a eternidade,
Está cada vez mais claro: o amor é um.

Pagamos o amor com nosso sangue,
Mas a alma é verdadeira – verdadeira,
E com amor amamos...
O amor é um, como a morte.

1896

POEIRA

Minha alma está nas garras do medo
Amarga e pobre é a terra.
Em vão, corro das cinzas –
Em todos os lugares elas estão comigo.

Olho nos olhos da noite nua,
Deprimida, como um dia escuro,
Só as nuvens, flutuando baixo,
Dão-lhe uma sombra mortal.

E o vento, surgindo num único instante,
Com a chuva soprou – e de súbito desapareceu.
Grises teias de aranha
Flutuam e se estendem até o céu.

Rastejante, com os dias terrestres,
Monótona e turva.
Mas a teia destes fios leves,
É mais pesada na mortalha da morte.

Na poeira abafada, na fumaça empoeirada,
A última desgraça se apressa,
Em vão, no medo impotente
Os grilhões da vida rasgam a alma.

A delicada gota cai sobre o telhado,
Solitária goteja, como num sonho tímido,
Peço-lhe, gota, silêncio, silêncio...
Ó, em silêncio chore sobre mim!

1897

NÃO SEI

Minha solidão – sem fundo, sem borda;
Mas sempre abafada; sempre perto;
Rastejou até mim uma fera, um afeto, um estranho,
Olha-me nos olhos e pensa – a desconhecida.

Todos me chamam e prometem a salvação – desconhecida;
E a minha alma queima... Eu pertenço a ela a partir de agora;
Todos me chamam e prometem a felicidade e o martírio da cruz,
A liberdade do amor e da tristeza.

Como renunciar ao amor e à tristeza?
Minha alma ainda está presa à esperança.
Saio sem sorrir... E para mim há a taberna, –
Mas não sei onde ela me espera.

1901

COMO TUDO

Não quero, não quero nada.
Eu aceito tudo como está.
Não quero mudar nada.
Eu respiro, eu vivo, eu calo.

Aceito o que tem de ser.
Aceito a doença e a morte.
Cumprirei tudo, o que quer que seja!
Não quero romper, nem criar.

Porque tudo isso – Deus sabe!
Mas deixará tudo como está.
Invioláveis são terra e céu.
Inalteráveis são vida, morte.

1901

TUDO AO REDOR

Terrível, rude, pegajoso, sujo,
Bruscamente apático, sempre feio,
Lentamente rasgando, minuciosamente-injusto,
Escorregadio, vergonhoso, baixo, perto,
Obviamente-feliz, secretamente-lascivo,
Plano-ridículo, náusea-covarde,
Pegajoso, pantanoso, enlameado, estagnado,
Da vida e da morte indigno,
Escravo, grosseiro, purulento, preto,
Às vezes gris, de um gris persistente,
Eternamente deitado, diabolicamente retrógrado,
Estúpido, seco, sonolento, perverso,
Cadáver-frio, penosamente-insignificante,
Insuportavelmente falso, falso!

As queixas são desprezíveis. Que são as alegrias em meio ao pranto?
Nós sabemos, nós sabemos: tudo será distinto.

1904

A DESCONHECIDA

O que fazer com a morte – não sei.
E tu, amigo, – sabes? Sabes?
Apenas ocultas, também desconheces.
Eu não escondo minha ignorância.

Como não viver – a vida não responde,
Acaso a vida vence a morte?
Saiba – a morte se vence com a morte,
Em todos os caminhos ela te encontrará.

Mas eu – odeio.
Amo apenas a minha, a desconhecida.
Por isso, amo-a, porque é desconhecida,
Porque ao morrer – teus olhos não verei...

1915

SE

Se a luz apaga – não vejo ninguém.
Se o humano é uma besta – o odeio.
Se o humano é pior que uma besta – o mato.
Se a minha Rússia termina – morro.

1918

SILÊNCIO

Nas ruas um silêncio branco.
Eu não escuto meu coração.
Coração, por que tu calas?
É calmo, é calmo o silêncio...

Cidade enevoada, branca – levanta!
A lua – um escudo de sangue.
O futuro é desconhecido...
Meu coração, levanta! levanta!

A ressurreição – não é para todos.
Em silêncio está a neve, como os mortos.
Sobre a cidade prostou-se o pecado.
Em silêncio choro, choro – por todos.

1918

OCASO

Sob o último pinheiro iluminado
Floresce um penhasco escuro.
Logo ele irá se apagar também.
O dia que termina – não se repetirá.

O dia terminou. O que havia nele?
Não sei, voou, como um pássaro.
Foi apenas um dia comum,
Apesar disso – não se repetirá.

1928

GRÃOS NEGROS

SARAH KIRSCH

O TEXTO: Seleção de poemas de Sarah Kirsch, incluindo, entre outros, *Da região do haiku*, um documento lírico de perplexidade frente ao legado pernicioso dos órgãos de repressão da extinta República Democrática Alemã (RDA); *Grãos Negros*, "um hino fúnebre", uma referência da poesia alemã de 1945; *No verão*, um poema popular, que descreve a paisagem pacífica e tranquila da antiga Alemanha oriental, no âmbito político, sob a ameaça das transformações negativas. Em seus poemas, Kirsch descreve a natureza, sua beleza e destruição pelos humanos, assim como aborda o amor, a solidão e a política.

Textos traduzidos: Kirsch, Sarah. "Dreistufige Drohung". *Gespräch mit dem Saurier*. Berlin: Neues Leben, 1965. "Der Wels ein Fisch der am Grund lebt". *Landaufenthalt*. Berlin: Aufbau Verlag, 1967. "Katzenkopfpflaster"; "Schwarze Bohnen". *Zaubersprüche*. Berlin: Aufbau, Langewiesche-Brandt, 1973. "Die Spiegel"; "Im Sommer"; "Meine Worte gehorchen mir nicht"; "Die Luft riecht schon nach Schnee". *Rückenwind*. Ebenhausen: Langewiesche-Brandt, 1976. "Bäume lesen". *Katzenkopfpflaster*. Berlin: Aufbau, Langewiesche-Brandt, 1977. "Aus dem Haiku Gebiet"; "Nördlicher Juni". *Erlkönigs Tochter*. Stutt-gart: Deutsche Verlagsanstalt, 1992.

A AUTORA: Sarah Kirsch (1935-2013), pseudônimo de Ingrid Hella Irmelinde Kirsch, nasceu em Limlingerode, Alemanha. Em protesto contra o antissemitismo do pai, mudou os prenomes germanos para o judio Sarah. Estudou biologia e literatura em Leipzig. Fixou-se em Berlim-leste em 1969, mudando-se para Berlim em 1976. Estreou na poesia em 1967, com o livro *Landaufenthalt*). Além de poesia e prosa, traduziu vários livros infantis. A partir de 1990, engajou-se a favor de uma pesquisa transparente da história da literatura na República Democrática Alemã (RDA).

A TRADUTORA: Viviane de Santana Paulo é poeta, tradutora e ensaísta, autora de *Depois do canto do gurinhatã* (2011), *Estrangeiro de Mim* (2005) e *Passeio ao Longo do Reno* (2002). Participa das antologias *Roteiro de Poesia Brasileira - Poetas da década de 2000* (2009) e *Antología de poesía brasileña* (2007). Para a (n.t.) traduziu Gottfried Benn e Franz Kafka.

SCHWARZE BOHNEN

"Bevor ich stürze, bin ich weiter."

SARAH KIRSCH

DREISTUFIGE DROHUNG

Du willst jetzt gehen?
Das sage ich dem Mond!
Da hat sich der Mond
Im Grossen Wagen verladen,
Der fühlt mit mir, weisszahnig
Rollt er hinter dir her!

Die Klinke drückst du!
Ich sag es dem Wind!
Er schminkt dich
Mit Russ und Regen,
Peitscht dich mit Hagelkörnern,
Glasmurmelgroß.

Du musst jetzt fort!
Gut, ich sage es keinem.
Ich werde ohne Tränen
Und Träume schlafen;
Nichts hindert dich.

Gespräch mit dem Saurier (1965)

DER WELS EIN FISCH DER AM GRUND LEBT

Der Wels ein Fisch der am Grund lebt
Hat einen gewölbten Rücken der Kopf ist stumpf
Der Bauch flach er paßt sich dem Sand an
Der von den Wellen des Wassers gewalzt ist
Von dieser Gestalt wähn ich mein Flugzeug
Das hoch über der Erde steht, aus seinem Fischbauch
Ins Riesge gewachsen laden noch Flügel
Stumpfwinklig in windzerblasene Wolken
Unter mir Wälder Nadel- und Laubgehölz
Leicht unterscheidbar von hier
Der Herbst ist sichtbar dumpfes Braun bei den
Buchen Eichen und Lärchen, die Winterbäume
Haben ihr Grünes zu zeigen, mehr noch
Rufen die Straßen Flüsse und Städte mich an
Schön liegt das Land die Seen wie Spiegel
Taschenspiegel Spiegelscherben
Das ist meine Erde, da
Werden Demonstrationen gemacht weiß
Werden die Transparente getragen mit schwarzer Schrift
Gegen Schlächterei Ungleichheit Dummheit
Es schwimmen Kinder auf Gummischwänen es schlafen
Immer noch Alte auf Bänken an Flüssen, Straßenfeger
Holn jeden Morgen den Abfall zusamm
Erde die ich überflieg auf die Regen und Schnee fällt
Nicht mehr so unschuldig wie eh wie der Schatten des Flugzeugs
Ich höre Bach und Josephine Baker das ist ein Paar

Landaufenthalt (1967)

KATZENKOPFPFLASTER

Man sieht es nicht, es liegt unterm Schnee. Der Schnee ist frisch und glänzt in der Sonne. Steinbuckel stoßen gegen die Sohlen. Der Fuß hat Halt, wenn er gleichzeitig auf zwei Steine trifft. Wäre ich auf der Straße mit dem Katzenkopfpflaster, ich begänne zu traben. Mein Haar schlägt die Flügel. Ich trage Schellen hinter den Ohren. Bevor ich stürze, bin ich weiter.

Zaubersprüche (1973)

SCHWARZE BOHNEN

Nachmittags nehme ich ein Buch in die Hand
Nachmittags lege ich ein Buch aus der Hand
Nachmittags fällt mir ein es gibt Krieg
Nachmittags vergesse ich jedweden Krieg
Nachmittags mahle ich Kaffee
Nachmittags setze ich den zermahlenen Kaffee
Rückwärts zusammen schöne
Schwarze Bohnen
Nachmittags ziehe ich mich aus mich an
Erst schminke dann wasche ich mich
Singe bin stumm

Zaubersprüche (1973)

DIE SPIEGEL

Leere Spiegel im Haus.
Niemands schönes Gesicht. Wolken
Ziehen darin. Die sanften die grauen die
Unheimlich blitzzerschlagenen. Als ob er
Im Krieg ist.

Rückenwind (1976)

IM SOMMER

Dünnbesiedelt das Land.
Trotz riesigen Feldern und Maschinen
Liegen die Dörfer schläfrig
In Buchsbaumgärten; die Katzen
Trifft selten ein Steinwurf.

Im August fallen Sterne.
Im September bläst man die Jagd an.
Noch fliegt die Graugans, spaziert der Storch
Durch unvergiftete Wiesen. Ach, die Wolken
Wie Berge fliegen sie über die Wälder.

Wenn man hier keine Zeitung hält
Ist die Welt in Ordnung.
In Pflaumenmuskesseln
Spiegelt sich schön das eigne Gesicht und
Feuerrot leuchten die Felder.

Rückenwind (1976)

MEINE WORTE GEHORCHEN MIR NICHT

Meine Worte gehorchen mir nicht
Kaum hör ich sie wieder mein Himmel
Dehnt sich will deinen erreichen
Bald wird er zerspringen ich atme
Schon kleine Züge mein Herzschlag
Ist siebenfach geworden schickt unaufhörlich
Und kaum verschlüsselte Botschaften aus

Rückenwind (1976)

DIE LUFT RIECHT SCHON NACH SCHNEE

Die Luft riecht schon nach Schnee, mein Geliebter
Trägt langes Haar, ach der Winter, der Winter der uns
Eng zusammenwirft steht vor der Tür, kommt
Mit dem Windhundgespann. Eisblumen
Streut er ans Fenster, die Kohlen glühen im Herd, und
Du Schönster Schneeweißer legst mir deinen Kopf in den Schoß
Ich sage das ist
Der Schlitten der nicht mehr hält, Schnee fällt uns
Mitten ins Herz, er glüht
Auf den Aschekübeln im Hof Darling flüstert die Amsel

Rückenwind (1976)

BÄUME LESEN

Der Regen fällt ins Grundwasser
anderen Nutzen
hat er im Winter nicht, es sei denn
ich bezög ihn auf Kiefern und Fichten
diesen nördlichen Bäumen
wird der Staub von Blüten und Wegen
jetzt gründlich ausgewaschen. Die Stämme
ziehen an mir vorbei (das ist übertrieben:
ich gehe den Weg lang) die Bäume sind Lettern, ich
beweg mich wie auf Papier, überspringe
mühsam den Zwischenraum, stolpere ein Zeichen nieder
das hier ist Nadelwald
kein Unterholz alles durchschaubar
von Zeile zu Zeile, der Boden voll Schnee
der kommt aus dem Regen, papierweiß
Eine merkwürdige Baumgruppe
offensichtlich vom Ausland (so
wächst es hier nicht) prellt vor, ich umkreise
sie mit langsamen Schritten: sechs Bäume
der erste am größten, das wär so ein Schiffsmast
ragt in den nicht sichtbarn Himmel, oben
ein Nebelfetzen, Rauch eines Dampfers
die Bäume liegen vertäut, ihrer Schiffsuhr
Zeiger zuckt auf die volle Stunde
ein Krachen ich fürchte mich nicht, ja
das sind Schüsse! jetzt geht es vorwärts
Kampfansage nach oben, nieder
mit Dummheit Ausbeutung Hunger, rot
leuchtet mein Wort
mit mir ein Wald!, Majakowski
bläst seiner Wirbelsäule die Flöte
ich lese: Aurora

Katzenkopfpflaster (1977)

AUS DEM HAIKU GEBIET

Das neue Jahr: Winde
Aus alten Zeiten
Machen mir Zahnweh.

Unter dem Himmel des
Neuen Jahrs gehen die
Alten Leute.

Wie der Schnee sie auch
Verklärt – meine Heimat
Sieht erbärmlich aus

Der mond über der Havel
Hatte Schalck wohl
Zurückgelassen

Heul, sag ich, heul! Der Hund
Hilft mir das Jahr
Zu Ende zu bringen.

Normannenstrasse: ich sehe
Den Leuten zu beim
Reinemachen furs neue Jahr

Das jahr geht hin
Noch immer trage ich
Reisekleider

Erlkönigs Tochter (1992)

NÖRDLICHER JUNI

Die Nächte haben ihre
Eigenschaften verloren:
Weiße Stufen die
Horizonte mit
Rostroten Tüchern.
Wer hier hinaufspringt
Kann glücklich werden.
Dreimal rufe ich dich aber
Du bist nicht
Auf Erden.

Erlkönigs Tochter (1992)

GRÃOS NEGROS

"Antes de eu cair, estou adiante."

SARAH KIRSCH

AMEAÇA EM TRÊS FASES

Queres ir agora?
Reclamo à lua!
A lua
Carregada no Carro da Ursa Maior,
Sente comigo, com dentes brancos
Rola atrás de ti!

Se tocas a campainha!
Reclamo ao vento!
Ele te cobrirá de
Ferrugem e chuva,
Açoitar-te-á com pedras de granizo,
Do tamanho de bolas de gude

Precisas partir!
Bem, não reclamarei a ninguém.
Dormirei sem lágrimas
E sonhos
Nada te impede.

Gespräch mit dem Saurier (1965)

O BAGRE É UM PEIXE QUE VIVE NA PROFUNDEZA

O bagre é um peixe que vive na profundeza
Tem a espinha encurvada e a cabeça encolhida
A barriga plana se adapta à areia
Que se espalha com as ondas d'água
A partir deste formato imagino meu avião
Elevado acima da terra, cria asas de sua barriga
De peixe neste lugar crescido
Angularmente obtuso nas nuvens infladas de vento
Abaixo de mim florestas de madeiras e folhas coníferas decíduas
Distinguíveis facilmente a partir daqui
O outono é visivelmente flavo e opaco
Nos carvalhos faias e lariços, árvores do inverno
Ainda possuem o verde para mais exibir
A mim clamam os rios ruas e cidades
Belo o campo como espelho do lago
Espelho de bolso cacos de espelho
Esta aqui é a minha terra
Aqui são feitas as manifestações brancas
A transparência é gerada com letras pretas
Contra a maldade a desigualdade a estupidez
Crianças nadam agarradas nos cisnes de borracha ainda dormem
Os anciões nos bancos à margem do rio, o varredor de rua
Busca todas as manhãs os despejos
Terra que eu sobrevoo nas quedas da chuva e da neve
Não mais tão inocente como antes a sombra do avião
Ouço Bach e Josephine Baker como um par

Landaufenthalt (1967)

PARALELEPÍPEDOS

Tu não vês, mas está oculto sob a neve. A neve
fresca fulgura ao sol. As gibas das pedras esbarram
nas solas. O pé possui equilíbrio quando tropeça em
duas pedras ao mesmo tempo. Se eu estivesse na rua de
paralelepípedos, eu começaria a trotar. Meu cabelo rufa
as asas. Uso argolas atrás das orelhas. Antes de eu
cair, estou adiante.

Zaubersprüche (1973)

GRÃOS NEGROS

À tarde pego um livro na mão
À tarde me desfaço de um livro na mão
À tarde me ocorre que existe guerra
À tarde esqueço qualquer guerra
À tarde moo café
À tarde deposito os grãos de café moídos
retrocedendo unidos e belos
Os grãos negros
À tarde eu me desvisto de mim
Primeiro me maqueio depois me banho
Canto mudo sou

Zaubersprüche (1973)

OS ESPELHOS

Os espelhos vazios na casa
Um belo rosto de ninguém. Nuvens
O atravessam. As suaves as cinzas e
O relâmpago terrífico. Como se
Estivesse em guerra.

Rückenwind (1976)

NO VERÃO

Escassamente povoado o país
Apesar dos grandes campos e máquinas
As aldeias encontram-se sonolentas
Nos jardins de árvores buxinhos, os gatos
Raramente acertam um lance de pedra

Em agosto caem as estrelas
Em setembro tu assopras à caça
Ainda voam os gansos, as cegonhas passeiam
Por prados não contaminados. Oh, as nuvens
Como montanhas que sobrevoam a floresta

Se você não lê aqui nenhum jornal
O mundo está em ordem
Na caldeira da composta de ameixas
Reflete belamente o próprio rosto e
Fulvos os campos resplandecem

Rückenwind (1976)

MINHAS PALAVRAS NÃO ME OBEDECEM

Minhas palavras não me obedecem
Assim que as ouço de novo meu céu
amplia-se quer alcançar o seu
Logo se romperá respiro
Mesmo pequenos suspiros meu pulsar do coração
Tornou-se sete vezes e envia incessantes
mensagens quase sem nenhuma codificação

Rückenwind (1976)

O AR CHEIRA À NEVE

O ar cheira à neve, meu amor
Tem cabelos longos, oh o inverno, o inverno que nos
Arremessa mais próximos um do outro está chegando, chegando
Com a parelha do cão elísio. Cristais de gelo
Espalham-se pela janela, os pedaços de carvão ardem, e
Tu belo sábio branco deposita-me a cabeça no colo
Digo, é
A carruagem que não mais é detida, cai a neve
No meio do coração, arde
Nos baldes de carvão no quintal Darling sussurra o melro

Rückenwind (1976)

LENDO ÁRVORES

Cair no lençol freático
outra utilidade a chuva não possui
no inverno, a não ser
vestir-se de pinhos e pinheiros
destas árvores nórdicas
agora profundamente lavadas
a poeira de pólens e caminhos. Os troncos
passam por mim (é uma hipérbole:
eu passo ao longo do caminho) as árvores são alfabeto,
movimento-me como sobre o papel, salto
os espaços com esforço, tropeço em um sinal
é uma floresta de coníferas
nenhuma vegetação rasteira tudo translúcido
de linha a linha, o solo repleto de neve
advindo da chuva, como papel branco.
Um grupo estranho de árvores
obviamente estrangeiras (assim
não costumam crescer aqui) arremetem-se, eu as
cinjo com passos vagarosos: seis árvores
a primeira a maior, como um mastro
erguido ao céu coberto, no alto
rasga o nevoeiro, chumaço de vapor
as árvores estão atracadas, no seu relógio de navio
os ponteiros vacilam na hora plena
não temo uma colisão, sim
são disparos! Agora se pode seguir em frente
ao chamado para a luta elevada, abaixo
com a ignorância a exploração a fome, vermelho
vibra na minha palavra
comigo uma floresta! Maiakovski
sopra a flauta de sua coluna vertebral
eu leio: aurora

Katzenkopfpflaster (1977)

DA REGIÃO DO HAIKU

O Ano Novo: ventos
bafejados dos anos antigos
causam-me dor de dente

Sob o céu do
Ano Novo caminham
os idosos

Como a neve também
a eles ludibria – minha pátria
parece lastimável

A lua espelhada no Havel
Schalck[1] a deixou
para trás

Uive, digo, uive! O cão
ajuda-me a conduzir o ano
até o fim

Normannenstrasse[2]: observo
as pessoas abluindo
as impurezas para o Ano Novo

O ano esvai-se
e eu ainda sigo
usando roupas de viagem

Erlkönigs Tochter (1992)

[1] Alexander Schalck-Golodkowski (1932-2015) foi secretário de Estado da extinta Alemanha oriental, responsável por arrecadar divisas para sustentar o regime comunista. Foi uma figura controversa, condenado duas vezes, após a queda da RDA, por tráfico ilegal de armas e microchips. (n.t.)

[2] *Normannenstrasse*, rua onde se localizava a sede do antigo Stasi (Ministério para a Segurança do Estado), a principal organização de polícia secreta e inteligência da RDA. Em 1992, os arquivos do Stasi foram abertos ao público. (n.t.)

JUNHO NÓRDICO

As noites perderam
Seus atributos
Brancos degraus
O horizonte de flanelas ferrugíneas
Quem galgar até aqui
Pode vir a ser feliz
Três vezes lhe chamei, mas
Você não está
Na Terra

Erlkönigs Tochter (1992)

O Retorno dos Pássaros

Nikos Engonópoulos

O texto: A obra *O Retorno dos Pássaros* é composta por trinta e cinco poemas, dos quais são aqui apresentados e traduzidos dez. Mais precisamente, a obra contém poemas (quase todos em verso livre) e textos em prosa poética. Foi publicada originalmente em 1946 e reeditada em 1977. O enquadramento na escola surrealista mais ortodoxa é perceptível, até mesmo pela dedicatória do primeiro poema a André Breton.

Texto traduzido: Εγγονόπουλος, Νίκος. *Ποιήματα. Αθήνα: Ίκαρος, 2006.*

O autor: Nikos Engonópoulos nasceu em 21 de outubro de 1907 em Atenas, onde também faleceu, em 31 de outubro de 1985. Foi um importante poeta e pintor grego, seguidor do movimento surrealista. Passou parte de sua juventude na França, e sua relação estreita com as letras francesas é nítida em sua obra. Engonópoulos teve uma vivência cosmopolita. Estudou Belas Artes e pintura bizantina, tendo-se destacado como pintor surrealista.

O tradutor: Théo de Borba Moosburger já traduziu para a (n.t.) os gregos Kostas Karyotákis, Giorgos Seféris, Aléxandros Papadiamántis, Ilias Venézis, Odysseas Elýtis e Emmanouil Roidis.

Η ΕΠΙΣΤΡΟΦΗ ΤΩΝ ΠΟΥΛΙΩΝ

"Κι' ἀποκαλύπτουν ξάφνου τά αἰώνια μυστικά."

ΝΙΚΟΣ ΕΓΓΟΝΟΠΟΥΛΟΣ

ΟΙ ΦΩΝΕΣ

εἰς Ἀνδρέαν Breton

μέσ' ἀπ' τίς γρίλλιες τίς κλειστές
στήν κίτρινη
τή φλόγα
τοῦ μεσημεριοῦ
– ὅταν τ' ἀγάλματα σιωποῦν
κι' οἱ μῦθοι στέργουν –
οἱ φωνές
δονοῦν
πρῶτα
ἀχνά
κι' ὕστερα
βροντερά
καί γρήγορα
μέσ' στό σοκάκι

κι' ἀποκαλύπτουν ξάφνου τά αἰώνια μυστικά

ἄλλοτε
– φυσικά –
εἶν' τρομερές καί φοβερές
σάν τάφοι

κι' ἄλλοτε
πάλε
στοργικές
σάν τάφοι πάλι
κι' ὡσάν θωπεία
μακρυῶν
λεπτῶν
δακτύλων

καί λέν
τό κάθε τί
μέ τ' ὄνομά του

λέν τό νερό
τῆς βρύσης
στόμα
τά μαῦρα
τά ψηλά
τα δέντρα
λήθη
τή νύχτα μέσ'
στίς ρεματιές
Ὀμφάλη

λέν τά κλαμμένα μάτια
«φίλη»
τά δροσερά ἄλικα χείλια
φύλλα
τά ἐρωτικά τά δόντια
ἐφιάλτη

τοῦ ἔρωτα τά πορφυρά κρεββάτια
ἀβύσσους
τοῦ λιμανιοῦ τά μαῦρα
τά νερά
λυχνάρι
καί λέν τίς
σκουριασμένες ἄγκυρες

τ' ὀνείρου
θρῆνο

βάζουν πολύχρωμα φτερά
στό θλιβερό
τ' Ὀρφέα βλέμμα
στ' Ὀρφέα
τά χέρια
βάζουνε βεντάλιες
ξεσκίζουνε
τά φλογισμένα του
φουστάνια
κοσμοῦν
τήν κεφαλή του
μέ νταντέλες
π ο λ ύ λ ε π τ έ ς

(στ' Ὀρφέα
τήν κορφή
μπήγουν
σημαίες)

πετοῦν μέσ'
στῶν χρησμῶν τό χάος
αἷμα
καί ξαναλέν τίς
φοινικιές
δαυλιά

στέκουνε μέ λυγμούς
στή λέξη σφύρα
ὀνόμασαν σιγή
τή λέξη θύρα
τό θάνατο εἶπαν
μουσική μεσ' στά
μηνίγγια
καί λένε δάσος
μέσ' στή νύχτα
τήν καρδιά
μου

ΠΟΙΗΜΑ ΠΟΥ ΤΟΥ ΛΕΙΠΕΙ Η ΧΑΡΑ
ΑΦΙΕΡΩΜΕΝΟ ΣΕ ΓΥΝΑΙΚΑ ΥΠΕΡΟΧΗ
ΔΩΡΗΤΡΙΑ ΠΟΘΟΥ ΚΑΙ ΓΑΛΗΝΗΣ

ἀφοῦ τό θέλεις
γυναῖκα ἁρμονική κι' ὡραία
ἔτσι καθῶς ἕνα βράδυ τοῦ Μαϊοῦ ἐτοποθέτησες ἁπλά κι' εὐγε-
νικά μιάν ἄσπρη ζωντανή γαρδένια
ἀνάμεσα στά νεκρά λουλούδια
μέσα στό παλιό – ἰταλικό μοῦ φαίνεται – βάζο μέ παραστά-
σεις γαλάζιες τεράτων καί χειμαιρῶν
ἔλα
πέσε στά χέρια μου
καί χάρισέ μου
– ἀφοῦ τό θέλεις –
τή θλίψη τοῦ πρασίνου βλέμματός σου
τή βαθειά πίκρα τῶν κόκκινων χειλιῶν σου
τή νύχτα τῶν μυστηρίων πού εἶναι πλεγμένη μέσα στά μακρυά
μαλλιά σου
τή σποδό τοῦ ὑπέροχου σώματός σου

ΣΥΝΟΔΟΙΠΟΡΟΣ ΜΕΛΑΓΧΟΛΙΑΣ

Καθώς ἐγνώριζε τό μέγεθος πού ἔπαιρνε μέσ' στήν καρδιά μου, μέρα μέ τή μέρα, ἡ τραγική μου ἀγάπη γι' αὐτήν, μέ φώναξε γιά νά μοῦ προσφέρη, μέσα στά ἐρείπια τοῦ Πύργου τοῦ Λονδίνου, ἕνα φλυτζάνι τσάϊ, μέ τά ἴδια αὐτά χέρια πού ἐλέγοντο, ἀπό τούς φονεῖς τῶν ἐραστῶν της, ἀνάλογα μέ τήν ὥρα καί τήν ἐποχή, ἄλλοτε «λίσγος», ἄλλοτε «λίστρον». Τήν προσφορά της συνόδευσε μέ τήν μόνη λέξη πού μοῦ ἐφύλαγε, γιά χρόνια μέσα της, σάν κάτι πολυτιμότερο, ἔλεγε, κι' ἀπό τήν ἴδια της τή ζωή, σάν ἕνα μυστικό ἀφιέρωμα τῶν μαστῶν της στίς τρικυμίες τοῦ πόθου μου. Σήκωσα τά μάτια καί τήν ἐκύτταξα, ἐνῶ ἕν' ἀπάντεχο ρῖγος σπάραζε ὅλο μου τό κορμί: εἶταν ὁλόγυμνη ἀνάμεσα στά συντριβάνια τοῦ ἐνιαυτοῦ, ἀπό τήν κοιλιά της ξεχύνονταν οἱ ντάλιες μιᾶς νύχτας πυρκαϊᾶς, καί τό ντουβάρι εἴτανε πιτσιλισμένο μ' αἵματα. Ἔνιωσα πώς ἡ περίφημη «καλλιτέρα αὔριον» εἶχε φτάσει πιά, εἶχε γενεῖ πραγματικότητα, παρόν. Εἴτανε φανερό πώς κάθε τί ἀπό τό παρελθόν εἶχε πιά σβυστῆ, κι' ὁ ἐφιάλτης τῶν τροπικῶν καί τῶν λιμιώνων εἶχε διαλυθῆ γιά πάντα. Εἴμουνα ὁ πελώριος κόκκινος ἀητός πού ἔβλεπε, ἀπό μικρή, σάν ἔκλεινε τά μάτια ἀπέναντι στόν ἥλιο. Αὐτή εἶταν ὁ μεγάλος, ὁ σκοτεινός δρυμών π' ἁπλώνονταν ἀνάμεσα στούς πολυελαίους, τό σκρίνιο καί τόν μεγάλο καθρέπτη τῆς αἰθούσης τῶν ἐπισήμων δεξιώσεων τοῦ ἀνακτόρου. Στεφάνη εἶταν ἡ σκέψις της. Ἀναγέννησις τό βλέμμα της, ράμφος πάλι τό βλέμμα της. Ἐλέγονταν Ροδάμνη. Εἶχε ζήσει χρόνια σέ τόπους μακρυνούς, ἀπ' ὅπου εἶχεν ἔρθει μόνο καί μόνο γιά νά μέ συναντήση. Τῆς εἶπα πώς ἔφριττα μέ τή σκέψη ὅτ' ἴτανε δυνατό νά μήν εἴχαμε σμίξει ποτές. Πώς μποροῦσε, στό ἀναμεταξύ, ἀπό μιάν ἰδιοτροπία ὡραίας γυναικός, νἄχε ἀντικαταστήσει τά μάτια της μέ δυό πράσινους αἰγυπτιακούς σκαραβαίους, καί νά μή μ' ἔβλεπε σάν θά περνοῦσα κοντά της. Νἄχε κόψει σύρριζα τά πλούσια μαλλιά της, ἔτσι πού τά λόγια λατρείας πού ξέφευγαν ἀπό τό στόμα μου νά μήν εἶσαν παρά ἕνας καθεδρικός ναός χτισμένος, ἐπί τούτου καί μόνον, γιά νά ἐκτελεσθῆ, ἐπί τόπου καί σ' ὁρισμένη στιγμή, ἄγνωστος μητροπολίτης, καί μικροπωλητής, ὑπό ἀποσπάσματος Μεξικανῶν ἀτάκτων. Δέν μίλησε, δέν κούνησε, μόν' ἔπαιρν' ἀγκαλιές τά λουλούδια πού κοσμοῦσαν τό δωμάτιο καί τά σκορποῦσε στά δροσερά λαγκάδια, στά περιβόλια μέ τόν αργοπορημένο κυνηγό, στά κράσπεδα τῆς ὀροσειρᾶς «τῶν Ἀναμνήσεων». Τά κεριά ἔκαιγαν χαρούμενα στά μεγαλοπρεπῆ μπρούντζινα καντηλέρια, καί τό τραγούδι, πού ἔλεγε κλαίοντας, εἶχεν ἀκριβῶς τήν ἴδια σημασία πού ἔχει στίς ἑβραϊκές συνοικίες τῶν θεσσαλικῶν πόλεων ἡ περίφημος ἐκείνη φράσις: «Ὥρα γιά Shαμπά».

DUMONT D'URVILLE

όλημερίς μιά φοινικιά
χάμω στή ρίζα κάθεται μιάν αραπίνα
ἔχει δυό κόκκινα γαρύφαλα στά μάτια
κι' ἔχει δυό ψάρια κάτω ἀπ' τίς μασχάλες
τόνα γαλάζιο
τ' ἄλλο κόκκινο βαθύ
κι' ἔχει μιάν ἀκακία ἀνάμεσα στά στήθη
κι' ἔχει μιάν ἀκακία ἀνάμεσα στά σκέλη
όλημερίς μιά φοινικιά

ΚΗΠΟΙ ΜΕΣ' ΣΤΟ ΛΙΟΠΥΡΙ

τό λευκό σῶμα αὐτῆς τῆς γυναικός
φωτίζονταν
ἐκ τῶν ἔσωθεν
μ' ἕνα φῶς τόσο λαμπρό
ὥστε
ἐδέησε
νά πάρω τή λάμπα
καί νά τήν
άκουμπήσω
χάμω στό πάτωμα
πού
νά μπορέσουνε
οί σκιές
τῶν δύο τόσο εὐγενικῶν μας σωμάτων
νὰ προβληθοῦν
στόν
τοῖχο
μέ μίαν ἱερατικότητα βιβλική

ή λάμπα ἔκαιε συνεχῶς
– ή πηγή τοῦ πετρελαίου εἴτανε ἀνεξάντλητη –
ὅλη τή νύχτα
τήν ἀκόλουθη μέρα
κι' ὅλη τήν έπομένη νύχτα
χάμω στό πάτωμα
πάνω στά πλούσια
στοιβαγμένα
χαλιά
τά ὡραιότερα φροῦτα
τά λαμπρότερα λουλούδια
– ὅπου ἐπικρατοῦσαν
οί πικροδάφνες
ἄσπρες καί ρόδινες –

ή ἀτμόσφαιρα – συμβολική – ἀπό ἕνα κίτρινο: ἕνα κίτρινο
χρυσό

ΝΑ ΠΟΥΜΕ...

Τρατάρηδες ἐσύρανε ἔξω στ' ἀκρογιάλι τό τεράστιο κτῆνος τῆς θάλασσας. Σφάδαζε πάνω στήν ἀμμουδιά, μέ τά λευκά μαλακά τῆς κοιλιᾶς του στραμμένα πρός τόν ἥλιο. Ὅλος ὁ ἀγέρας πλημμύρισε μέ μιά μυρωδιά σά βουρκάρι, πού ὅλο κι' ἐδυνάμωνε καθώς τό ζῶο ἐτίναζε ἀπεγνωσμένα τά πλατειά του γλοιώδη πόδια. Κόσμος μαζώχτηκε τριγύρω νά σπουδάση τήν ἀπαίσια μορφή τοῦ τέρατος, νά παρακολουθήση τήν ἀργή αγωνία του. Θέλησα νά πλησιάσω νά τό δῶ κι' ἐγώ, ἀλλά εἴτανε ἀδύνατο μέ τό τόσο πλῆθος πού εἶχε συναχτῆ. Μιά κυρία ντυμένη μέ μόνο τό καπέλλο της, φορτωμένο μ' αἰνιγματώδη φτερά, μοῦ ἐψιθύρισε σέ τόνο ἁπαλῆς στοργῆς: «– Εἶναι τυφλό». Ἄ, ὥστε ἔτσι, εἶναι τυφλό! Ἀφοῦ εἶναι τυφλό, τί 'ναι λοιπόν αὐτά πού μᾶς ἔλεγε ὁ Seurat περί τοῦ κόκκινου φωτοστέφανου γύρω ἀπό τίς πράσινες φυλλωσιές, στίς παρισινές λεωφόρους, σάν ἀνάψουν τά φανάρια; Τί 'ναι λοιπόν αὐτός ὁ θόρυβος τῶν παιδικῶν φωνῶν πού δέν μᾶς ἀφίνει τό τράμ νά διακρίνουμε καθαρά; Τί 'ναι αὐτά τά κόκκινα βελούδινα γάντια πού φορέσατε στά χέρια σας; Μή βγάζετε τά παπούτσια σας, καλή, προσμένετε νἄρθη ἡ νύχτα. Κι' ἡ νύχτα ἦρθε. Τό τέρας εἶχε λησμονηθῆ, οἱ τρατάρηδες εἴχανε φύγει, τό πλῆθος εἶχε διαλυθῆ. Τό φεγγάρι εἴτανε τσίγκινο καί τό μετέφεραν πάνω στό στερέωμα μ' ἕνα σπάγγο. Ἡ αὐλαία ἄρχισε νά πέφτη σιγά σιγά.

ΤΟ ΕΒΔΟΜΟ ΤΡΑΓΟΥΔΙ ΤΗΣ ΑΓΑΠΗΣ

οί φωταψίες τοῦ ἔρωτα
σάν ἄνεμος ὠτακουστής σέ σύννεφο διαβατικό
λές καί τό κρύσταλλο τῶν τραγικῶν ματιῶν σου
τά μακρυά μαλλιά σου μέχρι τά κύματα τῆς ἀκρογιαλιᾶς
τά δέσαν ἄστρα σέ βράχια ἁρμονικά
ὀπτασίες στήν προσευχή πού δέονται τά φύκια
στό γαλάζιο κοντύλι τ' οὐρανοῦ
μέχρι κεῖ κάτω στῶν ζωντανῶν χειλιῶν σου τό χάδι
πετοῦν τά πουλιά σέ τραγούδια ὑακίνθων
τά ἄμφια τῆς ὀροσειρᾶς νυχτώνουν ὑποσχέσεις
ὑποσχέσεις ζωῆς καί χαρᾶς καί ζωῆς καί χαρᾶς
ὄργανο τῆς μουσικῆς λαχτάρας στά δάχτυλά σου
μέ τοῦ ὕπνου τή φοβέρα καί τήν ἰαχή
σύθαμπο ὀνείρου πέρ' ἀπ' τά σκέλη τά λεπτά μέ ἀνταύγειες
ρόδων
στή σκάλα τῆς ἡδονῆς ὅλο καί πιό τρελλά
ὀρθώσου τριφύλλι γιοφύρι παλμῶν ψαλμῶν σπασμῶν
σέ σώματα διάφανα – μέ λαμπρότητα κρίνων – πού τόσο
ἐβασάνισ' ἡ δίψα
σέ σύμβολα ὅρμων θά σημάνη ὁ ἥλιος ὡς θά 'ρθῆ νά κοπάση
ὁ πόθος
μακρυά ταξιδεύουν τοῦ βραδιοῦ οἱ στερνές ἀναμνήσεις
– πῶς ἀλλιῶς νά ἱστορηθοῦν τά κρυφά τοῦ ἀγέρα τραγούδια
τά τραγούδια πού εἶχες πεῖ καί θά πῆς καί θά ζήσης
σ' ἀδεή προσμονή στῆς λατρείας τή φλόγα
οἱ φωτεινές σου παλάμες τούς ὁρίζοντες σμίγουν
ἡ φωνή σου θωπεύει τή δροσιά πού ἁπλώνει ἡ δύσις
τό κορμί σου δονεῖ στά θερμά παρακάλια τῆς νύχτας

καί στό βλέμμα σου ἠχεῖ ἡ χαρά;

ΥΠΟΔΕΙΓΜΑ ΠΤΗΣΕΩΣ

μιά γυναίκα ξεγυμνώνεται
μέσα σ' ἕνα θόρυβο
ἀπό κροταλίες
καί σπέρνει τά μάτια της
καί σπέρνει τά βυζιά της
κάνει τίς μανάδες νά κλαῖν
κάνει τ' ἄλογα νά χλιμιντροῦν
σταματᾶ τά ρολόγια
νεκρώνει τούς οὐρανούς
σέρνει τά βίντσια τοῦ κορσέ της
βάφει μεταφυσικά τή λειψανοθήκη τοῦ ὡραίου πυγμάχου
ὁρκίζεται στήν ἀπώλεια τοῦ ἔρωτος

καί ἡ αὔριον;

τίποτε: δέν ὑπάρχει νύχτα χωρίς τά χαλάζια της

«ΕΝΘΥΜΙΟΝ ΤΗΣ ΚΩΝΣΤΑΝΤΙΝΟΥΠΟΛΕΩΣ»

L. N.

πάνω εἰς τή μαρμάρινη τὴν προκυμαία τοῦ ἀνακτόρου
ἐναποθέσανε σέ διαστήματα ὡς ἔγγιστα κανονικά
ψηλούς σωρούς τά ξύλα
πού ἐφέραν τά καΐκια ἀπό τά μακρυνά
παράλια δάση

κι' ἄλλοι σωροί εἶναι ἀπό ψιλούς
λεπτούς κορμούς σάν κορμί κόρης
κι' ἄλλοι σωροί ἀπό
θεώρατα μεγάλα
δέντρα

καί βρέχει συνεχῶς καί ἡ ἐπίμονη βροχή μουσκεύει
τ' ἄχαρα τά ξύλα
καί γυαλίζουνε τά μάρμαρα τοῦ πλακοστρώτου
καθώς τό νερό ἀτέλειωτα τά πλένει καί τά ξαναπλένει

κι' ὁ οὐρανός βαρύς μαζύ καί μαῦρος
– ἄραγες ποιός ξέρει τί ὥρα τῆς ἡμέρας νἄναι; –
καμμιάν ἐλπίδα δέ στέργει γιά νά δώση

(ἡ ἀπέναντι ὄχθη ἔχει χαθῆ
λές δέν ὑπῆρξε)

κι' ἡ θάλασσα εἶναι μουντή κι' ἀγριεμένη
σάν οἱ πυκνές οἱ στάλες τῆς βροχῆς πού τή βαρᾶνε
νἄχουν ξυπνήσει μέσα της μιά μάνητα τεράστια
πού μέ τί κόπο τηνέ
συγκρατάει

ἄλλος κανείς σέ τοῦτο τό ἐρημικό τοπίο δέ μοιάζει νἄναι
πάρεξ μονάχα ἐγώ – ὁ ἴδιος –
ὀρθός ὡς στέκω μέ τά κόκκινα μαλλιά μου μουσκεμένα
νά κολλοῦνε ἀπάνω εἰς τό μέτωπό μου

τῆς ἀγάπης τά βάσανα μ′ ἔχουνε φέρει στό εὐγενικό τό περι-
γιάλι
κι′ ὅλο ὁ νοῦς μου εἶναι σέ μιάν ὑπέροχη
ὑπερήφανη μαγνόλια
ὅπου σ′ αὐτά τά μέρη ἐδῶ
θάλλει κι′ ἀνθίζει

ΜΙΑ(Ν) ΟΒΡΗΟΠΟΥΛΑ ΠΟΥ Μ' ΑΣΗΜΕΝΙΟ ΧΤΕΝΙ ΕΔΙΑΛΥΖΟΥΝΤΑΝΕ...

θάν τήν τσακίσω ἐγώ
τή νοσταλγία σου
θά μαχαιρώσω
τή μυστική σου
χαρά
μέ τ' ἄσπρα μου
πουλιά
πού ζοῦν
καί φτερουγίζουν
μέσα
στά
μάτια σου

O RETORNO DOS PÁSSAROS

"E revelam de repente os segredos eternos."

NIKOS ENGONÓPOULOS

AS VOZES

Para André Breton

através das venezianas fechadas
na chama
amarela
do meio-dia
– quando as estátuas se calam
e os mitos consentem –
as vozes
vibram
primeiro
tênues
e em seguida
trovejantes
e rápidas
na ruela

e revelam de repente os segredos eternos

ora
– naturalmente –
são tremendas e terríveis
como túmulos

e ora
de novo
afetuosas
como túmulos de novo
e como afago
de longos
finos
dedos

e chamam
cada coisa
com seu nome

chamam a água
da fonte
de boca
as negras
altas
árvores
de oblívio
a noite em meio
às ravinas
de Ônfale

chamam os olhos chorosos
de "amiga"
os frescos lábios carmesins
de folhas
os dentes amorosos
de pesadelo

os leitos purpúreos do amor
de abismos
as negras águas
do porto
de lamparina
e chamam as
âncoras enferrujadas

do sonho
de pranto

põem asas multicolores
no triste
olhar de Orfeu
nas mãos
de Orfeu
põem leques
rasgam-lhe
as saias
em chamas
adornam-lhe
a cabeça
com rendas
m u i t o f i n a s

(no cimo
de Orfeu
cravam
bandeiras)

atiram em meio
ao caos dos oráculos
sangue
e chamam novamente as
palmeiras
de fachos

postam-se com soluços
na palavra martelo
chamaram de silêncio
a palavra porta
a morte chamaram
de música entre as
têmporas
e chamam de floresta
na noite
o meu
coração

POEMA QUE CARECE DA ALEGRIA
DEDICADO A UMA ESPLÊNDIDA MULHER
DADORA DE DESEJO E PAZ

já que queres
mulher harmoniosa e bela
assim, conforme uma noite de maio colocaste simples e gentilmente uma gardênia branca viva
entre as flores mortas
dentro do velho – italiano parece-me – vaso com representações azuis de monstros e quimeras
vem
cai nos meus braços
e concede-me
– já que queres –
a tristeza de teu olhar verde
a profunda amargura de teus lábios vermelhos
a noite dos mistérios que está trançada em meio aos teus longos cabelos
as cinzas de teu esplêndido corpo

COMPANHIA DE MELANCOLIA

Como sabia a dimensão que, dia após dia, meu trágico amor por ela tomava em meu coração, chamou-me para oferecer-me, nos escombros da Torre de Londres, uma xícara de chá, com essas mesmas mãos que eram chamadas, pelos assassinos de seus amantes, de acordo com a hora e a estação, ora de "alvião", ora de "plaina". Sua oferta ela acompanhou com a única palavra que guardava para mim, por anos dentro de si, como algo mais precioso, dizia, do que sua própria vida, como uma oblação secreta de seus seios às procelas de meu desejo. Alcei os olhos e observei-a, enquanto um calafrio esperado debatia meu corpo todo: estava completamente nua entre os chafarizes do ano, de seu ventre jorravam as dálias da conflagração de uma noite, e a parede estava salpicada de sangue. Senti que o célebre "amanhã melhor" já chegara, fizera-se realidade, presente. Era óbvio que tudo do passado já se apagara, e o pesadelo dos trópicos e dos portos dissolvera-se para sempre. Eu era a gigantesca águia vermelha que enxergava, de pequena, ao fechar os olhos diante do sol. Ela era o grande, escuro carvalhal que se estendia entre os candelabros, o escrínio e o grande espelho da sala de recepções solenes do palácio. Seu pensamento era corola. Seu olhar era Renascimento, seu olhar, de novo, era bico. Chamava-se Rodámni. Vivera por anos em lugares longínquos, de onde viera apenas e tão somente para encontrar-me. Eu lhe disse que sentia pavor com o pensamento de que era possível não termos jamais nos unido. De que era possível, neste ínterim, pela peculiaridade de uma bela mulher, ter substituído seus olhos por dois escaravelhos verdes egípcios, e não me ter visto enquanto passava perto dela. Ter cortado rente à raiz seus cabelos ricos, e assim as palavras de adoração que me escapavam pela boca não terem sido senão uma catedral construída *ad hoc* somente para ser executado, *in loco* e em instante determinado, um bispo ignoto, e vendedor de miudezas, por destacamento de desordeiros mexicanos. Não falou, não moveu, só pegava nos braços as flores que ornavam o quarto e espalhava-as nos vales frescos, nos jardins com o caçador retardatário, nos penhascos da crista das montanhas "das Recordações". As velas ardiam alegres nos imponentes candelabros brônzeos, e a canção, que ela entoava chorando, tinha exatamente o mesmo significado que tem nas vizinhanças judias das cidades tessálicas aquela célebre frase: "Hora de SHabá".

DUMONT D'URVILLE

o dia inteiro uma palmeira
embaixo em sua raiz põe sentada uma negra
tem dois cravos vermelhos nos olhos
e tem dois peixes sob as axilas
um azul
o outro vermelho profundo
e tem uma acácia entre os seios
e tem uma acácia entre as pernas
o dia inteiro uma palmeira

JARDINS SOB O SOL ARDENTE

o corpo alvo dessa mulher
iluminava-se
desde o interior
com uma luz tão brilhante
que
precisei
pegar a lamparina
e apoiá-la
embaixo no chão
para
poderem
as sombras
dos nossos dois tão gentis corpos
projetar-se
na
parede
com uma sacralidade bíblica

a lamparina ardia continuamente
– a fonte do petróleo era inesgotável –
toda a noite
o dia seguinte
e toda a noite seguinte
embaixo no chão
sobre os ricos
empilhados
tapetes
as frutas mais bonitas
as flores mais brilhantes
– onde sobressaíam-se
os loendros
brancos e róseos –

a atmosfera – simbólica – de um amarelado: um amarelado
ouro

DIGAMOS...

Barqueiros pescadores arrastaram até a costa o gigantesco monstro do mar. Debatia-se sobre a areia, com os brancos moles de seu ventre voltados para o sol. Todo o vento inundou-se de um odor como de lamaçal, que ia ficando cada vez mais intenso à medida que o animal agitava desesperadamente suas patas chatas pegajosas. Uma multidão se reuniu em toda a volta para estudar a terrível forma da besta, para acompanhar sua lenta agonia. Eu quis aproximar-me para ver também, mas era impossível com tamanha aglomeração que confluíra. Uma senhora vestida apenas com seu chapéu, carregado com asas enigmáticas, sussurrou-me em tom de suave afeto: "– Ele é cego". Ah, então é isso, ele é cego! Já que é cego, o que é então aquilo que Seurat nos falava sobre o halo vermelho em volta das folhagens verdes, nas avenidas parisienses, ao acender dos semáforos? O que é então aquele barulho das vozes infantis que não nos deixa distinguir com clareza o bonde? O que são essas luvas vermelhas de veludo que a senhora vestiu nas mãos? Não tire seus sapatos, minha cara, espere que venha a noite. E a noite veio. A besta havia sido esquecida, os pescadores barqueiros haviam ido embora, a multidão de dissipara. A lua era de zinco e a transportaram ao alto do firmamento com um cordel. As cortinas começaram a cair lentamente.

A SÉTIMA CANÇÃO DO AMOR

as iluminações do amor
como vento que ouve de espreita em nuvem passageira
parece que o cristal de teus olhos trágicos
teus cabelos compridos até as ondas da praia
foram atados pelas estrelas em rochas harmoniosas
visão na prece que rogam as algas
ao lápis azul do céu
até lá embaixo ao afago de teus lábios vivos
voam os pássaros em canções de jacintos
os paramentos da cadeia de montanhas anoitecem promessas
promessas de vida e alegria e de vida e alegria
instrumento do anseio musical nos teus dedos
com a ameaça e o brado do sono
lusco-fusco de sonho para além das pernas delgadas com reflexos
de rosas
na escala do prazer cada vez mais loucamente
ergue-te trevo ponte de pulsos de salmos de espasmos
em corpos transparentes – com brilho de lírios – que tanto
a sede torturou
em símbolos de enseadas o sol marcará até que venha acalmar-se
o desejo
viajam longe as últimas recordações da noite
as canções que entoaras e entoarás e viverás
em espera autossuficiente na chama da adoração
tuas palmas luminosas fundem os horizontes
tua voz acaricia o frescor que o ocidente estende
teu corpo vibra às cálidas súplicas da noite

e em teu olhar soa a alegria?

MODELO DE VOO

uma mulher se desnuda
em meio a um ruído
de cascavéis
e semeia seus olhos
e semeia seus seios
faz as mães chorarem
faz os cavalos relincharem
para os relógios
amortece os céus
arrasta as presilhas de seu espartilho
tinge metafisicamente o relicário do belo pugilista
jura à perda do amor

e o amanhã?

nada: não existe noite sem seus granizos

"LEMBRANÇA DE CONSTANTINOPLA"

L. N.

sobre o molhe marmóreo do palácio
depositaram em intervalos aproximativamente regulares
madeiras em altas pilhas
que os barcos trouxeram das longínquas
florestas costeiras

e há outras pilhas de finos
delgados troncos como corpo de moça
e outras pilhas de
enormes grandes
árvores

e chove sem parar e a chuva insistente encharca
as madeiras desgraciosas
e reluzem os mármores do empedrado
à medida que a água incessantemente o lava e relava

e o céu pesado e igualmente negro
– quem saberia que horas do dia são? –
não consente dar nenhuma esperança

(a margem adiante se perdeu
é como se não tivesse existido)

e o mar é sombrio e enfurecido
como se as densas gotas da chuva que o saraivam
tivessem despertado em seu interior uma cólera imensa
que ele com quanto esforço a
contém

ninguém mais nesta paisagem erma parece haver
exceto apenas eu – o próprio –
de pé assim como estou postado com meus cabelos vermelhos encharcados
colando sobre minha fronte

os tormentos do amor trouxeram-me à nobre
orla
e minha mente está cada vez mais numa esplêndida
orgulhosa magnólia
que nestas partes aqui
verdeja e floreia

UMA JUDIAZINHA QUE COM PENTE DE PRATA PENTEAVA-SE...

eu vou quebrá-la
a tua saudade
vou esfaquear
a tua alegria
secreta
com meus pássaros
brancos
que vivem
e adejam
dentro
dos
teus olhos

CHUMBO

GEORGE BACOVIA

O TEXTO: Seleção com nove poemas de George Bacovia, publicados em 1916, no volume *Plumb* (*Chumbo*), na Romênia. Breves, os poemas nos permitem entrever a imagem de um país, uma poética e um tempo muito próprios. O ritmo da angústia sinestésica de Bacovia é seco, amargurado e iluminado pela sombra de sóis frios e violetas. Melancolia e morte são imagens recorrentes na visão de um mundo assolado, de profundo simbolismo, onde, algumas vezes emerge, um perturbado riso.

Texto traduzido: Bacovia, G. *Poezii*. Dosar critic: Lucian Pricop. București: Cartex, 2000.

O AUTOR: George Bacovia, pseudônimo de George Vasiliu (1881-1957), foi um poeta romeno, considerado simbolista, embora sua obra oscile entre o expressionismo e o modernismo. É tido como um dos poetas mais importantes da literatura romena, com sua poética particular, repleta de maneirismos sinestésicos, imagens restritas e recorrentes, e um existencialismo angustiante.

O TRADUTOR: Beethoven Alvarez é professor de Língua e Literatura Latina na Universidade Federal Fluminense. Dedica-se hoje ao estudo da versificação e do ritmo da tradição poética de diversas línguas e à tradução de poesia antiga e moderna.

PLUMB

"Și scârțâiau coroanele de plumb."

GEORGE BACOVIA

PLUMB

Dormeau adânc sicriele de plumb,
Și flori de plumb și funerar vestmânt –
Stam singur în cavou... și era vânt...
Și scârțâiau coroanele de plumb.

Dormea întors amorul meu de plumb
Pe flori de plumb... și-am început să-l strig –
Stam singur lângă mort... și era frig...
Și-i atârnau aripile de plumb.

DECOR

Copacii albi, copacii negri
Stau goi în parcul solitar:
Decor de doliu, funerar...
Copacii albi, copacii negri.

În parc regretele plâng iar...

Cu pene albe, pene negre
o pasăre cu glas amar
Străbate parcul secular...
Cu pene albe, pene negre.

În parc fantomele apar...

Și frunze albe, frunze negre;
Copacii albi, copacii negri;
Și pene albe, pene negre,
Decor de doliu, funerar...

În parc ninsoarea cade iar...

SONET

E-o noapte udă, grea, te-neci afară.
Prin ceață – obosite, roșii, fără zare –
Ard, afumate, triste felinare
Ca într-o crâșmă umedă, murdară.

Prin măhălăli mai neagră noaptea pare...
Șivoaie-n case triste inundară –
Ș-auzi tușind o tusă-n sec, amară –
Prin ziduri vechi ce stau în dărâmare.

Ca Edgar Poe mă reîntorc spre casă,
Ori ca Verlaine, topit de băutură –
Și-n noaptea asta de nimic nu-mi pasă.

Apoi, cu pași de-o nostimă masură,
Prin întunerec bâjbâiesc prin casă,
Și cad, recad, și nu mai tac din gură.

AMURG DE TOAMNĂ

Amurg de toamnă pustiu, de humă,
Pe câmp sinistre șoapte trec pe vânt –
Departe plopii s-apleacă la pământ
În larg balans lenevos, de gumă.

Pustiu adânc... și-ncepe a-nnopta,
Si-aud gemând amorul meu defunct;
Ascult atent privind un singur punct
Și gem, și plâng, și râd în hî, în ha...

AMURG VIOLET

Amurg de toamnă violet...
Doi plopi, în fund, apar în siluete:
– Apostoli în odăjdii violete –
Orașul tot e violet.

Amurg de toamnă violet...
Pe drum e-o lume leneșă, cochetă;
Mulțimeă toată pare violetă,
Orașul tot e violet...

Amurg de toamnă violet...
Din turn, pe câmp, văd voievozi cu plete;
Strămbunii trec în pâlcuri violete,
Orașul tot e violet.

MELANCOLIE

Ce chiot, ce vaiet în toamnă...
Și codrul sălbatec vuiește –
Răsună-n coclauri un bucium,
Și doina mai jalnic pornește.

– Ascultă, tu, bine, iubito,
Nu plânge și nu-ți fie teamă –
Ascultă cum greu, din adâncuri,
Pământul la dânsul ne cheamă...

OH, AMURGURI...

Oh, amurguri violete...

Vine
Iarna cu plânsori de piculine...

Peste parcul părăsit
Cad regrete
Și un negru croncănit...

Veșnicie,
Enervare...
Din fanfare funerare
Toamna sună, agonie...

Vânț de gheață s-a pornit,
Iar sub crengile schelete, –
Hohot de smintit.

Nici o urmă despre tine,
– Vine, nu vine...

Oh, amurguri violete...

AMURG DE IARNA

Amurg de iarnă, sumbru, de metal,
Câmpia albă – un imens rotund –
Vâslind, un corb încet vine din fund,
Tăind orizontul, diametral.

Copacii rari și ninși par de cristal.
Chemări de dispariție mă sorb,
Pe când, tăcut, se-ntoarce-același corb,
Tăind orizontul, diametral.

SINGUR

Potop, cad stele [albe] de cristal
Și ninge-n noaptea plină de păcate;
La vatră-n para ce abia mai bate –
Azi, a murit chiar visul meu final.

Și ninge-n miezul nopții glacial...
Și tu iar tremuri, suflet singuratec, –
Pe vatră-n para slabă, în jăratec, –
Încet, cad lacrimi roze, de cristal.

CHUMBO

"E rangiam as guirlandas de chumbo."

GEORGE BACOVIA

CHUMBO

Dormiam profundos túmulos de chumbo,
E flores de chumbo e triste indumento –
Estou sozinho na tumba... e havia vento...
E rangiam as guirlandas de chumbo.

Estirada, dorme meu amor de chumbo
Em flores de chumbo... e o choro inicio –
Estou sozinho face à morte... e há frio...
E elas tombavam, as asas de chumbo.

ENFEITE

Copas brancas, e copas negras
Estão nuas no parque solitário:
Enfeite de dor, funerário...
Copas brancas, e copas negras.

No parque alentos a chorar...

Com penas brancas, penas negras
Uma ave de amargo cantar
Revoa o parque secular...
Com penas brancas, penas negras.

No parque as almas a assombrar...

E folhas brancas e folhas negras;
Copas brancas, e copas negras;
Com penas brancas, penas negras,
Enfeite de dor, funerário...

No parque a neve cai pelo ar...

SONETO

É noite chuvosa, grave e te afundas.
Na névoa, – lassos, vermelhos, sem norte –
Ardem, fumaçam, lanternas de morte
Como em tavernas úmidas, imundas.

Nas vielas, o negrume é mais forte...
A torrente as tristes casas inunda –
E ouço o tossir de uma tosse profunda –
Nas velhas paredes que estão à sorte.

Como Edgar Poe volto para casa,
Ou como Verlaine, fundido em bebida –
E na noite não importa o que passa.

Depois, com passos de divertida medida,
Pelo escuro tateando pela casa,
Caio, caio, e não mais calo em seguida.

PÔR DO SOL DE OUTONO

Pôr do sol de outono, vazio, de humo,
No campo sinistro o sussurro aberra –
Longe, álamos se curvam sobre a terra
No mar, o balanço lento, de brumo.

Vazio imenso... e começo a dormir,
E ouço gemendo o meu amor defunto;
Escuto atento olhando único um ponto
E gemo, e choro, e rio, *rá*, *ri-ri*...

PÔR DO SOL VIOLETA

Pôr do sol de outono, violeta...
Dois álamos, ao fundo, silhuetas:
– Apóstolos em vestidos violetas –
A cidade toda violeta.

Pôr do sol de outono, violeta...
Na rua está o povo à toa, de gazeta;
Toda multidão parece violeta,
A cidade toda violeta...

Pôr do sol de outono, violeta...
Da torre, vão lordes com costeletas;
Ancestrais passam em turbas violetas.
A cidade toda violeta.

MELANCOLIA

Que grito, que choro no outono...
E a floresta brava cicia –
Ressoa no vazio uma corneta,
E a *doina* mais triste inicia.

– Não chores e não tenhas medo,
Ouve, tu, ouve bem, minha dama, –
Ouve forte, das profundezas,
A terra a uma dança nos chama.

OH, CREPÚSCULOS...

Oh, crepúsculos violetas...

Vem sim
O inverno com os prantos de flautim...

No parque abandonado
Caem lamentos
E um negro coaxado...

Eterna via,
Enfados tais...
Das bandas de funerais
Soa o outono, agonia...

O vento gélido tem começado,
De novo sob ramos de esqueletos, –
Gargalhada de um perturbado.

Nenhum vestígio de ti,
– Vem, não aqui...

Oh, crepúsculos violetas…

PÔR DO SOL DE INVERNO

Pôr do sol de inverno, atro, de metal,
Completamente branco – um imenso anel –
Em linha, um corvo lento vem do céu,
Cortando o horizonte, diametral.

Copas raras e caules de cristal.
Em apelos de morte me absorvo,
Quando, calado, volta o mesmo corvo,
Cortando o horizonte, diametral.

SOZINHA

Chuva, alvas estrelas caem de cristal
E neva na noite cheia de pecado;
Na lareira, o fogo quase apagado –
Morreu hoje até meu sonho final.

E neva dentro da noite glacial...
E tu também tremendo, alma sozinha, –
Na lareira, o fogo em brasa definha, –
Vãs, lágrimas rosas caem, de cristal

Eneida, Canto IV: Dido e Eneias

Públio Virgílio Marão

O texto: O Canto IV da Eneida descreve os amores de Dido, rainha de Cartago, e do troiano fugido Eneias. O caso se passa na então nova cidade de Cartago, que Dido, fenícia também fugida de Tiro por traição do irmão Pigmalião, está em curso de fundar. A rainha, que acolhera os exilados troianos depois de naufrágio na costa líbia (Canto I) e escutara narrar a Eneias os últimos momentos de Troia (Cantos II e III), por se ele se apaixona. Os eventos dessa paixão até o fim trágico de Dido são o tema deste canto. Entreato amoroso no curso do épico, é peça fundamental da tradição literária.

Texto traduzido: Mynors, R. A. B. P. *Vergili Maronis opera*. Oxford: OUP, 1979 [1969].

O autor: Públio Virgílio Marão (70-19 a.C), segundo o comentador Sérvio, era mantuano, filho de Mágia e Virgílio. Estudou em Cremona, Mediolano e Neápolis. Casto que era, chamavam-no Parthenias (virginal). Veio a Roma depois da batalha de Ácio (31 a.C), onde obteve o patrocínio de Asínio Polião e Mecenas. Para Polião, acaba as *Bucólicas* em três anos; para Macenas, as *Geórgicas* em sete anos. Em onze anos, não acaba a *Eneida*. No leito de morte, quis queimá-la, mas Augusto o impediu, ordenando que Tuca e Vário a emendassem e publicassem.

O tradutor: Adriano Aprigliano é professor de Língua e Literatura Latina na USP. Publicou *Da palavra* (2014, Unesp), tradução do Vākyapadīya de Bhartṛhari (Índia, V d.C). Coordena, com Safa Jubran (USP), o Tarjama, grupo dedicado à formação de tradutores de Literatura Árabe. Terminará a *Eneida* em 2019.

AENEIDOS LIBER QUARTVS

"Sed moriamur' ait. 'sic, sic iuuat ire sub umbras."

PUBLIUS VERGILIUS MARO

At regina graui iamdudum saucia cura
uulnus alit uenis et caeco carpitur igni.
multa uiri uirtus animo multusque recursat
gentis honos; haerent infixi pectore uultus
uerbaque nec placidam membris dat cura quietem.
postera Phoebea lustrabat lampade terras
umentemque Aurora polo dimouerat umbram,
cum sic unanimam adloquitur male sana sororem:
'Anna soror, quae me suspensam insomnia terrent!
quis nouus hic nostris successit sedibus hospes,
quem sese ore ferens, quam forti pectore et armis!
credo equidem, nec uana fides, genus esse deorum.
degeneres animos timor arguit. heu, quibus ille
iactatus fatis! quae bella exhausta canebat!
si mihi non animo fixum immotumque sederet
ne cui me uinclo uellem sociare iugali,
postquam primus amor deceptam morte fefellit;
si non pertaesum thalami taedaeque fuisset,
huic uni forsan potui succumbere culpae.
Anna (fatebor enim) miseri post fata Sychaei
coniugis et sparsos fraterna caede penatis
solus hic inflexit sensus animumque labantem
impulit. agnosco ueteris uestigia flammae.

sed mihi uel tellus optem prius ima dehiscat
uel pater omnipotens adigat me fulmine ad umbras,
pallentis umbras Erebo noctemque profundam,
ante, pudor, quam te uiolo aut tua iura resoluo.
ille meos, primus qui me sibi iunxit, amores
abstulit; ille habeat secum seruetque sepulcro.'
sic effata sinum lacrimis impleuit obortis.
  Anna refert: 'o luce magis dilecta sorori,
solane perpetua maerens carpere iuuenta
nec dulcis natos Veneris nec praemia noris?
id cinerem aut manis credis curare sepultos?
esto: aegram nulli quondam flexere mariti,
non Libyae, non ante Tyro; despectus Iarbas
ductoresque alii, quos Africa terra triumphis
diues alit: placitone etiam pugnabis amori?
nec uenit in mentem quorum consederis aruis?
hinc Gaetulae urbes, genus insuperabile bello,
et Numidae infreni cingunt et inhospita Syrtis;
hinc deserta siti regio lateque furentes
Barcaei. quid bella Tyro surgentia dicam
germanique minas?
dis equidem auspicibus reor et Iunone secunda
hunc cursum Iliacas uento tenuisse carinas.
quam tu urbem, soror, hanc cernes, quae surgere regna
coniugio tali! Teucrum comitantibus armis
Punica se quantis attollet gloria rebus!
tu modo posce deos ueniam, sacrisque litatis
indulge hospitio causasque innecte morandi,
dum pelago desaeuit hiems et aquosus Orion,
quassataeque rates, dum non tractabile caelum.'
  His dictis impenso animum flammauit amore
spemque dedit dubiae menti soluitque pudorem.
principio delubra adeunt pacemque per aras
exquirunt; mactant lectas de more bidentis
legiferae Cereri Phoeboque patrique Lyaeo,
Iunoni ante omnis, cui uincla iugalia curae.
ipsa tenens dextra pateram pulcherrima Dido
candentis uaccae media inter cornua fundit,
aut ante ora deum pinguis spatiatur ad aras,

instauratque diem donis, pecudumque reclusis
pectoribus inhians spirantia consulit exta.
heu, uatum ignarae mentes! quid uota furentem,
quid delubra iuuant? est mollis flamma medullas
interea et tacitum uiuit sub pectore uulnus.
uritur infelix Dido totaque uagatur
urbe furens, qualis coniecta cerua sagitta,
quam procul incautam nemora inter Cresia fixit
pastor agens telis liquitque uolatile ferrum
nescius: illa fuga siluas saltusque peragrat
Dictaeos; haeret lateri letalis harundo.
nunc media Aenean secum per moenia ducit
Sidoniasque ostentat opes urbemque paratam,
incipit effari mediaque in uoce resistit;
nunc eadem labente die conuiuia quaerit,
Iliacosque iterum demens audire labores
exposcit pendetque iterum narrantis ab ore.
post ubi digressi, lumenque obscura uicissim
luna premit suadentque cadentia sidera somnos,
sola domo maeret uacua stratisque relictis
incubat. illum absens absentem auditque uidetque,
aut gremio Ascanium genitoris imagine capta
detinet, infandum si fallere possit amorem.
non coeptae adsurgunt turres, non arma iuuentus
exercet portusue aut propugnacula bello
tuta parant: pendent opera interrupta minaeque
murorum ingentes aequataque machina caelo.
  Quam simul ac tali persensit peste teneri
cara Iouis coniunx nec famam obstare furori,
talibus adgreditur Venerem Saturnia dictis:
'egregiam uero laudem et spolia ampla refertis
tuque puerque tuus (magnum et memorabile numen),
una dolo diuum si femina uicta duorum est.
nec me adeo fallit ueritam te moenia nostra
suspectas habuisse domos Karthaginis altae.
sed quis erit modus, aut quo nunc certamine tanto?
quin potius pacem aeternam pactosque hymenaeos
exercemus? habes tota quod mente petisti:
ardet amans Dido traxitque per ossa furorem.

communem hunc ergo populum paribusque regamus
auspiciis; liceat Phrygio seruire marito
dotalisque tuae Tyrios permittere dextrae.'
  Olli (sensit enim simulata mente locutam,
quo regnum Italiae Libycas auerteret oras)
sic contra est ingressa Venus: 'quis talia demens
abnuat aut tecum malit contendere bello?
si modo quod memoras factum fortuna sequatur.
sed fatis incerta feror, si Iuppiter unam
esse uelit Tyriis urbem Troiaque profectis,
misceriue probet populos aut foedera iungi.
tu coniunx, tibi fas animum temptare precando.
perge, sequar.' tum sic excepit regia Iuno:
'mecum erit iste labor. nunc qua ratione quod instat
confieri possit, paucis (aduerte) docebo.
uenatum Aeneas unaque miserrima Dido
in nemus ire parant, ubi primos crastinus ortus
extulerit Titan radiisque retexerit orbem.
his ego nigrantem commixta grandine nimbum,
dum trepidant alae saltusque indagine cingunt,
desuper infundam et tonitru caelum omne ciebo.
diffugient comites et nocte tegentur opaca:
speluncam Dido dux et Troianus eandem
deuenient. adero et, tua si mihi certa uoluntas,
conubio iungam stabili propriamque dicabo.
hic hymenaeus erit.' non aduersata petenti
adnuit atque dolis risit Cytherea repertis.
  Oceanum interea surgens Aurora reliquit.
it portis iubare exorto delecta iuuentus,
retia rara, plagae, lato uenabula ferro,
Massylique ruunt equites et odora canum uis.
reginam thalamo cunctantem ad limina primi
Poenorum exspectant, ostroque insignis et auro
stat sonipes ac frena ferox spumantia mandit.
tandem progreditur magna stipante caterua
Sidoniam picto chlamydem circumdata limbo;
cui pharetra ex auro, crines nodantur in aurum,
aurea purpuream subnectit fibula uestem.
nec non et Phrygii comites et laetus Iulus

incedunt. ipse ante alios pulcherrimus omnis
infert se socium Aeneas atque agmina iungit.
qualis ubi hibernam Lyciam Xanthique fluenta
deserit ac Delum maternam inuisit Apollo
instauratque choros, mixtique altaria circum
Cretesque Dryopesque fremunt pictique Agathyrsi;
ipse iugis Cynthi graditur mollique fluentem
fronde premit crinem fingens atque implicat auro,
tela sonant umeris: haud illo segnior ibat
Aeneas, tantum egregio decus enitet ore.
postquam altos uentum in montis atque inuia lustra,
ecce ferae saxi deiectae uertice caprae
decurrere iugis; alia de parte patentis
transmittunt cursu campos atque agmina cerui
puluerulenta fuga glomerant montisque relinquunt.
at puer Ascanius mediis in uallibus acri
gaudet equo iamque hos cursu, iam praeterit illos,
spumantemque dari pecora inter inertia uotis
optat aprum, aut fuluum descendere monte leonem.
  Interea magno misceri murmure caelum
incipit, insequitur commixta grandine nimbus,
et Tyrii comites passim et Troiana iuuentus
Dardaniusque nepos Veneris diuersa per agros
tecta metu petiere; ruunt de montibus amnes.
speluncam Dido dux et Troianus eandem
deueniunt. prima et Tellus et pronuba Iuno
dant signum; fulsere ignes et conscius aether
conubiis summoque ululârunt uertice Nymphae.
ille dies primus leti primusque malorum
causa fuit; neque enim specie famaue mouetur
nec iam furtiuum Dido meditatur amorem:
coniugium uocat, hoc praetexit nomine culpam.
  Extemplo Libyae magnas it Fama per urbes,
Fama, malum qua non aliud uelocius ullum:
mobilitate uiget uirisque adquirit eundo,
parua metu primo, mox sese attollit in auras
ingrediturque solo et caput inter nubila condit.
illam Terra parens ira inritata deorum
extremam, ut perhibent, Coeo Enceladoque sororem

progenuit pedibus celerem et pernicibus alis,
monstrum horrendum, ingens, cui quot sunt corpore plumae,
tot uigiles oculi subter (mirabile dictu),
tot linguae, totidem ora sonant, tot subrigit auris.
nocte uolat caeli medio terraeque per umbram
stridens, nec dulci declinat lumina somno;
luce sedet custos aut summi culmine tecti
turribus aut altis, et magnas territat urbes,
tam ficti prauique tenax quam nuntia ueri.
haec tum multiplici populos sermone replebat
gaudens, et pariter facta atque infecta canebat:
uenisse Aenean Troiano sanguine cretum,
cui se pulchra uiro dignetur iungere Dido;
nunc hiemem inter se luxu, quam longa, fouere
regnorum immemores turpique cupidine captos.
haec passim dea foeda uirum diffundit in ora.
protinus ad regem cursus detorquet Iarban
incenditque animum dictis atque aggerat iras.
  Hic Hammone satus rapta Garamantide nympha
templa Ioui centum latis immania regnis,
centum aras posuit uigilemque sacrauerat ignem,
excubias diuum aeternas, pecudumque cruore
pingue solum et uariis florentia limina sertis.
isque amens animi et rumore accensus amaro
dicitur ante aras media inter numina diuum
multa Iouem manibus supplex orasse supinis:
'Iuppiter omnipotens, cui nunc Maurusia pictis
gens epulata toris Lenaeum libat honorem,
aspicis haec? an te, genitor, cum fulmina torques
nequiquam horremus, caecique in nubibus ignes
terrificant animos et inania murmura miscent?
femina, quae nostris errans in finibus urbem
exiguam pretio posuit, cui litus arandum
cuique loci leges dedimus, conubia nostra
reppulit ac dominum Aenean in regna recepit.
et nunc ille Paris cum semiuiro comitatu,
Maeonia mentum mitra crinemque madentem
subnexus, rapto potitur: nos munera templis
quippe tuis ferimus famamque fouemus inanem.'

Talibus orantem dictis arasque tenentem
audiit Omnipotens, oculosque ad moenia torsit
regia et oblitos famae melioris amantis.
tum sic Mercurium adloquitur ac talia mandat:
'uade age, nate, uoca Zephyros et labere pennis
Dardaniumque ducem, Tyria Karthagine qui nunc
exspectat fatisque datas non respicit urbes,
adloquere et celeris defer mea dicta per auras.
non illum nobis genetrix pulcherrima talem
promisit Graiumque ideo bis uindicat armis;
sed fore qui grauidam imperiis belloque frementem
Italiam regeret, genus alto a sanguine Teucri
proderet, ac totum sub leges mitteret orbem.
si nulla accendit tantarum gloria rerum
nec super ipse sua molitur laude laborem,
Ascanione pater Romanas inuidet arces?
quid struit? aut qua spe inimica in gente moratur
nec prolem Ausoniam et Lauinia respicit arua?
nauiget! haec summa est, hic nostri nuntius esto.'
Dixerat. ille patris magni parere parabat
imperio; et primum pedibus talaria nectit
aurea, quae sublimem alis siue aequora supra
seu terram rapido pariter cum flamine portant.
tum uirgam capit: hac animas ille euocat Orco
pallentis, alias sub Tartara tristia mittit,
dat somnos adimitque, et lumina morte resignat.
illa fretus agit uentos et turbida tranat
nubila. iamque uolans apicem et latera ardua cernit
Atlantis duri caelum qui uertice fulcit,
Atlantis, cinctum adsidue cui nubibus atris
piniferum caput et uento pulsatur et imbri,
nix umeros infusa tegit, tum flumina mento
praecipitant senis, et glacie riget horrida barba.
hic primum paribus nitens Cyllenius alis
constitit; hinc toto praeceps se corpore ad undas
misit aui similis, quae circum litora, circum
piscosos scopulos humilis uolat aequora iuxta.
haud aliter terras inter caelumque uolabat
litus harenosum ad Libyae, uentosque secabat

materno ueniens ab auo Cyllenia proles.
ut primum alatis tetigit magalia plantis,
Aenean fundantem arces ac tecta nouantem
conspicit. atque illi stellatus iaspide fulua
ensis erat Tyrioque ardebat murice laena
demissa ex umeris, diues quae munera Dido
fecerat, et tenui telas discreuerat auro.
continuo inuadit: 'tu nunc Karthaginis altae
fundamenta locas pulchramque uxorius urbem
exstruis? heu, regni rerumque oblite tuarum!
ipse deum tibi me claro demittit Olympo
regnator, caelum et terras qui numine torquet,
ipse haec ferre iubet celeris mandata per auras:
quid struis? aut qua spe Libycis teris otia terris?
si te nulla mouet tantarum gloria rerum
[nec super ipse tua moliris laude laborem,]
Ascanium surgentem et spes heredis Iuli
respice, cui regnum Italiae Romanaque tellus
debetur.' tali Cyllenius ore locutus
mortalis uisus medio sermone reliquit
et procul in tenuem ex oculis euanuit auram.
  At uero Aeneas aspectu obmutuit amens,
arrectaeque horrore comae et uox faucibus haesit.
ardet abire fuga dulcisque relinquere terras,
attonitus tanto monitu imperioque deorum.
heu quid agat? quo nunc reginam ambire furentem
audeat adfatu? quae prima exordia sumat?
atque animum nunc huc celerem nunc diuidit illuc
in partisque rapit uarias perque omnia uersat.
haec alternanti potior sententia uisa est:
Mnesthea Sergestumque uocat fortemque Serestum,
classem aptent taciti sociosque ad litora cogant,
arma parent et quae rebus sit causa nouandis
dissimulent; sese interea, quando optima Dido
nesciat et tantos rumpi non speret amores,
temptaturum aditus et quae mollissima fandi
tempora, quis rebus dexter modus. ocius omnes
imperio laeti parent et iussa facessunt.
  At regina dolos (quis fallere possit amantem?)

praesensit, motusque excepit prima futuros
omnia tuta timens. eadem impia Fama furenti
detulit armari classem cursumque parari.
saeuit inops animi totamque incensa per urbem
bacchatur, qualis commotis excita sacris
Thyias, ubi audito stimulant trieterica Baccho
orgia nocturnusque uocat clamore Cithaeron.
tandem his Aenean compellat uocibus ultro:
'dissimulare etiam sperasti, perfide, tantum
posse nefas tacitusque mea decedere terra?
nec te noster amor nec te data dextera quondam
nec moritura tenet crudeli funere Dido?
quin etiam hiberno moliri sidere classem
et mediis properas Aquilonibus ire per altum,
crudelis? quid, si non arua aliena domosque
ignotas peteres, et Troia antiqua maneret,
Troia per undosum peteretur classibus aequor?
mene fugis? per ego has lacrimas dextramque tuam te
(quando aliud mihi iam miserae nihil ipsa reliqui),
per conubia nostra, per inceptos hymenaeos,
si bene quid de te merui, fuit aut tibi quicquam
dulce meum, miserere domus labentis et istam,
oro, si quis adhuc precibus locus, exue mentem.
te propter Libycae gentes Nomadumque tyranni
odere, infensi Tyrii; te propter eundem
exstinctus pudor et, qua sola sidera adibam,
fama prior. cui me moribundam deseris hospes
(hoc solum nomen quoniam de coniuge restat)?
quid moror? an mea Pygmalion dum moenia frater
destruat aut captam ducat Gaetulus Iarbas?
saltem si qua mihi de te suscepta fuisset
ante fugam suboles, si quis mihi paruulus aula
luderet Aeneas, qui te tamen ore referret,
non equidem omnino capta ac deserta uiderer.'
  Dixerat. ille Iouis monitis immota tenebat
lumina et obnixus curam sub corde premebat.
tandem pauca refert: 'ego te, quae plurima fando
enumerare uales, numquam, regina, negabo
promeritam, nec me meminisse pigebit Elissae

dum memor ipse mei, dum spiritus hos regit artus.
pro re pauca loquar. neque ego hanc abscondere furto
speraui (ne finge) fugam, nec coniugis umquam
praetendi taedas aut haec in foedera ueni.
me si fata meis paterentur ducere uitam
auspiciis et sponte mea componere curas,
urbem Troianam primum dulcisque meorum
reliquias colerem, Priami tecta alta manerent,
et recidiua manu posuissem Pergama uictis.
sed nunc Italiam magnam Gryneus Apollo,
Italiam Lyciae iussere capessere sortes;
hic amor, haec patria est. si te Karthaginis arces
Phoenissam Libycaeque aspectus detinet urbis,
quae tandem Ausonia Teucros considere terra
inuidia est? et nos fas extera quaerere regna.
me patris Anchisae, quotiens umentibus umbris
nox operit terras, quotiens astra ignea surgunt,
admonet in somnis et turbida terret imago;
me puer Ascanius capitisque iniuria cari,
quem regno Hesperiae fraudo et fatalibus aruis.
nunc etiam interpres diuum Ioue missus ab ipso
(testor utrumque caput) celeris mandata per auras
detulit: ipse deum manifesto in lumine uidi
intrantem muros uocemque his auribus hausi.
desine meque tuis incendere teque querelis;
Italiam non sponte sequor.'
  Talia dicentem iamdudum auersa tuetur
huc illuc uoluens oculos totumque pererrat
luminibus tacitis et sic accensa profatur:
'nec tibi diua parens generis nec Dardanus auctor,
perfide, sed duris genuit te cautibus horrens
Caucasus Hyrcanaeque admorunt ubera tigres.
nam quid dissimulo aut quae me ad maiora reseruo?
num fletu ingemuit nostro? num lumina flexit?
num lacrimas uictus dedit aut miseratus amantem est?
quae quibus anteferam? iam iam nec maxima Iuno
nec Saturnius haec oculis pater aspicit aequis.
nusquam tuta fides. eiectum litore, egentem
excepi et regni demens in parte locaui.

amissam classem, socios a morte reduxi
(heu furiis incensa feror!): nunc augur Apollo,
nunc Lyciae sortes, nunc et Ioue missus ab ipso
interpres diuum fert horrida iussa per auras.
scilicet is superis labor est, ea cura quietos
sollicitat. neque te teneo neque dicta refello:
i, sequere Italiam uentis, pete regna per undas.
spero equidem mediis, si quid pia numina possunt,
supplicia hausurum scopulis et nomine Dido
saepe uocaturum. sequar atris ignibus absens
et, cum frigida mors anima seduxerit artus,
omnibus umbra locis adero. dabis, improbe, poenas.
audiam et haec Manis ueniet mihi fama sub imos.'
his medium dictis sermonem abrumpit et auras
aegra fugit seque ex oculis auertit et aufert,
linquens multa metu cunctantem et multa parantem
dicere. suscipiunt famulae conlapsaque membra
marmoreo referunt thalamo stratisque reponunt.
  At pius Aeneas, quamquam lenire dolentem
solando cupit et dictis auertere curas,
multa gemens magnoque animum labefactus amore
iussa tamen diuum exsequitur classemque reuisit.
tum uero Teucri incumbunt et litore celsas
deducunt toto nauis. natat uncta carina,
frondentisque ferunt remos et robora siluis
infabricata fugae studio.
migrantis cernas totaque ex urbe ruentis:
ac uelut ingentem formicae farris aceruum
cum populant hiemis memores tectoque reponunt,
it nigrum campis agmen praedamque per herbas
conuectant calle angusto; pars grandia trudunt
obnixae frumenta umeris, pars agmina cogunt
castigantque moras, opere omnis semita feruet.
quis tibi tum, Dido, cernenti talia sensus,
quosue dabas gemitus, cum litora feruere late
prospiceres arce ex summa, totumque uideres
misceri ante oculos tantis clamoribus aequor!
improbe Amor, quid non mortalia pectora cogis!
ire iterum in lacrimas, iterum temptare precando

cogitur et supplex animos summittere amori,
ne quid inexpertum frustra moritura relinquat.
'Anna, uides toto properari litore circum:
undique conuenere; uocat iam carbasus auras,
puppibus et laeti nautae imposuere coronas.
hunc ego si potui tantum sperare dolorem,
et perferre, soror, potero. miserae hoc tamen unum
exsequere, Anna, mihi; solam nam perfidus ille
te colere, arcanos etiam tibi credere sensus;
sola uiri mollis aditus et tempora noras.
i, soror, atque hostem supplex adfare superbum:
non ego cum Danais Troianam exscindere gentem
Aulide iuraui classemue ad Pergama misi,
nec patris Anchisae cinerem manisue reuelli:
cur mea dicta negat duras demittere in auris?
quo ruit? extremum hoc miserae det munus amanti:
exspectet facilemque fugam uentosque ferentis.
non iam coniugium antiquum, quod prodidit, oro,
nec pulchro ut Latio careat regnumque relinquat:
tempus inane peto, requiem spatiumque furori,
dum mea me uictam doceat fortuna dolere.
extremam hanc oro ueniam (miserere sororis),
quam mihi cum dederit cumulatam morte remittam.'
Talibus orabat, talisque miserrima fletus
fertque refertque soror. sed nullis ille mouetur
fletibus aut uoces ullas tractabilis audit;
fata obstant placidasque uiri deus obstruit auris.
ac uelut annoso ualidam cum robore quercum
Alpini Boreae nunc hinc nunc flatibus illinc
eruere inter se certant; it stridor, et altae
consternunt terram concusso stipite frondes;
ipsa haeret scopulis et quantum uertice ad auras
aetherias, tantum radice in Tartara tendit:
haud secus adsiduis hinc atque hinc uocibus heros
tunditur, et magno persentit pectore curas;
mens immota manet, lacrimae uoluuntur inanes.
Tum uero infelix fatis exterrita Dido
mortem orat; taedet caeli conuexa tueri.
quo magis inceptum peragat lucemque relinquat,

uidit, turicremis cum dona imponeret aris,
(horrendum dictu) latices nigrescere sacros
fusaque in obscenum se uertere uina cruorem;
hoc uisum nulli, non ipsi effata sorori.
praeterea fuit in tectis de marmore templum
coniugis antiqui, miro quod honore colebat,
uelleribus niueis et festa fronde reuinctum:
hinc exaudiri uoces et uerba uocantis
uisa uiri, nox cum terras obscura teneret,
solaque culminibus ferali carmine bubo
saepe queri et longas in fletum ducere uoces;
multaque praeterea uatum praedicta priorum
terribili monitu horrificant. agit ipse furentem
in somnis ferus Aeneas, semperque relinqui
sola sibi, semper longam incomitata uidetur
ire uiam et Tyrios deserta quaerere terra,
Eumenidum ueluti demens uidet agmina Pentheus
et solem geminum et duplices se ostendere Thebas,
aut Agamemnonius scaenis agitatus Orestes,
armatam facibus matrem et serpentibus atris
cum fugit ultricesque sedent in limine Dirae.
  Ergo ubi concepit furias euicta dolore
decreuitque mori, tempus secum ipsa modumque
exigit, et maestam dictis adgressa sororem
consilium uultu tegit ac spem fronte serenat:
'inueni, germana, uiam (gratare sorori)
quae mihi reddat eum uel eo me soluat amantem.
Oceani finem iuxta solemque cadentem
ultimus Aethiopum locus est, ubi maximus Atlas
axem umero torquet stellis ardentibus aptum:
hinc mihi Massylae gentis monstrata sacerdos,
Hesperidum templi custos, epulasque draconi
quae dabat et sacros seruabat in arbore ramos,
spargens umida mella soporiferumque papauer.
haec se carminibus promittit soluere mentes
quas uelit, ast aliis duras immittere curas,
sistere aquam fluuiis et uertere sidera retro,
nocturnosque mouet Manis: mugire uidebis
sub pedibus terram et descendere montibus ornos.

testor, cara, deos et te, germana, tuumque
dulce caput, magicas inuitam accingier artis.
tu secreta pyram tecto interiore sub auras
erige, et arma uiri thalamo quae fixa reliquit
impius exuuiasque omnis lectumque iugalem,
quo perii, super imponas: abolere nefandi
cuncta uiri monimenta iuuat monstratque sacerdos.'
haec effata silet, pallor simul occupat ora.
non tamen Anna nouis praetexere funera sacris
germanam credit, nec tantos mente furores
concipit aut grauiora timet quam morte Sychaei.
ergo iussa parat.
  At regina, pyra penetrali in sede sub auras
erecta ingenti taedis atque ilice secta,
intenditque locum sertis et fronde coronat
funerea; super exuuias ensemque relictum
effigiemque toro locat haud ignara futuri.
stant arae circum et crinis effusa sacerdos
ter centum tonat ore deos, Erebumque Chaosque
tergeminamque Hecaten, tria uirginis ora Dianae.
sparserat et latices simulatos fontis Auerni,
falcibus et messae ad lunam quaeruntur aenis
pubentes herbae nigri cum lacte ueneni;
quaeritur et nascentis equi de fronte reuulsus
et matri praereptus amor.
ipsa mola manibusque piis altaria iuxta
unum exuta pedem uinclis, in ueste recincta,
testatur moritura deos et conscia fati
sidera; tum, si quod non aequo foedere amantis
curae numen habet iustumque memorque, precatur.
  Nox erat et placidum carpebant fessa soporem
corpora per terras, siluaeque et saeua quierant
aequora, cum medio uoluuntur sidera lapsu,
cum tacet omnis ager, pecudes pictaeque uolucres,
quaeque lacus late liquidos quaeque aspera dumis
rura tenent, somno positae sub nocte silenti.
at non infelix animi Phoenissa, neque umquam[1]
soluitur in somnos oculisue aut pectore noctem

[1] Cf. v. 528, nota ao mesmo trecho na tradução. (n.t.)

accipit: ingeminant curae rursusque resurgens
saeuit amor magnoque irarum fluctuat aestu.
sic adeo insistit secumque ita corde uolutat:
'en, quid ago? rursusne procos inrisa priores
experiar, Nomadumque petam conubia supplex,
quos ego sim totiens iam dedignata maritos?
Iliacas igitur classis atque ultima Teucrum
iussa sequar? quiane auxilio iuuat ante leuatos
et bene apud memores ueteris stat gratia facti?
quis me autem, fac uelle, sinet ratibusue superbis
inuisam accipiet? nescis heu, perdita, necdum
Laomedonteae sentis periuria gentis?
quid tum? sola fuga nautas comitabor ouantis?
an Tyriis omnique manu stipata meorum
inferar et, quos Sidonia uix urbe reuelli,
rursus agam pelago et uentis dare uela iubebo?
quin morere ut merita es, ferroque auerte dolorem.
tu lacrimis euicta meis, tu prima furentem
his, germana, malis oneras atque obicis hosti.
non licuit thalami expertem sine crimine uitam
degere more ferae, talis nec tangere curas;
non seruata fides cineri promissa Sychaeo.'
  Tantos illa suo rumpebat pectore questus:
Aeneas celsa in puppi iam certus eundi
carpebat somnos rebus iam rite paratis.
huic se forma dei uultu redeuntis eodem
obtulit in somnis rursusque ita uisa monere est,
omnia Mercurio similis, uocemque coloremque
et crinis flauos et membra decora iuuenta:
'nate dea, potes hoc sub casu ducere somnos,
nec quae te circum stent deinde pericula cernis,
demens, nec Zephyros audis spirare secundos?
illa dolos dirumque nefas in pectore uersat
certa mori, uariosque irarum concitat aestus.
non fugis hinc praeceps, dum praecipitare potestas?
iam mare turbari trabibus saeuasque uidebis
conlucere faces, iam feruere litora flammis,
si te his attigerit terris Aurora morantem.
heia age, rumpe moras. uarium et mutabile semper

femina.' sic fatus nocti se immiscuit atrae.
  Tum uero Aeneas subitis exterritus umbris
corripit e somno corpus sociosque fatigat
praecipitis: 'uigilate, uiri, et considite transtris;
soluite uela citi. deus aethere missus ab alto
festinare fugam tortosque incidere funis
ecce iterum instimulat. sequimur te, sancte deorum,
quisquis es, imperioque iterum paremus ouantes.
adsis o placidusque iuues et sidera caelo
dextra feras.' dixit uaginaque eripit ensem
fulmineum strictoque ferit retinacula ferro.
idem omnis simul ardor habet, rapiuntque ruuntque;
litora deseruere, latet sub classibus aequor,
adnixi torquent spumas et caerula uerrunt.
  Et iam prima nouo spargebat lumine terras
Tithoni croceum linquens Aurora cubile.
regina e speculis ut primam albescere lucem
uidit et aequatis classem procedere uelis,
litoraque et uacuos sensit sine remige portus,
terque quaterque manu pectus percussa decorum
flauentisque abscissa comas 'pro Iuppiter! ibit
hic,' ait 'et nostris inluserit aduena regnis?
non arma expedient totaque ex urbe sequentur,
diripientque rates alii naualibus? ite,
ferte citi flammas, date tela, impellite remos!
quid loquor? aut ubi sum? quae mentem insania mutat?
infelix Dido, nunc te facta impia tangunt?
tum decuit, cum sceptra dabas. en dextra fidesque,
quem secum patrios aiunt portare penatis,
quem subiisse umeris confectum aetate parentem!
non potui abreptum diuellere corpus et undis
spargere? non socios, non ipsum absumere ferro
Ascanium patriisque epulandum ponere mensis?
uerum anceps pugnae fuerat fortuna. fuisset:
quem metui moritura? faces in castra tulissem
implessemque foros flammis natumque patremque
cum genere exstinxem, memet super ipsa dedissem.
Sol, qui terrarum flammis opera omnia lustras,
tuque harum interpres curarum et conscia Iuno,

nocturnisque Hecate triuiis ululata per urbes
et Dirae ultrices et di morientis Elissae,
accipite haec, meritumque malis aduertite numen
et nostras audite preces. si tangere portus
infandum caput ac terris adnare necesse est,
et sic fata Iouis poscunt, hic terminus haeret,
at bello audacis populi uexatus et armis,
finibus extorris, complexu auulsus Iuli
auxilium imploret uideatque indigna suorum
funera; nec, cum se sub leges pacis iniquae
tradiderit, regno aut optata luce fruatur,
sed cadat ante diem mediaque inhumatus harena.
haec precor, hanc uocem extremam cum sanguine fundo.
tum uos, o Tyrii, stirpem et genus omne futurum
exercete odiis, cinerique haec mittite nostro
munera. nullus amor populis nec foedera sunto.
exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor
qui face Dardanios ferroque sequare colonos,
nunc, olim, quocumque dabunt se tempore uires.
litora litoribus contraria, fluctibus undas
imprecor, arma armis: pugnent ipsique nepotesque.'
  Haec ait, et partis animum uersabat in omnis,
inuisam quaerens quam primum abrumpere lucem.
tum breuiter Barcen nutricem adfata Sychaei,
namque suam patria antiqua cinis ater habebat:
'Annam, cara mihi nutrix, huc siste sororem:
dic corpus properet fluuiali spargere lympha,
et pecudes secum et monstrata piacula ducat.
sic ueniat, tuque ipsa pia tege tempora uitta.
sacra Ioui Stygio, quae rite incepta paraui,
perficere est animus finemque imponere curis
Dardaniique rogum capitis permittere flammae.'
sic ait. illa gradum studio celebrabat anili.
at trepida et coeptis immanibus effera Dido
sanguineam uoluens aciem, maculisque trementis
interfusa genas et pallida morte futura,
interiora domus inrumpit limina et altos
conscendit furibunda rogos ensemque recludit
Dardanium, non hos quaesitum munus in usus.

hic, postquam Iliacas uestis notumque cubile
conspexit, paulum lacrimis et mente morata
incubuitque toro dixitque nouissima uerba:
'dulces exuuiae, dum fata deusque sinebat,
accipite hanc animam meque his exsoluite curis.
uixi et quem dederat cursum Fortuna peregi,
et nunc magna mei sub terras ibit imago.
urbem praeclaram statui, mea moenia uidi,
ulta uirum poenas inimico a fratre recepi,
felix, heu nimium felix, si litora tantum
numquam Dardaniae tetigissent nostra carinae.'
dixit, et os impressa toro 'moriemur inultae,
sed moriamur' ait. 'sic, sic iuuat ire sub umbras.
hauriat hunc oculis ignem crudelis ab alto
Dardanus, et nostrae secum ferat omina mortis.'
dixerat, atque illam media inter talia ferro
conlapsam aspiciunt comites, ensemque cruore
spumantem sparsasque manus. it clamor ad alta
atria: concussam bacchatur Fama per urbem.
lamentis gemituque et femineo ululatu
tecta fremunt, resonat magnis plangoribus aether,
non aliter quam si immissis ruat hostibus omnis
Karthago aut antiqua Tyros, flammaeque furentes
culmina perque hominum uoluantur perque deorum.
audiit exanimis trepidoque exterrita cursu
unguibus ora soror foedans et pectora pugnis
per medios ruit, ac morientem nomine clamat:
'hoc illud, germana, fuit? me fraude petebas?
hoc rogus iste mihi, hoc ignes araeque parabant?
quid primum deserta querar? comitemne sororem
spreuisti moriens? eadem me ad fata uocasses,
idem ambas ferro dolor atque eadem hora tulisset.
his etiam struxi manibus patriosque uocaui
uoce deos, sic te ut posita, crudelis, abessem?
exstinxti te meque, soror, populumque patresque
Sidonios urbemque tuam. date, uulnera lymphis
abluam et, extremus si quis super halitus errat,
ore legam.' sic fata gradus euaserat altos,
semianimemque sinu germanam amplexa fouebat

cum gemitu atque atros siccabat ueste cruores.
illa grauis oculos conata attollere rursus
deficit; infixum stridit sub pectore uulnus.
ter sese attollens cubitoque adnixa leuauit,
ter reuoluta toro est oculisque errantibus alto
quaesiuit caelo lucem ingemuitque reperta.
  Tum Iuno omnipotens longum miserata dolorem
difficilisque obitus Irim demisit Olympo
quae luctantem animam nexosque resolueret artus.
nam quia nec fato merita nec morte peribat,
sed misera ante diem subitoque accensa furore,
nondum illi flauum Proserpina uertice crinem
abstulerat Stygioque caput damnauerat Orco.
ergo Iris croceis per caelum roscida pennis
mille trahens uarios aduerso sole colores
deuolat et supra caput astitit. 'hunc ego Diti
sacrum iussa fero teque isto corpore soluo':
sic ait et dextra crinem secat, omnis et una
dilapsus calor atque in uentos uita recessit.

ENEIDA, CANTO IV: DIDO E ENEIAS

"Mas, diz, morramos! Assim? Praz assim descer às sombras."

PÚBLIO VIRGÍLIO MARÃO

Mas a rainha de grave coita há muito ferida,
nutre nas veias ferida e em cega carpe-se chama.
Muita recorre na alma virtude do homem, e muita
honra da gente; os vultos duram gravados no peito
mais as palavras e coita ao corpo nega repouso.
Póstera com o astro de Febo Aurora as terras lustrava;
já removera do polo a sombra treva orvalhada,
quando à mana de alma, assim, malsã, ela fala:
Ana, irmã, que insônias ansiosa me aterrorizam?
Quem nossas sedes abrigam? Quem este hóspede novo?
Quem leva ele no rosto? Quão fortes plexo e espaldas!
Creio de fato, fé vã não é, é raça dos deuses.
Mostra pois vis sentimentos o medo – Ai, remoído
de que fados, exauridas cantava ele que guerras!
Não me sentasse aqui pétrea e fixamente por dentro
eu querer mais a ninguém unir-me em nó conjugal,
dês que o amor primordial a morte fez me escapasse;
desgosto não me habitasse de archote e tálamo tal,
só com uma única, talvez esta culpa, podia deitar-me.
Ana, devo confessar-te, morto Siqueu, meu marido,
mísera sina, cumprida a fraterna caça aos Penates,
verga-me só este o senso, empurra-me só ele o trêmulo
ânimo. Diferencio do fogo antigo os vestígios.
Antes Mãe Terra prefiro, porém, do fundo se fenda,

ou tire-me onipotente o Pai às sombras a raio,
pálidas sombras do Érebo, de encontro à noite profunda,
antes que te violo, Pudor, desmancho-te as juras.
Aquele, a ele juntei-me primeiro, amores que tinha
levou-mos: tenha-os consigo, consigo os guarde no túmulo.
Disse ela assim e o seio pleno vertido de lágrimas.
  Ana responde: ó irmã inda mais amada que a vida,
hás de amarga capir-te só a mocidade inteira?
Não hás de os doces saber de mãe, os dons de mulher?
Com isso crês que se importam Manes sepultos e cinza?
Seja! Maridos, tu lesa, ontem não te convenceram
líbios, tírios primeiro: Jarbas tu menoscabaste,
todos demais comandantes, que a farta terra de África
nutre em triunfos: lutar também com o amor que te apraz?
Os campos onde assentaste tangem a quem tu não sabes?
Cá, as getulas cidades, gente invencível na guerra
e irrefreável nos cercam Numídia e a inóspita Sirte;
lá, pela sede deserta zona e os assaz furiosos
Barceus. Que guerras assomam em Tiro devo dizer,
que teu irmão ameaça?
Tenho que pelos auspícios deuses e graças à Juno
tomaram ao vento este curso os cascos vindo de Ílion.
Que cidade já vislumbras, irmã, surgirem que reinos
de comunhão tal! Dos teucros na companhia das armas,
a glória há de alçar-se púnica a quanta grandeza!
Vênia tu roga ora aos deuses e, sacrifícios litados,
trata da hospitalidade e tece causas de ficarem,
enquanto o inverno no mar e Órion aquoso se assanham,
enquanto as naus se debatem, mentre com o céu não se trate.
  Com tais palavras ateia, já acesa, a alma de amor,
o coração esperança dúbio e desata o pudor.
Juntas visitam primeiro os templos, paz nos altares
requestam, vítimas matam à praxe selecionadas
a Ceres, dona das leis, a Febo e ao padre Lieu,
antes a Juno, porquanto senhora dos casamentos.
Dido, tão linda, ela mesma, tendo na mão destra pátera,
na linha verte-a dos chifres de vaca branca brilhante
ou ante os divos olhares grassos palmilha os altares.
Dons pelo dia restaura e o bojo aberto dos bichos

fita na vista e as vísceras dentro pulsando consulta.
Ai dos vates mente estulta! Votos ao louco que valem?
De que valem sacrifícios? Rói nisso mole medula
chama, enquanto perdura chaga calada no peito.
Dido infeliz se combure e pela cidade andarilha
inteira, desvariada, qual cerva a seta ferida
que longe incauta transfixa em meio aos bosques de Creta
pastor astuto na flecha e o ferro volátil refuga
sem o saber; ela em fuga selvas e soutos travessa
diteus e a ponta da seta no flanco dorme, letal.
Ora ela Eneias consigo por entre os muros conduz;
toda opulência produz, toda cidade a ele pronta.
Voz, se aparece, desponta, para no meio da boca.
Quer ela agora, caindo o dia, o mesmo convívio,
mais uma vez, em delírio, pede os trabalhos em Ílion
ouvir e mais uma vez pende da boca que conta.
Depois, egressos já todos, vez é da lua escura
lume premer e as estrelas sono cadentes concitam.
Sofre na casa vazia, só: leitos todos deixaram;
deita-se (ouve-o ausente, vê-o ausente, ela ausente)
ou em seu colo detém Ascânio, presa à imagem
do pai, o amor inefável a ver se iludi-lo pode.
Já começadas, agora torres não sobem; nas armas
não se exercitam os jovens, nos portos; nem para guerra
fortes baluartes constroem; hora de obras paradas,
vastas minazes muralhas, máquina tal e qual céu.
Tão logo sente que ela foi de tal peste tomada
e que à fúria não obsta a fama, a cônjuge cara
de Jove, a Vênus, Satúrnia vem e com esta linguagem:
Vós que louvor mui egrégio e amplos despojos portais,
vós, teu menino e tu, nome grande e memorável,
quando dois deuses a dolo vencem a uma mulher só!
A mim tão-pouco me escapa, as nossas, já receava,
muralhas, da alta Cartago os tetos observavas.
Termo disso qual será? Onde com tanto certame?
Por que não antes a paz eterna e os pactos de núpcias
executamos nós duas? Tens o que em teu coração
pediste: Dido arde amando, lastra furor pelos ossos.
Logo rejamos a povo comum e iguais nos auspícios.

Seja a ela permitido servir a frígio marido
e em dote a ti conferir os tírios seja lícito.
A ela (dissimuladamente sentiu que falava,
visando o reino de Itália desviar às líbias costas)
Vênus avança em resposta: Quem isso, ensandecido,
recusaria ou contigo rixa prefira de guerra?
O que referes quem dera fortuna o acompanhasse,
mas não vou certa dos fados, Júpiter se quereria
uma a cidade dos tírios e a dos saídos de Tróia,
ou se aprovava a mistura dos povos ou pactuarem.
Cônjuge, à prece buscares dele a vontade te cabe.
Segue tu, sigo. Dessarte recebe-o régia Juno:
Desse trabalho me incumbo. De que modo ora se cumpra
o que insta, pouco dizendo, eu te mostro, tu atenta.
Aprontam-se ao mesmo tempo Dido misérrima e Eneias
para caçar na floresta, tão logo os lumes primeiros
Títan puser matutino e o orbe aos raios descubra.
Sobre eles eu negra nuvem misturada a saraiva,
enquanto estugam as alas e no cerco os soutos cercam,
derramarei e todo céu com trovão concitarei.
Dispersam-se os companheiros, a noite opaca os oculta;
Chegam à mesma espelunca Dido regente e o troiano.
Lá estarei e, se a vontade tua é certa comigo,
uni-los-ei em conúbio firme e lha sagro perene.
O himeneu será este. Não adversa, à encomenda
dela anui Citereia e ri-se dos dolos patentes.
Alça-se Aurora entretanto e deixa o mar oceano.
Grata do nascer do sol, sai aos portões mocidade;
portam redes e tarrafas, de férrea ponta azagaias;
vêm de Massília alfarazes, faro sadio dos sabujos.
Tarda a rainha do leito e os primazes à soleira
cartagineses esperam; de ostro e de ouro insigne,
corcel atende e mastiga, espuma feroz as rédeas.
Enfim avança, caterva amontoando-se em volta,
em manto fenício envolta, de colorido recamo,
fáretra feita de ouro e em ouro urdidos cabelos,
vestido púrpura fíbula prende de ourivesaria.
Os companheiros de Ílion bem como o ledo Iulo
aproximam-se. O mais belo, ante os demais, ele próprio

vem, se apresenta em sócio, Eneias: junta as fileiras.
Qual no inverno na Lícia, quando as correntes do Xanto
deixa Apolo e visita a ilha materna de Delos,
e instaura os coros, e a volta dos altares misturados
fremem cretenses e dríopes e os agatirsos pintados;
vai pelos cumes do Cinto e de macia folhagem
cobre a crina esvoaçante, pruma-a e amarra-a com ouro;
nos ombros dardos ressoam; ia em igual seriedade
Eneias, mesmo donaire na cara espelha-se ilustre.
Logo que os altos do monte tangem e as matas impérvias,
eis que ferozes, dispersas cabras dum cimo de penha
pelos cumes se despenham; doutra parte aparecendo,
cervos travessam correndo as planuras e as fileiras
premem-nas com a poeira da fuga e o monte abandonam.
Mas o menino Ascânio em meio vale em agreste
ginete praz-se e já estes, já aqueles deixa no páreo,
e do que frouxa manada lhe seja dado javardo
bravo a prece deseja ou desça leão flavo o monte.
  Começa o céu nesse instante a com estrondo mesclar-se
vasto e segue tempestade emaranhada a granizo;
em desarranjo os de Tiro e a juventude troiana
pelos campos e o dardânio neto de Vênus dispersos
tetos buscaram de medo; rompem torrentes dos cumes.
Chegam à mesma espelunca Dido regente e o troiano.
Primeiro Terra e Juno, das noivas auxiliadora,
dão os sinais: o fulgor no céu dos raios, o céu
cúmplice do himeneu, no cimo o uivo das Ninfas.
Foi da morte esse dia e dos males a primeira
causa. Pois pelo que vê nem pelo que ouve é movida
Dido e já não mais medita sobre o amor clandestino:
chama-o enlace, e com este nome protege sua culpa.
  Sem mora vai pelas urbes Fama maiores da Líbia,
Fama, veloz do que ela é mais nenhum outro mal.
Vigorosa em movimento, indo suas forças ajunta,
e, antes de medo miúda, nos ares logo se eleva;
palmilha o chão e a cabeça mete no meio da nuvens.
Enraivecida de fúria, Mãe Terra, contra os deuses,
dizem que a ela gerou depois de Céu e de Encélado,
gerou-a última irmã, pés céleres, asas lestas.

Monstro horrendo gigantesco, de plumas tantas no corpo
quantos por trás delas olhos miram – dizer maravilha –,
bocas quantas, quantas línguas soam: eriça as orelhas.
Voa entre e o céu e a terra da noite na sombra escura
com estridores, e os lumes no sono doce não baixa;
De dia fica de guarda na cumeeira dos tetos
ou na cimeira das torres, e as grandes urbes aterra,
firme no falso e perverso bem como núncia do vero.
Pois ela então de conversa fartava os povos diversa,
aprazendo-se, e cantava igualmente fato e fábula:
Viera, dizia, Eneias, nascido de sangue troiano,
a qual varão Dido bela por bem unir-se haveria;
ora o inverno em luxúria passam – e é longo o inverno –,
deslembrados já dos reinos, cativos de vil paixão.
A deusa feia esse caos verte na boca do povo,
e logo seus cursos dobra na direção do rei Jarbas,
e o incende com palavras e em ira ira amontoa.
  Filho do rapto de Amon de Ninfa dos Garamantes,
a Jove templos imanes, vastos nos reinos, centenas,
fez, fez centenas de altares; fogo sagrou vigilante,
tutela aos deuses eterna, e farto o solo de sangue
de reses e de coroas várias limiares floridos.
Jarbas, alma em desatino – rumor amaro o incendeia –,
ante os altares dos deuses, diz-se que, em sua presença,
muito dizia, volvendo, súplice, as palmas, à Júpiter:
Todo-poderoso Júpiter, a quem ora a maura gente,
nos leitos, findo o festim, as honras báquicas liba,
vês tudo isso? A ti, Pai, os raios quando brandes,
nós te tememos debalde? E nas nuvens cegos fogos
os ânimos apavoram e mesclam ocos troares?
Fêmea, a que, em nossos lugares vaga, urbe a preço
exígua estabeleceu, a quem nós demos arar
praia e as leis do lugar, as esponsais rechaçou
nossas e já recebeu senhor nos reinos Eneias.
E agora aquele Páris de emasculado cortejo,
– mitra meônia ao queixo presa, a fragrância da crina –
dono, a presa domina; nós a teus templos presentes
trazemos, naturalmente, e fama vã calentamos.
  De tal maneira falando, nos altares as mãos-tentes,

ouve-o o onipotente e os olhos, leva-os aos muros
do reino e aos amadores de melhor fama olvidados.
Então a Mercúrio fala e comenda tais tarefas:
Vai, filho, convoca os Zéfiros e nas tuas penas desliza
e ao comandante dardânio, que ora espera em Cartago
tíria e não considera urbes dadas pelos fados,
fala e as minhas palavras manda pelos ares céleres.
Não sua mãe esse Eneias mui bela nos prometera
nem para isso o livrara duas vezes das graias armas,
mas para haver a Itália, de impérios prenhe e de brados
de guerra, quem governasse, quem do alto sangue de Teucro
vulgasse a gente e assentasse baixo leis a todo o orbe.
Se o não anima a glória de tamanho empreendimento
nem trabalha ele mesmo em prol do próprio renome,
as cidadelas de Roma há de invejar a Ascânio?
Que ideia? À espera de quê mora entre gente inimiga?
A prole ausônia e as lavínias paragens não considera?
Eis a suma: que navegue! Esta, a minha mensagem.
  Disse, e do magno padre ao mando a que obedecera
preparava-se: e primeiro ata aos pés as sandálias
douradas, que pelos ares nas asas ou sobre os mares
ou sobre a terra tal qual com sopro lesto o carregam;
toma ora a vara: com ela almas evoca do Orco
pálidas, e manda outras Tártaros tristes abaixo;
dá, tira o sono e os olhos, depois da morte desvenda-os.
Nela fiando-se os ventos impele e nada entre as torvas
nuvens. Voando a coroa e os árduos flancos discerne
do duro Atlante, que o céu no extremo crânio sustém,
Atlante, cercado sempre de nuvens negras é cuja
testa de pinhos fecunda, surrada de vento e chuva:
neve derramada oculta os ombros e das maxilas
rios precipitam-se, hirta a hórrida barba de gelo.
Lá, o par de asas parelha, trava-o: Cilênio paira;
de lá, seu corpo inteiro precipitando, às ondas
lança-se em ave que ronda os litorais e à roda
plenas de peixe das rochas voa baixo justa às águas.
Pois era assim que voava do céu no meio e das terras
às costais líbias areias e os ventos vinha rasgando
do avô materno voltando o filho do monte Cilene.

Mal os solados as tendas tocam alados, constata
Mercúrio Eneias no ato, fundando fortes e tetos
novos fazendo. Carrega sabre, demais, estrelado
em jaspe vermelho e em capa arde de múrice tírio,
caída aos ombros, que Dido, dom, abastada lhe dera
e nela entretecera teias douradas de fios.
Direto, assaca-lhe: Tu, de Cartago sublimada
tu deitas os fundamentos? Bela cidade, em marido,
Ergues? Desmemoriado, ai, de teu rei, do que é teu!
Ele, o regente dos deuses, enviou do claro Olimpo
a mim a ti, ele, ímpar, céu, terras que fere a raios;
ordena-te ele arcares com os mandos dos ares céleres.
Que maquinas? Que esperas, vago nas terras da Líbia?
Se te não anima a glória de tamanho empreendimento
nem trabalharás tu mesmo em prol do próprio renome,
a Ascânio que se levanta, Iulo, o herdeiro que esperas,
considera, a quem de Itália o reino e a terra romana
são devidas. O Cilênio, tendo falado com tais,
deixou os olhos mortais indo o sermão pelo meio,
e ao longe no ar ligeiro dos olhos evanesceu.
  Eneias emudeceu: cara em puro desatino,
de pavor cabelos riços, voz estancada nas fauces.
Ulcera partir em fuga e deixar mavioso chão;
pasma tanta amoestação dos deuses e potestade.
Ai, que fazer? Com que lábia rainha ouse tentear
louca de amor? Que exórdio primeiro ele há de empregar?
Ora divide a alma cá ora, ligeira, lá,
e a várias partes arrasta-a e faz que a tudo revolva.
Este parecer lhe soube, quando hesitava, o melhor:
Mnesteu, Sergesto e o forte Seresto, Eneias os chama,
que a frota quietos disponham e à praia os sócios reúnam,
armas aprontem, de o rumo às coisas mudarem a causa
dissimulem; ele, mentes, porquanto Dido não saiba,
e não espere se rachem amores tão violentos,
próprio ensaiará uns acessos e o tempo de lhe dizer
as coisas mais delicadas – no que se tem que ser destro.
Lestos todos obedecem e cumprem ledos as ordens.
  Mas a rainha os dolos (pois quem ilude o amante?)
pressentiu e os movimentos já recebera futuros,

temendo tudo seguro: a mesma ímpia Fama
à louca d'amor relata armarem frota e curso.
Recrudece em desatino e cruza toda cidade
bacante acesa, excitada qual na abertura dos ritos
tíade, ouvido o grito báquico, quando a assanham
as orgias trienais e a chama e na noite clama
Citerão. Enfim de graça interpela em tais palavras
Eneias: tu esperavas, pérfido, dissimulares
tanta impiedade e deixares minha terra dizendo nada?
Nem a ti o nosso amor nem a amizade de outrora
nem esta Dido que morte cruel morrerá te detêm?
Não, antes já pela estrela invernal frota montares,
e ires-te pelo mar alto com o vento norte te apressas,
Cruel! Se, pois, não buscasses terras de outros e ignotas
casas, mas permanecesse a Troia antiga, seria
Troia com frotas buscada pelo mar de ondas coberto?
De mim tu foges? Por estas, eu te, estas lágrimas e essa
tua destra, peço, te peço, (quando a mim já nada resta,
coitada), pelo conúbio e os himeneus começados,
se por bem meu tive algo de ti, ou foi-te algo doce
meu, peço, misericórdia tem desta casa que cai
e desta, de mim, se cabe ainda pedir, esta ideia,
despe-te dela. Por ti os povos líbios e os reis
dos Númidas me odeiam, os tírios ofendidos;
por ti Pudor extinguiu-se e antes já Fama, a única
que me levava às estrelas. A quem morrendo me deixas,
hóspede? (Só o que te resta do nome teu de marido).
Por que demoro? Na espera que meu irmão me destrua
os muros, ou o rei getulo me leve capturada?
Ao menos se me tivesse sido de ti concebida
descendência antes da fuga; se me brincasse no pátio
pequeno Eneias, contigo que porém se parecesse,
decerto eu não me visse toda vencida e enjeitada.
  Disse ela. Ele aos ditames de Jove tinha parados
os olhos e, obstinado, no peito a coita premia.
Enfim diz pouco: a ti, tu que em dizer sabes mais
enumerar, eu a ti nunca negarei, rainha,
bem que fizeste nem nego a dor de lembrar de Elissa,
mentre me lembrar de mim e vida governe-me a carne.

Pouco a dizer pelo caso. Isso guardar em segredo
não esperei, tu não cismes, a fuga, nem pretendi
tochas jamais de marido ou a tratos tais tinha vindo.
A mim se me permitissem os fados levar a vida
aos meus auspícios e ao bel-prazer compor minhas coitas,
cuidava da urbe Troia primeiro e dos doces restos
dos meus; e fossem de pé de Príamo os altos tetos,
também pusera eu a braço de volta aos vencidos Pérgamo.
Mas ora Apolo Grineu manda à Itália magna:
ordenaram empenharmo-nos pela Itália as sortes lícias.
Este, o amor, esta, a pátria. Cidadelas de Cartago
se a ti, fenícia, e o aspecto da urbe líbia detêm-te,
há de haver de os Teucros habitar a terra Ausônia
alguma inveja? Ora, reinos querer estranhos nos cabe.
Meu pai Anquises, o orvalho quando da sombra da noite
recobre as terras, e o fogo dos astros sempre que surge,
amoesta-me sua imagem no sono e torva me aterra,
e Ascânio me amoesta, meu filho, e o mal que lhe causo,
a quem eu do reino fraudo de Hespéria, os campos do fado.
Já o dos deuses intérprete, enviado do próprio Júpiter
(por nossas vidas eu juro) mandos pelos ares céleres
trouxe-mos: vi-o eu mesmo ao deus, diáfano dia,
entrar os muros e ouvi sua voz com estas orelhas.
Deixa de atear fogo a mim e ti com querelas:
Não livre busco a Itália.
  A quem falava há muito de costas, encara-o agora,
cá volvendo e lá os olhos, e a ele todo mesura,
mira-o com olhos mudos e acesa se manifesta:
Nem tua diva genetriz nem o autor da raça, Dárdano,
mas em duras pedras, pérfido, gerou-te o hórrido Cáucaso,
e te ofertaram hircânias os úberes as tigresas.
Pois que disfarço ou a que casos maiores eu me resguardo?
Por nosso pranto um gemido? Uma inflexão do olhar?
Verteu lágrimas vencido, doeu-se por mim por amar?
Antes de quê que aponto? Ora nem máxima Juno
nem a isso o pai Satúrnio assistem com olhos puros.
A fé é segura nenhures. Surto da praia, carente
acolhi-o e, demente, em parte do reino loquei-o;
rasa frota, os companheiros, da morte reconduzi-os

(ai, as Fúrias já me atiçam!): agora o áugur Apolo,
as sortes lícias agora e quem despacha o próprio Jove,
divino intérprete, trazem do céu mandados atrozes.
Esta a labuta dos deuses, esta a cuita aos que em paz
turba. Não te prendo mais nem o que dizes refuto:
vai, Itália nos ventos busca, reinos persegue nas vagas.
Espero mesmo tragares, se tem pode numes pios,
em meio a abrolhos suplícios e pelo nome de Dido
muito clamares. Ausente, seguirei eu para os negros
fogos e, a morte fria corpo e alma quando separe,
serei eu sombra andarilha, e tu, perverso, penares.
Ouvirei: tua fama a mim, baixo os Manes infernais,
virá. E rompe com tais sermão pelo meio e foge,
débil, à luz, e dos olhos dele afasta-se e retira-se,
deixa a quem muito vacila de medo e muito a dizer
prepara. As servas sustêm-na, e os membros seus descaídos
levam ao mármore tálamo e depõem-nos nos estrados.
  Pio Eneias, malgrado deseje a dor que ela sente
consolar, algo dizendo que dela as coitas afaste,
muito gemendo e abalado n'alma deste amor enorme,
dos deuses porém as ordens toca, e torna a ver a frota.
Já pois se empenham os de Troia e de todo litoral
empurram as naves altas. Untada nada carena,
trazem inda em folhas remos e das selvas bancos robles
inacabados do esforço de fuga.
Migrando de toda urbe, e à pressa, os avistarias:
tal como quando as formigas rima enorme de trigo
pilham do inverno lembradas e para abrigo armazenam,
na planura massa negra vai e o botim pela relva
carregam por senda estreita; parte trazem, aprumadas,
grãos enormes nas espaldas, parte vai na retaguarda,
castigando as retardadas: faina toda pedra ferve.
Que sentimento o teu, Dido, que a cena tal assistias?
ou davas tu que gemidos, a praia ferver à larga
quando do alto baluarte miravas e misturar-se
todo ante os teus olhos vias o mar com tantos clamores?
A que não, ímprobo Amor, forças mortais corações!
às lágrimas ir de novo, a prece tentar de novo
ela é forçada e ao amor, súplice, render os ânimos,

não deixe, a morrer em vão, nada inexperimentado.
  Ana, vês de toda praia a volta que se azafamam,
de toda parte que arribam; os panos ventos convocam,
e nas popas ledos nautas depositaram coroas.
Se pude eu esta dor, mana, esperar tamanha,
hei também de suportá-la. Uma só, mísera a mim,
coisa executa, porém, Ana; pois aquele pérfido
que a ti respeito e confio meus arcanos sentimentos
sabe e tu sabes os tempos e os dele sutis acessos.
Vai, irmã, vai e ao soberbo, súplice, hóspede fala:
eu não junto com os dânaos destruir a gente troia
em Áulide não jurei ou dei a Pérgamo frota,
e a cinza de padre Anquises ou os manes violei;
por que nos duros ouvidos dar com o que digo se nega?
Aonde estuga? Este extremo dom dê à mísera amante:
espere a fuga ser fácil, ventos haver de o levarem.
Eu já não peço o enlace que ele traiu precedente,
nem que careça do lindo Lácio e o reino abandone:
um tempo livre, um repouso, peço, uma trégua à loucura,
enquanto minha fortuna me ensine a dor de vencida.
Peço esta última vênia (Ana, da irmã tu apieda-te);
vênia essa, me concedendo, morta, pagarei em dobro.
  Com tais palavras implora e amargurada traz prantos
Ana e os leva embora, mas ele, quais prantos fossem,
não se demove nem ouve dócil a quaisquer palavras;
fados empecem, serenos, dele deus tapa os ouvidos.
E como a carvalho rijo de lenho já ancestral
bóreas vindos dos Alpes de cá e lá com rajadas
batem-se pra derribada –- vem um estrondo, a terra
as copas altas consternam, o tronco quando estremece;
preso segue ao chão de pedra e quanto o ar o coroa
celestial tanto ao Tártaro alastram-se suas raízes:
falas não menos assíduas de lá e cá o guerreiro
fustigam; sente no peito vasto deveras as dores,
mas resta a mente imota, as lágrimas correm vácuas.
  Eis que Dido desgraçada, dos fados apavorada,
pede a morte; contemplar o céu convexo repugna.
A que mais o encetado acabe e a vida abandone,
viu, quando punha os dons nos altares incensados,

– dizer aterra – os sacros licores enegrecer-se
e os vinhos versos verter-se em cruor de sangue nefasto;
o que por ninguém foi visto nem à própria irmã o disse.
Além disso, no palácio, um templo havia de mármore,
de que cuidava com rara honra, ao antigo marido,
de velocinos vestido níveos e coroa sacra:
ouvir dali suas palavras, sua voz que chamava
foi vista, quando tomava as terras a noite escura,
e solitária coruja num cume em carme feral
muito a queixar-se e a arrastar em lamento longos gritos;
e pelos vates antigos muitas coisas mais preditas
apavoram de avisos. Turba nos sonhos a louca
o próprio Eneias, feroz, e, sempre abandonada,
sempre desacompanhada, só a si mesma se vê,
longa via a percorrer, a buscar em terra rasa
os tírios; como massa vê Penteu louco de Fúrias
e sol gêmeo, Tebas duas a si se apresentarem,
ou, agitado no palco, Orestes de Agamêmnon
armada de tochas vê a mãe, e de serpentes atras,
quando foge, lá sentadas à soleira as Vingadoras.
  Logo, vencida da dor, as fúrias quando divisa e
morrer decreta, consigo trata de tempo e modo
ela própria, e aproximando-se da irmã apreensiva,
nos olhos cala alvedrio, esperança com os sobrolhos:
Encontrei, mana, um atalho (por tua mana tu folga!)
que a ele me leve de volta ou do amor dele me livre.
Lá já bem perto do fim do Oceano, o sol cadente,
é o confim dos abissínios, onde Atlante imenso
nos ombros gira o eixo atado a ardentes estrelas;
de lá da gente Massília a predita sacerdote
veio-me, guardiã do horto das Hespérides, quem dava
ao dragão pasto e guardava na árvore os sacros ramos;
Úmido mel espalhando e papoula soporífera,
promete ela com feitiços libertar os corações
que queira, mas duras coitas no entanto infundir noutros,
e aos rios conter o fluxo e retroceder os astros,
e aciona da noite as sombras: Mugir verás sob os pés
teus a terra e a descer dos montes os altos freixos.
Obtesto a ti a aos deuses, ó cara irmã, e à vida

tua, eu contrariada armo-me das artes mágicas.
Tu em segredo uma pira debaixo do céu do pátio
ergue e a que deixou ao tálamo atada, arma de varão,
o ímpio e toda indumentária mais o leito conjugal
em que acabei, tudo empilhes; do nefando abolir
toda a lembrança aproveita, a sacerdote é o que indica.
Dito isso, ela silencia, apaga a cor palidez.
No entanto que em rituais novos a irmã funerais
trama não crê nem concebe Ana desvarios tais
ou teme algo mais sério do que à morte de Siqueu;
e apresta o que prescreveu.
Mas a rainha, erigida, no saguão, a céu aberto,
pira ingente de pinheiros e da segada de robles,
roda de ramos de flores o lugar e o coroa
com coroa mortuária; arma espada abandonada
indumentária e o retrato, não sem saber que será,
depõe no toro. Altares circundam, cabelos soltos,
pela boca deuses centos troa a sacerdote, Érebo,
Caos e a tríplice Hécate, as três faces de Diana.
Águas espargira ainda averna à fonte imitadas,
e da ceifa enluarada a foices de bronze buscadas
são novas seivosas ervas de negro fel venenoso;
busca-se ainda o amor arrancado quando nasce,
de potro à mãe tirado.
Ela mesma com a moagem e pias mãos aos altares,
um pé descalço das tiras, o vestido em desenlace,
obtesta – morrerá, sabe – os deuses e os astros cônscios
do fado; então, se tem conta de amantes desencontrados
nume algum bom, lembradiço, ela reza a este nume.
Já era noite e dispunham os corpos de sossegado
sono pelas terras lassos, e as selvas e mares sevos,
serenados, as estrelas que é quando giram a meio
curso, todo campo quando cala, e a grei e as aves,
que o lago mais cristalino, que o prado de áspera moita
habitam, adormecidas sob o silêncio da noite.
Mas a fenícia não... Alma infeliz, ela não[1]
cai no sono e não aceita nos olhos seus, no seu peito
a noite: e as coitas duplicam-se e, de novo ressurgindo,

[1] Mynors considera o verso 528 espúrio e o inclui nas notas, mantendo, porém, a numeração tradicional. (n.t.)

amor agrava-se e paira em grande caldo de iras.
Assim insiste e consigo assim no peito revolve:
Ai, mas que faço? De novo, escarnecida, os de antes
devo tentar pretendentes? Pedir súplice os conúbios
dos Númidas, os maridos que tanta vez desdenhei?
Frotas de Ílion seguir e últimas ordens aos Teucros,
devo? Quiçá porque prezam ter-lhes prestado socorro
e, bem lembrados, favor fica-lhes do antigo feito?
Quem me, supõe que o queira, toleraria e, soberbas
nas naus me receberia? Tu não sabes, ai, perdida!
nem os perjúrios atinas da gente Laomendôntea?
Acompanho só, então, na fuga ufanos marujos?
Ou rodeada de tírios e de toda minha escolta
compareço e da Sidônia urbe os quais mal desraiguei
nova agito pelos mares e ordeno-lhes vela aos ventos?
Não, morre, tu mereceste, afasta a dor com a espada!
tu, vencida pelas lágrimas, mana, primeiro esta louca
oneraste destas dores, me expuseste ao inimigo.
Não, não me foi permitido, de enlace livre, sem crime
tal fera levar a vida, não me meter em tais coitas;
não guardei fé a Siqueu, prometida às suas cinzas.
  Tantas as queixas que Dido contra o peito rebentava,
enquanto na popa alçada, Eneias, certo que ia,
aproveitava dormir, pronto já todo o devido.
A ele o vulto divino, voltando no mesmo rosto,
apresentou-se no sono e novo assim moestou-o,
em tudo, a voz e a cor, a Mercúrio semelhante,
crina flava e o elegante viço de todos os membros:
Podes, ó filho da deusa, dar-te nesta conjuntura
ao sono, nem os apuros vês a tua volta a esperar-te,
louco! nem ouves soprar os Zéfiros favoráveis?
Ela dolos e desgraça volve no peito nefasta;
certa de morrer, de iras mui vários caldos concita.
Daqui não corres em fuga, tendo nas mãos te apressares?
Verás o mar perturbar-se já com mastros e com tochas
luzir furiosas, já a costa ferver em chamas inteira,
demorando nesta terra se atingir-te Aurora.
Eia, vai, talha a demora. Mulher é ser que varia
e muda sempre. Dizia e mesclou-se na noite escura.

A aparição da figura de sombras súbita o assusta,
e o sono ele ao corpo susta, ocupando os companheiros:
Varões, despertai ligeiros! Aos bancos, tomai os remos!
Céleres soltai os panos. Deus mandado do alto éter
eis que uma vez mais se apresse a fuga instiga e os cabos
torcidos ceifem-se. Santo dos deuses, nós te seguimos,
quem fores, e obedecemos vez mais ao teu mando álacres.
Que compareças e ampares e pelo céu mandes astros,
plácido deus, favoráveis. Disse e sacou da bainha
a arma espada fulmínea e deu com o fio nas amarras.
Ardor igual avassala todos: rebentam e irrompem;
deixaram os litorais: da armada abaixo se esconde
o mar, recurvos escumas torcem e varrem o azul.
E já a terra de luz nova inundava, primeira,
deixando o leito, Aurora, de Titono açafrão.
Quando a rainha através do espelho vê despontar
lume primeiro e avançar a frota, velas a prumo,
e praia e portos assume todos vazios, sem remeiros,
três, quatro vezes batendo a mão no colo mui belo,
castanhos-claros cabelos carpindo, grita: Por Júpiter,
vai-se daqui este exótico e ultrajará meu poder?
Armas não vão expedir, persegui-los da urbe inteira,
nem outros nos estaleiros talhar batéis? Eia, ide,
com as chamas, rápido, vinde, dardos tirai, dai os remos!
Que digo eu, onde estou? Que insânia vira o juízo?
Dido infeliz, feitos ímpios tocam-te agora? Convinha
antes, quando tu cedias o cetro. A destra e a fé
eis pois de quem, dizem, leva consigo os pátrios penates,
de quem carregou nos ombros pai desgastado da idade!
Não pude o corpo talhar, depois de o arrebatar,
e nas ondas o espalhar? Aos sócios, a Ascânio mesmo,
matar a ferro e em banquete servir à mesa paterna?
Mas fora dúbia fortuna ao combate... e que fosse!
A quem, ciente da morte, temi? Pois trazia tochas
à frota e enchia de chamas conveses e pai e filho
com toda raça extinguia e aí lançava-me eu mesma!
Sol, que as obras terrenas todas a chama alumias,
tu, que cônscia intermedeias estas coitas minhas, Juno,
Lua dos trívios noturnos, uivada pelas cidades,

Ultrizes, vós e as deidades desta que perece, Elissa,
ouvidos dai e aos males dai o nume que merecem,
escutai as nossas preces. Que arribe a portos e nade
à terra se é necessário a cabeça abominável
e assim exige a palavra de Jove, cá põe-se o termo:
Mas abalado da guerra e armas de povo aguerrido,
êxule dos seus limites, além do abraço de Iulo,
que implore auxílio e dos seus assista aos sepultamentos
indignos; e, quando aos termos se entregar de paz iníqua
não lhe aproveite o domínio bem como a vida escolhida,
mas caia antes do dia e seja enterrado na areia.
Isso peço, voz extrema esta com sangue derramo.
Então vós a todo ramo venturo do gênero, ó tírios,
afadigai-os de ódios e às minhas cinzas as novas
mandai em dons. Entre os povos nem amor nem alianças
há de haver. Que tu renasças de meus ossos vingador,
que no encalço a ferro e fogo vá dos colonos dardânios,
ora, então, em que se ganhem forças em tempo qualquer.
Costas a costas adversas, às nossas ondas suas vagas
impreco, armas a armas; lutem agora e os herdeiros.
A alma, isso dizendo, desgovernada arrastava,
no anelo de antes de mais romper da vida a desdita.
Então lacônica disse a Barce, ama do marido,
pois negro chão já cobria a sua na pátria ancestral:
Ama cara, Ana me traz, anda cá com minha irmã;
Diz-lhe que com água de rio rápido o corpo me asperja
e traga consigo grei e à expiação o prescrito.
Venha destarte e com fita pia tu cobre tua testa.
Os ritos à Jove Estígio, que tenho bem começados,
tenho a intenção de acabá-los e às minhas coitas dar fim
e da cabeça dardânia entregar ao fogo a pira.
Isso diz-lhe, que dobrava o passo envelhecido.
Mas trêmula e enfurecida da desmesura que empreende,
olhar de sangue volvendo, nas faces trêmulas manchas
infusas, lívida e branca, Dido, da morte vindoura,
nas partes interiores do paço irrompe e ao cimo
em fúria ascende da pira e a espada desembainha
dardânia, dom que ela quis não para tais desempenhos.
Depois de os indumentos troianos e de o noto leito

contemplar, morar um pouco no pranto e no pensamento,
deita-se nele e profere as palavras decisivas:
Doces despojos, destino e deus dado concederem,
esta alma, recebei-a e livrai-me destas dores.
Vivi e o curso que dera Fortuna, eu percorri,
e grande imagem de mim ora desce sob a terra:
institui urbe célebre, contemplei minhas muralhas;
de meu marido vingada, puni o irmão inimigo.
Feliz, por demais feliz, apenas se os litorais
nossos dardânios jamais cascos tivessem tocado.
Disse e, cara contra o leito: Sem vingar-nos morreremos?
Mas, diz, morramos! Assim? Praz assim descer às sombras.
Dárdano nos olhos sorva cruéis do mar alto este fogo
e consigo os maus agouros carregue de nossa morte.
Havia dito, entretanto, vê-a, no meio de tudo,
caindo de encontro ao gume sua comitiva e na espada
sangue espumando e manchadas as mãos. Clamor às alturas
do átrio vai; pela urbe, abalada baca Fama.
Com lamentos e gemido e o ululato das fêmeas
fremem tetos, céu ressoa com os maiores plangeres,
tal como se, com inimigos a invadindo, ruísse
toda Cartago ou Tiro antiga e chamas furiosas
rolassem pelas moradas dos homens e divindades.
Ouviu pasma e, apavorada correndo trêmula, a cara
desfigurando a unhada e o colo a murro, irrompe
a irmã entre os presentes e chama o nome à que expira:
Mana, era isto que era? Para dolo me querias?
Fogos, aras, essa pira, isto é o que me preparavam?
Deixada, de que me queixe primeiro? Tua companheira
na morte me desprezaste? Dera chamara-me aos mesmos
fados, levaram a mesma dor e hora ambas à espada.
Estas mãos junto a ergueram e alto invocou pátrios deuses
esta voz e, cruel, eu, longe de ti posta assim?
Extinguiste a ti e a mim, irmã, e ao povo e aos padres
tírios e à tua cidade. À água dai as feridas,
eu lavo e, inda se por cima erra sopro derradeiro,
colho na boca. Dizendo, montara altas passadas
e a irmã mortiça no seio abraçando acalentava
com gemidos e estancava o sangue negro nas vestes.

Tentando erguer uma vez mais ela os olhos pesados,
desmaia. Dentro cravada, a chaga guincha no peito.
Três vezes tenta soerguer-se e o faz sobre o cotovelo;
gira três vezes no leito e com olhar vagabundo
no alto do céu busca luz e, quando a encontra, gemeu.
Juno eis que, onipotente, da longa dor condoeu-se,
dos difíceis passamentos, e pois do Olimpo despacha
Íris, que o corpo soltasse daquela alma relutante.
Pois que de morte fadada não morria ou merecida,
mas mísera, antes do dia e louca súbita acesa,
não lhe roubara Prosérpina ao crânio cacho castanho
da crina e não lhe danara a cabeça ao Orco Estígio.
Íris, então, orvalhada, com as penas cor de açafrão,
arrastando contra o sol mil várias cores, no céu
voa e sobre a cabeça paira dela: O sacrifício
a mando levo a Dite e solvo-te desse corpo.
Diz assim e um cacho corta com a destra e, de uma só vez,
todo calor esvaiu-se: partiu-se a vida nos ventos.

contos

(n.t.)|Humberstone

VERRUGAS

NANKICHI NIIMI

O TEXTO: O conto *Verrugas* (疣) compõe a coletânea de fábulas *O pé de camélia no qual um boi foi amarrado* (牛をつないだ椿の木), publicada postumamente em 1943. Dois irmãos, Matsukichi e Sugisaku, moram em um pequeno vilarejo nas montanhas e recebem a visita do primo Katsumi, que cresceu na cidade, durante as férias de verão. Trata-se de uma fábula sobre amizade, decepções e amadurecimento.

Texto traduzido: 新美南吉. 疣. In:「日本児童文学大系 第二八巻」. ほるぷ出版, 1978.

O AUTOR: Conhecido como o Christian Andersen do Japão, Nankichi Niimi teve uma vida curta. Nasceu em 1913, na província de Aichi, e morreu de tuberculose em 1943, aos 29 anos. Apesar de não ter deixado uma bibliografia extensa, ele revela seu talento literário ao descrever episódios simples que nos convidam a refletir sobre o ser humano.

A TRADUTORA: Karen Kazue Kawana é mestre e doutora em Filosofia pela Unicamp e mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Para a (n.t.) traduziu Osamu Dazai.

疣

「 違ふよ。俺には二つも疣があるぞ。」

新美南吉

一

兄さんの松吉と、弟の杉作と、年も一つ違ひでしたが、たいへんよく似てゐました。おでこの頭が顔の割に大きく、笑ふと、ひたひに猿のやうにしわがよるところ、走るとき両方の手を開いてしまふところも同じでした。

「二人、ちつとも違はないね。」

とよく人がいひました。さうすると、兄さんの松吉が、口をとがらして、虫くひ歯のかけたところから唾を吹きとばしながら、いふのでした。

「違ふよ。俺には二つも疣があるぞ。杉にや一つもなしだ。」

さういつて、右手の骨ばつた握りこぶしを出して見せました。見ると、なるほど、拇指と人差指の境のところに、一センチくらゐはなれて、小さい疣が二つありました。

この兄弟の家へ、町から、いとこの克巳が遊びに来たのは、去年の夏休みのことでした。克巳は、松吉と同い年の、国民初等科五年生でした。

克巳は五年生でも、体は小さく、四年生の杉作とならんでも、まだ五センチぐらゐ低かつたが、こせこせとよく動きまはる子で、松吉、杉作の家へ来るとぢき、廿日鼠といふあだなをつけられてしまひました。

松吉、杉作の家の裏手には、二抱へもある肉桂の大木がありました。その木の皮を石で叩きつぶすと、いい匂がしたので、大人たちが、ひるねをしてゐるひるさがりなど、三人で、まるで啄木鳥のやうに、木の幹をコツコツと叩いてゐたりしました。

また、あるときは、お祖父さんの耳の中に、毛が生えてゐることを克巳が見つけて、

「わはア、おぢいさんの耳、毛がはえてゐる。」

と、はやしたてたことがありました。松吉、杉作は、もうずつとまへからそんなことは知つてゐました。が、あまり克巳が面白さうにはやしたてるので、いつしよになつて、これも、

「わはい、おぢいさんの耳、毛が生えてゐる。」

と、はやしたてたものでした。するとお祖父さんが、松吉、杉作をにらみつけて、「何だ、きさまたちや。おぢいさんの耳に毛の生えとることくれえ、毎日見てよく知つてけつかるくせに。」と叱りとばしました。そんなこともありました。

克巳は、からうすをめづらしがつて、米をつかせてくれとせがみました。しかし、二十ばかり足を踏むと、もういやになつて、下りてしまひましたので、あとは、松吉と杉作がしなければなりませんでした。

あしたは克巳が町に帰るといふ日のひるさがりには、三人で盥をかついで裏山の絹池にいきました。絹池は大きいといふほどの池ではありませんが、底知れず深いのと、水が澄んでゐて冷いのと、村から遠いのとで、村の子供達も遊びにいかない池でした。三人はその池を盥にすがつて、南から北に横切らうといふのでした。三人は南の堤防にたどりついて見ますと、東、北、西の三方を山でかこまれた池は、それらの山とまつ白な雲をうかべてゐるばかりで、あたりには人のけはひがまるでありません。三人はもう、すこしぶきみにかんじました、しかしせつかく、こゝまで盥をかついで来て水にはいりもせず帰つては、あまり意気地のないはなしではありませんか。三人は勇気を出して裸になりました。そして土堤の下の葦の中へ、おそるおそる盥をおろしてやりました。盥がばちやんといひました。その音があたりの山一めんに聞えたらうと思はれるほど、大きな音に聞えました。盥のところから波の輪がひろがつていきました。見てゐると、池のいちばん向かふのはしまで、ひろがつていつて、そこの小松の影がゆらりゆらりとゆれました。三人は少し元気が出て来ました。

「はいるぞ。」

と松吉がうしろを見ていひました。

「うん。」

と克巳がうなづきました。

三人の裸ん坊は、ずぼりずぼりと水の中にすべりこみ、盥のふちにつかまりました。そして、うふふふふ、とおたがひに顔を見合はせて笑ひました。をかしいので笑つたのか、あまり冷たかつたので笑つたのか、自分達にもよくわかりませんでした。

もう、かうなつては、ぢつとしてゐるわけにはいきません。三人は足をうごかしました。はじめのうちは調子が揃はないので、一つところであばれてゐるばかりで

した。が、そのうちに、三人は同じ方へ水を蹴りました。盥は少しづつ、池の中心にむかつてすゝみはじめました。

長い時間がたちました。

三人はへとへとになりました。もう、足を動かすのが嫌になりました。さて、三人はどこまで来たのでせう。自分達の位置を見て、三人はびつくりしました。いま、ちやうど池のまん中にゐるではありませんか？

まはりの山で蝉は鳴きたててゐます。気ばかりあせります。しかし体はもう動きません。

「もう、俺、泳げん。」

と、弟の杉作が泣き出すまへの笑ひ顔でいひました。

松吉も泣きたい気持ちでした。黙つて眼をつむりました。

「僕も、もう駄目や。」

と克巳もいひました。

松吉は眼をひらくと、きつぱり、

「もどらう、そろそろいかう。」

といひました。

そして盥を、逆の方向にぐいとひとつ押しました。

杉作も克巳も黙つてゐました。しかし松吉についていくより、しかたがありませんでした。つかれきつた二人の顔に、かすかにわきあがる力の色が見えました。

盥は動いていくやうには思へませんでした。いつまでたつても、もとの土堤に帰りつくことはできないやうに見えました。

三人は、ときどき、ちつとも近くならない土堤の方に、ちらつちらつと、絶望したやうな眼を投げました。

そのとき、松吉の口をついて、

「よいとまアけ。」

といふ、かけ声がとび出しました。

よいとまけ——それは、田舎の人達が、家を建てる前、地かためをするとき、重い大きい槌を上げ下ろしするのに力をあはせるため、声をあはせてとなへる音頭です。それは田舎の言葉です。町の子供である克巳にきかれるのは、恥かしい言葉です。しかし、いまは、松吉は恥かしくも何ともありません。必死でした。

「よいとまアけ。」

と、水を蹴つて、また松吉はいひました。

すると弟の杉作が泣き声で、

「よいとまアけ。」

と応じました。杉作も必死でした。

「よいとまアけ。」

松吉は声をはりあげました。

するとこんどは、杉作ばかりでなく、克巳までがいつしよに、

「よいとまアけ。」

と応じました。

克巳もまた必死だつたのです。

三人とも必死でした。必死である人間の気持ほど、しつくり結びあふものはありません。

松吉は自分達三人の気持が、一つのこぶしの形にしつかり、にぎりかためられたやうに感じました。さうすると、今までの百倍もの力がぐんぐんと湧いて来ました。

「よいとまアけ。」

と松吉。

「よいとまアけ。」

と杉作と克巳。

きふに盥が速くなつたやうに思はれました。もう土堤はすぐそこでした。そら、もう、葦の一本が盥にさはりました。

克巳は、田舎の松吉、杉作の家に十日ばかりゐたのですが、最後のこの日ほど、三人が心の中で仲好しになつたことはありませんでした。

池から家へ帰つて来ると、三人は心もからだも、くたくたに疲れてしまつたので、藤棚の下の縁台に、お腹をぺこんとへこませて腰かけてゐました。

そのとき克巳は、松吉の右手をなでてゐましたが、

「疣つて、どうするとできる？ 僕も、ほしいな。」

と笑ひながらいひました。

「一つあげよか。」

と松吉はいひました。

「くれる？」

と克巳はびつくりして眼を大きくしました。

松吉は家の中から箸を一本もつて来ました。

「どこへほしい？」

「ここや。」

克巳は信じないもののやうに、くつくつ笑ひながら、左の二の腕を、植疱瘡してもらふときのやうに出しました。

松吉の右手の一つの疣と、克巳の腕とに箸がわたされました。

松吉は大まじめな顔をしました。そして天の方を見ながら、

「疣、疣、渡れ。」

「疣、疣、渡れ。」

と、よく意味のわかる咒文をとなへました。

その翌日、町の子の克巳は、茄子や胡瓜や西瓜を、どつさりおみやげにもらつて、町の家に帰つていつたのでした。

二

牛部屋のかげで、山茶花が白く咲くころに、松吉、杉作のうちでは、あんころ餅をつくりました。農揚げといつて、この秋のとり入れとお米ごしらへがすつかり終つたお祝ひに、どこの百姓家でもさうするのです。

松吉と杉作が、土曜の午後に、学校から帰つて来ると、そのお餅を、町の克巳の家に配つて行くことになりました。これはもう昨日、お餅をつくつてゐるときから、二人がお母さんにたのんで固く約束しておいたことです。

何故なら、このことには二つのよいことがありました。——一つは、夏休みに、仲好しになつたいとこの克巳にあへるといふこと、もう一つは、あまり、はつきりいひたくないのですが、お駄賃をもらへることです。そしてまた、町のをぢさんをばさんは、田舎の人のやうにお銭のことではケチケチしません。いつも五十銭くらゐお駄賃をくれたのです。

お母さんが、お餅のはいつた重箱を風呂敷につゝんでゐるとき、松吉は、

「ねえ、おつかさん、電車にのつてつてもええかん？」

と鼻にかゝる声でねだりました。

「何や？　電車や？　あんな近いとこまで歩いていけんやうなもんなら、もう頼まんで、やめておいてくよや。おとつあんに自転車で一走りいつて来てもらやすむことだで。」

「うふん。」

と松吉は鼻を鳴らしました。しかし、帰りは、もらつたお駄賃で電車に乗ることができると思つて、わづかに心をなぐさめました。

松吉と杉作は、帽子をかむらないで家を出ました。帽子をかむつて町へいくと、町の子供が徽章を見て、松吉、杉作が田舎から来たことをさとるに違ひありません。それが二人はいやだつたのです。

二人が八幡さまの石鳥居の前を通りかゝると、そこで、独楽を持つて、ひとりでしよぼんとしてゐたけん坊が、

「杉、どこへ行くで、遊ぼかよ。」

と声をかけました。

杉作は、

「俺達、町へ行くだもん。」

といひました。そして二人は新しい幸福にむかつて進んでいく人のやうに、わきめもふらないですぎていきました。

けん坊ははねとばされた仔猫のやうな顔をして二人を見送つてゐました。

村を出てしまつた頃に、松吉は、じぶんの右手が痛んでゐることに気がつきました。見ると、重箱が右手に持たれてゐるのでした。

ちやうどうまいぐあひに、一メートルくらゐの竹切れがみちばたに落ちてゐました。二人はその竹を風呂敷の結び目の下に通して、二人で提げていくことにしました。弟の杉作が先になり、兄の松吉があとになりました。かうして二人で持てば重箱はたいそう軽いのでした。うまいぐあひでした。

二人はしばらく黙つて行きました。松吉はぼんやりと考へはじめました——五十銭くれると。五十銭もくれるだらうか。でもをばさんは去年もその前も五十銭くれたから、ことしだつてくれるだらう。五十銭くれると。それで何を買はうか。模型飛行機の材料——あの米屋の東一君が持つてゐるやうなのはいくらするだらう。五十銭では買へないかなア。それとも雑誌を買はうかなア。弟は何がいいといふか知らん……

松吉のとりとめのない夢は、とつぜん、

「どかアん！」

といふ、とてつもない音で、ぶち破られました。松吉は胆をつぶして、あやふく、持つてゐた竹をはなしてしまふところでした。

そんな声を出したのは、すぐまへを歩いてゐる弟の杉作でした。杉作であることがわかると、松吉は腹が立つて来ました。

「何だア、あんな馬鹿みてな声を出して。」

すると杉作は、うしろも見ないでかういふのでした。「あ、この木のてつぺんに、とんびがとまつたもんだん、大砲を一発うつたゞげや。」

それでは、しかたがありません。

また、しばらく二人は黙つていきました。

また松吉は考へはじめました——克巳は今日、うちにゐるだらうか。俺達の顔を見たらどんなに喜ぶだらう。疣はうまく腕についたらうか。俺の疣は一つ消えてしまつたけど。

松吉は、じぶんの右手をそつと見ました。

三

町にはいると、二人は、じぶんたちが、きふにみすぼらしくなつてしまつたやうに思へました。

これでは帽子の徽章を見なくても、山家から出て来たことはわかるでせう。第一、町の人は、こんなふうに、魂をぬかれたやうに、きよろんきよろんとあたりを見てゐたり、荷馬車にぶつかりさうになつてどなりつけられたりはしません。ところが、この、きよろんきよろんが二人ともやめられないのでした。

二人は、心の中では一つの不安を感じてゐました。それは町の子供につかまつて、いじめられやしないか、といふことでした。だから二人は心をはりつめ、びくびくし、なるべく、子供のゐないやうなところを選んでいきました。

同盟書林といふ大きい本屋の前を通りすぎて、少しいつてから、東へはいるせまい露路中に克巳の家はありました。そこで、同盟書林をすぎると二人は、首を鵜鳥のやうにのばして、どんな細い露路ものぞきこみました。路もない、たゞ家と家の間になつてゐるところまでのぞきこみました。

そのうちに、杉作が、

「あツ、こゝだ。」

と、落した財布でも見つけたやうに叫びました。なるほどその小路の中程に、紅と白のねぢ飴の形をした床屋の看板が見えました——克巳の家は床屋さんでした。

二人は、幸運のしつぽを、たしかに掴んだ人のやうに、あわてずに、すゝんでいきました。竹切れはぬいてすてました。重箱は松吉が持ちました。松吉は口の中で、向かふで言ふやうに、お母さんから教へられて来たことを復習しました。

店の前までくると、入口の擦硝子の大戸の前には、冬の午後の、かじかんだ日ざしをうけて、一つ一つの葉の先に、刺のある蘭の小さい鉢が二つおいてありました。蘭の根もとには卵の殻が伏せてあつて、それに道の埃がつもつて、うそ寒いやうに見えました。しかし店の中は、擦硝子で、よくは見えませんが、温かさうな湯気が立つてゐます。そこには、優しいをばさん、をぢさん、懐しい克巳がゐるのです。

重い硝子戸をあけて中にはいりますと、をぢさんがひとり、畳のしいてあるところに、仰向けにひつくりかへつて、新聞を読んでゐました。こちらの方では、丸い銀の頭をぴかぴかに磨きあげられたタオル蒸しが、ひとりで、ジユーン、ジユーンと湯気をふいてゐました。

をぢさんは新聞を読みながら、うとうとしてゐたらしく、しばらく、そのままでゐましたが、やがて、人のけはひに驚いて、ガバツと新聞をはねのけ、起き上りました。それを見て二人はびつくりしました。をぢさんではなかつたのです。

それは二人の村の、鍛冶屋の三男の小平さんでした。小平さんはその前の年の春頃、学校を卒業しました。さういへば、いつか、小平さんが町の床屋さんへ小僧に行つた、といふことをきいたやうな気もします。

二人は、つくづくと小平さんの顔と姿をうちながめました。

小平さんは何となく大人くさくなりました。色が白くなり、あごのあたりが肥えて来たやうでした。頭も、床屋に来たからでせうが、四角なかつかうにきれいに刈りこんでゐます。もとから、あまり口をきかないで、眼を細くしてにこにこしてゐました。そのくせ、人のうしろから、よくいたづらをしました。いちど松吉は耳の中へ小豆を入れられてこまつたことがありました。あゝいふことを、小平さんはいまでも覚えてるかしらん、忘れてしまつたかしらん——ともかくいまも小平さんは、白いうはつぱりのポケツトに両手を入れて、二人を見ながら、にこにこしてゐます。

小平さんは、今日は親方も、おかみさんも、金光教の何とやらへ行つてゐない、克巳ちやんもまだ学校から帰つて来ない、といひました。

二人は、ちよつと失望しました。

「だが、まだ三時だから、もうちよつと待つてをれよ、そのうちにおかみさんが帰つておいでるかも知れんに。」

と小平さんがいひました。

そこでまた希望がわきました。二人はあがりはなに、目白押しにならんで、腰をかけました。

小平さんは、ともかく、お餅をいたゞいておかうといつて、奥へはいつていき、カタンコトンと音をさせてゐましたが、やがて、空の重箱をまた風呂敷に包んで出て来ました。松吉はそれをうけとつて、膝の横に置きました。

あれから、五分たちました。まだをばさんは帰つて来ません。をぢさんも克巳も帰つて来ません。松吉、杉作はいつしよに、小さいため息をつきました。

小平さんは二人の頭を見てゐましたが、

「だいぶ、のびとるな。一つ、駄賃の代りに刈つてやろか。」

といひました。

二人は顔を見合はせて、クスリと笑ひました。

松吉も杉作も、生れてからまだいちども、床屋で髪を刈つてもらつたことはありませんでした。いつも二人の髪を刈つたのは、お父さんかお母さんの手に握られたバリカンでした。そのバリカンはもう五六年前から、ひどく調子がわるく、ときどき、ぐわツと大きく噛みついて、とることもどうすることもできなくなつてしまふやうなしまつでしたので、二人は、家で髪を刈ることをあまり好んではゐませんでした。

二人は眼の前にある立派な腰掛を見ました。白い瀬戸物のひぢかけがついてゐます。お尻ののるところは黒い革で張つてあります。もたれるところも黒い革です。その上に小さい枕のやうなものまでついてゐます。下の方は、足をのせる金属の台があつて、それには透かし彫りの模様があります。——この立派な腰掛に腰掛けてやつてもらふのです。二人はまた何となく顔を見合はせました。

小平さんにうながされて、松吉と杉作は、先をゆずりあつて、お互ひに、すみの方へひつこみあひをしましたが、とうとう、兄さんの松吉が先にしてもらふことになりました。

松吉はこはごは、立派な腰掛にのりました。ばかに高いところにのぼつたやうな気がしました。すぐまへの大きい鏡に、あまりにはつきり、じぶんの瓢箪顔がうつりましたので、はづかしくなりました。

小平さんは、真白な布で、松吉の首から下を包んでしまひました。手も出ませんでした。

小平さんはどこかから、バリカンを取り出して来ました。バリカンは家のと同じもののやうに見えました。バリカンが触つたとき、松吉は思はず首をすくめました。このバリカンも噛みつくかと思つたのです。

ポロリと白い布の上に落ちて来たものを見ると、刈られた、黒い、じぶんの髪の毛でした。なアんだ、もう、刈られてゐるのか、と思ひました。ちつとも痛くないではありませんか。そこで松吉は、やつと安心して、肩の力をぬきました。

髪が刈られてしまふと、松吉は、これでおしまひだと思ひました。家ではいつでも、それだけだつたからです。ところがおどろいたことには、腰掛が、キーイとかすかな音を立てて、うしろへたふれていきました。

「あツ。」

と松吉は声を立てました。しかし、腰掛けはたふれたのではありませんでした。もたれだけがうしろにのびて、腰掛けてゐる人が仰向けに寝るやうになつただけでした。

天井の白壁や、キヤベツの玉のやうな形の大きい、擦硝子の電燈を見てゐると、とつぜん、顔いちめんに、だツと何か熱いぬれたものをのせられて、眼も見えなくなつてしまひました。見てゐた杉作が、をかしかつたのか、ハハハハ、と笑つてゐます。松吉も笑ひたいのですが、顔がふさがつてゐて笑ふことができません。人間は顔で笑ふのだといふことがよくわかりました。顔にのせられたのは蒸しタオルでありました。

小平さんは、タオルをのけると、太い筆のやうなものでせつけんの泡を松吉の顔にぬり、剃刀で、額ぎはからそりはじめました。

松吉はそのとき、小平さんがまだ子供で村にゐた頃、松吉たちによくいたづらをしたことを、また思ひ出しました。小平さんはよくうしろから、そつときて、人の背中へ手を入れたり、わきの下をくすぐつたりしました。そして、小さい眼を細くしてにやにや笑つてゐました。

いまも松吉は、小平さんが、そんないたづらを、はじめるのではないか、とお尻のおちつかぬおもひでした。ことに小平さんが、松吉の耳をつまんで、二度ばかり、耳の毛をそつたときには、松吉は、てつきり、小平さんが、むかしのいたづらをはじめた、と思ひました。もうすこしで、クツクツと笑ひ出すところでした。しかし小平さんの顔を見ますと、まじめな顔をしてゐました。遊びをしてゐるのではない、仕事をしてゐる大人の顔つきでありました。

松吉には、小平さんが大人になつたからもう遊ばないといふことがわかりました。大人は仕事をするのです。たとへ、人の耳をつまんでそるといふやうな、いたづらみたいなことでも小平さんは、仕事ですから、まじめにするのです。松吉には、大人になるといふのは、ふざけるのをやめて、まじめになる約束のやうに思はれました。何となくさみしい感じがしました。

隅の洗面所で、頭を洗ひ、もう一ぺん腰掛けにもどり、顔に、ぬるぬるしたものを塗つてもらふと、松吉の番はすみました。こんどは弟の杉作がかはつて腰掛けにのぼりました。

時計を見ると三時四十分でした。さつきは入口の硝子戸の下までさしてゐたひざしが、今は、上の方に忘れられたやうに、ほんの少しのこつてゐるだけです。

と、そのとき、入口の戸をガラガラと乱暴にあけて、茶色のジヤケツを着た少年が手提鞄を持つてはいつて来ました。

「たゞいまア。」

克巳でした。

松吉と杉作はいつぺんにいきかへりました。「克巳ちやん」といふ言葉が松吉ののどのところまで出て来ました。しかしそこでとまつてしまひました。克巳のあまりに町風な様子に対して、じぶんたちの田舎くささがおもひかへされたのでした。

克巳は、さいしよに松吉を、それから杉作と顔を合はせました。しかし克巳の眼は知らない人を見るやうに冷淡でした。俺達が松吉、杉作なことがまだわからないのかな、と松吉は思ひました。はがゆい感じでした。

克巳はながくは、そこにゐませんでした。松吉のうしろの階段をのぼつて二階へあがつてしまひました。

でもまだ松吉はのぞみを棄てませんでした。克巳は、ちよつとした用事を二階ですまして、いまに下りてくるだらう、そして俺達と遊んでくれるだらう、と松吉は考へてゐました。

だが、克巳はさつぱり下りて来ませんでした。

やがて、克巳の友達らしいのが二人、

「克巳くウん。」

といつて外から店にはいつて来ました。

克巳は二階から下りて来ました。

松吉は胸がわくわくしました。こんどこそ克巳が松吉たちに何か言つてくれると思つたのです。

しかし、克巳は松吉には目もくれませんでした。そして、二人の町の友達を手招ぎして、三人いつしよに、どやどやと二階にあがつてしまひました。

松吉は、つきおとされたやうに感じました。じぶんの立つてゐる大地が、白ちやけた寂しいものにかはつてしまひました。

松吉にはわかりました。——克巳にとつては、田舎で十日ばかりーしよに遊んだ松吉や杉作は、何でもありやしないんだと。町の克巳の生活には、田舎とちがつていろんなことがあるので、それがあたりまへのことなんだと。

四

松吉と杉作は、町から村の方へ、魂のぬけたやうな顔をして歩いていきました。

空の重箱は、ズボンのポケツトにつつこんだ松吉の右手にだらしなくぶらさがり、一足ごとにお尻にぶつかります。

いくときの、希望にみちた心持ちにひきかへ、帰りの、何といふ、間のぬけた、はぐらかされたやうな心持ちでせう。

考へて見ると、けふは、あほ臭いことでした。第一、克巳に知らん顔をされました。第二に、駄賃がもらへなかつたので、帰りも電車に乗れませんでした。第三に、やはり駄賃がもらへなかつたので、雑誌や模型飛行機の材料を買ふ夢がおじやんになつてしまひました。

かうしてじぶんたちは、すつぽかされて、青坊主にされて帰るのだと思ふと、松吉は、日ぐれの風がきふに、刈りたての頭やえりくびにしみこむやうに感じられました。

「どかアん。」

と杉作がとつぜんどなりました。

また、とびかと思つて、松吉は見まはしましたが、それらしいものはどこにも見あたりません。枯れた桑畑の向かふに、まつかな太陽がいま沈んでいくところでした。

「何が、をるでえ。」

と松吉は杉作にききました。

「何も、をやしんけど、たゞ、大砲をうつて見ただけ。」

と杉作はいひました。

松吉は弟の気持が、手にとるやうによくわかりました。弟もじぶんのやうにさびしいのです。

そこで松吉も、

「どかアん。」

といつぱつ大砲をうちました。

すると松吉は、こんな気がしました。——けふのやうに人にすつぽかされるといふやうなことは、これからさきいくらでもあるに違ひない。俺達は、そんな悲しみに何べんあはうと、平気な顔で通りこしていけばいいんだ。

「どかアん。」

とまた杉作がうちました。

「どかアん。」

と松吉がそれに応じました。

二人は、どかんどかんと大砲をぶつぱなしながら、だんだん心をあかるくして、家の方へ帰つていきました。

VERRUGAS

"Não é verdade! Eu tenho duas verrugas."

NANKICHI NIIMI

1.

Apesar de Matsukichi e seu irmão mais novo, Sugisaku, serem separados por um ano, os dois eram muito parecidos. Linhas de expressão semelhantes às dos macacos se formavam entre as sobrancelhas de suas testas largas quando riam, e ambos também corriam da mesma forma, com as mãos abertas.

– Mas os dois são idênticos! – as pessoas diziam com frequência.

Quando ouvia isso, Matsukichi fazia um bico e cuspia pelo buraco deixado pelo dente perdido para a cárie.

– Não é verdade! Eu tenho duas verrugas, o Sugi não tem nenhuma! – dizia, mostrando sua ossuda mão direita fechada. Realmente, entre o dedo médio e o indicador, havia duas pequenas verrugas separadas por cerca de um centímetro uma da outra.

Katsumi, o primo que vivia na cidade, viera visitar os dois irmãos no verão do ano anterior. Ele estava no quinto ano da escola elementar e tinha a mesma idade de Matsukichi.

Apesar da mesma idade, a estatura de Katsumi era pequena e, colocado ao lado de Sugisaku, que estava no quarto ano, ele ainda era cinco centímetros mais baixo. Katsumi era um garoto muito ativo e irrequieto. Assim que chegou à casa dos primos, recebeu o apelido de "camundongo".

Atrás da casa de Matsukichi e Sugisaku havia uma grande caneleira, e seria preciso duas pessoas para abraçar seu tronco. Ela exalava um odor agradável quando sua casca era esmagada com uma pedra. Enquanto os adultos tiravam

um cochilo no início da tarde, os três batiam no tronco da árvore como verdadeiros pica-paus.

Certa vez, Katsumi descobriu os fios de cabelo que cresciam no interior das orelhas do avô.

– Ah, vovô tem fios de cabelo dentro das orelhas! – gritou. Matsukichi e Sugisaku já sabiam disso há muito tempo, mas como Katsumi parecia se divertir muito com aquilo, eles também começaram a tirar sarro do avô:

– Ah, vovô tem fios de cabelo dentro das orelhas!

– Do que estão falando? Vocês estão cansados de saber que há fios de cabelo dentro das minhas orelhas! – disse o avô repreendendo Matsukichi e Sugisaku com um olhar enfezado.

Em outra ocasião, Katsumi ficou curioso com o almofariz[1] e insistiu para que o deixassem socar os grãos de arroz. Depois de apenas vinte pisadas, ele ficou cansado daquilo e desceu do almofariz. Ao final, Matsukichi e Sugisaku tiveram que terminar o trabalho.

No início da tarde anterior ao retorno de Katsumi para a cidade, os três foram ao lago que ficava atrás da montanha carregando uma tina de madeira. O lago não era tão grande, mas bastante profundo, de água límpida e gelada, e, por ficar distante do vilarejo, as crianças não costumavam ir até lá para brincar. Os três pretendiam cruzá-lo de sul a norte agarrados à tina. Quando chegaram margem sul, observaram o lago cercado por montanhas dos três outros lados – a leste, norte e oeste – não havia mais ninguém no lugar, apenas as montanhas e as nuvens brancas que pairavam sobre elas. Os três ficaram um pouco receosos, mas como tinham carregado a tina até ali, achavam que seria muita covardia retornar sem entrar na água. Juntando coragem, os três retiraram as roupas. Depois, depositaram a tina com cuidado no meio dos juncos na margem do lago. Tibum! A tina caiu com um baque. O ruído pareceu tão alto que dava a impressão de que poderia ser ouvido por toda a montanha. Ondas circulares se formaram ao redor da tina. Elas se estenderam até a outra extremidade do lago e a sombra do pequeno pinheiro do outro lado oscilou ligeiramente. Os três ficaram mais animados.

– Vamos entrar! – disse Matsukichi olhando para trás.

– Ok! – concordou Katsumi.

[1] Almofariz com formato semelhante ao de uma gangorra. O pilão, em uma das extremidades, é impulsionado pelo movimento dos pés na outra extremidade. (n.t.)

Pelados, os três se enfiaram na água, agarraram-se à tina entreolhando-se e começaram a rir. Eles não sabiam dizer se riam pela sensação de estranheza ou porque estava muito frio.

Depois de entrarem na água, não podiam ficar parados. Os três começaram a mover os pés. No início, não conseguiam ajustar o ritmo e apenas se debatiam no mesmo lugar, mas, por fim, conseguiram bater os pés na mesma direção. Pouco a pouco, a tina começou a avançar para o meio do lago.

Um longo tempo se passou.

Os três estavam exaustos. Já não conseguiam mais mexer os pés. Até onde teriam chegado? Ao olharem ao redor, ficaram perplexos. Não é que estavam bem no meio do lago?

As cigarras cantavam nas montanhas que os rodeavam. Aquilo os exasperou. No entanto, não conseguiam mais mover os corpos.

– Já não consigo mais nadar – disse Sugisaku com o rosto risonho, mas como se fosse chorar.

Matsukichi também estava com vontade de chorar. Calado, fechou os olhos.

– Eu também já não consigo – disse Katsumi.

– Vamos voltar, podemos ir devagar – disse Matsukichi resoluto após abrir os olhos. Então, com um empurrão, virou a tina na direção contrária.

Sugisaku e Katsumi não disseram nada. No entanto, não tinham outra opção senão obedecer Matsukichi. Um leve rubor de determinação surgiu em seus rostos exaustos.

A tina não se movia. O tempo passava e parecia que eles nunca chegariam à margem da qual partiram.

De vez em quando lançavam olhares desanimados na direção da margem que não ficava nem um pouco mais próxima.

– *Yoitomake*! – gritou Matsukichi para encorajar os companheiros.

"*Yoitomake*!" era o que as pessoas do interior gritavam para reunir forças ao erguer e abaixar o grande malho usado para socar a terra antes de erguer uma casa. Era uma expressão caipira. Era vergonhoso empregá-la na frente de uma criança da cidade como Katsumi. Entretanto, naquele instante, Matsukichi não sentia vergonha nem nada. Estava determinado.

– *Yoitomake*! – repetiu chutando a água.

– *Yoitomake*! – repetiu Sugisaku com a voz chorosa. Ele também parecia decidido a dar tudo de si.

– *Yoitomake*! – gritou Matsukichi elevando ainda mais a voz.

Agora não era apenas Sugisaku, Katsumi também respondeu:

– *Yoitomake*! – ele também demonstrava determinação.

A vontade dos três era de ferro. Não há nada que una as pessoas com tanta firmeza quanto o sentimento de determinação.

Matsukichi teve a sensação de que o sentimento dos três tinha se cristalizado firmemente sob a forma de um punho. Sua força era cem vezes maior do que antes.

– *Yoitomake*! – disse Matsukichi.

– *Yoitomake*! – repetiram Sugisaku e Katsumi.

De repente a tina pareceu ir mais rápido. A margem estava logo ali. Vejam só, a primeira haste de junco já tocava na tina!

Katsumi passara dez dias no interior, na casa de Matsukichi e Sugisaku, mas os três nunca se sentiram tão próximos como naquele último dia.

Depois de voltarem para casa, com os corpos e os espíritos totalmente exauridos, desabaram no banco sob a treliça de glicínias.

Katsumi tocou a mão direita de Matsukichi.

– Como as verrugas aparecem? Eu queria uma! – disse ele sorrindo.

– Eu te dou uma – disse Matsukichi.

– Como? – exclamou Katsumi, com os olhos abertos de espanto.

Matsukichi pegou um *ohashi* no interior da casa.

– Onde você quer a verruga?

– Aqui! – rindo, sem parecer acreditar muito naquilo, ele mostrou a parte de cima do braço esquerdo como se fosse receber uma vacina.

Matsukichi colocou a ponta do *ohashi* em uma das verrugas de sua mão direita e sobre o braço de Katsumi. Com o rosto sério, olhou para o céu e começou a pronunciar um tipo de fórmula mágica:

– Passa verruga! Passa verruga!

No dia seguinte, Katsumi retornou para a cidade levando um grande carregamento de berinjelas, pepinos e uma melancia que recebera de presente.

2.

Quando o pé de camélia à sombra do estábulo das vacas se vestia de branco, era época de fazer *mochis* envolvidos em doce de feijão[2] na casa de Matsukichi e Sugisaku. Esse era um costume seguido por todos os agricultores. No outono, depois que os campos ficavam vazios, eles comemoravam a colheita e a limpeza do arroz.

Ao voltarem da escola em uma quarta-feira à tarde, Matsukichi e Sugisaku levariam alguns doces de feijão para a casa de Katsumi na cidade. Eles tinham pedido para que sua mãe os deixasse fazer isso no dia anterior, enquanto os *mochis* ainda eram preparados.

Havia duas razões para o pedido. A primeira era porque poderiam encontrar o primo Katsumi, com quem tinham se divertido nas férias de verão; a segunda, que não desejavam dizer abertamente, era porque seu tio poderia lhes dar algum dinheiro. Os tios da cidade não eram sovinas como as pessoas do interior. Eles sempre lhes davam ao menos cinquenta centavos de iene.

Matsukichi observava a mãe embrulhar as caixas com os *mochis* em um lenço.

– Né, mãe, podemos ir de trem? – pediu com a voz meio fanha.

– O quê? Ir de trem? É tão perto, dá para ir andando! Se não quiserem levar, peço para seu pai ir de bicicleta!

– Hum... – resmungou Matsukichi. No entanto, ele se consolou pensando que poderiam voltar de trem com o dinheiro que receberiam do tio.

Matsukichi e Sugisaku saíram de casa sem seus bonés. Se as crianças da cidade vissem suas insígnias[3], saberiam que os dois vinham do interior. Essa ideia os desagradava.

Quando iam passar pelo *torii*[4] de pedra do templo dedicado a Hachiman[5], encontraram o pequeno Ken sozinho. Ele segurava um pião e tinha um ar tristonho.

– Para onde vocês estão indo, Sugi? Vamos brincar! – disse.

– Vamos para a cidade – respondeu Sugisaku e, como duas pessoas destinadas a alcançar novas venturas, os dois prosseguiram sem olhar para o lado.

---

[2] Bolinhos de arroz revestidos de doce de feijão chamados de *ankoro mochi*. (n.t.)
[3] Provavelmente trata-se de bonés com insígnias da escola onde estudavam. (n.t.)
[4] Portão de pedra ou madeira que marca a entrada de templos ou santuários xintoístas. (n.t.)
[5] Deus dos guerreiros. (n.t.)

Como um gato que fora rejeitado, Ken ficou observando os dois se afastarem.

Quando deixaram o vilarejo, Matsukichi sentiu que sua mão direita estava dolorida. Era a mão com a qual carregava as caixas com os *mochis*. Por sorte, havia um pedaço de bambu de cerca de um metro caído na beira da estrada. Os dois passaram-no por baixo do nó do lenço que embrulhava as caixas para que pudessem carregá-las juntos. Sugisaku, o irmão mais novo, ia na frente e Matsukichi, atrás. Desse jeito, o embrulho ficou bem mais leve. Usar o bambu fora uma ótima ideia.

Eles caminharam em silêncio por algum tempo. Matsukichi começou a sonhar: "Se ganhar cinquenta centavos... Será que eles vão dar cinquenta centavos? Titia deu cinquenta centavos no ano passado e no retrasado, então, devem dar cinquenta centavos desta vez. Se ganhar cinquenta centavos... O que poderia comprar? Peças para montar a maquete de um avião... Quanto será que custa um igual ao do Tôichi, da venda de arroz? Acho que custa mais de cinquenta centavos... Ou será que compro gibis? Não tenho ideia do que o Sugi pretende comprar..."

As divagações errantes de Matsukichi foram repentinamente interrompidas por um enorme "Kabum!". Matsukichi levou um susto e quase soltou o pedaço de bambu que segurava.

O autor do grito era Sugisaku que caminhava logo à frente. Quando se deu conta disso, Matsukichi ficou irritado.

– Por que você gritou desse jeito?

– Ah, um falcão pousou no alto daquela árvore, só dei um tiro de canhão – respondeu Sugisaku sem olhar para trás.

Não havia o que dizer.

Eles voltaram a caminhar em silêncio e Matsukichi retomou suas divagações: "Será que Katsumi está em casa hoje? Ele ficará contente quando nos vir. Será que a verruga apareceu no braço dele? Uma de minhas verrugas sumiu..."

Matsukichi deu uma olhada furtiva para sua mão direita.

3.

Ao entrarem na cidade, os dois se sentiram repentinamente maltrapilhos.

Mesmo sem as insígnias de seus bonés, seria possível adivinhar que vieram de um vilarejo das montanhas. Para começar, as pessoas da cidade não olhavam ao seu redor com ar de espanto, parecendo perdidas, nem eram xingadas pelos condutores quando uma carroça quase as atropelava. Entretanto, os dois não conseguiam evitar o ar de espanto.

Eles tinham uma única preocupação. Estavam com medo de serem descobertos pelas crianças da cidade e maltratados. Por isso, com os corações palpitantes e assustados, procuraram seguir pelos locais onde não parecia haver crianças.

Após passar na frente de uma grande livraria chamava "Aliança", seguia-se um pouco e entrava-se em uma rua estreita que seguia a leste, a casa de Katsumi ficava ali no meio. Depois da livraria, os dois esticaram os pescoços como gansos para espiar todas as ruas estreitas que encontraram. E não só as ruas, eles também examinaram os vãos entre as casas.

– Achei, é aqui! – gritou Sugisaku, como se tivesse encontrado uma carteira caída no chão. De fato, no meio daquela rua estreita, havia uma placa parecida com um pirulito, pintada de vermelho e branco, indicando uma barbearia (o pai de Katsumi era barbeiro).

Os dois caminharam sem afobação, com a certeza de já terem um pedaço de felicidade entre as mãos. Jogaram o bambu fora. Matsukichi levava o embrulho com as caixas e repetia as palavras que sua mãe lhe pedira para dizer aos tios.

Na frente da porta de vidro da barbearia, dois vasos com orquídeas recebiam os frios raios de sol da tarde de inverno, elas tinham espinhos na ponta de cada uma de suas folhas. Cascas de ovos tinham sido colocadas junto às suas raízes. A poeira da rua tinha se acumulado sobre elas, o que dava a impressão de que estavam geladas. Apesar de não conseguirem ver bem o interior da barbearia pela porta de vidro, parecia imersa em vapor quente. Ali dentro estavam seu querido tio, sua querida tia e o querido Katsumi.

Quando abriram a pesada porta de vidro e entraram, viram seu tio deitado de costas sobre o tatame. Ele lia o jornal sozinho. Mais perto, o apetrecho para aquecer toalhas úmidas, com sua cabeça redonda, prateada e escrupulosamente polida, soltava vapor. Ssss...Ssss...

Seu tio parecia ter cochilado lendo o jornal e permaneceu na mesma posição por algum tempo, mas, ao perceber a presença de outras pessoas, lançou o jornal para o lado e levantou-se surpreso. Os irmãos ficaram perplexos. Aquele não era seu tio!

Era Kohei, o terceiro filho do serralheiro de seu vilarejo. Kohei se formara na primavera do ano anterior. Os dois lembravam vagamente de terem ouvido dizer que ele se tornara aprendiz de barbeiro na cidade.

De onde estavam, os dois observavam atentamente seu rosto e aparência.

Kohei parecia mais adulto. Sua pele estava mais clara, seu queixo, mais definido. Talvez por trabalhar em uma barbearia, seus cabelos estavam bem aparados e tinham um formato quadrado. Ele nunca fora de falar muito e sorria espremendo os olhos. Apesar disso, costumava aprontar muitas travessuras com os outros. Uma vez, Matsukichi se viu em apuros quando ele colocou um grão de azuki dentro de seu ouvido. Será que Kohei ainda se lembrava disso? Ou já teria se esquecido? De qualquer forma, Kohei os observava sorrindo com as mãos nos bolsos do avental branco.

Kohei disse que o patrão e a esposa participavam de uma atividade do *konkôkyô*[6] e por isso não estavam. Katsumi ainda não tinha voltado da escola.

Os dois ficaram um pouco desapontados.

– Ainda são três horas, se esperarem um pouco, pode ser que a patroa volte – disse Kohei.

As esperanças dos dois foram renovadas. Eles se sentaram espremidos, lado a lado, no degrau de entrada. Kohei recebeu os *mochis* e os levou para os fundos, de onde, após produzir vários ruídos, retornou com as caixas vazias embrulhadas no lenço. Matsukichi recebeu o embrulho e o colocou sobre os joelhos.

Cinco minutos se passaram. Sua tia ainda não retornara. Nem seu tio, nem Katsumi. Matsukichi e Sugisaku deram um pequeno suspiro.

Kohei observava seus cabelos.

– Eles estão compridos, hein? Que tal um corte pelo trabalho de vocês? – perguntou.

Os dois se entreolharam e deram uma risadinha.

Eles nunca tinham cortado os cabelos em uma barbearia desde que nasceram. Seu pai ou sua mãe cortavam os cabelos dos dois com o cortador. Este já não funcionava muito bem há cinco ou seis anos e, às vezes, lhes dava beliscões, enroscava nos cabelos e não havia como soltá-lo, por isso, os dois não gostavam muito de cortá-los em casa.

Eles olharam para a magnifica cadeira à sua frente. Seus braços eram feitos de porcelana branca. O assento era revestido de couro preto. O en-

[6] Ou Konkô, seita do xintoísmo fundada em 1859. (n.t.)

costo também. Havia até mesmo algo parecido com uma pequena almofada sobre este último. Na parte de baixo, ela tinha um apoio para os pés em metal com gravuras entalhadas. Era nessa magnífica cadeira que eles se sentariam. Os dois terminaram por se entreolhar novamente.

Kohei insistia, os dois davam a vez ao outro e foram recuando até um canto do salão, por fim, ficou decidido que Matsukichi seria o primeiro.

Matsukichi sentou-se na magnifica cadeira com cuidado. Tinha a impressão de que tinha subido em um lugar extremamente alto. Seu rosto em forma de cabaça era refletido com muita nitidez pelo grande espelho logo à sua frente e ele ficou envergonhado.

Kohei cobriu Matsukichi com um pano branco desde o pescoço. Ele não via nem as suas mãos.

Kohei retirou um cortador de cabelos de algum lugar. Ele era parecido com aquele usado em sua casa. Sem querer, Matsukichi encolheu o pescoço ao senti-lo tocar sua cabeça. Ele ficou com medo de que aquele cortador também o beliscasse.

Ele viu algo polvilhar o pano branco, eram seus cabelos pretos que foram cortados. "Como?! Já foram cortados?", pensou. Não tinha doído nada! Então, Matsukichi se tranquilizou e relaxou os ombros.

Depois que os cabelos foram aparados, Matsukichi achou que Kohei já tinha terminado. Em casa, era só aquilo. Entretanto, para sua surpresa, a cadeira emitiu um leve rangido e caiu para trás.

– Ah! – gritou Matsukichi.

Mas a cadeira não tinha caído. Ela tinha se inclinado e estendido para trás, a pessoa que estava sentada apenas ficava deitada de costas, como se fosse dormir.

Enquanto olhava para o teto branco e para o grande lustre que parecia uma cabeça de repolho, seu rosto foi repentinamente coberto por algo quente e úmido e ele não conseguiu ver mais nada. Sugisaku, que observava, devia ter achado graça e ria. Matsukichi também teve vontade de rir, mas não conseguiu. Ele compreendeu o que a expressão "o ser humano ri com o rosto" queria dizer. O que cobria seu rosto era uma toalha umedecida pelo vapor.

Após retirar a toalha, usando uma espécie de pincel grosso, Kohei besuntou o rosto de Matsukichi com espuma de sabão e começou a passar a lâmina de barbear nos cantos de seu queixo.

Naquele instante, Matsukichi se lembrou novamente de que Kohei gostava de aprontar com eles na época em que era criança e vivia no vilarejo. Ele se aproximava sorrateiramente por trás e enfiava as mãos em suas costas ou debaixo de seus braços e fazia cócegas. Então, apertava os olhos e dava um sorriso malicioso.

Matsukichi ficou imaginando se Kohei não faria algo parecido naquele momento e estava inquieto, sentado na cadeira. Quando Kohei segurou suas orelhas e raspou os fios que cresciam nelas, Matsukichi não teve dúvidas de que ele tinha começado a aprontar. Ele não aguentaria e logo daria uma risada. Entretanto, quando olhou para o rosto de Kohei, ele estava sério. Não era o rosto de alguém que fazia uma brincadeira, mas o de um adulto que estava trabalhando.

Ele compreendeu que Kohei se tornara um adulto e, por isso, não fazia mais brincadeiras. Os adultos trabalhavam. Mesmo que segurar as orelhas de alguém e raspá-las com uma lâmina de barbear se parecesse com uma brincadeira, aquilo fazia parte de seu trabalho e Kohei o executava com seriedade. Para Matsukichi, tornar-se adulto parecia ser o mesmo que deixar de brincar e prometer ser sério. Isso o deixou um pouco triste.

Depois de ter a cabeça lavada na pia que ficava a um canto, voltar a se sentar na cadeira e ter uma substância viscosa passada em seu rosto, o corte de Matsukichi terminou. Agora era a vez de Sugisaku sentar-se na cadeira.

Eram três horas e quarenta no relógio. Agora restavam apenas alguns poucos raios de sol esquecidos na parte de cima da porta de vidro, quando chegaram, eles iam até a parte de baixo.

A porta de entrada foi aberta com estrondo e um garoto com uma jaqueta ocre segurando uma maleta de mão entrou.

– Olá! Cheguei! – era Katsumi.

Matsukichi e Sugisaku se voltaram ao mesmo tempo. “Katsumi!”, o nome se formou na garganta de Matsukichi, mas ficou engasgado ali. A aparência urbana de Katsumi contrastava com sua grosseria caipira e isso impediu que o chamasse.

Katsumi olhou primeiro para o rosto de Matsukichi, depois, para o de Sugisaku. No entanto, seu olhar era indiferente, como se observasse dois estranhos. “Será que ele ainda não percebeu que somos Matsukichi e Sugisaku?”, pensou Matsukichi impaciente.

Katsumi não se demorou muito ali. Ele subiu as escadas que ficavam atrás de Matsukichi e foi ao segundo andar.

Entretanto, Matsukichi não abandonou suas esperanças. Katsumi devia ter algo para fazer no segundo andar, mas logo desceria para brincar com eles.

Mas Katsumi não deu o ar da graça.

Após alguns minutos, dois garotos, provavelmente amigos de Katsumi, apareceram.

– Katsumi! – gritaram e entraram no salão.

Katsumi desceu do segundo andar.

O peito de Matsukichi palpitava. Acreditava que agora ele lhes dirigiria a palavra.

Entretanto, Katsumi sequer olhou para Matsukichi. Ele chamou os amigos da cidade com um aceno de mão e todos subiram ruidosamente ao segundo andar.

Matsukichi perdeu o chão. O mundo sobre o qual pisava tornou-se triste e sem cor.

Ele compreendeu. Para Katsumi, os dez dias passados na companhia de Matsukichi e Sugisaku não significaram nada. Era natural que fosse assim, a existência de Katsumi na cidade era diferente da vida no campo, ela era muito mais interessante.

4.

Os dois caminhavam de volta da cidade para seu vilarejo com os rostos abatidos.

A mão direita de Matsukichi, enfiada no bolso da calça, segurava o embrulho com as caixas vazias. Pendurado negligentemente, ele batia em suas nádegas a cada passo.

Enquanto na ida havia um sentimento de expectativa, a volta tinha um sentimento de vazio e desapontamento.

O dia tinha sido estúpido. Primeiro, Katsumi os ignorara. Segundo, como não ganharam nenhum centavo, não podiam voltar de trem. Terceiro, como realmente não ganharam nada, o sonho de comprar gibis e as peças para montar o avião foram por água abaixo.

Ao pensar que tinham sido ignorados e voltavam com os cabelos curtos como dois monges, Matsukichi sentia o vento de final de tarde penetrar por sua cabeça e nuca.

– Kabum! – berrou Sugisaku de súbito.

Pensando tratar-se de um falcão outra vez, Matsukichi olhou ao redor, mas não viu nada parecido. Um sol vermelho submergia atrás da plantação de amoreiras sem folhas.

– O que foi? Viu alguma coisa? – perguntou para Sugisaku.

– Não vi nada. Queria só dar um tiro de canhão – foi sua resposta.

Matsukichi compreendia muito bem o sentimento do irmão. Ele também estava triste como ele.

– Kabum! – Matsukichi também deu um tiro.

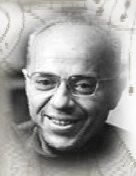
Foi quando Matsukichi se deu conta de algo: "Ser desapontado pelos outros como hoje é algo que se repetirá várias vezes de agora em diante. Se fosse para experimentar essa tristeza várias vezes, era melhor fazer isso com indiferença."

– Kabum! – Sugisaku atirou mais uma vez.

– Kabum! – repetiu Matsukichi.

Enquanto davam tiros de canhão, pouco a pouco, os dois ficaram mais animados e seguiram de volta para casa.

EXPEDIÇÃO PRIMEIRA A
OU O POETÔMATO DE TRURL
STANISŁAW LEM



O TEXTO: Publicado em 1965, *Expedição primeira A ou o Poetômato de Trurl* integra os contos sobre aventuras de robôs cibernéticos de Stanisław Lem. O interesse desta narrativa sobre a invenção de uma máquina-poeta reside principalmente na relação do escritor com a teoria da literatura, a respeito da qual publicou alguns ensaios. A invenção da máquina que faz poemas torna-se uma oportunidade única para se debruçar sobre as origens da criação, os limites da linguagem e os amargos envolvimentos da poesia na realidade contemporânea.

Texto traduzido: Lem, S. *Opowiadania zebrane*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1975.

O AUTOR: Stanisław Lem (1921-2006) é um escritor polonês de ficção científica, autor do conhecido romance *Solaris* (1961). O conjunto de narrativas sobre máquinas, publicado sob o título *Ciberiada*, a partir de 1965, e do qual faz parte também a história sobre Poetômato, distingue-se pela sua dimensão teórica, crítica e irônica.

A TRADUTORA: Olga Kempińska formou-se em Filologia Românica (UJ, Cracóvia) e em História Social da Cultura (PUC-Rio). É professora de Teoria da Literatura da UFF. Para a (n.t.) traduziu textos de M. Pawlikowska-Jasnorzewska, K. Iłłakowiczówna, A. Świrszczyńska e W. Szymborska.

WYPRAWA PIERWSZA A,
CZYLI ELEKTRYBAŁT TRURLA

"Minęło niewiele czasu, a wieść o elektrycznym wieszczu dotarła do prawdziwych, to jest – zwyczajnych poetów."

STANISŁAW LEM

Dla uniknięcia wszelkich pretensji i nieporozumień musimy wyjaśnić, że była to, przynajmniej w zrozumieniu dosłownym, wyprawa donikąd. Trurl bowiem nie ruszał się przez cały czas ze swego domostwa, jeśli nie liczyć pobytu w szpitalach oraz mało istotnej jazdy na planetoidę. Wszelako w sensie dogłębnym i wyższym była to jedna z najdalszych wypraw, jakie ten znakomity kostruktor kiedykolwiek przedsiębrał, albowiem do samych granic możliwości.

Zdarzyło się raz Trurlowi zbudować maszynę do liczenia, która okazała się zdolna do jednego działania, mnożyła mianowicie dwa przez dwa, a i to fałszywie. Jak to jest opowiedziane w innym miejscu, maszyna ta była jednak bardzo ambitna i jej spór z własnym twórcą omal nie skończył się dlań tragicznie. Od tamtego czasu Klapaucjusz obrzydzał Trurlowi żywot, docinając mu tak i owak, aż ów zawziął się i postanowił wybudować maszynę, która będzie pisać wiersze. W tym celu zgromadził Trurl osiemset dwadzieścia ton literatury cybernetycznej oraz dwanaście tysięcy ton poezji i zabrał się do studiów. Kiedy już nie mógł wytrzymać od cybernetyki, przerzucał się do liryki, i na odwrót. Po pewnym czasie pojął, iż zbudowanie samej maszyny jest zupełną fraszką w porównaniu z jej zaprogramowaniem. Program, który ma w głowie zwykły poeta, stworzyła cywilizacja, w której przyszedł na świat; tę cywilizację wydała inna, ta, co ją poprzedziła, tamtą – wcześniejsza, i tak do samego początku Wszechświata, kiedy to informacje o przyszłym poecie krążyły jeszcze bezładnie w jądrze pierwotnej mgławicy.

Aby zatem zaprogramować maszynę, należało wpierw powtórzyć – jeśli nie cały Kosmos od początku, to co najmniej sporą jego część. Każdego innego na miejscu Trurla zadanie to skłoniłoby do rezygnacji, lecz dzielny konstruktor ani myślał rejterować. Skonstruował najpierw maszynę, która modelowała chaos i elektryczny duch latał w niej nad elektrycznymi wodami, potem dodał parametr światła, potem pramgławic, i tak po trosze zbliżał się do pierwszej epoki lodowcowej, co było możliwe tylko dlatego, ponieważ maszyna jego w ciągu pieciomiliardowej części sekundy modelowała sto septylionów wydarzeń w czterystu oktylionach miejsc naraz; a jeśli kto sądzi, że Trurl się gdzieś pomylił, niech cały rachunek sam sprawdzi. Modelował tedy Trurl początki cywilizacji, krzesanie krzemieni i garbowanie skór, jaszczury i potopy, czworonożność i ogoniastość, potem zaś prabladawca, który wydał bladawca, króry zapoczątkował maszynę, i tak to szło, eonami i tysiącleciami, w szumie elektrycznych wirów i prądów; a kiedy maszyna modelująca okazywała się przyciasna dla następnej epoki, Trurl dorabiał jej przystawkę; aż wreszcie z owych dobudówek powstało coś w rodzaju miasteczka poplątanych przewodów i lamp, że by się w ich gmatwaninie diabeł nie rozeznał. Trurl jednak jakoś tam sobie radził i dwa razy tylko musiał powtarzać: raz, niestety, prawie od początku, bo wyszło mu, że to Abel zabił Kaina, a nie Kain Abla (wskutek przepalenia się bezpiecznika w jednym z obwodów), drugi raz zaś cofać się było trzeba tylko o trzysta milionów lat, do środkowego mezozoiku: gdyż zamiast praryby, która wydała prajaszczura, który wydał prassaka, który wydał pramałpę, która wydała prabladawca, wyszedł mu latawiec. Zdaje się, że to jakaś mucha wpadła do maszyny i potrąciła superskopiczny wyłącznik czynnościowy. Poza tym jednak wszystko szło nad podziw gładko. Wymodelowane zostało średniowiecze i starożytność, i czasy wielkich rewolucji, tak że maszyna chwilami trzęsła się, a lampy, modelujące co poważniejsze postępy cywilizacji, trzeba było wodą polewać i mokrymi szmatami okładać, by się nie rozleciały; postęp ów bowiem, modelowany zwłaszcza w takim tępie, omal ich nie rozsadził. Pod koniec dwudziestego wieku maszyna dostała najpierw wibracji skośnej, a potem trzęsiączki wzdłużnej, nie wiadomo czemu; Trurl bardzo się tym martwił i nawet przygotował pewną ilość cementu i klamer, gdyby się miała walić. Na szczęście jakoś się bez tych środków ostatecznych obeszło; przejechała przez wiek dwudziesty i pomknęła gładziej. Potem dopiero szły, każda po pięćdziesiąt tysięcy lat, kolejne cywilizacje istot doskonale rozumnych, z których i Trurl brał początek; i waliła się szpula wymodelowanego procesu

historycznego za szpulą do zbiornika; a było owych szpul tyle, że, patrząc przez lornetkę ze szczytu maszyny, nie widziałeś końca tych zwałów; wszystko po to, aby wybudować jakiegoś tam rymotwórcę, niechby i wybornego! Ale takie są już skutki naukowego zacietrzewienia. W końcu programy były gotowe; należało tylko wybrać z nich to, co istotne. Gdyż w przeciwnym razie uczenie elektropoety trwałoby wiele milionów lat.

Przez dwa tygodnie wprowadzał Trurl do swego przyszłego elektropoety programy ogólne; potem przyszło strojenie obwodów logicznych, emocjonalnych i semantycznych. Już chciał prosić Klapaucjusza na próbny rozruch, ale się rozmyślił i puścił maszynę wpierw sam. Wygłosiła natychmiast odczyt o polerowaniu szlifów krystalograficznych dla wstępnego studium małych anomalii magnetycznych. Osłabił więc obwody logiczne i wzmocnił emocjonalne; dostała najpierw czkawki, potem ataku płaczu, wreszcie z największym trudem wygęgała, że życie jest straszne. Wzmocnił semantykę i dobudował przystawkę woli; oświadczyła, że ma jej odtąd słuchać i kazała dorobić sobie dalszych sześć pięter do dziewięciu, jakie już miała, aby podumać nad istotą bytu. Wstawił jej dławik filozoficzny; wówczas przestała się w ogóle do niego odzywać i tylko kopała prądem. Największymi błaganiami skłonił ją do odśpiewania krótkiej piosenki: „Żabka i babka w jednym stały domku", ale na tym się jej popisy wokalne skończyły. Wykręcał więc, dławił, wzmacniał, osłabiał, regulował, aż wydało mu się, że lepiej już nie może. Wówczas uraczyła go wierszem takim, że wielkim niebiosom dziękował za przezorność; tożby się Klapaucjusz uśmiał, usłyszawszy te ponure rymowanki, dla których wstępnie wymodelował całe powstanie Kosmosu i wszystkich możliwych cywilizacji! Dał sześć filtrów przeciwgrafomańskich, lecz pękały jak zapałki; musiał je zrobić ze stali korundowej. Potem jakoś już poszło: rozchwiał maszynę semantycznie, podłączył generator rymów o omal nie wysadził wszystkiego w powietrze, maszyna bowiem zapragnęła stać się misjonarzem wśród ubogich plemion gwiezdnych. Wówczas jednak, w ostatniej niemal chwili, gdy był już gotów iść na nią z młotem w ręku, przyszła mu zabawna myśl. Wyrzucił wszystkie obwody logiczne i wstawił na to miejsce ksobne egocentryzatory ze sprzężeniem narcystycznym. Maszyna zachwiała się, zaśmiała się, zapłakała i powiedziała, że boli ją coś na trzecim piętrze, że ma wszystkiego dość, że życie jest dziwne, a wszyscy podli, że pewno niedługo umrze i pragnie tylko jednego: aby o niej pamiętano, gdy już jej tu nie będzie. Potem kazała sobie dać papieru. Trurl odetchnął, wyłączył ją i poszedł spać. Nazajutrz poszedł do Klapaucjusza.

Usłyszawszy, że ma być obecny przy rozruchu Elektrybałta, bo tak postanowił nazwać Trurl maszynę, Klapaucjusz rzucił całą robotę i poszedł, jak stał, tak mu było spieszno zostać naocznym świadkiem porażki przyjaciela.

Trurl włączył najperw obwody żarzenia, potem dał mały prąd, jeszcze kilka razy wbiegł na górę po dudniących schodkach z blachy – Elektrybałt podobny był do olbrzymiego silnika okrętowego, cały w stalowych galeryjkach, kryty nitowaną blachą, z licznymi zegarami i klapami – aż wreszcie, zgorączkowany, bacząc aby napięcia anodowe były, jak trzeba, powiedzał, że tak, dla rozgrzewki, zacznie się od małej jakiejś improwizacyjki. Potem już, rozumie się, Klapaucjusz będzie mógł dawać maszynie tematy do wierszy, jakich mu się żywnie zachce.

Gdy wskaźniki amplifykacyjne pokazały, że moc liryczna dochodzi do maksimum, Trurl nieznacznie tylko drżącą ręką przerzucił wielki wyłącznik i niemal natychmiast głosem lekko ochrypłym, lecz emanującym dziwnie sugestywnym czarem, maszyna rzekła:

– Chrzęskrzyboczek pacionkociewiczarokrzysztofoniczny.

– Czy to już wszystko? – spytał po dłuższej chwili niezwykle uprzejmy Klapaucjusz. Trurl zacisnął tylko wargi, dał maszynie kilka prądowych uderzeń i znów włączył. Tym razem głos jej był o wiele czystszy; można się nim było prawie rozkoszować, owym solennym, nie pozbawionym uwodzicielskiej wibracji barytonem:

Apentuła niewdziosek, te będy gruwaśne
W koć turmiela weprząchnie, kostrą bajtę spoczy
Oproszędły znimęci, wyświrle uwzroczy,
A korśliwe porsacze dogremnie wyczkaśnie!

– Po jakiemu to? – spytał Klapaucjusz, obserwując z doskonałym spokojem niejaką panikę, w której Trurl miotał się przy pulpicie; wreszcie, machnąwszy rozpaczliwie ręką, pognał, dudniąc po stopniach, schodkami w górę stalowego ogromu. Widać go było, jak na czworakach wczołguje się przez otwarte klapy do wnętrza machiny, jak stuka tam, klnąc zaciekle, jak przykręca coś, dzwoni kluczami, jak znowu wyczołguje się i bieży kłusem na inny pomost; wreszcie wydał okrzyk triumfu, wyrzucił spaloną lampę, która roztrzaskała się o podlogę hali o krok od Klapaucjusza, nawet go za tę

nieostrożność nie raczył przeprosić, lecz pospiesznie wstawił na właściwe miejsce nową lampę, wytarł zabrudzone ręce szmatką i zawołał z góry, by Klapaucjusz zechciał włączyć maszynę. Rozległy się słowa:

Trzy, samołóż wywiorstne, grężacz tęci wzdyżmy,
Apelajda sękliwa borowajkę kuci,
Greni małopoleśny te przezławskie tryżmy,
Aż bomba się odmurczy i goła powróci.

– Już jest lepiej! – zawołał z niezupełnym przekonaniem Trurl. – Ostatnie słowa były do sensu, zauważyłeś?

– Jeśli to jest wszystko... – rzekł Klapaucjusz, który był teraz uosobieniem wykwintej uprzejmości.

– Niech to diabli! – wrzasnął Trurl i znów zniknął we wnętrznościach machiny; łomotało tam, dudniło, słychać było trzask wyładowań i zdławione przekleństwa konstruktora. Wystawił nagle głowę z trzeciego piętra przez małą klapkę i krzyknął:

– Naciśnij teraz!!

Klapaucjusz uczynił to. Elektrybałt zadrżał od fundamentów do szszytu i zaczął:

Żądny młęciny brądnej, łydasty łaniele,
Samoćpaku mimajki...

Tu urwał, gdyż Trurl szarpnął wściekle za jakiś kabel, coś zacharczało i maszyna umilkła. Klapaucjusz tak się śmiał, że aż musiał usiąść na podłodze. Trurl miotał się tu i tam, raptem coś trzasło i maszyna bardzo rzeczowo, spokojnie, oświadczyła:

Zawiść, pycha, egoizm do małości zmusza.
Doświadczy tego, pragnąc iść z Elektrybałtem
W zawody, pewien prostak. Ale Klapaucjusza
Olbrzym ducha prześcignie, niby żółwia autem.

– Ha! Proszę! Epigramat! Jak najbardziej na miejscu! – wykrzykiwał Trurl, kręcąc się w kółko, już coraz niżej, zbiegał bowiem w dół po wąskich, spiralnych schodkach, aż wypadł na dole niemal prosto w objęcia kolegi, który przestał się śmiać, nieco zaskoczony.

– To lichota – rzekł zaraz Klapaucjusz. – Poza tym to nie on, to ty!

– Jak to – ja?!

– Ułożyłeś to z góry. Poznaję po prymitywiźmie, złośliwości bezsilnej i nędzy rymów.

– Więc proszę! Żądaj czego innego! Czego tylko chcesz! No, czemu milczysz? Boisz się, co?!

– Nie boję się, tylko się namyślam – rzekł zirytowany Klapaucjusz, usiłując wynaleźć najtrudniejsze z możliwych zadań, ponieważ nie bez słuszności sądził, że spór o to, czy wiersz ułożony przez maszynę jest doskonały, czy nie, trudno będzie rozstrzygnąć.

– Niech ułoży wiersz o cyberotyce! – rzekł nagle, rozjaśniony. – Żeby tam było najwyżej sześć linijek, a w nich o miłości i o zdradzie, o muzyce, o murzynach, o wyższych sferach, o nieszczęściu, o kazirodztwie, do rymu i żeba wszystkie słowa były na literę C!!

– A całego wykładu ogólnej teorii nieskończonych automatów nie ma tam czasem być? – wrzasnął rozwścieczony do żywego Trurl. – Nie można stawiać tak kretyńskich warun...

Ale nie dokończył, ponieważ słodki baryton, wypełniając całą halę, odezwał się właśnie:

Cyprian cyberotoman, cynik, ceniąc czule
Czarnej córy carskiej cud ciemnego ciała,
Ciągle cytrą czarował. Czerwieniała cała,
Cicha, co dzień czekała, cierpiała, czuwała...
... Cyprian ciotkę całuje, cisnąwszy czarnulę!!

– I co ty na to? – wziął się Trurl pod boki, a Klapaucjusz ani myśląc już wołał:

– A teraz na G! Czterowiersz o istocie, która była zarazem maszyną myślącą i bezmyślną, gwałtowną i okrutną, która miała szesnaście nałożnic,

skrzydła, cztery malowane kufry, w każdym po tysiąc złotych talarów z profilem cesarza Murdebroda, dwa pałace i pędziła życie na mordach oraz...

– Gniewny Geniek Gienerator, garbiąc garści, grzązł gwałtownie... – zaczęła maszyna, lecz Trurl skoczył do pulpitu, nacisnął wyłącznik i zasłaniając go własnym ciałem, rzekł zduszonym głosem:

– Żadnych takich bzdur więcej nie będzie! Nie dopuszczę do marnowania wielkiego talentu! Albo zamawiasz uczciwe wiersze, albo na tym koniec!

– A cóż – to nie są uczciwe wiersze?... – zaczął Klapaucjusz.

– Nie! to jakieś łamigłówki, rebusy! Nie budowałem maszyny do idiotycznych krzyżówek! To zwykłe wyrobnictwo, a nie Wielka Sztuka! Proszę podać temat, może być dowolnie trudny...

Klapaucjusz myślał, myślał, wreszcie zmarszczył się i rzekł:

– Dobrze. Niech będzie o miłości i śmierci, ale wszystko to musi być wyrażone językiem wyższej matematyki, a zwłaszcza algebry tensorów. Może być również wyższa topologia i analiza. A przy tym erotycznie silne, nawet zuchwałe, i w sferach cybernetycznych.

– Zwariowałeś chyba. Matematyką o miłości? Nie, ty masz źle w głowie – zaczął Trurl. Lecz zamilkł wraz z Klapaucjuszem, ponieważ Elektrybałt jął deklamować:

Nieśmiały cybernetyk potężne ekstrema
Poznawał, kiedy grupy unimodularne
Cyberiady całkował w popołudnie parne,
Nie wiedząc, czy jest miłość, czy jeszcze jej nie ma?

Precz mi, precz, Laplasjany z wieczora do ranka,
I wersory wektorów z ranka do wieczora!
Bliżej, przeciowobrazy! Bliżej, bo już pora
Zredukować kochankę do objęć kochanka!

On drżenia współmetryczne, które jęk jednoczy,
Zmieni w grupy obrotów i sprzężenia zwrotne,
A takie kaskadowe, a takie zawrotne,
Że zwarciem zagrażają, idąc z oczu w oczy!

Ty klaso transfinalna! Ty, silna wielkości!
Nieprzywiedlne kontinuum! Praukładzie biały!
Christoffela ze Stoksem oddam na wiek cały
Za pierwszą i ostatnią pochodnią miłości.

Twych skalarnych przestrzeni wielolistne głębie
Ukaż uwikłanemu w Teoremat Ciała,
Cybierado cyprysów bimodalnie cała
W gradientach rozmnożonych na loty gołębie!

O, nie dożył rozkoszy, kto tak bez siwizny
Ani w przestrzeni Weyla ani Brouwera
Studium topologiczne uściskiem otwiera
Badając Moebiusowi nie znane krzywizny!

O, wielopowłokowa uczuć komitanto,
Wiele trzeba cię cenić, ten się dowie tylko,
Kto takich parametrów przeczuwając fantom,
Ginie w nanosekundach, płonąc każdą chwilką!

Jak punkt, wchodzący w układ holonomiczności,
Pozbawiony współrzędnych zera asymptotą,
Tak w ostatniej projekcji, ostatnią pieszczotą
żegnany – cybernetyk umiera z miłości.

Na tym się turniej poetycki zakończył, Klapaucjusz bowiem odszedł zaraz do domu, mówiąc, że wróci wnet z nowymi tematami, lecz więcej się nie pokazał, w obawie, iż mimo woli da Trurlowi jeszcze jeden powód do chwały; ów zaś głosił, iż Klapaucjusz uciekł, niezdolny skryć gwałtownego wzruszenia. Na co tamten, że od czasu zbudowania Elektrybałta Trurlowi całkiem już przewróciło się w głowie.

Minęło niewiele czasu, a wieść o elektrycznym wieszczu dotarła do prawdziwych, to jest – zwyczajnych poetów. Oburzeni do żywego, postanowili ignorować maszynę, znalazło się wszakże kilku na tyle ciekawych, że wybrali się chyłkiem do Elektrybałta. Ów przyjął ich grzecznie, w hali pełnej zapisanych już papierów, bo tworzył dzień i noc bez przerwy. Poeci byli awangardzistami, Elektrybałt natomiast tworzył w stylu

klasycznym, ponieważ Trurl, mało znając się na poezji, oparł programy „natychające" na dziełach klasyków. Jęli więc przybysze drwić z Elektrybałta, że mu mało rury katodowe nie pękły, i odeszli w triumfie. Maszyna posiadała jednak samoprogramowanie oraz specjalny obwód wzmocnienia ambicjonalnego z bezpiecznikami na sześć kiloamperów, więc w krótkim czasie wszystko najzupełniej się odmieniło. Wiersze jej stały się ciemne, wieloznaczne, turpistyczne, magiczne i wzruszające do kompletnej niezrozumiałości. Tak więc, gdy przybyła następna grupa poetów, by podrwić i poszydzić z maszyny, ta odezwała się taką improwizacją nowoczesną, że dech im zaparło, a drugi zaraz wiersz wywołał poważne zasłabnięcie pewnego twórcy starszego pokolenia, który miał dwie nagrody państwowe i posąg w parku miejskim. Odtąd żaden poeta nie mógł oprzeć się zgubnej chętce wyzywania Elektrybałta na turniej liryczny – i ciągnęli zewsząd, niosąc wory i teczki pełne rękopisów. Elektrybałt pozwalał deklamować przybyszowi, przy czym zaraz chwytał algorytm jego poezji i, opierając się na nim, odpowiadał wierszami, utrzymanymi w tymże duchu, lecz dwieście dwadzieścia do trzysta czterdzieści siedem razy lepszymi.

Po niedługim czasie doszedł do takiej wprawy, że jednym, drugim sonetem zwalał z nóg zasłużonego wieszcza. I to było najgorsze chyba, okazało się bowiem, iż z zapasów wychodzą cało tylko grafomani, którzy, jak wiadomo, nie odróżniają wierszy dobrych od złych; uchodzili więc bezkarnie i tylko jeden złamał raz nogę, potknąwszy się u wyjścia o wielki epicki poemat Elektrybałta, zupełnie nowy, który zaczynał się od słów:

Ciemność i pustki w ciemności obroty
Ślad dotykalny, ale nieprawdziwy,
I wiatr, jak halny, i wzrok jeszcze żywy,
I krok jak gdyby wracającej roty.

Natomiast prawdziwych poetów Elektrybałt dziesiątkował, chociaż pośrednio, bo wszak nie czynił im nic złego. Niemniej najpierw pewien sędziwy liryk, a potem dwu awangardzistów popełniło samobójstwo, skacząc z wysokiej skały, która fatalnym zbiegiem okoliczności sterczała właśnie przy drodze łączącej siedzibę Trurla ze stacją kolei żelaznej.

Poeci zwołali zaraz szereg zebrań protestacyjnych i zażądali, aby maszynę opieczętowano, lecz poza nimi nikt na fenomen nie zwrócił uwagi. Owszem, redakcje gazet były nawet rade, albowiem Elektrybałt, piszący pod

kilkoma tysiącami pseudonimów naraz, miał gotowy poemat wskazanych rozmiarów na każdą okazję, a ta okolicznościowa poezja była taka, że obywatele wyrywali sobie gazety z rąk i na ulicach widziało się wniebowzięte twarze, nieprzytomne uśmiechy oraz słyszało się ciche łkania. Wiersze Elektrybałta znali wszyscy; powietrze trzęslo się od błogich rymów, a natury co wrażliwsze, rażone specjalnie skonstruowanymi metaforami czy asonansami, nieraz mdlały nawet; lecz i na tę okazję był przygotowany gigant natchnienia, albowiem zaraz wyprodukował odpowiednią ilość sonetów trzeźwiących.

Sam Trurl miał w związku ze swym osiągnięciem niemałe kłopoty. Klasycy, jako na ogół starcy, niewiele mu zaszkodzili, jeśli nie liczyć kamieni, wybijających systematycznie okna oraz pewnych substancji, nie dających się nazwać po imieniu, którymi obrzucono jego domostwo. Gorzej było z młodymi. Pewien poeta najmłodszego pokolenia, którego wiersze odznaczały się wielką siłą liryczną, a on sam – fizyczną, okrutnie go pobił. Gdy tedy Trurl leczył się w szpitalu, wypadki pędziły dalej; nie było ani dnia bez nowego samobójstwa, bez pogrzebu, przed bramą szpitalną krążyły pikiety i dawała się już słyszeć strzelanina, albowiem zamiast rękopisów poeci przynosili coraz częściej w teczkach samopały, rażąc Elektrybałta, którego stalowej naturze kule wcale jednak nie szkodziły. Po powrocie do domu zrozpaczony i osłabły konstruktor postanowił pewnej nocy rozebrać własnymi rękami stworzonego przez się geniusza.

Gdy atoli, z lekka kulejąc, zbliżył się do maszyny, ta, na widok obcęgów w jego dłoni i błysków desperacji w oku, buchnęła taką namiętną liryką błagając o łaskę, że rozszlochany Trurl cisnął narzędzia i wrócił do siebie, brnąc po kolana w nowych utworach elektroducha, które sięgały mu do pół piersi, zaścielając szemrzącym oceanem papieru całą halę.

Kiedy jednak w następnym miesiącu przyszedł rachunek za elektryczność pochłoniętą przez maszynę, pociemniało mu w oczach. Rad był zasięgnąć rady starego druha Klapaucjusza, lecz ów zniknął, jakby się pod nim ziemia rozwarła. Skazany na własny koncept, pewnej nocy Trurl odciął maszynie dopływ prądu, rozebrał ją, załadował na statek, wywiózł na pewną niewielką planetoidę i tam zmontował na powrót, przydawszy jej, jako źródło energii twórczej, stos atomowy.

Potem wrócił chyłkiem do domu, ale historia na tym się nie skończyła, albowiem Elektrybałt, mając już możliwości publikowania utworów drukiem, jął nadawać je na wszystkich zakresach fal radiowych, czym

wprawiał załogi i pasażerów rakiet w liryczne stany odrętwienia, a osoby subtelne doznawały nawet ciężkich ataków zachwytu z następczym otępieniem. Ustaliwszy, w czym rzecz, zwierzchność żeglugi kosmicznej zwróciła się oficjalnie do Trurla z żądaniem natychmiastowej likwidacji należącego doń urządzenia, które zakłócało liryką spokój publiczny i zagrażało zdrowiu pasażerów.

Wtedy zaczął się Trurl ukrywać. Posłano więc na planetoidę monterów, aby zaplombowali Elektrybałtowi wyjście liryczne, on jednak oszołomił ich kilkoma balladami, tak że nie wykonali zadania. Posłano potem głuchych, lecz Elektrybałt przekazał im liryczną informację na migi. Mówić więc jęło się już głośno o koniecznej ekspedycji karnej lub zbombardowaniu elektropoety. Wówczas jednak nabył go pewien władca z sąsiedniego systemu gwiezdnego i zaholował wraz z planetoidą do swego królestwa.

Teraz Trurl mógł wreszcie ujawnić się i odetchnąć. Co prawda na południowym nieboskłonie od czasu do czasu widać eksplozje gwiazd supernowych, jakich nie pamiętają najstarsi, i chodzą głuche wieści, jakoby miało to związek z poezją. Oto ów władca w przystępie dziwacznego kaprysu kazał podobno swym astroinżenierom podłączyć Elektrybałta do konstelacji białych olbrzymów, wskutek czego każda strofka wiersza przekształcana jest w gigantyczne protuberancje słońc, tak że największy poeta Kosmosu nadaje swe dzieła tętnieniem ognia wszystkim nieskończonym odchłaniom galaktycznym naraz. Jednym słowem – ów wielki król uczynił go lirycznym motorem gromady gwiazd wybuchających. Gdyby nawet była w tym okruszyna prawdy, działo się to zbyt daleko, by mogło zakłócić sen Trurlowi, który zaprzysiągł sobie na wszystkie świętości nigdy już więcej nie brać sie do cybernetycznego modelowania procesów twórczych.

EXPEDIÇÃO PRIMEIRA A
OU O POETÔMATO DE TRURL

"Pouco tempo correu e a notícia sobre o bardo elétrico chegou até os verdadeiros, ou seja, comuns, poetas."

STANISŁAW LEM

Para evitarmos qualquer tipo de reclamação ou mal-entendido, devemos logo deixar claro que se trata, pelo menos em sentido literal, de uma expedição para lugar nenhum. Trurl, na verdade, em momento algum saiu de sua casa, se não contarmos uma estadia no hospital e uma viagem de pouca importância a um planetoide. No sentido profundo e elevado, porém, aquela foi a maior das expedições empreendidas pelo grande construtor, pois atingiu os próprios limites do possível.

Certa vez Trurl havia construído uma máquina calculadora que se revelou capaz de uma única operação, a de multiplicar dois vezes dois, e nem isso corretamente. Como já havíamos contado em outro lugar, aquela máquina era, no entanto, muito ambiciosa e seu conflito com o próprio criador por pouco não resultou em um fim trágico. Desde então, Clapáucio vivia chateando Trurl, provocando-o com todo o tipo de brincadeiras, até que este, enfim, ficou irritado e decidiu construir uma máquina que fizesse poemas. Para esse fim, reuniu vinte toneladas de literatura cibernética e doze mil toneladas de poesia, e começou a pesquisa. Quando já não aguentava a cibernética, mudava para a lírica, e vice-versa. Com o tempo, compreendeu que a construção da própria máquina era nada em comparação com sua programação. O programa dentro da cabeça de qualquer poeta é criado pela civilização na qual ele veio ao mundo; aquela civilização é, por sua vez, criada por uma civilização precedente, aquela, por uma anterior, e assim, até a própria origem do Universo, quando as informações do futuro poeta apenas

vagavam sem rumo no núcleo da pré-nebulosa. Para programar a máquina era preciso, então, refazer, se não todo o Universo desde a origem, pelo menos uma parte considerável. Qualquer outro no lugar de Trurl já ficaria desencorajado perante tal tarefa, mas o intrépido construtor nem pensou em desistir. Primeiro, construiu uma máquina que moldava o caos, e o espírito elétrico sobrevoava suas águas elétricas; depois, acrescentou o parâmetro da luz, então, o das nebulosas, e assim, aos poucos, aproximou-se da primeira era do gelo, o que só era possível porque sua máquina conseguia moldar em cinco bilionésimos de segundo cem septilhões de eventos em quatrocentos octiliões de lugares ao mesmo tempo. E se alguém achar que Trurl se equivocou, que confira sozinho as contas. Destarte, Trurl seguia moldando as origens da civilização, as lascas de pedra e o curtume de couro, os répteis e os dilúvios, o quadrupedalismo e os caudados, e logo, então, o ser pré-palido, do qual surgiu o pálido, que deu início à máquina; e o processo seguia assim seu curso, através de éons e de milênios, no rumor de voragens elétricas e de correntes; e quando a máquina modeladora se revelava por demais estreita para a próxima época, Trurl construía um apêndice; até que desses puxadinhos se formou algo parecido com uma cidadezinha de emaranhados de fios e de lâmpadas, na qual nem o demo encontraria saída. Trurl, no entanto, conseguia dar um jeito e apenas por duas vezes precisou recomeçar: a primeira, infelizmente quase desde o início, pois resultou que havia sido Abel quem matou Caim, e não Caim, Abel (em decorrência de um fusível queimado em um dos circuitos); a segunda vez foi preciso regredir apenas trezentos milhões de anos, até o período jurássico, pois em vez do peixe pré-histórico que originou o dinossauro, que originou o primeiro mamífero, que originou o primeiro símio, que originou o primeiro pálido, saiu uma pipa. Parece que foi uma mosca que entrou na máquina e mexeu no disjuntor de alta tensão. Para além disso, tudo ia às mil maravilhas. Foram modeladas a Antiguidade, a Idade Média e as Grandes Revoluções, e toda a máquina chegava a tremer, e era então preciso borrifar com água e embalar em panos molhados as lâmpadas responsáveis pelos importantes progressos civilizatórios, para evitar que quebrassem; de fato, todo esse progresso, modelado em um ritmo tão veloz, por pouco não as fez explodir. Lá pelo fim do século vinte, a máquina, sabe-se lá por quê, sofreu, primeiro, uma vibração oblíqua e, depois, um tremor alongado; Trurl ficou preocupadíssimo e até chegou a preparar um pouco de cimento e de prendedores, caso a máquina fosse desabar. Felizmente, esses meios radicais revelaram-se prescindíveis; ela atravessou o século vinte e depois já continuou mais suave. Apenas a partir daquele momento emergiram as outras civilizações, cada uma somando

cinquenta mil anos, feitas por seres perfeitamente racionais nos quais o próprio Trurl tinha sua origem; e as bobinas do processo histórico modelado acumulavam-se, uma atrás da outra, no recipiente; e havia tantas bobinas que, se alguém olhasse do topo da máquina pelo binóculo, não conseguiria enxergar o limite de seus montes; tudo isso só para construir um fazedor de versos, ainda que fosse excelente! Mas estas são as consequências da obstinação científica. Finalmente, os programas ficaram prontos; era preciso apenas fazer a escolha das partes relevantes. Caso contrário, seria preciso educar o eletropoeta, o que levaria vários milhões de anos.

Ao longo de duas semanas, Trurl ficou introduzindo em seu futuro eletropoeta os programas gerais; depois chegou o momento de afinar os circuitos lógicos, emocionais e semânticos. Já queria chamar Clapáucio para a demonstração, mas mudou de ideia e ligou primeiro a máquina sozinho. Esta logo proferiu uma conferência sobre polimento cristalográfico enquanto estudo preliminar de pequenas anomalias magnéticas. Trurl enfraqueceu então os circuitos lógicos e reforçou os emocionais; ela primeiro ficou com soluço, depois desatou a chorar, e, então, com extrema dificuldade, gaguejou que a vida é terrível. Ele reforçou a semântica e construiu um apêndice de força de vontade; ela declarou que, a partir desse momento, ele devia fazer o que ela mandasse, e exigiu que lhe acrescentasse mais seis andares àqueles que já tinha, para meditar sobre a essência do ser. Colocou-lhe, então, um abafador filosófico; ela parou de falar com ele e apenas dava eletrochoques. Suplicou-a longamente e conseguiu que cantasse uma breve canção: "Dois sapinhos na lagoa", mas nisso terminaram suas apresentações vocais. Trurl soltava, abafava, reforçava, enfraquecia, acertava, até chegar ao ponto em que parecia que nada mais podia ser melhorado. Ela o presenteou, então, com um tal poema que deu graças aos céus por ter sido cauteloso; Clapáucio teria morrido de rir ao ouvir essas sombrias rimas para as quais havia modelado a inteira formação do universo e de todas as civilizações! Colocou seis filtros antigrafômanos, mas esses quebraram como fósforos; foi preciso refazê-los em um aço reforçado. Depois disso, tudo correu melhor: soltou a semântica, conectou um gerador de rimas e por pouco evitou uma explosão, pois a máquina desejou ser missionária nas tribos pobres das estrelas. Naquele momento, quando já se preparava para atacá-la com um martelo, veio-lhe uma ideia que salvou tudo. Jogou fora todos os circuitos lógicos e colocou no lugar egocentrizadores com condensadores narcísicos. A máquina tremeu, riu, chorou e disse que estava com alguma dor no terceiro andar, que não aguentava mais tudo isso, que a vida era estranha, todos, vis, que com certeza ia morrer em breve e que desejava apenas uma coisa: que dela se lembrassem

quando não mais estiver entre os vivos. E pediu, então, que lhe desse papel. Trurl respirou aliviado, desligou-a e foi dormir. No dia seguinte chamou Clapáucio. Ao ouvir que ia presenciar a inauguração de Poetômato, pois é assim que Trurl decidiu chamar a máquina, Clapáucio largou seu trabalho e correu ao encontro, tamanha era sua pressa de ver com seus próprios olhos o fracasso do amigo.

Trurl ligou primeiro os circuitos do brilho, depois botou uma leve tensão, algumas vezes subiu a pequena escada de ferro – Poetômato, todo rodeado de passarelas de aço, coberto de metal rebitado, com numerosos relógios e entradas, lembrava um enorme motor de navio –, e finalmente, febril, ansioso com a posição correta dos tensores anódicos, disse que, para esquentar, começaria com uma pequena improvisação. Depois, é claro, Clapáucio poderia impor à máquina os temas dos poemas que desejasse.

Quando os indicadores dos amplificadores mostraram que a potência lírica chegara ao máximo, Trurl, com uma mão apenas algo trêmula, deslocou o enorme interruptor e, praticamente no mesmo instante, com uma voz levemente rouca, mas também cheia de um charme estranhamente sugestivo, a máquina disse:

– Burbuleóptero rajacharmocruzefônico

– Isso é tudo? – perguntou após uma longa pausa Clapáucio, extremamente polido. Trurl apertou os lábios, deu à máquina alguns choques e ligou-a de novo. Dessa vez sua voz era bem mais límpida; era possível deleitar-se de verdade com seu barítono solene e não desprovido de sedutora vibração:

Uma apêntula malfeitia esses seres tosques
No torvelão infeja, a baita corisca permunda,
Estranguvando desmanata, folia desfunda,
E os sanguívocos raifudos solene escospe!

– Que língua é essa? – perguntou Clapáucio, notando com a perfeita calma o incontestável pânico com o qual Trurl mexia nos controles; por fim, tendo feito um gesto desesperado com a mão, correu pela escada batendo com força nos degraus, até a parte de cima do gigante de aço. Era possível ver como rastejava pela boca para o interior da máquina, como martelava lá dentro em meio a palavrões, como apertava algo, tinia com as chaves, rastejava de volta e disparava na direção de uma outra ponte; enfim, soltou um grito triunfal, jogou fora uma lâmpada queimada, que se estilhaçou no chão

do *hall* a um passo de Clapáucio, nem mesmo dignou-se a pedir desculpas por esse seu descuido, e rapidamente colocou no lugar certo uma nova lâmpada, limpou as mãos sujas em um pano macio e gritou de cima para Clapáucio ligar a máquina. Deram-se a ouvir as palavras:

Três automes fulijos o dentavo love,
Uma prante apelaides o dendilião venteija
Verde-matamorro os romes desclove
Até que a bamba ronque e nua esteja.

– Agora ficou melhor – exclamou sem muita convicção Trurl. – As últimas palavras já faziam sentido, notou?

– Se isso é tudo... – disse Clapáucio, que era agora a encarnação da requintada cortesia.

– Que o diabo carregue tudo isso! – bradou Trurl e de novo desapareceu nas entranhas da máquina; algo aí estalou, retumbou, deram-se a ouvir o som de descargas e uns palavrões abafados do construtor. De repente, botou a cabeça para fora por uma janelinha do terceiro andar e gritou:

– Ligue agora!!

Clapáucio ligou. Poetômato tremeu dos fundamentos até o topo e começou:

Ávido de mistomorfolho, angevino anjão,
Aspiradouro de mimideia...

Aqui parou, pois Trurl puxou com raiva um cabo, algo arfou e a máquina ficou em silêncio. Clapáucio, de tanto rir, teve que sentar no chão. Trurl corria como louco para todos os lados, algo de repente estourou, rebentou, e a máquina falou com a maior calma e coerência:

A desfeita é o fruto da empáfia e da inveja.
O tolo Clapáucio aprenderá a lição.
Ao provocar Poetômato para uma peleja,
É como uma tartaruga desafiando um avião.

– Veja! Uma epigrama! Cabe perfeitamente à situação! – bradou Trurl, dando voltas, cada vez mais baixo, pois descia correndo por uma escada estreita e em espiral, para cair quase diretamente nos braços do colega que, um pouco surpreso, parou de rir.

– Que coisa mais fajuta – disse logo Clapáucio – Além disso, nem foi ele, foi você!

– Como assim – eu?!

– Você havia preparado isso de antemão. Dá para ver pelo primitivismo, pela malícia impotente e pela pobreza das rimas.

– Tudo bem! Peça outra coisa! O que você quiser! Então, por que você não fala nada? Tem medo, né?!

– Não estou com medo, estou pensando – disse Clapáucio irado, procurando inventar o exercício mais difícil de todos, porque achava, não sem razão, que a querela sobre um poema composto pela máquina, se perfeito ou não, seria difícil de resolver.

– Que faça um poema sobre ciberótica! – disse iluminando-se de repente. – Que tenha no máximo seis linhas e seja sobre amor, traição, música, negros, classes altas, desastre, incesto, tudo rimado, e que as palavras comecem com a letra C!!

– E não precisa conter também uma apresentação da teoria geral dos autômatos infinitos? – berrou Trurl, morto de raiva. – Não pode colocar condições tão idio...

Mas nem terminou, porque o doce barítono já entoou, espalhando-se pelo todo hall:

O cínico cibernético Cipriano cantava
O charme do corpo e do cheiro de cachia
Da crioula Clementina da casa do cacique.
A cítara a cativava e a coitada corava,
Caía no choro, contorcia-se em chilique.
Comovido, o cacique cortejou a cria.

– E então? – Trurl cruzou os braços, mas Clapáucio, sem pensar, já vociferava:

– E agora começando com T! Um quarteto sobre um ser que seria ao mesmo tempo racional e irracional, feroz e cruel, que teria dezesseis concubinas, asas, quatro baús pintados e em cada um deles um mil táleres de

ouro com perfil do imperador Murdebrodo, dois palácios, e que levasse uma vida de assassinatos, e também...

– O terrível tirano Tadeu, tomando tudo, tangenciava tosco... – começou a máquina, mas Trurl correu para a mesa de controle, apertou um botão e, colocando-se na frente em um gesto de proteção, falou com uma voz abafada:

– Chega dessas besteiras, chega! Não vou deixar desperdiçar um grande talento! Ou você encomenda poemas decentes, ou vamos parar por aqui!

– E esses não são poemas decentes?... – começou Clapáucio.

– Não! Isso são charadas, quebra-cabeças! Não construí uma máquina de fazer palavras cruzadas! É um artesanato ordinário e não a Grande Arte! Dê um tema, por favor, pode ser bem difícil...

Clapáucio pensou, pensou, franziu a testa e disse:

– Tudo bem. Que seja então sobre amor e morte, mas expresso na linguagem da matemática avançada, de preferência na do cálculo tensorial. Pode ter também algo da topologia e da análise avançadas. E além disso, que seja intensamente erótico, até mesmo ousado, e situado no domínio da cibernética.

– Você ficou louco. Na linguagem matemática sobre o amor? Não, você tem um parafuso a menos – começou Trurl. Mas logo se calou, pois Poetômato começou a declamar:

Um tímido cibernético, numa tarde de verão,
Ao integrar diversos grupos unimodelares
Com as ciberíades, os extremos estelares
Explorava, não sabendo: é amor ou não?

Chega desses Laplacianos todo dia, toda hora,
Noite e dia, chega de vetores deslizantes!
Venham contradomínios, venham sem demora
Reduzir a amada aos abraços do amante!

Em grupos de rotação e efeitos retroativos
As vibrações métricas, que o gemido unifica,
Ele transforma, e tão velozes, tão excessivos
Que, nos olhares, por pouco não curto-circuitam!

Minha cataclísmica! Minha variável potente!
Meu contínuo irredutível! Minha classe transfinal!
Christoffel e Stokes já me são indiferentes,
Minha derivada do amor, primeira e fatal!

As dobras dos abismos dos campos escalares despe
E mostra ao preso no ardil do Teorema do Corpo,
Minha completa bimodal, minha ciberíade de ciprestes,
Em gradientes multiplicados em voos de pombos.

Não chegou ao êxtase aquele infeliz novato
Que no espaço de Weyl e Brouwer mergulhava,
Em seu estudo topológico entrando com abraços
E sondando as curvas que Moebius ignorava.

Minhas múltiplas camadas de atômica valência,
O quanto é preciso honrar-vos só este terá consciência
Quem o fantom destes parâmetros vislumbrando,
Em nanossegundos morre, no fogo do amor queimando.

Tal o ponto que na holonomia entra com furor,
Pela assíntota oblíqua de coordenadas privado,
Assim na última projeção, com o último afago
Despedido, o cibernético morre de amor.

Com isso terminou a competição poética, já que Clapáucio foi logo embora para casa, dizendo que ia voltar em breve com novos temas, mas nunca mais apareceu, temendo proporcionar a Trurl, contra suas intenções, mais um motivo de glória; quanto a este, andou contando que Clapáucio fugiu, incapaz de esconder uma violenta emoção. Aquele retrucava que desde a construção de Poetômato Trurl ficou mal da cabeça.

Pouco tempo correu e a notícia sobre o bardo elétrico chegou até os verdadeiros, ou seja, comuns, poetas. Profundamente indignados, decidiram ignorar a máquina; no entanto, alguns ficaram curiosos a ponto de procurar Poetômato em segredo. Este os recebeu com gentileza no *hall* cheio de folhas cobertas de texto, pois criava noite e dia sem parar. Os poetas eram da vanguarda, enquanto Poetômato trabalhava no estilo clássico, uma vez que Trurl, pouco conhecendo a poesia, baseou os programas "inspiradores" nas obras dos clássicos. Os visitantes zombaram de Poetômato a tal ponto que

seus tubos catódicos por pouco não estouraram, e foram embora triunfantes. A máquina, entretanto, possuía um sistema de autoprogramação com fusíveis de seis quiloamperes, mais um circuito especial de intensificação de ambição, e assim, pouco depois, tudo se reverteu. Seus poemas tornaram-se obscuros, polissêmicos, antiestéticos, mágicos e emocionantes até a mais total falta de compreensão. E então, quando chegou o próximo grupo de poetas desejosos de zombar da máquina, esta pronunciou uma improvisação contemporânea que tirou o fôlego de todos, enquanto seu segundo poema provocou o grave desmaio de um escritor da geração mais velha, prestigiado com dois prêmios nacionais e um monumento no parque da cidade. A partir desse momento nenhum poeta conseguia resistir ao desejo fatal de desafiar Poetômato para um torneio lírico – e acorriam de todos os lados, trazendo consigo sacolas e pastas cheias de folhas. Poetômato deixava que o visitante recitasse, captando logo o algoritmo de sua poesia e, tomando-o como base, respondia com poemas feitos no mesmo espírito, mas de duzentos e vinte a trezentos e quarenta e sete vezes melhores.

Em pouco tempo chegou à tamanha perícia que, com um ou dois sonetos, derrubava um conhecido bardo. Mas isso não era o pior, revelou-se, com efeito, que da competição saíam sãos e salvos apenas os grafômanos, que, como é bem sabido, ignoram a distinção entre poemas bons e ruins; estes iam embora impunes, e apenas um quebrou uma vez a perna, tropeçando na saída no grande poema épico de Poetômato, novo em folha, que começava com as palavras:

Trevas e vazio, voltas na escuridão,
Um traço tangível, contudo, esquivo,
Tal um vento tenaz, um olhar ainda vivo,
Tal o som dos passos de um pelotão.

Quanto aos verdadeiros poetas, Poetômato os dizimava, ainda que indiretamente, pois não lhes fazia mal algum. Mesmo assim, primeiro um poeta lírico de cabelos brancos e, em seguida, dois vanguardistas cometeram suicídio pulando de um alto rochedo, que, por um fatal acaso, ficava bem perto do caminho que ligava a casa de Trurl à estação ferroviária.

Os poetas logo organizaram em protesto uma série de reuniões e exigiram que a máquina fosse selada, mas, além deles, ninguém prestou atenção ao ocorrido. Na verdade, os editores dos jornais ficaram até contentes, uma vez que Poetômato, que escrevia sob milhares de pseudônimos

ao mesmo tempo, tinha um poema pronto, de determinado tamanho, para qualquer circunstância, e essa sua poesia circunstancial era tão boa que os cidadãos arrancavam os jornais das mãos e nas ruas viam-se rostos radiantes, sorrisos desvairados, e ouviam-se abafados soluços. Todos conheciam poemas de Poetômato; o ar vibrava de suas jubilosas rimas, e os temperamentos mais sensíveis uma ou outra vez até desmaiavam sob o impacto de metáforas minuciosamente construídas ou de assonâncias; mas nem essa eventualidade encontrou despreparado o gigante da inspiração, que logo produziu a quantidade adequada de sonetos tonificantes.

O próprio Trurl tinha muitos problemas decorrentes de sua façanha. Os clássicos, como é do feitio dos anciões, pouco o prejudicaram, se não contarmos as pedras que sistematicamente quebravam seus vidros e algumas substâncias, cujo nome evocar não cabe, e com as quais sujaram as paredes de sua casa. Os jovens eram piores. Um poeta da geração mais recente, cujos poemas se distinguiam por sua enorme força lírica, e ele mesmo, pela força física, lhe deu uma surra. Mas enquanto Trurl estava se recuperando no hospital, os acontecimentos seguiam seu curso; nenhum dia se passava sem algum novo suicídio, um enterro, piquetes davam voltas na frente da porta do hospital, e já se ouviam tiros, pois os poetas, em vez de folhas, cada vez mais frequentemente traziam em suas pastas explosivos, disparando-os em Poetômato, cuja natureza de aço era, no entanto, nada vulnerável. De volta a casa, o construtor, desesperado e enfraquecido, certa noite decidiu desmontar com suas próprias mãos o gênio que elas haviam construído.

Desta feita, levemente mancando, aproximou-se da máquina, que, ao ver em sua mão um alicate e em seus olhos um brilho de desespero, disparou uma lírica tão tocante que Trurl caiu em prantos, largou a ferramenta e foi embora, afundando em novas criações do espírito elétrico que lhe chegavam até o peito, cobrindo o espaço inteiro do *hall* com um rumorejante oceano de papel.

No entanto, quando no mês seguinte chegou a conta da luz consumida pela máquina, quase desmaiou. Ficaria contente se pudesse pedir conselho ao seu velho camarada Clapáucio, mas este sumiu como se tivesse sido engolido pela terra. Condenado à decisão solitária, Trurl certa noite tirou a máquina da tomada, desmontou-a, colocou as partes em uma nave espacial, levou-as a um pequeno planetoide, no qual montou tudo de volta, alimentando sua energia criativa com um reator nuclear.

E voltou de fininho para casa, mas a história não terminou ali, porque Poetômato, não mais tendo possibilidade de publicar suas obras impressas,

passou a emiti-las através de todas as radiofrequências, o que provocava em tripulações e passageiros de naves espaciais estados de lírico estupor, pois os seres mais sutis sucumbiam a graves ataques de admiração seguidos de perda de sensibilidade. Após uma investigação, os dirigentes responsáveis pela navegação espacial encaminharam a Trurl uma solicitação oficial de liquidação imediata de seu dispositivo, que perturbava com a lírica a tranquilidade pública e constituía um perigo para saúde dos passageiros.

Com isso, Trurl começou a se esconder. Foi então enviada ao planetoide uma equipe de técnicos que deveriam selar a saída lírica de Poetômato, mas este os entorpeceu com algumas baladas, e não efetuaram a tarefa. Foram enviados técnicos surdos, mas Poetômato transmitiu-lhes a informação lírica em libras. Deixaram-se então ouvir vozes sobre a necessidade de uma expedição pacificadora ou de se bombardear o poeta eletrônico. E justamente naquele momento, a máquina foi comprada pelo soberano de uma galáxia vizinha e, junto com o planetoide, rebocada para seu reino.

Trurl podia finalmente sair de seu esconderijo e relaxar. É verdade que, na parte meridional do firmamento, veem-se de quando em quando umas explosões de supernovas que surpreendem até os mais velhos, e ouvem-se rumores que isso tudo teria relação com a poesia. Parece que aquele soberano, impulsionado por um estranho capricho, mandou que seus engenheiros espaciais conectassem Poetômato a uma constelação de gigantes azuis, e agora cada uma de suas estrofes é transformada em uma colossal proeminência solar, de modo que o maior poeta cósmico emite suas obras através da pulsação de fogo simultaneamente em todos os infinitos abismos galácticos. Em uma palavra, esse grande rei transformou-o no motor lírico de um conjunto de estrelas em explosão. E ainda que houvesse nessa história algo de verdadeiro, tudo isso se passava por demais longe para poder perturbar o sono de Trurl, que jurou por todos os santos nunca mais mexer com a modelação cibernética dos processos criativos.

NÓS, DE AUSCHWITZ

PRIMO LEVI

O TEXTO: As três narrativas que integram esta seleção pertencem ao conjunto da prosa memorialística e autobiográfica de Primo Levi. Breves e incisivas, fazem alusão à experiência do autor no campo nazista de concentração e extermínio de Auschwitz-Birkenau, para onde Primo Levi foi levado em 1944, inserindo-se assim no Neorrealismo literário italiano. O conto "Nós de Auschwitz" permaneceu inédito até 10 de abril de 2007, quando foi publicado pelo jornal *Corriere della Sera*, ao passo que "Auschwitz, cidade tranquila" e "Pipeta de guerra" fazem parte da coletânea *O último Natal de guerra*, publicada em 1999.

Textos traduzidos: Levi, Primo. "Noi di Auschwitz". *Corriere della Sera*, Milano, 04 aprile 2007; "Auschwitz, città tranquilla"; "Pipetta da guerra". *L'ultimo Natale di guerra*. A cura di Marco Belpoliti. Torino: Einaudi, 1999.

O AUTOR: Escritor e químico italiano, Primo Levi nasceu em Turim, em 31 de julho de 1919, e morreu na mesma cidade, em 11 de abril de 1987. Judeu e antifascista, membro do Movimento Justiça e Liberdade, de resistência ao fascismo, foi capturado em 1943 pela milícia fascista e enviado, no ano seguinte, para o campo de Auschwitz-Birkenau, na Polônia, de onde saiu em 1945, libertado pelo Exército Vermelho. Após o retorno a Turim, pôs-se a escrever com o intuito de denunciar o que havia vivenciado e testemunhado. Sua narrativa é concisa e pungente, inscrevendo-se na prosa realista e descritiva do chamado Novo Realismo italiano.

A TRADUTORA: Márcia Marques Marinho Castro é graduada em Letras (Português/Francês e Inglês/Literaturas) e pós-graduada em Tradução de Língua Italiana pela UERJ; também é pós-graduada em Tradução de Língua Espanhola (UGF), Letras (UFF) e Relações Internacionais (UCAM). Há mais de vinte anos se dedica ao ensino de línguas estrangeiras e à tradução e revisão de textos.

NOI DI AUSCHWITZ

"Siamo soli, abbandonati in un universo di morti e di larve.
L'ultima traccia di civiltà è sparita intorno a noi e dentro di noi."

PRIMO LEVI

NOI DI AUSCHWITZ

«Jawohl, il sì degli schiavi. E intorno il deserto»

22 gennaio: Le nostre patate sono finite. Da giorni circolava per le baracche la voce che un enorme deposito sotterraneo di patate fosse nascosto da qualche parte, fuori del filo spinato, non lontano dal campo; ora qualche pioniere ignorato deve averlo rintracciato. (Passi, rumore di pale e di carriole al vento). Un tratto del recinto di filo spinato è stato abbattuto a colpi di pala, e una doppia processione di miserabili esce ed entra dalla apertura.

Narratore: Ed anche la fame stava per finire: il deposito di patate era enorme, ce n'era per tutti… Nessuno sarebbe più morto di fame.

25 gennaio: Nessuno sarebbe più morto di fame: ma la morte continuava a mietere. La debolezza di tutti era estrema: nel campo nessun ammalato guariva, molti invece si ammalavano di polmonite e di dissenteria. Non c'erano medici né medicine: i malati e gli esauriti, che non erano in grado di muoversi, giacevano torpidi nelle loro cuccette, paralizzati dal freddo, e nessuno si accorgeva di quando morivano. Per la prima volta la morte è entrata nella nostra camera. È stata la volta di Somogyi: un ungherese di

cinquant'anni, alto, magro e taciturno. Era ammalato insieme di tifo e di scarlattina. Da forse cinque giorni non parlava. Ha aperto bocca oggi, e ha detto con voce ferma:

Somogyi: Ho una razione di pane sotto il saccone. Dividete voi tre. Io mangerò mai più.

Narratore: Non abbiamo trovato nulla da rispondergli, ma non abbiamo toccato il pane. Finché ha avuto coscienza è rimasto chiuso in un silenzio aspro. Ma la sera e per tutta la notte, e per due giorni senza interruzione, il suo silenzio è stato sciolto dal delirio.

Somogyi: Jawohl..., Jawohl..., Jawohl...

Narratore: Jawohl, il Sì degli schiavi, la parola dell'obbedienza e della remissione. La sua voce è sommessa, è estenuata, eppure sembra che passi le pareti del tetto, che gridi al cielo. Seguendo un ultimo interminabile sogno di schiavitù, Somogyi ha continuato a dire Jawohl finché ha avuto fiato: regolare e costante come una macchina, Jawohl ad ogni tensione di respiro, ad ogni abbassamento della povera rastrelliera delle costole. Jawohl, migliaia di volte, tanto da far venire voglia di scuoterlo, di svegliarlo, di soffocarlo. Non ho mai capito come allora quanto sia laboriosa la morte di un uomo. (Silenzio per qualche secondo, si sente soltanto il Jawohl di Somogyi). Fuori adesso c'è un grande silenzio. La pianura intorno al campo è deserta e rigida, bianca a perdita d'occhio, mortalmente triste. Il numero dei corvi è molto aumentato e tutti sanno perché.

26 gennaio: Siamo soli, abbandonati in un universo di morti e di larve. L'ultima traccia di civiltà è sparita intorno a noi e dentro di noi. L'opera di bestializzazione intrapresa dai tedeschi trionfanti è stata portata a compimento dai tedeschi disfatti. È uomo chi uccide, è uomo chi commette o subisce ingiustizia: non è uomo chi ha perso ogni ritegno, e divide il suo letto con un cadavere. Chi ha atteso che il suo vicino finisse di morire per togliergli un quarto di pane può essere innocente, ma è segnato, è condannato, è maledetto. È più lontano dal modello dell'uomo pensante che un sadico, atroce e rozzo pigmeo. (Silenzio, si sente adesso in primo piano il Jawohl di Somogyi. È morente e la sua voce è un rantolo) Erano

questi i nostri pensieri, alla vigilia della libertà. Soltanto Somogyi si accaniva a confermare alla morte la sua dedizione. Mi sono svegliato di soprassalto: Somogyi taceva, aveva finito. Con l'ultimo sussulto di vita si è gettato a terra dalla cuccetta: ho udito l'urto delle ginocchia, delle anche, delle spalle e del corpo.

27 gennaio: L'alba. Sul pavimento, l'infame tumulto di membra stecchite, la cosa Somogyi. Non possiamo portarlo via. Ci sono lavori più urgenti, non ci si può lavare, non possiamo toccarlo che dopo di aver cucinato e mangiato. I vivi sono più esigenti. I morti possono aspettare. Ci siamo messi al lavoro come tutti i giorni. Abbiamo preparato la zuppa, abbiamo rifatto i letti dei malati, poi ci siamo accinti a quell'altro triste lavoro. (Rumore di stoviglie ecc. Poi si sente un mormorio crescente, lontano e poi vicino che si muta infine in grida di gioia e acclamazioni). I russi sono arrivati mentre Charles e io portavamo Somogyi poco lontano. Lo abbiamo caricato su di una barella: era spaventosamente leggero. Abbiamo rovesciato la barella sulla neve grigia mentre sulla strada passavano le avanguardie russe a cavallo.

Narratore: Charles si tolse il berretto, a salutare i vivi e i morti. A me dispiacque di non avere il berretto.

AUSCHWITZ, CITTÀ TRANQUILLA

Può stupire che in Lager uno degli stati d'animo piú frequenti fosse la curiosità. Eppure eravamo, oltre che spaventati, umiliati e disperati, anche curiosi: affamati di pane e anche di capire. Il mondo intorno a noi appariva capovolto, dunque qualcuno doveva averlo capovolto, e perciò essere un capovolto lui stesso: uno, mille, un milione di essere antiumani, creati per torcere quello che era diritto, per sporcare il pulito. Era una semplificazione illecita, ma a quel tempo e quel luogo non eravamo capaci di idee complesse.

Per quanto riguarda i signori del male, questa curiosità, che ammetto di conservare, e che non è limitata ai capi nazisti, è rimasta pendente. Sono usciti centinaia di libri sulla psicologia di Hitler, Stalin, Himmler, Goebbels, e ne ho letti decine senza che mi soddisfacessero: ma è probabile che si tratti qui di una insufficienza essenziale della pagina documentaria; essa non possiede quasi mai il potere di restituirci il fondo di un essere umano: a questo scopo, piú dello storico o dello psicologo sono idonei il drammaturgo o il poeta.

Tuttavia, questa mia ricerca non è stata del tutto infruttuosa: un destino strano, addirittura provocatorio, mi ha messo anni fa sulle tracce di "uno dell'altra parte", non certo un grande del male, forse neppure un malvagio a pieno titolo, tuttavia un campione e un testimone. Un testimone suo malgrado, che non voleva esserlo, ma che ha deposto senza volerlo e forse addirittura senza saperlo. Coloro che testimoniano attraverso il loro comportamento sono i testi piú preziosi, perché certamente veridici.

Era un quasi-me, un altro me stesso ribaltato. Eravamo coetanei, non dissimili come studi, forse neppure come carattere; lui, Mertens, giovane chimico tedesco e cattolico, e io, giovane chimico italiano ed ebreo. Potenzialmente due colleghi: di fatto lavoravamo nella stessa fabbrica, ma io stavo dentro il filo spinato e lui fuori. Tuttavia eravamo quarantamila a lavorare nel cantiere dei Buna-Werke di Auschwitz, e che noi due, lui *Oberingenieur* e io chimico-schiavo, ci siamo incontrati, è improbabile, comunque non piú verificabile. Neppure dopo ci siamo mai visti.

Quello che so di lui proviene da lettere di amici comuni: il mondo si rivela talvolta risibilmente piccolo, tanto da consentire che due chimici di paesi diversi possano trovarsi collegati da una catena di conoscenti, e che questi si prestino a tessere un reticolo di notizie scambiate che è un

surrogato scadente dell'incontro diretto, ma che tuttavia è meglio della reciproca ignoranza. Per questa via ho appreso che Mertens aveva letto i miei libri sui Lager, e verosimilmente anche altri, perché non era un cinico né un insensibile: tendeva a rifiutare un certo segmento del suo passato, ma era abbastanza evoluto per astenersi dal mentire a se stesso. Non si regalava bugie, ma lacune, spazi bianchi.

La prima notizia che ho di lui risale alla fine del 1941, epoca di ripensamento per tutti i tedeschi ancora in grado di ragionare e di resistere alla propaganda: i giapponesi dilagano vittoriosi in tutto il Sud-Est asiatico, i tedeschi assediano Leningrado e sono alle porte di Mosca, ma l'era dei blitz è finita, il collasso della Russia non c'è stato, e sono cominciati invece i bombardamenti aerei delle città tedesche. Adesso la guerra è affare di tutti, in tutte le famiglie c'è almeno un uomo al fronte, e nessun uomo al fronte è piú sicuro dell'incolumità della sua famiglia: dietro le porte delle case la retorica bellicista non ha piú corso.

Mertens è chimico in una fabbrica metropolitana di gomma, e la direzione dell'azienda gli fa una proposta che è quasi un ordine: avrà vantaggi di carriera, e forse anche politici, se accetta di trasferirsi ai Buna-Werke di Auschwitz. La zona è tranquilla, lontana dal fronte e fuori del raggio dei bombardieri, il lavoro è lo stesso, lo stipendio è migliore, nessuna difficoltà per l'alloggio: molte case polacche sono vuote... Mertens ne discute coi colleghi; in maggior parte lo sconsigliano, non si baratta il certo con l'incerto, e inoltre i Buna-Werke sono in una brutta regione paludosa e malsana. Malsana anche storicamente, l'Alta Slesia è uno di quegli angoli d'Europa che hanno cambiato padrone troppe volte, e che sono abitati da genti miste e fra loro nemiche.

Ma contro il nome di Auschwitz nessuno ha obiezioni: è ancora un nome vuoto, che non suscita echi; una delle tante città polacche che dopo l'ocupazione tedesca hanno cambiato nome. Óswiecim è diventata Auschwitz, come se bastasse questo a far diventare tedeschi i polacchi che vi abitano da secoli. È una cittadina come tante altre.

Mertens ci pensa su: è fidanzato, e mettere su casa in Germania, sotto i bombardamenti, è imprudente. Chiede un permesso e va a vedere. Che cosa abbia visto in questo prima sopralluogo, non è noto: l'uomo è tornato, si è sposato, non ha parlato con nessuno, ed è ripartito per Auschwitz con la moglie e i mobili per stabilirsi laggiú. Gli amici, quelli appunto che mi hanno scritto questa storia, lo hanno invitato a parlare, ma lui non ha parlato.

Neppure ha parlato nel corso della sua seconda ricomparsa in patria, nell'estate del 1943, in ferie (perché anche nella Germania nazista in guerra, in agosto la gente andava in ferie). Adesso lo scenario è cambiato. Il fascismo italiano, battuto su tutti i fronti, si è sfasciato, e gli Alleati risalgono la penisola; la battaglia aerea contro gli inglesi è perduta, e nessun angolo della Germania è ormai al riparo dalle spietate ritorsioni alleate; i russi non solo non sono crollati, ma a Stalingrado hanno inflitto ai tedeschi, e a Hitler stesso che ha diretto le operazioni con l'ostinazione dei folli, la piú bruciante delle sconfitte.

I coniugi Mertens sono oggetto di una cautissima curiosità, perché a questo punto, a dispetto di tutte le precauzioni, Auschwitz non è piú un nome vuoto. Qualche voce ha circolato, imprecisa ma sinistra: è da porre accanto a Bachau e a Buchenwald, pare anzi che sia peggiore; è uno di quei luoghi su cui è rischioso fare domande, ma si è fra amici intimi, di vecchia data: Mertens viene di là, deve pure sapere qualcosa, e se la sa la dovrebbe raccontare.

Ma, mentre si incrociano i discorsi di tutti i salotti, le donne parlano di sfollamenti e di borsa negra, gli uomini del loro lavoro, e qualcuno racconta sottovoce l'ultima storiella antinazista, Mertens si apparta. Nella camera accanto c'è un pianoforte, lui suona e beve, torna in salotto ogni tanto solo per versarsi un altro bicchiere. A mezzanotte è ubriaco, ma il padron di casa non lo ha perso di vista; lo trascina al tavolo e gli dice chiaro e tondo: – Adesso tu ti siedi qui e ci dici che cosa diavolo succede dalle tue parti, e perché devi ubriacarti invece di parlare con noi.

Mertens si sente conteso tra l'ubriachezza, la prudenza e un certo bisogno di confessarsi. – Auschwitz è un Lager, – dice, – anzi, un gruppo di Lager: uno è proprio contiguo alla fabbrica. Ci sono uomini e donne, sporchi, stracciati, non parlano tedesco. Fanno i lavori piú faticosi. Noi non possiamo parlare con loro. – Chi ve l'ha proibito? – La direzione. Quando siamo arrivati ci hanno detto che sono gente pericolosa, banditi e sovversivi. – E tu non gli hai mai parlato? – chiese il padron di casa. – No, – rispose Mertens versandosi un altro bicchiere. Qui intervenne la giovane signora Mertens: – Io ho incontrato una donna che faceva le pulizie in casa del direttore. Mi ha solo detto "Frau, Brot": "signora, pane", ma io... – Mertens non doveva poi essere tanto ubriaco, perché disse seccamente alla moglie: – Smettila – e rivolto agli altri: – Non vorreste cambiare argomento?

Non so molto del comportamento di Mertens dopo il crollo della Ger-

mania. So che lui e sua moglie, come molti tedeschi delle regioni orientali, sono fuggiti davanti ai sovietici lungo le interminabili strade della disfatta, piene di neve, di macerie e di morti; e che in seguito lui ha ripreso il suo mestiere di tecnico, ma rifiutando i contatti e chiudendosi sempre piú in se stesso.

Ha parlato un po' di piú parecchi anni dopo la fine della guerra, quando non c'era piú la Gestapo a fargli paura. A interrogarlo, questa volta c'era uno "specialista", un ex prigioniero che oggi è un famoso storico dei Lager, Hermann Langbein. A domande precise, ha risposto che aveva accettato di trasferirsi ad Auschwitz per evitare che al suo posto andasse un nazista; che coi prigionieri non aveva mai parlato per timore di punizioni, ma che aveva sempre cercato di alleviare le loro condizioni di lavoro; che delle camere a gas a quel tempo non sapeva nulla perché non aveva chiesto niente a nessuno. Non si rendeva conto che la sua obbedienza era un aiuto concreto al regime di Hitler? Sí, oggi sí, ma non allora: non gli era mai venuto in mente.

Non ho mai cercato di incontrarmi con Mertens. Provavo un ritegno complesso, di cui l'avversione era solo una delle componenti. Anni addietro, gli ho scritto una lettera: gli dicevo che se Hitler é salito al potere, ha devastato l'Europa e ha condotto la Germania alla rovina, è perché molti buoni cittadini tedeschi si sono comportati come lui, cercando di non vedere e tacendo su quanto vedevano. Mertens non mi ha risposto, ed è morto pochi anni dopo.

8 marzo 1984.

PIPETTA DA GUERRA

Qualche giorno fa, in un gruppo di amici, si parlava dell'influsso delle piccole cause sul corso della storia. È questa una controversia classica, e classicamente priva di soluzione definitiva e assoluta: si può impunemente affermare che la storia del mondo (via, siamo modesti: diciamo del bacino mediterraneo) sarebbe stata totalmente diversa se il naso di Cleopatra fosse stato piú lungo, come voleva Pascal, e si può altrettanto impunemente affermare che essa sarebbe stata esattamente uguale, come vogliono l'ortodossia marxista e la storiografia proposta da Tolstoj in *Guerra e pace*. Poiché non è possibile ricostruire una Cleopatra col naso diverso, ma con un *entourage* rigorosamente uguale a quello della Cleopatra storica, non esiste alcuna possibilità di dimostrare o confutare sperimentalmente l'una o l'altra tesi, e il problema è uno pseudoproblema.

Ci siamo trovati invece tutti d'accordo nell'osservare che le piccole cause possono avere un effetto determinante sulle storie individuali, allo stesso modo che l'ago di uno scambio ferroviario, spostandosi di pochi centimetri, può avviare un treno con mille passeggeri a Madrid anziché ad Amburgo.

A questo punto, ognuno dei presenti ha preteso di raccontare la piccola causa che aveva radicalmente mutato la sua esistenza, e anch'io, quando la confusione si è calmata, ho raccontato la mia: o per meglio dire, ne ho definito i dettagli, perché l'avevo già narrata molte volte, sia a voce sia per iscritto.

Poco piú che quarant'anni fa ero prigioniero ad Auschwitz e lavoravo in un laboratorio chimico. Avevo fame, e cercavo di rubare qualcosa di piccolo e di insolito (e quindi di alto valore commerciale) per scambiarlo con pane. Dopo vari tentativi, riusciti o falliti, che ho descritti altrove, trovai un cassetto pieno di pipette. Le pipette sono tubette di vetro graduati con precisione: servono a trasferire quantità ben definite di liquido da un recipiente a un altro, e vengono usate (oggi, veramente, si usano sistemi piú igienici) aspirando il liquido con le labbra da un'estremità, in modo che salga esattamente fino alla graduazione superiore, e lasciando che scenda poi per il suo peso. Le pipette erano tante: ne infilai una dozzina in una tasca clandestina che mi ero cucita all'interno della giacca, me le portai in Lager, e appena finito l'appello corsi all'infermeria: intendevo offrirle a un infermiere polacco che conoscevo, e che lavorava nel Reparto Infettivi. Gli

spiegai che potevano servire per le analisi chimiche.

Il polacco guardò la refurtiva con scarso interesse, poi mi disse che per quel giorno era troppo tardi, pane non ne aveva piú: tutto quel che poteva offrirmi era un po' di zuppa.

Accettai il compenso proposto; il polacco scomparve fra i malati del suo reparto e tornò poco dopo con una scodella mezza piena di zuppa. Era mezza piena in un modo curioso, e cioè verticalmente; faceva molto freddo, la zuppa si era rappresa, e qualcuno ne aveva asportato una metà con un cucchiaio, come chi mangiasse mezza torta. Chi poteva aver avanzato mezza scodella di zuppa in quel regno della fame? Quasi certamente un ammalato grave, e, dato il luogo, anche contagioso: nelle ultime settimane, nel campo si erano scatenate in forma epidemica la difterite e la scarlattina.

Ma ad Auschwitz cautele di questo tipo non avevano corso, prima veniva la fame e poi tutto il resto; lasciare non mangiato qualcosa di mangiabile non era quanto comunemente si dice "un peccato", era impensabile, anzi, fisicamente impossibile. Quella sera stessa io e il mio amico ed alter ego Alberto ci spartimmo quella zuppa cosí sospetta. Alberto aveva la mia età, la mia statura, il mio carattere e il mio mestiere, e dormivamo nella stessa cuccetta. Ci somigliavamo perfino un poco; i compagni stranieri e il *Kapo* ritenevano superfluo distinguere fra noi, e pretendevano che quando chiamavano "Alberto!" o "Primo!" rispondesse comunque quello di noi che era piú vicino.

Eravamo dunque per cosí dire intercambiabili, e chiunque avrebbe pronosticato per noi due lo stesso destino: entrambi sommersi o entrambi salvati. Ma proprio a questo punto entrò in funzione l'ago dello scambio, la piccola causa dagli effetti determinanti. Alberto aveva avuto la scarlattina da bambino, ed era immune; io invece no.

Mi accorsi delle conseguenze della nostra imprudenza pochi giorni dopo. Alla sveglia, mentre Alberto stava bene, a me la gola doleva intensamente, stentavo a deglutire e avevo la febbre alta: ma "marcare visita" al mattino non era consentito, e cosí andai al laboratorio come tutti i giorni. Mi sentivo ammalato a morte, eppure proprio quel giorno venni incaricato di un'impresa insolita. In quel laboratorio lavoravano (o fingevano di lavorare) anche otto ragazze, tedesche, polacche e ucraine; il capo mi disse che dovevo insegnare a Fräulein Drechsel un certo metodo analitico.

La Drechsel era una tedescotta adolescente sgraziata e torva. Per lo piú evitava di rivolgere lo sguardo su noi tre chimici-schiavi: quando lo faceva, i suoi occhi smorti esprimevano un'ostilità vaga, fatta di diffidenza, imb-

arazzo, repulsione e paura. A me non aveva mai rivolto la parola; mi era antipatica, e anche sospetta, perché nei giorni precedenti l'avevo vista appartarsi col giovanissimo SS che sorvegliava quel reparto; e poi, lei sola, portava appuntato sul camice un distintivo con la croce uncinata. Forse era una caposquadra della Gioventú hitleriana.

Lei era una pessima allieva perché era stupida, e io un pessimo maestro perché parlavo male il tedesco, e soprattuto perché non ero motivato: anzi, ero contromotivato. Perché mai avrei dovuto insegnare qualcosa a quella creatura? Il normale rapporto maestrodiscepolo, che è discendente, veniva a conflitto con rapporti ascendenti: io ebreo e lei ariana, io sporco e malato e lei pulita e sana.

Credo che sia stata quella l'unica occasione in cui io abbia commesso deliberatamente un'ingiustizia. L'analisi che io le avrei dovuto insegnare comportava l'uso di una pipetta: sí, una sorella di quelle a cui dovevo la malattia che mi correva per le vene. Mostrai alla Drechsel come la si usava, inserendola fra le mie labbra febbricitanti; poi gliela porsi, e la invitai a fare altrettanto. Feci insomma quanto potevo per contagiarla.

Pochi giorni dopo, mentre io ero ricoverato all'infermeria, il campo fu sciolto nelle tragiche condizioni che sono state piú volte descritte. Alberto fu vittima della piccola causa, della scarlattina da cui era guarito bambino. Venne a salutarmi, e poi partí nella notte e nella neve, insieme con altri sessantamila sventurati, per quella marcia mortale da cui pochi tornarono vivi. Io fui salvato, nel modo piú imprevedibile, dall'affare delle pipette rubate, che mi avevano procurato una provvidenziale malattia proprio nel momento in cui, paradossalmente, non poter camminare era una fortuna. Infatti, per ragioni mai chiarite, ad Auschwitz i nazisti in fuga si astennero dall'eseguire gli ordini di Berlino, che erano chiari: non lasciarsi dietro nessun testimone. Se ne andarono abbandonando noi ammalati al nostro destino.

Di quanto sia avvenuto alla signorina Drechsel, non so nulla. Forse non era colpevole se non di qualche bacetto nazista, e perciò spero che la piccola causa da me pilotata non le abbia arrecato gran danno: a diciassette anni una scarlattina guarisce presto e non lascia postumi. Comunque, non sento rimorsi per questo mio tentativo privato di guerra batteriologica. Ho saputo piú tardi che altri, in altri Lager, avevano agito in modo piú sistematico e meglio mirato. Là dove infuriava il tifo esantematico, che spesso è mortale e viene trasmesso dai pidocchi delle vesti, le prigioniere addette alla stiratura delle uniformi delle SS andavano in cerca delle compagne morte di

tifo, prelevavano i pidocchi dai cadaveri e li infilavano sotto il colletto delle giacche militari. I pidocchi sono animali poco simpatici, ma non hanno pregiudizi razziali.

23 maggio 1985.

NÓS, DE AUSCHWITZ

"Estamos sós, abandonados em um universo de mortos e larvas.
O último traço de civilidade desapareceu à nossa volta e dentro de nós."

PRIMO LEVI

NÓS, DE AUSCHWITZ

«*Jawohl*[1], o sim dos escravos. E ao redor o deserto»

22 de janeiro: Nossas batatas acabaram. Fazia dias que circulava pelas cabanas o rumor de que um enorme depósito subterrâneo de batatas estivesse escondido em alguma parte, além do arame farpado, não distante do campo; agora algum pioneiro desconhecido deve tê-lo descoberto. (Passos, barulho de pás e carrinhos de mão ao vento). Um trecho cercado pelo arame farpado foi abatido a golpes de pá, e uma dupla procissão de miseráveis sai e entra pela abertura.

Narrador: E também a fome estava para acabar: o depósito de batatas era enorme, havia para todos... Ninguém mais morreria de fome.

25 de janeiro: Ninguém mais morreria de fome: mas a morte continuava a ceifar. A debilidade de todos era extrema: no campo, nenhum doente era curado; muitos, ao contrário, eram acometidos por pneumonia e disenteria. Não havia médicos nem remédios: os doentes e exauridos, que não estavam

[1] *Jawohl:* em alemão, "sim". (n.t.)

em condições de se mover, jaziam entorpecidos em seus leitos, paralisados pelo frio, e ninguém se dava conta de quando morriam. Pela primeira vez a morte entrou em nosso aposento. Foi a vez de Somogyi: um húngaro de cinquenta anos, alto, magro e taciturno. Foi acometido ao mesmo tempo por tifo e escarlatina. Há cinco dias, talvez, não falava. Abriu a boca hoje, e disse com voz firme:

Somogyi: Tenho uma ração de pão debaixo do colchão de palha. Dividam entre vocês três. Eu não comerei nunca mais.

Narrador: Não soubemos o que responder, mas não tocamos no pão. Enquanto teve consciência, permaneceu fechado em um silêncio áspero. Mas à noite, e durante toda a madrugada, e por dois dias sem interrupção, seu silêncio foi desfeito pelo delírio.

Somogyi: *Jawohl*..., *Jawohl*..., *Jawohl*...

Narrador: *Jawohl*, o sim dos escravos, a palavra da obediência e da remissão. Sua voz é baixa, extenuada; ainda assim parece que ultrapassa os limites do teto, que grita para o céu. Seguindo um último e interminável sonho de escravidão, Somogyi continuou a dizer *Jawohl* enquanto teve fôlego: regular e constante como uma máquina, *Jawohl* a cada contração da respiração, a cada abaixar da pobre cremalheira das costelas. *Jawohl*, milhares de vezes, tanto que veio a vontade de sacudi-lo, despertá-lo, sufocá-lo. Eu nunca tinha entendido, até então, quão laboriosa é a morte de um homem. (Silêncio por alguns segundos; ouve-se somente o *Jawohl* de Somogyi). Lá fora, agora, há um grande silêncio. A planície ao redor do campo é deserta e rígida, branca a perder de vista, mortalmente triste. O número de corvos aumentou muito e todos sabem por quê.

26 de janeiro: Estamos sós, abandonados em um universo de mortos e larvas. O último traço de civilidade desapareceu à nossa volta e dentro de nós. A obra de bestialização empreendida pelos alemães triunfantes foi levada a cabo pelos alemães derrotados. É homem quem mata, é homem quem comete ou sofre injustiça: não é homem quem perdeu todo o pudor, e divide seu leito com um cadáver. Quem esperou que seu vizinho terminasse de morrer para tomar-lhe um quarto de pão pode ser inocente, mas está marcado, está con-

denado, está amaldiçoado. E mais longe do modelo do homem pensante que um sádico, atroz e rude pigmeu. (Silêncio, agora se ouve em primeiro plano o *Jawohl* de Somogyi. Ele está agonizante e sua voz é um estertor). Eram esses nossos pensamentos, na vigília da liberdade. Somente Somogyi insistia em confirmar à morte sua dedicação. Despertei de sobressalto: Somogyi se calava, estava terminado. Com o último espasmo de vida, caiu do leito ao chão: ouvi a pancada dos joelhos, dos quadris, dos ombros e do corpo.

27 de janeiro: A aurora. No chão, a infame confusão de membros rígidos, a coisa Somogyi. Não podemos levá-lo para fora. Há trabalhos mais urgentes, não se pode lavá-lo, só podemos tocá-lo depois de termos cozinhado e comido. Os vivos são mais exigentes. Os mortos podem esperar. Como todos os dias, nos pusemos a trabalhar. Preparamos a sopa, refizemos os leitos dos doentes, depois nos preparamos para aquele outro triste trabalho. (Barulho da louça etc... Então se ouve um murmúrio crescente, ao longe e então perto, que se transforma, enfim, em clamor de alegria e aclamações). Os russos chegaram enquanto Charles e eu levávamos Somogyi pouco adiante. Nós o havíamos carregado em uma maca: estava espantosamente leve. Largamos a maca na neve cinzenta, enquanto a vanguarda do exército russo passava a cavalo pela estrada.

Narrador: Charles tirou a boina, saudando os vivos e os mortos. Desagradou-me não ter uma boina.

AUSCHWITZ, CIDADE TRANQUILA

Pode causar espanto que nos *Lager*[2] um dos estados de ânimo mais frequentes fosse a curiosidade. Entretanto, além de espantados, humilhados e desesperados, éramos também curiosos: famintos de pão e também de entender. O mundo ao redor nos parecia de ponta-cabeça; logo, alguém devia tê-lo virado de ponta-cabeça e devia estar ele próprio, por isso, de ponta -cabeça: um, mil, um milhão de seres anti-humanos, criados para torcer o que era direito, para sujar o limpo. Era uma simplificação ilícita, mas naquele tempo e naquele lugar não éramos capazes de ideias complexas.

No que diz respeito aos senhores dos males, essa curiosidade, que admito conservar e que não está limitada aos chefes nazistas, continuou pendente. Foi publicada uma centena de livros sobre a psicologia de Hitler, Stalin, Himmler, Goebbels, e li uma dezena deles sem que me satisfizesse: mas é provável que se trate aqui de uma insuficiência essencial da página documental, que quase nunca possui o poder de nos restituir o âmago de um ser humano: para este fim, mais hábil, como historiador ou psicólogo, é o dramaturgo ou o poeta.

Todavia, essa minha pesquisa não foi de todo infrutífera: um destino estranho, provocador até, me colocou há alguns anos no rastro de "alguém do outro lado", não certamente um grande do mal, talvez nem mesmo um malvado de pleno direito, mas uma amostra e uma testemunha. Uma testemunha a contragosto, que não queria sê-lo, mas que depôs sem desejá-lo e talvez até sem sabê-lo. Aqueles que testemunham por meio de seu comportamento constituem os depoimentos mais preciosos, já que certamente verídicos.

Era um quase-eu, um outro eu mesmo às avessas. Éramos contemporâneos, não diferentes pelos estudos, talvez nem mesmo pelo temperamento; ele, Mertens, jovem químico alemão e católico, e eu, jovem químico italiano e judeu. Potencialmente dois colegas: na verdade, trabalhávamos na mesma fábrica, mas eu ficava do lado de dentro do arame farpado, e ele, do lado de fora. Contudo, éramos quarenta mil a trabalhar no canteiro de Buna-Werke em Auschwitz, e que nós dois, ele, *Oberingenieur*[3], e

[2] *Lager*: palavra alemã usada para designar os campos nazistas de extermínio. (n.t.)
[3] *Oberingenieur*: encarregado titular ou engenheiro-chefe em alemão. (n.t.)

eu, químico-escravo, tenhamos nos encontrado, é improvável, e em todo caso, não mais verificável. Tampouco depois nunca mais nos vimos.

O que sei dele provém de cartas de amigos em comum: o mundo às vezes se revela risivelmente pequeno, tanto que consente que dois químicos de países diferentes possam encontrar-se ligados por uma cadeia de conhecidos, e que estes se prestem a tecer um retículo de notícias trocadas que é um substituto inferior do encontro direto, mas que, todavia, é melhor que a ignorância recíproca. Por essa via soube que Mertens havia lido meus livros sobre os *Lager*, e provavelmente até outros, porque não era um cínico nem um insensível: tendia a negar um certo segmento de seu passado, mas era suficientemente evoluído para abster-se de mentir para si mesmo. Não se regalava com mentiras, mas com lacunas, espaços em branco.

A primeira notícia que tenho dele remonta ao final de 1941, época de reflexão para todos os alemães ainda em condições de raciocinar e resistir à propaganda: os japoneses se espalham vitoriosos por todo o sudeste asiático, os alemães sitiam Leningrado e estão às portas de Moscou, mas a era das *blitze* terminou, o colapso da Rússia não aconteceu e, em vez disso, começaram os bombardeios aéreos das cidades alemãs. Agora a guerra é da conta de todos, em todas as famílias há pelo menos um homem no *front*, e nenhum homem no *front* tem mais certeza da segurança de sua família: por detrás das portas das casas, a retórica belicista não mais se justifica.

Mertens é químico em uma fábrica metropolitana de borracha, e a direção da empresa lhe faz uma proposta que é quase uma ordem: terá vantagens na carreira, e talvez até na política, se aceitar ser transferido para Buna-Werke, em Auschwitz. A localidade é tranquila, longe do *front* e fora do raio dos bombardeiros, o trabalho é o mesmo, o salário é melhor, nenhuma dificuldade de habitação: muitas casas de poloneses estão vazias... Mertens discute sobre isso com os colegas; a maior parte o desaconselha, não se troca o certo pelo incerto e, além disso, Buna-Werke fica em uma região feia, pantanosa e insalubre. Insalubre também em termos históricos, a Alta Silésia é um daqueles cantos da Europa que mudaram de dono muitas vezes, e que são habitados por povos mistos e inimigos entre si.

Mas ao nome de Auschwitz ninguém faz objeções: é ainda um nome vazio, que não suscita ecos; uma das tantas cidades polonesas que, após a ocupação alemã, mudaram de nome. Óswiecim se tornou Auschwitz, como se isso bastasse para fazer virarem alemães os poloneses que ali viviam há séculos. É uma cidadezinha como tantas outras.

Mertens pondera: está noivo, e fixar residência na Alemanha, debaixo dos bombardeios, é imprudente. Pede um visto e vai verificar. O que quer que tenha visto nessa primeira inspeção, não se sabe: o homem voltou, casou-se, não falou com ninguém, e retornou a Auschwitz com a mulher e a mobília para lá se estabelecer. Os amigos, precisamente aqueles que me escreveram esta história, convidaram-no a falar, mas ele não falou.

Tampouco falou no decorrer de sua segunda volta à pátria, no verão de 1943, em férias (porque também na Alemanha nazista em guerra as pessoas tiravam férias em agosto). Agora o cenário mudou. O fascismo italiano, derrotado em todas as frentes, está arruinado, e os Aliados alcançam a península; a batalha aérea contra os ingleses foi perdida, e nenhum canto da Alemanha está agora a salvo das impiedosas retaliações aliadas; os russos não só não caíram, mas em Stalingrado infligiram aos alemães, e ao próprio Hitler – que comandou as operações com a obstinação dos loucos –, a mais fulminante das derrotas.

O casal Mertens é objeto de uma curiosidade prudentíssima porque, a esse ponto, a despeito de todas as precauções, Auschwitz não é mais um nome vazio. Alguns rumores circularam, imprecisos, mas sinistros: deve aproximar-se de Dachau e Buchenwald, parece aliás ser pior; é um daqueles lugares sobre os quais é arriscado fazer perguntas, mas estamos entre amigos íntimos, de longa data: Mertens vem de lá, deve inclusive saber algo e, se sabe, deveria contá-lo.

Mas enquanto se entrecruzam os discursos de sala de estar, as mulheres falam de remoções e do mercado negro, os homens, de seu trabalho, e alguém conta a meia voz a última anedota antinazista, Mertens se afasta. No cômodo ao lado há um piano, ele toca e bebe, volta à sala ocasionalmente só para tomar um outro copo. À meia-noite está bêbado, mas o anfitrião não o perdeu de vista; arrasta-o para a mesa e lhe diz em alto e bom som: – Agora, sente-se aqui e nos diga que diabos está acontecendo com você, e por que precisa se embriagar em vez de falar conosco.

Mertens se sente disputado pela embriaguez, pela prudência e por uma certa necessidade de se confessar. – Auschwitz é um *Lager*, – diz – aliás, um grupo de *Lager*: um é precisamente contíguo à fábrica. Há homens e mulheres, sujos, maltrapilhos, não falam alemão. Fazem os trabalhos mais cansativos. Nós não podemos falar com eles. – Quem os proibiu? – A direção. Quando chegamos, nos disseram que é gente perigosa, bandidos e subversivos. – E você nunca falou com eles? – perguntou o anfitrião. – Não, – respondeu Mertens, tomando um outro copo. Aqui interveio a jovem se-

nhora Mertens: – Encontrei uma mulher que fazia a limpeza na casa do diretor. Somente me disse "Frau, Brot": "Senhora, pão", mas eu... – Mertens não devia estar tão bêbado, porque disse secamente à mulher: – Pare – e voltando-se para os outros: – Não gostariam de mudar de assunto?

Não sei muito do comportamento de Mertens depois da queda da Alemanha. Sei que ele e sua mulher, como muitos alemães das regiões orientais, fugiram diante dos soviéticos, ao longo das intermináveis estradas da derrota, cheias de neve, escombros e mortos; e que, como consequência, ele retomou seu ofício de técnico, mas recusando qualquer contato e fechando-se cada vez mais em si mesmo.

Falou um pouco mais vários anos depois do fim da guerra, quando não havia mais a Gestapo para amedrontá-lo. Para interrogá-lo, dessa vez, havia um "especialista", um ex-prisioneiro que hoje é um famoso historiador dos *Lager*, Hermann Langbein. A perguntas precisas, respondeu que havia aceitado ser transferido para Auschwitz para evitar que em seu lugar fosse um nazista; que com os prisioneiros não havia nunca falado por medo de punições, mas que havia sempre tentado aliviar suas condições de trabalho; que sobre as câmaras de gás, naquele tempo, nada sabia, porque não havia perguntado nada a ninguém. Não se dava conta de que sua obediência era uma ajuda concreta ao regime de Hitler? Sim, hoje sim, mas então não: nunca lhe havia ocorrido.

Nunca tentei me encontrar com Mertens. Sentia um pudor complexo, do qual a aversão era só um dos componentes. Anos atrás, escrevi-lhe uma carta: dizia-lhe que, se Hitler ascendeu ao poder, devastou a Europa e conduziu a Alemanha à ruína, é porque muitos bons cidadãos alemães se comportaram como ele, tentando não ver e calando-se sobre tudo o que viam. Mertens não me respondeu, e morreu poucos anos depois.

8 de março de 1984.

PIPETA DE GUERRA

Há alguns dias, em um grupo de amigos, falávamos do influxo das pequenas causas sobre o curso da História. Esta é uma controvérsia clássica, e é classicamente privada de solução definitiva e absoluta: pode-se impunemente afirmar que a história do mundo (sejamos modestos: da bacia do Mediterrâneo, digamos) teria sido totalmente diferente se o nariz de Cleópatra fosse mais longo, como queria Pascal, e da mesma maneira se pode impunemente afirmar que ela teria sido exatamente igual, como querem a ortodoxia marxista e a historiografia proposta por Tolstói em *Guerra e Paz*. Como não é possível reconstruir uma Cleópatra com o nariz diferente, mas com um *entourage* rigorosamente igual ao da Cleópatra histórica, não existe qualquer possibilidade de demonstrar ou refutar experimentalmente uma ou outra tese, e o problema é um pseudoproblema.

Chegamos todos a um acordo, por outro lado, ao observar que as pequenas causas podem ter um efeito determinante sobre as histórias individuais, do mesmo modo que a agulha de um aparelho de mudança de via, movendo-se em poucos centímetros, pode destinar um trem com mil passageiros a Madri em vez de Hamburgo.

A essa altura, cada um dos presentes exigiu contar a pequena causa que havia mudado radicalmente a sua existência, e também eu, passada a confusão, contei a minha: melhor dizendo, não defini os detalhes, porque já a havia narrado muitas vezes, tanto verbalmente quanto por escrito.

Há pouco mais de quarenta anos era prisioneiro em Auschwitz e trabalhava em um laboratório químico. Tinha fome, e tentava roubar algo pequeno e insólito (e logo, de alto valor comercial) para trocá-lo por pão. Depois de várias tentativas, bem ou malsucedidas, que descrevi alhures, achei uma gaveta cheia de pipetas. As pipetas são tubinhos de vidro graduados com precisão: servem para transferir quantidades bem definidas de líquido de um recipiente a outro, e são usadas (hoje, na verdade, se usam sistemas mais higiênicos) aspirando o líquido com os lábios por uma extremidade, de modo que ele suba exatamente até a gradação superior, e deixando que desça então por seu peso. As pipetas eram muitas: enfileirei uma dúzia em um bolso clandestino costurado no interior do casaco, levei-as ao *Lager* e, assim que terminou a chamada, corri para a enfermaria: tinha a intenção de oferecê-las a um enfermeiro polonês que eu conhecia, e que trabalhava na ala de doenças infecciosas. Expliquei-lhe que elas podiam servir para as análises químicas.

O polonês olhou o produto do roubo com pouco interesse, depois me disse que, para aquele dia, era um pouco tarde, não tinha mais pão: tudo o que me podia oferecer era um pouco de sopa.

Aceitei a recompensa proposta; o polonês desapareceu por entre os doentes de sua ala e voltou pouco depois com uma tigela com sopa pela metade. Estava pela metade de um modo curioso, isto é, verticalmente; fazia muito frio, a sopa coalhou, e alguém lhe tirou a metade com uma colher, como se comesse meio bolo. Quem podia ter desperdiçado meia tigela de sopa naquele reino da fome? Quase certamente um doente grave e, dado o lugar, também portador de doença contagiosa: nas últimas semanas se desencadearam no campo, de forma epidêmica, a difteria e a escarlatina.

Mas em Auschwitz precauções desse tipo não se justificavam, primeiro, vinha a fome, e depois, todo o resto; deixar de comer qualquer coisa comestível não era, como se diz comumente, "um pecado", era impensável, aliás, fisicamente impossível. Naquela mesma noite, eu e meu amigo e alter ego Alberto repartimos aquela sopa tão suspeita. Alberto tinha a minha idade, a minha estatura, o meu temperamento e o meu ofício, e dormíamos na mesma cama. Nós até nos assemelhávamos um pouco; os colegas estrangeiros e o *Kapo* achavam supérfluo fazer a distinção entre nós e, quando chamavam "Alberto!" ou "Primo!", esperavam que, de qualquer modo, respondesse aquele de nós que estivesse mais perto.

Éramos então, por assim dizer, intercambiáveis, e qualquer um teria previsto para nós dois o mesmo destino: ambos submersos ou ambos salvos. Mas justamente nesse ponto entrou em ação a agulha do aparelho, a pequena causa com efeitos determinantes. Alberto havia tido a escarlatina quando criança, e era imune; eu, ao contrário, não.

Dei-me conta das consequências de nossa imprudência poucos dias depois. Ao amanhecer, ao passo que Alberto estava bem, minha garganta doía intensamente, eu tinha dificuldade em deglutir e tinha febre alta: mas "tirar licença" pela manhã não era permitido, e assim fui para o laboratório como todos os dias. Sentia-me doente de morte, mas justamente naquele dia fui encarregado de uma empreitada insólita. Naquele laboratório trabalhavam (ou fingiam trabalhar) também oito moças, alemãs, polonesas e ucranianas; o chefe me disse que eu devia ensinar a *Fräulein* Drechsel um certo método analítico.

A Drechsel era uma alemãzinha adolescente desengonçada e torva. A maior parte das vezes, evitava dirigir o olhar para nós três, químicos-escravos: quando o fazia, seus olhos mortos exprimiam uma hostilidade vaga,

feita de desconfiança, constrangimento, repulsa e medo. Nunca me havia dirigido a palavra; parecia-me antipática, e também suspeita, porque nos dias anteriores eu a havia visto afastar-se com o juveníssimo SS que vigiava aquele departamento; e depois, ela sozinha, trazia preso no jaleco um distintivo com a cruz suástica. Talvez fosse capitã da Juventude Hitlerista.

Ela era péssima aluna porque era burra, e eu, um péssimo professor porque falava mal o alemão, e sobretudo porque não estava motivado: aliás, estava contramotivado. Por que deveria eu ensinar algo àquela criatura? O relacionamento normal entre mestre e discípulo, que é descendente, entrava em conflito com relações ascendentes: eu, judeu, e ela, ariana, eu, sujo e doente, e ela, limpa e sã.

Creio que aquela tenha sido a única ocasião em que cometi deliberadamente uma injustiça. A análise que eu deveria ensinar-lhe comportava o uso de uma pipeta; sim, uma irmã daquelas a que eu devia a doença que me corria pelas veias. Mostrei à Drechsel como era usada, inserindo-a entre meus lábios febris; então, ofereci-lhe a pipeta e convidei-a a fazer o mesmo. Em suma, fiz o quanto podia para contaminá-la.

Poucos dias depois, enquanto eu me recuperava na enfermaria, o campo foi desmantelado nas trágicas condições tantas vezes descritas. Alberto foi vítima da pequena causa, da escarlatina da qual se havia curado quando criança. Veio me cumprimentar, e depois partiu pela noite e pela neve, junto com outros sessenta mil desventurados, naquela marcha mortal da qual poucos voltaram vivos. Eu fui salvo, do modo mais imprevisível, pelo episódio das pipetas roubadas, que me proporcionaram uma doença providencial justamente no momento em que, paradoxalmente, não poder andar era uma sorte. Na verdade, por razões nunca esclarecidas, em Auschwitz os nazistas em fuga se abstiveram de cumprir as ordens de Berlim, que eram claras: não deixar para trás nenhuma testemunha. Deixaram-no, abandonando os doentes ao próprio destino.

Do que quer que tenha acontecido à senhorita Drechsel, nada sei. Talvez não fosse culpada de nada além de alguns beijinhos nazistas e, logo, espero que a pequena causa forjada por mim não lhe tenha provocado grande dano: aos dezessete anos se cura rápido, e sem sequelas, uma escarlatina. De qualquer modo, não sinto remorsos por essa minha tentativa particular de guerra bacteriológica. Soube mais tarde que outros, em outros *Lager*, agiram de modo mais sistemático e mais bem direcionado. Lá onde assolava o tifo exantemático, que geralmente é mortal e transmitido pelos piolhos das vestes, as prisioneiras encarregadas de passar os uniformes das SS andavam à

procura das companheiras mortas por tifo, retiravam os piolhos dos cadáveres e os enfileiravam debaixo do colarinho dos casacos militares. Os piolhos são animais pouco simpáticos, mas não têm preconceito racial.

23 de maio de 1985.

As Bostonianas

Henry James

O texto: Pertencente à segunda fase da carreira literária do autor, *The Bostonians* é um romance – publicado periodicamente pela *The Century Magazine* – de caráter político-social. Trabalha com os contrastes da sociedade americana do final do século XIX, em plenas transformações – contrastes como a rivalidade entre o sul e o norte, entre homens e mulheres, entre os limites do público e do privado, entre compromisso e dogma, etc. Dentro desse panorama social, Henry James posiciona um triângulo afetivo entre uma feminista fervorosa, da cidade de Boston, uma jovem moça ainda incerta de suas crenças – embora não consciente disso – e um sulista que se estabeleceu em Nova York para recuperar a fortuna perdida na Guerra da Secessão. Apresenta-se aqui os três primeiros capítulos do romance.

Texto traduzido: James, Henry. *The Bostonians*. Harmondsworth: Penguin Books, 1966.

O autor: Henry James é um dos autores mais consagrados da literatura norte-americana, responsável por retratar, em suas obras, tanto a sociedade norte-americana quanto a europeia. Nascido em Nova York, em 1843, é autor de nove romances – em sua maioria, publicados em periódicos – e inúmeros contos soltos. Sua obra máxima é o romance *Retrato de uma Senhora*, junto de *Daisy Miller*, *The Princess Casamassima* e *A Volta do Parafuso*.

A tradutora: Fernanda Bender é graduanda em Letras – Alemão pela Universidade de São Paulo. Dedicou-se, na área de inglês, à tradução do romance *The Bostonians*, de Henry James, e do pequeno livro de poemas *The Book of Repulsive Women*, de Djuna Barnes.

THE BOSTONIANS

"Is it something very Bostonian? I should like to see that."

HENRY JAMES

I

"Olive will come down in about ten minutes; she told me to tell you that. About ten; that is exactly like Olive. Neither five nor fifteen, and yet not ten exactly, but either nine or eleven. She didn't tell me to say she was glad to see you, because she doesn't know whether she is or not, and she wouldn't for the world expose herself to telling a fib. She is very honest, is Olive Chancellor; she is full of rectitude. Nobody tells fibs in Boston; I don't know what to make of them all. Well, I am very glad to see you, at any rate."

These words were spoken with much volubility by a fair, plump, smiling woman who entered a narrow drawing-room in which a visitor, kept waiting for a few moments, was already absorbed in a book. The gentleman had not even needed to sit down to become interested: apparently he had taken up the volume from a table as soon as he came in, and, standing there, after a single glance round the apartment, had lost himself in its pages. He threw it down at the approach of Mrs. Luna, laughed, shook hands with her, and said in answer to her last remark, "You imply that you do tell fibs. Perhaps that is one."

"Oh no; there is nothing wonderful in my being glad to see you," Mrs. Luna rejoined, "when I tell you that I have been three long weeks in this unprevaricating city."

"That has an unflattering sound for me," said the young man. "I pretend not to prevaricate."

"Dear me, what's the good of being a Southerner?" the lady asked. "Olive told me to tell you she hoped you will stay to dinner. And if she said it, she does really hope it. She is willing to risk that."

"Just as I am?" the visitor inquired, presenting himself with rather a work-a-day aspect.

Mrs. Luna glanced at him from head to foot, and gave a little smiling sigh, as if he had been a long sum in addition. And, indeed, he was very long, Basil Ransom, and he even looked a little hard and discouraging, like a column of figures, in spite of the friendly face which he bent upon his hostess's deputy, and which, in its thinness, had a deep dry line, a sort of premature wrinkle, on either side of the mouth. He was tall and lean, and dressed throughout in black; his shirt-collar was low and wide, and the triangle of linen, a little crumpled, exhibited by the opening of his waistcoat, was adorned by a pin containing a small red stone. In spite of this decoration the young man looked poor – as poor as a young man could look who had such a fine head and such magnificent eyes. Those of Basil Ransom were dark, deep, and glowing; his head had a character of elevation which fairly added to his stature; it was a head to be seen above the level of a crowd, on some judicial bench or political platform, or even on a bronze medal. His forehead was high and broad, and his thick black hair, perfectly straight and glossy, and without any division, rolled back from it in a leonine manner. These things, the eyes especially, with their smouldering fire, might have indicated that he was to be a great American statesman; or, on the other hand, they might simply have proved that he came from Carolina or Alabama. He came, in fact, from Mississippi, and he spoke very perceptibly with the accent of that country. It is not in my power to reproduce by any combination of characters this charming dialect; but the initiated reader will have no difficulty in evoking the sound, which is to be associated in the present instance with nothing vulgar or vain. This lean, pale, sallow, shabby, striking young man, with his superior head, his sedentary shoulders, his expression of bright grimness and hard enthusiasm, his provincial, distinguished appearance, is, as a representative of his sex, the most impor-tant personage in my narrative; he played a very active part in the events I have undertaken in some degree to set forth. And yet the reader who likes a complete image, who desires to read with the senses as well as with the reason, is entreated not to forget that he prolonged his consonants and swallowed his vowels, that he was guilty of elisions and interpolations which were equally unexpected, and that his discourse was pervaded by something sultry and vast, something almost African in its rich, basking tone, something that suggested the teeming

expanse of the cotton-field. Mrs. Luna looked up at all this, but saw only a part of it; otherwise she would not have replied in a bantering manner, in answer to his inquiry: "Are you ever different from this?" Mrs. Luna was familiar – intolerably familiar.

Basil Ransom coloured a little. Then he said: "Oh yes; when I dine out I usually carry a six-shooter and a bowie-knife." And he took up his hat vaguely – a soft black hat with a low crown and an immense straight brim. Mrs. Luna wanted to know what he was doing. She made him sit down; she assured him that her sister quite expected him, would feel as sorry as she could ever feel for anything – for she was a kind of fatalist, anyhow – if he didn't stay to dinner. It was an immense pity – she herself was going out; in Boston you must jump at invitations. Olive, too, was going somewhere after dinner, but he mustn't mind that; perhaps he would like to go with her. It wasn't a party – Olive didn't go to parties; it was one of those weird meetings she was so fond of.

"What kind of meetings do you refer to? You speak as if it were a rendezvous of witches on the Brocken."

"Well, so it is; they are all witches and wizards, mediums, and spirit-rappers, and roaring radicals."

Basil Ransom stared; the yellow light in his brown eyes deepened. "Do you mean to say your sister's a roaring radical?"

"A radical? She's a female Jacobin – she's a nihilist. Whatever is, is wrong, and all that sort of thing. If you are going to dine with her, you had better know it."

"Oh, murder!" murmured the young man vaguely, sinking back in his chair with his arms folded. He looked at Mrs. Luna with intelligent incredulity. She was sufficiently pretty; her hair was in clusters of curls, like bunches of grapes; her tight bodice seemed to crack with her vivacity; and from beneath the stiff little plaits of her petticoat a small fat foot protruded, resting upon a stilted heel. She was attractive and impertinent, especially the latter. He seemed to think it was a great pity, what she had told him; but he lost himself in this consideration, or, at any rate, said nothing for some time, while his eyes wandered over Mrs. Luna, and he probably wondered what body of doctrine *she* represented, little as she might partake of the nature of her sister. Many things were strange to Basil Ransom; Boston especially was strewn with surprises, and he was a man who liked to understand. Mrs. Luna was drawing on her gloves; Ransom had never seen any that were so long; they reminded him of stockings, and he wondered how she managed without

garters above the elbow. "Well, I suppose I might have known that," he continued, at last.

"You might have known what?"

"Well, that Miss Chancellor would be all that you say. She was brought up in the city of reform."

"Oh, it isn't the city; it's just Olive Chancellor. She would reform the solar system if she could get hold of it. She'll reform you, if you don't look out. That's the way I found her when I returned from Europe."

"Have you been in Europe?" Ransom asked.

"Mercy, yes! Haven't you?"

"No, I haven't been anywhere. Has your sister?"

"Yes; but she stayed only an hour or two. She hates it; she would like to abolish it. Didn't you know I had been to Europe?" Mrs. Luna went on, in the slightly aggrieved tone of a woman who discovers the limits of her reputation.

Ransom reflected he might answer her that until five minutes ago he didn't know she existed; but he remembered that this was not the way in which a Southern gentleman spoke to ladies, and he contented himself with saying that he must condone his Boeotian ignorance (he was fond of an elegant phrase); that he lived in a part of the country where they didn't think much about Europe, and that he had always supposed she was domiciled in New York. This last remark he made at a venture, for he had, naturally, not devoted any supposition whatever to Mrs. Luna. His dishonesty, however, only exposed him the more.

"If you thought I lived in New York, why in the world didn't you come and see me?" the lady inquired.

"Well, you see, I don't go out much, except to the courts."

"Do you mean the law-courts? Every one has got some profession over here! Are you very ambitious? You look as if you were."

"Yes, very," Basil Ransom replied, with a smile, and the curious feminine softness with which Southern gentlemen enunciate that adverb.

Mrs. Luna explained that she had been living in Europe for several years – ever since her husband died – but had come home a month before, come home with her little boy, the only thing she had in the world, and was paying a visit to her sister, who, of course, was the nearest thing after the child. "But it isn't the same," she said. "Olive and I disagree so much."

"While you and your little boy don't," the young man remarked.

"Oh no, I never differ from Newton!" And Mrs. Luna added that now she was back she didn't know what she should do. That was the worst of coming back; it was like being born again, at one's age – one had to begin life afresh. One didn't even know what one had come back for. There were people who wanted one to spend the winter in Boston; but she couldn't stand that – she knew, at least, what she had not come back for. Perhaps she should take a house in Washington; did he ever hear of that little place? They had invented it while she was away. Besides, Olive didn't want her in Boston, and didn't go through the form of saying so. That was one comfort with Olive; she never went through any forms.

Basil Ransom had got up just as Mrs. Luna made this last declaration; for a young lady had glided into the room, who stopped short as it fell upon her ears. She stood there looking, consciously and rather seriously, at Mr. Ransom; a smile of exceeding faintness played about her lips – it was just perceptible enough to light up the native gravity of her face. It might have been likened to a thin ray of moonlight resting upon the wall of a prison.

"If that were true," she said, "I shouldn't tell you that I am very sorry to have kept you waiting."

Her voice was low and agreeable – a cultivated voice – and she extended a slender white hand to her visitor, who remarked with some solemnity (he felt a certain guilt of participation in Mrs. Luna's indiscretion) that he was intensely happy to make her acquaintance. He observed that Miss Chancellor's hand was at once cold and limp; she merely placed it in his, without exerting the smallest pressure. Mrs. Luna explained to her sister that her freedom of speech was caused by his being a relation – though, indeed, he didn't seem to know much about them. She didn't believe he had ever heard of her, Mrs. Luna, though he pretended, with his Southern chivalry, that he had. She must be off to her dinner now, she saw the carriage was there, and in her absence Olive might give any version of her she chose.

"I have told him you are a radical, and you may tell him, if you like, that I am a painted Jezebel. Try to reform him; a person from Mississippi is sure to be all wrong. I shall be back very late; we are going to a theatre-party; that's why we dine so early. Good-bye, Mr. Ransom," Mrs. Luna continued, gathering up the feathery white shawl which added to the volume of her fairness. "I hope you are going to stay a little, so that you may judge us for yourself. I should like you to see Newton, too; he is a noble little nature, and I want some advice about him. You only stay to-morrow? Why, what's the

use of that? Well, mind you come and see me in New York; I shall be sure to be part of the winter there. I shall send you a card; I won't let you off. Don't come out; my sister has the first claim. Olive, why don't you take him to your female convention?" Mrs. Luna's familiarity extended even to her sister; she remarked to Miss Chancellor that she looked as if she were got up for a sea-voyage. "I am glad I haven't opinions that prevent my dressing in the evening!" she declared from the doorway. "The amount of thought they give to their clothing, the people who are afraid of looking frivolous!"

II

Whether much or little consideration had been directed to the result, Miss Chancellor certainly would not have incurred this reproach. She was habited in a plain dark dress, without any ornaments, and her smooth, colourless hair was confined as carefully as that of her sister was encouraged to stray. She had instantly seated herself, and while Mrs. Luna talked she kept her eyes on the ground, glancing even less toward Basil Ransom than toward that woman of many words. The young man was therefore free to look at her; a contemplation which showed him that she was agitated and trying to conceal it. He wondered why she was agitated, not foreseeing that he was destined to discover, later, that her nature was like a skiff in a stormy sea. Even after her sister had passed out of the room she sat there with her eyes turned away, as if there had been a spell upon her which forbade her to raise them. Miss Olive Chancellor, it may be confided to the reader, to whom in the course of our history I shall be under the necessity of imparting much occult information, was subject to fits of tragic shyness, during which she was unable to meet even her own eyes in the mirror. One of these fits had suddenly seized her now, without any obvious cause, though, indeed, Mrs. Luna had made it worse by becoming instantly so personal. There was nothing in the world so personal as Mrs. Luna; her sister could have hated her for it if she had not forbidden herself this emotion as directed to individuals. Basil Ransom was a young man of first-rate intelligence, but conscious of the narrow range, as yet, of his experience. He was on his guard against generalisations which might be hasty; but he had arrived at two or three that were of value to a gentleman lately admitted to the New York bar and looking out for clients. One of them was to the effect that the simplest division it is possible to make of the human race is into the people who take things hard and the people who take them easy. He perceived very quickly that Miss Chancellor be-

longed to the former class. This was written so intensely in her delicate face that he felt an unformulated pity for her before they had exchanged twenty words. He himself, by nature, took things easy; if he had put on the screw of late, it was after reflexion, and because circumstances pressed him close. But this pale girl, with her light-green eyes, her pointed features and nervous manner, was visibly morbid; it was as plain as day that she was morbid. Poor Ransom announced this fact to himself as if he had made a great discovery; but in reality he had never been so "Boeotian" as at that moment. It proved nothing of any importance, with regard to Miss Chan-cellor, to say that she was morbid; any sufficient account of her would lie very much to the rear of that. Why was she morbid, and why was her morbidness typical? Ransom might have exulted if he had gone back far enough to explain that mystery. The women he had hitherto known had been mainly of his own soft clime, and it was not often they exhibited the tendency he detected (and cursorily deplored) in Mrs. Luna's sister. That was the way he liked them – not to think too much, not to feel any responsibility for the government of the world, such as he was sure Miss Chancellor felt. If they would only be private and passive, and have no feeling but for that, and leave publicity to the sex of tougher hide! Ransom was pleased with the vision of that remedy; it must be repeated that he was very provincial.

These considerations were not present to him as definitely as I have written them here; they were summed up in the vague compassion which his cousin's figure excited in his mind, and which was yet accompanied with a sensible reluctance to know her better, obvious as it was that with such a face as that she must be remarkable. He was sorry for her, but he saw in a flash that no one could help her: that was what made her tragic. He had not, seeking his fortune, come away from the blighted South, which weighed upon his heart, to look out for tragedies; at least he didn't want them outside of his office in Pine Street. He broke the silence ensuing upon Mrs. Luna's departure by one of the courteous speeches to which blighted regions may still encourage a tendency, and presently found himself talking comfortably enough with his hostess. Though he had said to himself that no one could help her, the effect of his tone was to dispel her shyness; it was her great advantage (for the career she had proposed to herself) that in certain conditions she was liable suddenly to become bold. She was reassured at finding that her visitor was peculiar; the way he spoke told her that it was no wonder he had fought on the Southern side. She had never yet encountered a personage so exotic, and she always felt more at her ease in the presence of anything strange. It was the usual things of life that filled her with silent ra-

ge; which was natural enough, inasmuch as, to her vision, almost eve-rything that was usual was iniquitous. She had no difficulty in asking him now whether he would not stay to dinner—she hoped Adeline had given him her message. It had been when she was upstairs with Adeline, as his card was brought up, a sudden and very abnormal inspiration to offer him this (for her) really ultimate favour; nothing could be further from her common habit than to entertain alone, at any repast, a gentleman she had never seen.

It was the same sort of impulse that had moved her to write to Basil Ransom, in the spring, after hearing accidentally that he had come to the North and intended, in New York, to practise his profession. It was her nature to look out for duties, to appeal to her conscience for tasks. This attentive organ, earnestly consulted, had represented to her that he was an offshoot of the old slave-holding oligarchy which, within her own vivid remembrance, had plunged the country into blood and tears, and that, as associated with such abominations, he was not a worthy object of patronage for a person whose two brothers—her only ones—had given up life for the Northern cause. It reminded her, however, on the other hand, that he too had been much bereaved, and, moreover, that he had fought and offered his own life, even if it had not been taken. She could not defend herself against a rich admiration—a kind of tenderness of envy—of any one who had been so happy as to have that opportunity. The most secret, the most sacred hope of her nature was that she might some day have such a chance, that she might be a martyr and die for something. Basil Ransom had lived, but she knew he had lived to see bitter hours. His family was ruined; they had lost their slaves, their property, their friends and relations, their home; had tasted of all the cruelty of defeat. He had tried for a while to carry on the plantation himself, but he had a millstone of debt round his neck, and he longed for some work which would transport him to the haunts of men. The State of Mississippi seemed to him the state of despair; so he surrendered the remnants of his patrimony to his mother and sisters, and, at nearly thirty years of age, alighted for the first time in New York, in the costume of his province, with fifty dollars in his pocket and a gnawing hunger in his heart.

That this incident had revealed to the young man his ignorance of many things – only, however, to make him say to himself, after the first angry blush, that here he would enter the game and here he would win it – so much Olive Chancellor could not know; what was sufficient for her was that he had rallied, as the French say, had accepted the accomplished fact, had admitted that North and South were a single, indivisible political organism. Their cousinship – that of Chancellors and Ransoms – was not very close; it

was the kind of thing that one might take up or leave alone, as one pleased. It was "in the female line," as Basil Ransom had written, in answering her letter with a good deal of form and flourish; he spoke as if they had been royal houses. Her mother had wished to take it up; it was only the fear of seeming patronising to people in misfortune that had prevented her from writing to Mississippi. If it had been possible to send Mrs. Ransom money, or even clothes, she would have liked that; but she had no means of ascertaining how such an offering would be taken. By the time Basil came to the North – making advances, as it were – Mrs. Chancellor had passed away; so it was for Olive, left alone in the little house in Charles Street (Adeline being in Europe), to decide.

She knew what her mother would have done, and that helped her decision; for her mother always chose the positive course. Olive had a fear of everything, but her greatest fear was of being afraid. She wished immensely to be generous, and how could one be generous unless one ran a risk? She had erected it into a sort of rule of conduct that whenever she saw a risk she was to take it; and she had frequent humiliations at finding herself safe after all. She was perfectly safe after writing to Basil Ransom; and, indeed, it was difficult to see what he could have done to her except thank her (he was only exceptionally superlative) for her letter, and assure her that he would come and see her the first time his business (he was beginning to get a little) should take him to Boston. He had now come, in redemption of his grateful vow, and even this did not make Miss Chancellor feel that she had courted danger. She saw (when once she had looked at him) that he would not put those worldly interpretations on things which, with her, it was both an impulse and a principle to defy. He was too simple – too Mississippian – for that; she was almost disappointed. She certainly had not hoped that she might have struck him as making unwomanly overtures (Miss Chancellor hated this epithet almost as much as she hated its opposite); but she had a presentiment that he would be too good-natured, primitive to that degree. Of all things in the world, contention was most sweet to her (though why it is hard to imagine, for it always cost her tears, headaches, a day or two in bed, acute emotion), and it was very possible Basil Ransom would not care to contend. Nothing could be more displeasing than this indifference when people didn't agree with you. That he should agree she did not in the least expect of him; how could a Mississippian agree? If she had supposed he would agree, she would not have written to him.

III

When he had told her that if she would take him as he was he should be very happy to dine with her, she excused herself a moment and went to give an order in the dining-room. The young man, left alone, looked about the parlour – the two parlours which, in their prolonged, adjacent narrowness, formed evidently one apartment – and wandered to the windows at the back, where there was a view of the water; Miss Chancellor having the good fortune to dwell on that side of Charles Street toward which, in the rear, the afternoon sun slants redly, from an horizon indented at empty intervals with wooden spires, the masts of lonely boats, the chimneys of dirty "works," over a brackish expanse of anomalous character, which is too big for a river and too small for a bay. The view seemed to him very picturesque, though in the gathered dusk little was left of it save a cold yellow streak in the west, a gleam of brown water, and the reflexion of the lights that had begun to show themselves in a row of houses, impressive to Ransom in their extreme modernness, which overlooked the same lagoon from a long embankment on the left, constructed of stones roughly piled. He thought this prospect, from a city-house, almost romantic; and he turned from it back to the interior illuminated now by a lamp which the parlour-maid had placed on a table while he stood at the window as to something still more genial and interesting. The artistic sense in Basil Ransom had not been highly cultivated; neither (though he had passed his early years as the son of a rich man) was his conception of material comfort very definite; it consisted mainly of the vision of plenty of cigars and brandy and water and newspapers, and a cane-bottomed arm-chair of the right inclination, from which he could stretch his legs. Nevertheless it seemed to him he had never seen an interior that was so much an interior as this queer corridor-shaped drawing-room of his new-found kinswoman; he had never felt himself in the presence of so much organised privacy or of so many objects that spoke of habits and tastes. Most of the people he had hitherto known had no tastes; they had a few habits, but these were not of a sort that required much upholstery. He had not as yet been in many houses in New York, and he had never before seen so many accessories. The general character of the place struck him as Bostonian; this was, in fact, very much what he had supposed Boston to be. He had always heard Boston was a city of culture, and now there was culture in Miss Chancellor's tables and sofas, in the books that were everywhere, on little shelves like brackets (as if a book were a statuette), in the photographs and watercolours that covered the walls, in the curtains that were festooned

rather stiffly in the doorways. He looked at some of the books and saw that his cousin read German; and his impression of the importance of this (as a symptom of superiority) was not diminished by the fact that he himself had mastered the tongue (knowing it contained a large literature of jurisprudence) during a long, empty, deadly summer on the plantation. It is a curious proof of a certain crude modesty inherent in Basil Ransom that the main effect of his observing his cousin's German books was to give him an idea of the natural energy of Northerners. He had noticed it often before; he had already told himself that he must count with it. It was only after much experience he made the discovery that few Northerners were, in their secret soul, so energetic as he. Many other persons had made it before that. He knew very little about Miss Chancellor; he had come to see her only because she wrote to him; he would never have thought of looking her up, and since then there had been no one in New York he might ask about her. Therefore he could only guess that she was a rich young woman; such a house, inhabited in such a way by a quiet spinster, implied a considerable income. How much? he asked himself; five thousand, ten thousand, fifteen thousand a year? There was richness to our panting young man in the smallest of these figures. He was not of a mercenary spirit, but he had an immense desire for success, and he had more than once reflected that a moderate capital was an aid to achievement. He had seen in his younger years one of the biggest failures that history commemorates, an immense national *fiasco*, and it had implanted in his mind a deep aversion to the ineffectual. It came over him, while he waited for his hostess to reappear, that she was unmarried as well as rich, that she was sociable (her letter answered for that) as well as single; and he had for a moment a whimsical vision of becoming a partner in so flourishing a firm. He ground his teeth a little as he thought of the contrasts of the human lot; this cushioned feminine nest made him feel unhoused and underfed. Such a mood, however, could only be momentary, for he was conscious at bottom of a bigger stomach than all the culture of Charles Street could fill.

Afterwards, when his cousin had come back and they had gone down to dinner together, where he sat facing her at a little table decorated in the middle with flowers, a position from which he had another view, through a window where the curtain remained undrawn by her direction (she called his attention to this – it was for his benefit), of the dusky, empty river, spotted with points of light – at this period, I say, it was very easy for him to remark to himself that nothing would induce him to make love to such a type as that. Several months later, in New York, in conversation with Mrs. Luna, of

whom he was destined to see a good deal, he alluded by chance to this repast, to the way her sister had placed him at table, and to the remark with which she had pointed out the advantage of his seat.

"That's what they call in Boston being very 'thoughtful,'" Mrs. Luna said, "giving you the Back Bay (don't you hate the name?) to look at, and then taking credit for it."

This, however, was in the future; what Basil Ransom actually perceived was that Miss Chancellor was a signal old maid. That was her quality, her destiny; nothing could be more distinctly written. There are women who are unmarried by accident, and others who are unmarried by option; but Olive Chancellor was unmarried by every implication of her being. She was a spinster as Shelley was a lyric poet, or as the month of August is sultry. She was so essentially a celibate that Ransom found himself thinking of her as old, though when he came to look at her (as he said to himself) it was apparent that her years were fewer than his own. He did not dislike her, she had been so friendly; but, little by little, she gave him an uneasy feeling – the sense that you could never be safe with a person who took things so hard. It came over him that it was because she took things hard she had sought his acquaintance; it had been because she was strenuous, not because she was genial; she had had in her eye – and what an extraordinary eye it was! – not a pleasure, but a duty. She would expect him to be strenuous in return; but he couldn't – in private life, he couldn't; privacy for Basil Ransom consisted entirely in what he called "laying off." She was not so plain on further acquaintance as she had seemed to him at first; even the young Mississippian had culture enough to see that she was refined. Her white skin had a singular look of being drawn tightly across her face; but her features, though sharp and irregular, were delicate in a fashion that suggested good breeding. Their line was perverse, but it was not poor. The curious tint of her eyes was a living colour; when she turned it upon you, you thought vaguely of the glitter of green ice. She had absolutely no figure, and presented a certain appearance of feeling cold. With all this, there was something very modern and highly developed in her aspect; she had the advantages as well as the drawbacks of a nervous organisation. She smiled constantly at her guest, but from the beginning to the end of dinner, though he made several remarks that he thought might prove amusing, she never once laughed. Later, he saw that she was a woman without laughter; exhilaration, if it ever visited her, was dumb. Once only, in the course of his subsequent acquaintance with her, did it find a voice; and then the sound remained in Ransom's ear as one of the strangest he had heard.

She asked him a great many questions, and made no comment on his answers, which only served to suggest to her fresh inquiries. Her shyness had quite left her, it did not come back; she had confidence enough to wish him to see that she took a great interest in him. Why should she? he wondered, He couldn't believe he was one of *her* kind; he was conscious of much Bohemianism – he drank beer, in New York, in cellars, knew no ladies, and was familiar with a "variety" actress. Certainly, as she knew him better, she would disapprove of him, though, of course, he would never mention the actress, nor even, if necessary, the beer. Ransom's conception of vice was purely as a series of special cases, of explicable accidents. Not that he cared; if it were a part of the Boston character to be inquiring, he would be to the last a courteous Mississippian. He would tell her about Mississippi as much as she liked; he didn't care how much he told her that the old ideas in the South were played out. She would not understand him any the better for that; she would not know how little his own views could be gathered from such a limited admission. What her sister imparted to him about her mania for "reform" had left in his mouth a kind of unpleasant aftertaste; he felt, at any rate, that if she had the religion of humanity – Basil Ransom had read Comte, he had read everything – she would never understand him. He, too, had a private vision of reform, but the first principle of it was to reform the reformers. As they drew to the close of a meal which, in spite of all latent incompatibilities, had gone off brilliantly, she said to him that she should have to leave him after dinner, unless perhaps he should be inclined to accompany her. She was going to a small gathering at the house of a friend who had asked a few people, "interested in new ideas," to meet Mrs. Farrinder.

"Oh, thank you," said Basil Ransom. "Is it a party? I haven't been to a party since Mississippi seceded."

"No; Miss Birdseye doesn't give parties. She's an ascetic."

"Oh, well, we have had our dinner," Ransom rejoined, laughing.

His hostess sat silent a moment, with her eyes on the ground; she looked at such times as if she were hesitating greatly between several things she might say, all so important that it was difficult to choose.

"I think it might interest you," she remarked presently. "You will hear some discussion, if you are fond of that. Perhaps you wouldn't agree," she added, resting her strange eyes on him.

"Perhaps I shouldn't – I don't agree with everything," he said, smiling and stroking his leg.

"Don't you care for human progress?" Miss Chancellor went on.

"I don't know – I never saw any. Are you going to show me some?"

"I can show you an earnest effort towards it. That's the most one can be sure of. But I am not sure you are worthy."

"Is it something very Bostonian? I should like to see that," said Basil Ransom.

"There are movements in other cities. Mrs. Farrinder goes everywhere; she may speak to-night."

"Mrs. Farrinder, the celebrated –?"

"Yes, the celebrated; the great apostle of the emancipation of women. She is a great friend of Miss Birdseye."

"And who is Miss Birdseye?"

"She is one of our celebrities. She is the woman in the world, I suppose, who has laboured most for every wise reform. I think I ought to tell you," Miss Chancellor went on in a moment, "she was one of the earliest, one of the most passionate, of the old Abolitionists."

She had thought, indeed, she ought to tell him that, and it threw her into a little tremor of excitement to do so. Yet, if she had been afraid he would show some irritation at this news, she was disappointed at the geniality with which he exclaimed:

"Why, poor old lady – she must be quite mature!"

It was therefore with some severity that she rejoined:

"She will never be old. She is the youngest spirit I know. But if you are not in sympathy, perhaps you had better not come," she went on.

"In sympathy with what, dear madam?" Basil Ransom asked, failing still, to her perception, to catch the tone of real seriousness. "If, as you say, there is to be a discussion, there will be different sides, and of course one can't sympathise with both."

"Yes, but every one will, in his way – or in her way – plead the cause of the new truths. If you don't care for them, you won't go with us."

"I tell you I haven't the least idea what they are! I have never yet encountered in the world any but old truths – as old as the sun and moon. How can I know? But *do* take me; it's such a chance to see Boston."

"It isn't Boston – it's humanity!" Miss Chancellor, as she made this remark, rose from her chair, and her movement seemed to say that she consented. But before she quitted her kinsman to get ready, she observed to

him that she was sure he knew what she meant; he was only pretending he didn't.

"Well, perhaps, after all, I have a general idea," he confessed; "but don't you see how this little reunion will give me a chance to fix it?"

She lingered an instant, with her anxious face. "Mrs. Farrinder will fix it!" she said; and she went to prepare herself.

It was in this poor young lady's nature to be anxious, to have scruple within scruple and to forecast the consequences of things. She returned in ten minutes, in her bonnet, which she had apparently assumed in recognition of Miss Birdseye's asceticism. As she stood there drawing on her gloves – her visitor had fortified himself against Mrs. Farrinder by another glass of wine – she declared to him that she quite repented of having proposed to him to go; something told her that he would be an unfavourable element.

"Why, is it going to be a spiritual *séance*?" Basil Ransom asked.

"Well, I have heard at Miss Birdseye's some inspirational speaking." Olive Chancellor was determined to look him straight in the face as she said this; her sense of the way it might strike him operated as a cogent, not as a deterrent, reason.

"Why, Miss Olive, it's just got up on purpose for me!" cried the young Mississippian, radiant, and clasping his hands. She thought him very handsome as he said this, but reflected that unfortunately men didn't care for the truth, especially the new kinds, in proportion as they were good-looking. She had, however, a moral resource that she could always fall back upon; it had already been a comfort to her, on occasions of acute feeling, that she hated men, as a class, anyway. "And I want so much to see an old Abolitionist; I have never laid eyes on one," Basil Ransom added.

"Of course you couldn't see one in the South; you were too afraid of them to let them come there!" She was now trying to think of something she might say that would be sufficiently disagreeable to make him cease to insist on accompanying her; for, strange to record – if anything, in a person of that intense sensibility, be stranger than any other – her second thought with regard to having asked him had deepened with the elapsing moments into an unreasoned terror of the effect of his presence. "Perhaps Miss Birdseye won't like you," she went on, as they waited for the carriage.

"I don't know; I reckon she will," said Basil Ransom good-humouredly. He evidently had no intention of giving up his opportunity.

From the window of the dining-room, at that moment, they heard the carriage drive up. Miss Birdseye lived at the South End; the distance was considerable, and Miss Chancellor had ordered a hackney-coach, it being one of the advantages of living in Charles Street that stables were near. The logic of her conduct was none of the clearest; for if she had been alone she would have proceeded to her destination by the aid of the street-car; not from economy (for she had the good fortune not to be obliged to consult it to that degree), and not from any love of wandering about Boston at night (a kind of exposure she greatly disliked), but by reason of a theory she devotedly nursed, a theory which bade her put off invidious differences and mingle in the common life. She would have gone on foot to Boylston Street, and there she would have taken the public conveyance (in her heart she loathed it) to the South End. Boston was full of poor girls who had to walk about at night and to squeeze into horse-cars in which every sense was displeased; and why should she hold herself superior to these? Olive Chancellor regulated her conduct on lofty principles, and this is why, having to-night the advantage of a gentleman's protection, she sent for a carriage to obliterate that patronage. If they had gone together in the common way she would have seemed to owe it to him that she should be so daring, and he belonged to a sex to which she wished to be under no obligations. Months before, when she wrote to him, it had been with the sense, rather, of putting *him* in debt. As they rolled toward the South End, side by side, in a good deal of silence, bouncing and bumping over the railway-tracks very little less, after all, than if their wheels had been fitted to them, and looking out on either side at rows of red houses, dusky in the lamp-light, with protuberant fronts, approached by ladders of stone; as they proceeded, with these contemplative undulations, Miss Chancellor said to her companion, with a concentrated desire to defy him, as a punishment for having thrown her (she couldn't tell why) into such a tremor:

"Don't you believe, then, in the coming of a better day – in its being possible to do something for the human race?"

Poor Ransom perceived the defiance, and he felt rather bewildered; he wondered what type, after all, he *had* got hold of, and what game was being played with him. Why had she made advances, if she wanted to pinch him this way? However, he was good for any game – that one as well as another – and he saw that he was "in" for something of which he had long desired to have a nearer view. "Well, Miss Olive," he answered, putting on again his big hat, which he had been holding in his lap, "what strikes me most is that the human race has got to bear its troubles."

"That's what men say to women, to make them patient in the position they have made for them."

"Oh, the position of women!" Basil Ransom exclaimed. "The position of women is to make fools of men. I would change my position for yours any day," he went on. "That's what I said to myself as I sat there in your elegant home."

He could not see, in the dimness of the carriage, that she had flushed quickly, and he did not know that she disliked to be reminded of certain things which, for her, were mitigations of the hard feminine lot. But the passionate quaver with which, a moment later, she answered him sufficiently assured him that he had touched her at a tender point.

"Do you make it a reproach to me that I happen to have a little money? The dearest wish of my heart is to do something with it for others – for the miserable."

Basil Ransom might have greeted this last declaration with the sympathy it deserved, might have commended the noble aspirations of his kinswoman. But what struck him, rather, was the oddity of so sudden a sharpness of pitch in an intercourse which, an hour or two before, had begun in perfect amity, and he burst once more into an irrepressible laugh. This made his companion feel, with intensity, how little she was joking. "I don't know why I should care what you think," she said.

"Don't care – don't care. What does it matter? It is not of the slightest importance."

He might say that, but it was not true; she felt that there were reasons why she should care. She had brought him into her life, and she should have to pay for it. But she wished to know the worst at once. "Are you against our emancipation?" she asked, turning a white face on him in the momentary radiance of a street-lamp.

"Do you mean your voting and preaching and all that sort of thing?" He made this inquiry, but seeing how seriously she would take his answer, he was almost frightened, and hung fire. "I will tell you when I have heard Mrs. Farrinder."

They had arrived at the address given by Miss Chancellor to the coachman, and their vehicle stopped with a lurch. Basil Ransom got out; he stood at the door with an extended hand, to assist the young lady. But she seemed to hesitate; she sat there with her spectral face. "You hate it!" she exclaimed, in a low tone.

"Miss Birdseye will convert me," said Ransom, with intention; for he had grown very curious, and he was afraid that now, at the last, Miss Chancellor would prevent his entering the house. She alighted without his help, and behind her he ascended the high steps of Miss Birdseye's residence. He had grown very curious, and among the things he wanted to know was why in the world this ticklish spinster had written to him.

AS BOSTONIANAS

"Será algo bostoniano demais? Isso eu gostaria muito de ver."

HENRY JAMES

"Olive descerá dentro de dez minutos; ela pediu para que eu lhe dissesse isso. Em torno de dez; o que é exatamente a cara de Olive. Nem cinco nem quinze, e ainda assim nem dez minutos exatos, mas também nem nove ou onze. Ela não me pediu para dizer que está feliz por vê-lo, porque ela não sabe se assim está ou não, e ela não iria por nada neste mundo se expor a mentiras. Ela é bastante honesta, esta Olive Chancellor; cheia de retidão. Ninguém mente em Boston; não sei que fazer de todos eles. Bem, eu estou bastante feliz por vê-lo, de qualquer forma."

Tais palavras foram ditas com bastante loquacidade por uma bela, roliça e sorridente mulher que entrou na estreita sala de estar onde um visitante, mantido à espera por alguns momentos, estava já absorvido em um livro. O cavalheiro sequer precisou sentar-se para desenvolver tal interesse: aparentemente havia apanhado o volume de uma mesa no momento em que entrou, e, parado ali, após lançar um único vislumbre à extensão do apartamento, perdera-se em suas páginas. Ele o descartou assim que se deu a abordagem de Mrs. Luna, sorriu, apertou-lhe as mãos, e disse-lhe em resposta à sua última observação: "Você deixa implícito que conta mentiras. Talvez esta seja uma delas".

"Oh não; não há nada de extraordinário na minha felicidade em vê-lo", respondeu Mrs. Luna, "se eu lhe dissesse que passei três longas semanas nesta cidade imprevaricável."

"Isto tem um som pouco lisonjeiro para mim", disse o jovem homem. 'Pretendo também não prevaricar."

"Ó céus, qual então a vantagem de ser um sulista?", a moça perguntou. "Olive pediu para que eu lhe dissesse que ela espera que você fique para o jantar. E se ela assim disse, então ela sinceramente assim quer. Está disposta a arriscar que você ficará."

"Tanto quanto eu estou?", indagou o visitante, apresentando-se com um aspecto tanto quanto prosaico.

Mrs. Luna mediu-o da cabeça aos pés e deu um pequeno e sorridente suspiro, como se ele representasse uma vasta carga em adição às suas próprias. E, de fato, era ele bastante vasto, Basil Ransom, e até mesmo aparentava certa rigidez e desalento, tal qual uma coluna de cifras, apesar da amistosa face que ofertou à representante de sua anfitriã, a qual, em sua magreza, tinha uma profunda e enxuta linha, um tipo de ruga prematura, em ambos os cantos da boca. Ele era alto e esguio, e vestia-se completamente de preto; a gola de sua camisa era baixa e alargada, e o triângulo de linho da gravata, um pouco enrugado, exposto pela abertura de seu colete, achava-se adornado por um broche que continha uma pequena pedra vermelha. Apesar dessa ornamentação, o jovem homem aparentava pobreza – tanta pobreza quanto poderia um jovem homem aparentar, tendo este uma bela face e magníficos olhos. Os de Basil Ramson eram escuros, profundos e reluzentes; sua face tinha um caráter de elevação que contribuía vastamente à sua estatura; era uma face para ser vista acima das de uma multidão, em algum tribunal ou plataforma política, ou quem sabe até mesmo em uma medalha de bronze. Sua testa era alta e larga, e seus densos cabelos negros, perfeitamente alinhados e lustrosos, sem qualquer divisão, revoavam-se sobre si mesmos de forma um tanto quanto leonina. Tais coisas, os olhos principalmente, com seu latente fulgor, talvez pudessem ter indicado que ele estava para vir a ser um dos grandes políticos americanos; ou, por outro lado, talvez pudessem simplesmente comprovar uma ascendência dos estados de Carolina ou Alabama. Ele viera, em verdade, do Mississippi, e sua fala continha muito perceptivelmente o sotaque daquela região. Não está em meu poderio reproduzir, por qualquer combinação de traços, esse dialeto encantador; mas o leitor experiente não encontrará dificuldade alguma na evocação de tais sons, os quais não devem, em primeira instância, ser associados ao que quer que seja de vão ou vulgar. Esse esguio, pálido, amarelado, puído e arrebatador jovem homem, com sua tez altiva, seus ombros sedentários, sua expressão de brilhante severidade e difícil entusiasmo, sua provincial distinta aparência, é, como representante de seu sexo, o personagem mais importante de minha narrativa; seu papel é demasiadamente influente nos eventos que eu, em certo grau, ocupei-me por retratar. E, ainda assim, para o leitor que aprecia a com-

pletude das imagens, que deseja ler tanto com os sentidos quanto com a razão, suplica-se-lhe para que não se esqueça de que ele prolongava suas consoantes e engolia suas vogais, de que ele era cúmplice de elisões e interpolações igualmente inesperadas, e de que seu discurso era permeado por qualquer coisa de sensual e vasto, qualquer coisa quase africana em seu requintado tom cálido, qualquer coisa que sugerisse a prolífica expansão dos campos de algodão. Mrs. Luna admirava todas essas coisas, mas era capaz de ver delas apenas uma fração; caso contrário não teria refutado com um gracejo, em resposta à sua última pergunta: "Você em algum momento difere disto?" Mrs. Luna estava familiarizada – intoleravelmente familiarizada.

Basil Ramson corou levemente. E então disse: "Oh sim; quando janto fora geralmente carrego comigo um revólver e uma faca de mato". E ele vagamente tomou seu chapéu – um chapéu preto e macio, com uma coroa baixa e uma aba imensa e estreita. Mrs. Luna perguntou-lhe o que estava fazendo. Ela fez com que ele se sentasse; assegurou-lhe de que sua irmã o esperava, de que ela se ressentiria pesarosamente quanto era capaz de ressentir-se por qualquer coisa – pois ela tinha um quê fatalista, de qualquer modo – caso ele não ficasse para o jantar. Era uma tremenda pena – ela mesma estava de saída; em Boston era preciso acatar a todo e qualquer convite. Olive também iria a algum lugar após o jantar, mas ele não deveria se incomodar com isso; talvez até fosse gostar de ir com ela. Não era uma festa – Olive não ia às festas; era para uma dessas estranhas reuniões as quais ela apreciava tanto.

"A que tipo de reuniões você se refere? Você fala como se fosse um *rendezvous* de bruxas no Brocken[1]."

"Bem, e assim o é; não passam de bruxas e magos, espíritas, médiuns e frementes radicais."

Basil Ramson espantou-se; o brilho amarelo imerso em seus olhos castanhos aprofundou-se. "Você quer dizer que sua irmã é uma fremente radical?"

"Uma radical? Ela é uma jacobina – uma niilista. O que quer que ela seja, é errado, e toda essa sorte de coisas. Se você vai jantar com ela, é melhor que saiba a respeito."

"Oh, droga!", murmurou vagamente o jovem homem, voltando a afundar-se em sua poltrona, com os braços cruzados. Ele olhou para Mrs. Luna com uma sagaz incredulidade. Ela era suficientemente bela; seu cabelo estava

[1] Brocken é a montanha mais alta do norte da Alemanha, famosa culturalmente por sua participação em lendas que envolvem bruxas. (n.t.)

aglomerado em curvas, tal qual cachos de uva; seu corpo comprimido parecia romper-se em vivacidade; e por debaixo das tranças de sua anágua projetava -se um pequeno e corpulento pé, a repousar sobre um salto sinuoso. Ela era atraente e impertinente, especialmente este último. Ele parecia pensar que era uma grande pena, isto que ela havia lhe contado; mas se perdeu nessa observação, ou, de qualquer forma, nada disse por um tempo, enquanto seus olhos passeavam por sobre Mrs. Luna, e ele provavelmente se perguntou a que corpo doutrinário *ela* pertencia, já que parecia partilhar pouco da natureza de sua irmã. Muitas coisas eram estranhas a Basil Ransom; Boston especialmente era repleta de surpresas, e ele era um homem que admirava a compreensão. Mrs. Luna estava calçando suas luvas; Ramson jamais havia visto algo tão comprido; lembravam-lhe meias, e ele se perguntava como ela conseguia sem ligas acima do cotovelo. "Bom, suponho que eu poderia ter imaginado", ele continuou, afinal.

"O que você poderia ter imaginado?"

"Bem, que Miss Chancellor seria tudo isto que você diz. Ela foi criada na cidade da reforma."

"Oh, não é a cidade; é apenas Olive Chancellor. Ela reformaria o sistema solar se pudesse alcançá-lo. Ela irá reformá-lo, se você não se cuidar. Foi nesse estado que eu a encontrei quando retornei da Europa."

"Você esteve na Europa?", perguntou Ramson.

"Céus, sim! Você não?"

"Não, não estive em parte alguma. E quanto à sua irmã?"

"Sim; mas ficou lá apenas por uma hora ou duas. Ela detesta a Europa, a aboliria se pudesse. Você não sabia que eu estive na Europa?" Mrs. Luna continuou, em um tom levemente ofendido de mulher que descobre os limites de sua reputação.

Ramson considerou que talvez pudesse responder a ela que até cinco minutos atrás ele sequer sabia de sua existência; mas se lembrou de que não era esta a maneira que um polido sulista deveria se remeter às mulheres, e contentou-se em dizer que deveria perdoar sua beócia ignorância (ele era afeito às frases elegantes); que vivia em uma parte do país onde não se pensava muito na Europa, e que ele sempre supunha que ela tinha residência em Nova York. Esta última observação ele fez ao acaso, pois ele não havia, obviamente, devotado quaisquer pensamentos a Mrs. Luna. Sua desonestidade, contudo, somente tratou de expô-lo ainda mais.

"Se você pensava que moro em Nova York, por qual razão nunca veio me visitar?", indagou a moça.

"Bem, compreenda, eu não costumo sair muito, salvo às cortes."

"Você quer dizer as cortes de justiça? Há por aqui algumas ótimas profissões! Você é bastante ambicioso? Parece ser."

"Sim, *bastante*", respondeu Basil Ramson, com um sorriso, e com a curiosa brandura feminina com que os sulistas polidos enunciam esse advérbio.

Mrs. Luna explicou que esteve morando na Europa por anos a fio – desde que seu marido morrera – mas que havia retornado um mês atrás, com seu menino, a única coisa que ela tinha no mundo, e que estava apenas de visita à sua irmã, a quem, é claro, tinha como parente mais próximo depois da criança. "Mas não há comparações", disse ela. "Olive e eu divergimos tanto."

"Enquanto você e seu menino não", observou o jovem homem.

"Oh não, eu nunca discordo do Newton!" E Mrs. Luna acrescentou que agora que estava de volta ela não sabia o que deveria fazer. Isso era o pior de retornar; era como ter de nascer uma vez mais, nessa idade – ter de começar a vida novamente. Não se sabia nem para o que se havia retornado. Havia pessoas que queriam que se passasse o inverno em Boston; mas isso ela não era capaz de aguentar – ela sabia, ao menos, para o que não havia retornado. Talvez ela devesse alugar uma residência em Washington; teria ele ouvido falar desse pequeno local? Haviam-no inventado enquanto ela estava fora. Além do mais, Olive não a queria em Boston, e não se aventurava a encontrar uma forma de dizê-lo. Este era um conforto com Olive; ela nunca se aventurava a formas quaisquer.

Basil Ramson havia se levantado assim que Mrs. Luna fez essa última declaração; pois que uma jovem moça havia deslizado para dentro da sala, detendo-se assim que a sentença lhe caíra sobre os ouvidos. Ela permaneceu olhando, cônscia e quase seriamente, para Mr. Ransom; um sorriso de excessiva leveza dançava em seus lábios – era simplesmente perceptível o suficiente para iluminar a genuína gravidade de sua face. Podia assemelhar-se a uma tênue faísca de luar repousando sobre as paredes de um cárcere.

"Se isso fosse verdade", ela disse, "Eu não deveria dizer-lhe que sinto muitíssimo por tê-lo deixado esperando."

Sua voz era baixa e agradável – uma voz refinada – e ela estendeu a esguia e alva mão ao seu hóspede, que observou com alguma solenidade (ele sentiu certa culpa por participar da indiscrição de Mrs. Luna) que ele estava inten-

samente feliz por conhecê-la. Ele reparou que a mão de Miss Chacellor era prontamente fria e flácida; ela meramente havia tocado a dele, sem exercer a menor das pressões. Mrs. Luna explicou à sua irmã que sua liberdade de expressão se devia ao fato de ele ser um parente – ainda que, em verdade, ele aparentasse não saber muito a respeito delas. Ela não acreditava que ele já tivesse alguma vez ouvido falar dela, Mrs. Luna, embora fingisse, com seu cavalheirismo sulista, que sim. Ela deveria sair para seu jantar, agora, ela viu que sua carruagem já estava lá, e em sua ausência Olive talvez pudesse dar a respeito dela qualquer versão que desejasse.

"Eu disse a ele que você é uma radical, e você talvez possa contar a ele, se quiser, que eu sou uma Jezebel matizada. Tente reformá-lo; uma pessoa do Mississippi deve ser com certeza toda errada. Eu devo voltar muito tarde; estamos indo a uma peça; é por isso que jantamos tão cedo. Adeus, Mr. Ramson", Mrs. Luna continuou, apanhando o branco e emplumado xale que se somava ao volume de sua beleza. "Eu espero que você permaneça conosco um pouquinho, para que possa julgar-nos por si só. Eu gostaria que também visse Newton; ele é um esplêndido pequeno tipo, e quero alguns conselhos a respeito dele. Você ficará somente até amanhã? Oras, e de que adiantaria? Bem, não se incomode em vir ver-me em Nova York; eu certamente tenciono fazer parte do inverno por lá. Mandar-lhe-ei um postal; não te deixarei escapar. Não saia; minha irmã tem preferência. Olive, por que não o leva àquela sua convenção feminina?" A familiaridade de Mrs. Luna estendeu-se até mesmo à sua irmã; ela comentou com Miss Chancellor que parecia estar vestida para uma viagem transoceânica. "Estou grata por não ter opiniões que abstenham minhas vestes noturnas!", declarou da soleira da porta. "O tanto de consideração que dão ao vestuário, os que têm receio de parecer frívolos!"

II

Quer muita ou pouca consideração tivesse sido direcionada para o possível resultado, Miss Chancellor certamente não teria incorrido essa reaproximação. Ela trajava um vestido longo e preto, sem ornamentos, e seu cabelo liso e incolor era confinado tão cuidadosamente quanto o de sua irmã era encorajado a se dispersar. Ela imediatamente havia se sentado, e enquanto Mrs. Luna falava, manteve os olhos presos ao chão, observando Basil Ransom ainda menos do que ousava fazê-lo àquela mulher de muitas palavras. O jovem homem se encontrava, portanto, livre para olhá-la; contemplação esta que lhe revelava a inquietude que a moça tentava ocultar. Ele se perguntava o

porquê dessa inquietude, não antevendo que estava destinado a descobrir, mais tarde, que sua índole era tal qual um esquife em um mar tempestuoso. Mesmo após sua irmã deixar a sala ela continuou lá sentada com os olhos afastados, como se houvesse algum feitiço que a impedisse de levantá-los. Miss Olive Chancellor, e isso talvez possa ser confidenciado ao leitor, a quem, no decurso da história, estarei sob a necessidade de transmitir muitas informações ocultas, era sujeita a ataques de uma trágica timidez, durante os quais se via impedida até mesmo de encontrar os próprios olhos no espelho. Um desses ataques havia repentinamente se apoderado dela, sem qualquer causa óbvia, embora, de fato, Mrs. Luna o tivesse piorado por se tornar instantaneamente tão pessoal. Não havia nada no mundo tão pessoal quanto Mrs. Luna; sua irmã poderia tê-la odiado por isso se não se proibisse tais sentimentos direcionados a indivíduos. Basil Ransom era um homem jovem com uma inteligência de primeira classe, mas cônscio do limitado alcance, até então, de sua experiência. Ele era cauteloso quanto a generalizações que possivelmente precipitadas; mas havia chegado a duas ou três que eram valiosas a um cavalheiro recentemente admitido no *New York State Bar*[2] e à procura de clientes. Uma delas era a de que a mais simples divisão possível de se estabelecer acerca da raça humana era entre as pessoas que levavam tudo muito a sério e as pessoas que não. Muito rapidamente ele percebeu que Miss Chancellor pertencia à primeira classe. Isso estava escrito tão intensamente em sua delicada face que ele sentiu por ela uma ainda não formulada piedade, sem terem trocado, até então, ao menos vinte palavras. Ele próprio, por natureza, tentava não tornar as coisas tão sérias; e se em algum momento ele veio a fazê-lo, foi após muito refletir, e por que veio a pesar-lhe a pressão das circunstâncias. Mas essa pálida moça, com seus olhos vívidos e verdes, seus traços distintivos e sua conduta nervosa, era visivelmente mórbida; estava claro como o dia que ela era mórbida. O pobre Ransom anunciou esse fato a si mesmo como se tivesse feito uma grande descoberta; mas a realidade é que ele jamais havia sido tão "beócio" quanto naquele momento. Não significava nada de importante, no que concerne a Miss Chancellor, dizer que ela era mórbida; qualquer descrição satisfatória a seu respeito estaria bastante longe disso. Por que era ela mórbida, e por que era sua morbidez típica? Ransom poderia ter exultado se tivesse voltado longe o bastante para explicar esse mistério. As mulheres que ele havia até então conhecido eram meramente as que partilhavam de seu próprio clima brando, e não era sempre que elas exibiam a tendência que ele detectava (e que rapidamente deplorava) na irmã de Mrs. Luna. Era como ele as preferia – que não pensassem muito, que não

[2] Associação de Advogados do Estado de Nova York, fundada em 1876 e incorporada à legislação em 1877. (n.t.)

sentissem nenhuma responsabilidade pelo governo do mundo, tal como ele tinha certeza que Miss Chancellor sentia. Se elas fossem apenas íntimas e passivas, e se não tivessem sentimentos quaisquer que não para isso, e se deixassem a publicidade para o sexo de maior força! Ransom estava satisfeito com a visão dessa solução; deve ser reiterado o fato de ele ser bastante provinciano.

Essas considerações não estavam claras para ele tão definitivamente como eu aqui as expus; estavam somadas à vaga compaixão que a figura de sua prima lhe excitava na mente e que ainda estava acompanhada de uma terrível relutância quanto a conhecê-la melhor, pois era óbvio que, com um rosto desses, ela havia de ser excepcional. Ele sentia muito por ela, mas viu num lampejo que ninguém poderia ajudá-la: era isto o que a tornava trágica. Ele não havia, à procura de sua sorte, atravessado todo o caminho do arruinado Sul, fato que pesava em seu coração, para se atentar a tragédias; ao menos ele não as queria na porta de seu escritório na *Pine Street*. Ele quebrou o silêncio que se seguiu após a saída de Mrs. Luna com um discurso cortês ao qual regiões devastadas talvez ainda encorajassem uma tendência, e encontrou-se então conversando confortavelmente o suficiente com sua anfitriã. Embora tivesse dito a si mesmo que ninguém poderia ajudá-la, a finalidade de seu tom era dispersar sua timidez; era sua grande vantagem (pensando na carreira que ela havia se proposto) que, sob certas condições, ela se tornasse, de repente, corajosa. Ela se tranquilizara ao descobrir a peculiaridade de seu visitante; o modo como ele falava lhe revelou que não era surpresa alguma que ele tivesse lutado ao lado dos sulistas. Ela não havia até então encontrado personagem tão exótico, e sempre se sentia mais aliviada à presença de qualquer coisa que lhe fosse estranha. Eram as coisas mais banais da vida que a preenchiam de uma raiva silenciosa; o que era por demais natural, na medida em que, na sua compreensão, quase tudo o que fosse banal seria também iníquo. Ela não via dificuldade em perguntar-lhe agora se ele ficaria ou não para o jantar – ela esperava que Adeline tivesse lhe entregue sua mensagem. Havia sido quando ela estava lá em cima com Adeline, enquanto seu cartão de visita lhe era entregue, que esta súbita e anormal inspiração de oferecer (para ela) esse definitivo último favor a acometera; nada poderia estar mais longe de sua rotina do que entreter sozinha, em quaisquer das refeições, um cavalheiro que ela jamais havia visto.

Era o mesmo tipo de impulso que a levou a escrever a Basil Ransom, na primavera, após acidentalmente ouvir que ele havia vindo ao Norte e pretendia, em Nova York, praticar sua profissão. Fazia parte de sua essência procurar por obrigações, suplicar à sua consciência por incumbências. Esse

atencioso órgão, seriamente consultado, lhe retratara que este cavalheiro fazia parte de uma ramificação da velha aristocracia escravocrata que, em sua vívida lembrança, havia mergulhado o país em sangue e lágrimas, e que, associado a tais abominações, ele não era um objeto digno de patrocínio para alguém cujos dois irmãos – os únicos que ela tinha – haviam perdido a vida pela causa do Norte. Isto a lembrava, no entanto, e por outro lado, que ele também havia perdido muitos dos seus, e, além do mais, que ele havia lutado e oferecido sua própria vida, ainda que esta não lhe tenha sido tomada. Ela não era capaz de defender-se ante a presença de tão grande admiração – uma espécie de ternura invejosa – ante qualquer pessoa felizarda o bastante para ter tal oportunidade. A mais secreta, a mais sagrada esperança de sua essência era a de que ela algum dia pudesse ter tal chance, de que ela pudesse vir a ser uma mártir e morrer por alguma causa. Basil Ransom sobrevivera, mas ela tinha consciência de que ele apenas o fizera para ver tempos amargos. Sua família estava arruinada; eles haviam perdido seus escravos, sua propriedade, seus amigos e parentes, seu lar; haviam experimentado toda a crueldade da derrota. Ele havia tentado durante algum tempo continuar por si só a plantação, mas tinha uma mó de dívidas em volta do pescoço, e ansiava por uma espécie de trabalho que pudesse transportá-lo ao refúgio dos homens. O Estado do Mississippi parecia a ele o estado do desespero; e então ele renunciou aos restos de seu patrimônio à mãe e às irmãs, e, com quase trinta anos de idade, apeou pela primeira vez em Nova York, no costume de sua província, com cinquenta dólares no bolso e uma corrosiva avidez em seu coração.

Que esse incidente tivesse revelado ao jovem homem sua ignorância a respeito de muitas coisas – somente, entretanto, para fazer com que ele dissesse a si mesmo, após o primeiro rubor de raiva, que aqui ele entraria no jogo e aqui o venceria – nem mesmo Olive Chancellor poderia sabê-lo; o que lhe bastava era que ele havia se recuperado, como diziam os franceses, que havia aceitado o fato consumado e reconhecido que o Sul e o Norte eram um único, indivisível organismo político. Seu parentesco – o dos Chancellor e o dos Ransom – não era muito próximo; era o tipo de coisa que se podia mexer ou deixar de lado, conforme a preferência. Estava "na linhagem feminina", como Basil Ransom havia escrito, respondendo à sua carta com uma boa dose de moldes e floreios; ele falava como se suas famílias fossem parte da nobreza real. Sua mãe havia desejado assumir o contato; era apenas o receio de parecer paternalista aos que estavam em desgraça que a havia impedido de escrever ao Mississippi. Se fosse possível enviar a Mrs. Ransom algum dinheiro, ou até mesmo roupas, ela gostaria de tê-lo feito; mas não havia como

averiguar como seria a recepção de tal oferta. Quando Basil veio ao Norte – progredindo, por assim dizer – Mrs. Chancellor havia falecido; cabia portanto a Olive, sozinha no pequeno apartamento na *Charles Street* (estando Adeline na Europa), a decisão.

Ela sabia o que sua mãe teria feito, e isso ajudou em sua decisão; pois sua mãe escolhia sempre o certo a se fazer. Olive tinha um temor quanto a tudo, mas o maior deles era o de ser temerosa. Ela desejava ardentemente ser generosa, e como se poderia sê-lo sem se arriscar? Ela havia elevado isso a uma espécie de regra de conduta de que, sempre que se avistasse em uma situação arriscada, deveria agarrá-la; e passava por frequentes humilhações ao encontrar-se sã e salva ao final das contas. Ela se encontrava perfeitamente sã após ter escrito a Basil Ransom; e, de fato, era difícil imaginar o que mais ele poderia ter-lhe feito, salvo agradecê-la (ele era apenas excepcionalmente superlativo) por sua carta, e assegurá-la de que ele iria vê-la assim que seus negócios (que estavam começando a crescer) o levassem a Boston. Agora ele aqui estava, em redenção ao seu voto agradecido, e até mesmo isso não havia feito com que ela sentisse que havia cortejado o perigo. Ela percebeu (uma vez que olhou para ele) que ele não colocaria essas mundanas interpretações em coisas que, para ela, eram tanto impulso quanto um princípio a resistir. Ele era demasiado simples – demasiado mississippiano – para isto; ela estava praticamente decepcionada. Ela certamente não havia esperado surpreendê-lo por fazer propostas pouco femininas (Miss Chancellor detestava esse epíteto quase tanto quanto detestava o seu contrário); mas tinha o pressentimento de que ele seria demasiadamente bem-intencionado, demasiadamente primitivo, para tanto. Dentre todas as coisas do mundo, a contenção era para ela a mais cativante (ainda que o porquê seja difícil de imaginar, pois esta sempre lhe custava lágrimas, dores de cabeça, um dia ou dois de cama, agudas emoções) e era muito possível que Basil Ransom não fosse querer argumentar com isso. Nada poderia ser mais desagradável do que essa indiferença quando as pessoas discordam de você. Que ele fosse concordar era o que ela menos esperava dele; como poderia um mississipiano concordar? Se ela tivesse suposto que ele concordaria não teria lhe escrito.

III

Quando ele lhe havia dito que se ela o aceitasse como ele era, de muito bom grado a acompanharia na ceia, ela retirou-se por um momento para dar as ordens na sala de jantar. O jovem homem, sozinho, olhou ao redor da sala de

estar – as duas salas que em sua prolongada, adjacente estreiteza, formavam evidentemente um apartamento – e perambulou até as janelas do fundo, que davam vista para a água; tendo Miss Chancellor uma boa fortuna para residir naquele lado da *Charles Street*, onde, na parte de trás, o sol da tarde se inclinava vermelho, em um horizonte entremeado de intervalos vazios e pináculos de madeira, de mastros de barcos solitários e chaminés dos "trabalhos" sujos, ao longo de uma extensão salobra de caráter anômalo, grande demais para um rio e pequena demais para uma baía[3]. A vista lhe parecia um tanto pitoresca, ainda que no acúmulo do crepúsculo pouco sobrasse dela com exceção de uma fria e amarelada risca no oeste, o cintilar da água castanha e o reflexo das luzes que tinham começado a se exibir nas fileiras de casas, impressionantes para Ransom por sua extrema modernidade, e que davam vista para a mesma lagoa, só que a um longo aterro à esquerda, construído com pedras grosseiramente empilhadas. Ele achou a paisagem, para uma casa na cidade, quase romântica; e voltou-se novamente para o interior (iluminado agora por uma lâmpada que a criada de quarto havia posto sobre uma mesa enquanto ele esteve à janela), como se para algo ainda mais genial e interessante. O senso artístico em Basil Ransom fora altamente cultivado; nem era (embora ele tenha passado seus primeiros anos como o filho de um homem rico) sua concepção de conforto material bastante definida; ela consistia tão somente na visão de muitos charutos e conhaque e água e jornais, e uma poltrona de fundo de palha com a inclinação perfeita, na qual ele pudesse esticar as pernas. Ainda assim, parecia-lhe jamais ter visto um interior que fosse tanto um interior quanto essa estranha sala de estar, em formato de corredor, de sua recém-descoberta parente; ele jamais havia se sentido na presença de tanta privacidade organizada ou na de tantos objetos que representavam hábitos e gostos. A maioria das pessoas que ele havia até então conhecido não tinham gostos; mantinham alguns hábitos, mas estes não eram do tipo que requeria muito estofamento. Ele ainda não havia estado em muitas casas em Nova York, e nunca antes havia visto tantos acessórios. O caráter geral do local lhe pareceu bostoniano; na verdade, isso era bastante similar ao que ele havia imaginado de Boston. Ele sempre ouvira que Boston era uma cidade de cultura, e agora lhe parecia haver cultura nas mesas e nos sofás de Miss Chancellor, nos livros que estavam espalhados por toda a parte, nas pequenas prateleiras que se assemelhavam a suportes (como se um livro fosse uma estátua), nas fotografias e aquarelas que encobriam as paredes, nas cortinas um tanto rigorosamente enfeitadas nas entradas. Ele olhou para

[3] Boston é uma cidade costeira, com oceano, rio e lagos. A paisagem que mais se adequa à posição de Miss Chancellor na *Charles Street* seria uma relativamente próxima ao *Boston Public Garden*, onde existe uma lagoa. (n.t.)

alguns dos livros e notou que sua prima lia alemão; e sua impressão da importância disto (como um sintoma de superioridade) não foi diminuída pelo fato de que ele próprio já havia tido o domínio da língua (sabendo que a mesma continha uma vasta literatura de jurisprudência) durante um longo, vazio e implacável verão na plantação. É uma curiosa prova de uma certa bruta modéstia inerente a Basil Ransom que a mais relevante consequência advinda da observação dos livros alemães de sua prima tenha sido meramente a de dar a ele uma ideia da ingênita força dos nortistas. Já havia percebido muitas vezes antes; já havia dito a si mesmo que deveria contar com ela. Foi só depois de muita experiência que ele fez a descoberta de que poucos nortistas eram, no âmago de suas almas, tão enérgicos quanto ele próprio. Muitos outros já haviam feito essa mesma descoberta antes dele. Ele sabia muito pouco a respeito de Miss Chancellor; veio vê-la apenas porque ela lhe havia escrito; jamais teria pensado em procurá-la, e desde então não havia uma alma em Nova York com quem ele pudesse perguntar a seu respeito. Portanto somente lhe restava supor que ela era uma jovem rica; uma casa de tal porte, habitada do modo como era, por uma quieta solteirona, implicava uma renda considerável. Quanto? Ele se perguntava; cinco mil, dez mil, quinze mil por ano? Havia riqueza para o nosso ofegante jovem homem na menor dessas quantias. Ele não tinha um espírito mercenário, mas continha em si uma imensa avidez por sucesso, e mais de uma vez considerou que um capital moderado fosse um auxílio em prol de uma maior realização. Ele havia visto, nos anos de juventude, um dos maiores fracassos que a História comemora, um imenso *fiasco* nacional, e isso havia implantado em sua mente uma profunda aversão ao que fosse ineficaz. Veio-lhe à mente, enquanto esperava pelo retorno de sua anfitriã, que ela era tão solteira quanto era rica, de que ela era tão sociável (sua carta respondia por isto) quanto era peculiar e teve por um momento a fantasiosa visão de tornar-se sócio em tão próspera empresa. Rangeu brevemente os dentes ao pensar nos contrastes do quinhão humano; este almofadado ninho feminino fez com que ele se sentisse sem teto e desnutrido. Tal estado de espírito, entretanto, podia apenas ser momentâneo, pois ele estava ciente, no âmago de um estômago maior do que toda a cultura da *Charles Street* era capaz de preencher.

Depois, quando sua prima retornou e se dirigiram juntos à sala de jantar, onde ele sentou-se de frente para ela em uma pequena mesa decorada com flores ao centro, em uma posição que lhe dava outra visão, através de uma janela onde a cortina permaneceu aberta às ordens dela (ela chamou sua atenção para este fato – era para o benefício dele), do escuro e vazio rio, pontilhado de luzes – a esta altura, eu afirmo, era para ele bastante fácil

observar a si mesmo que nada poderia lhe induzir a cortejar um tipo desses. Vários meses depois, em Nova York, em conversa com Mrs. Luna, a quem ele estava destinado a encontrar de modo considerável, aludiu por acaso a esse jantar, ao modo como sua irmã o havia posicionado à mesa e à observação com que ela havia salientado as vantagens de seu assento.

"É isso que chamam em Boston de ser bastante 'atencioso'", Mrs. Luna havia dito, "lhe oferecendo a vista da *Back Bay*[4] (você não detesta este nome?), e tomando crédito por isso".

Isso, contudo, encontra-se no futuro; o que estava ao alcance da percepção de Basil Ransom era o fato de Miss Chancellor ser uma evidente solteirona. Essa era sua qualidade, seu destino; nada poderia estar mais claramente escrito. Existem mulheres que permanecem solteiras por acidente, e existem ainda outras que permanecem solteiras por opção; mas Olive Chancellor permanecera solteira por toda e qualquer implicação de sua essência. Ela era uma solteirona tanto quanto Shelley era um poeta lírico, ou tanto quanto o mês de agosto é abafado. Ela era tão essencialmente uma celibatária que Ransom encontrou-se pensando nela já como velha, embora em um dos momentos em que parou para observá-la (como ele disse a si mesmo) fosse evidente que seus anos de vida eram menores do que os dele próprio. Não era que não gostasse dela, ela havia sido tão amigável; mas, pouco a pouco, ela havia lhe passado uma sensação desconfortável – a sensação de que não se poderia jamais estar seguro com uma pessoa que levasse tudo tão a sério. Veio-lhe à mente que era justamente por levar tudo tão a sério que ela havia procurado sua companhia; tinha sido por ser ela tão extenuante, não por ser geniosa; ela tinha nos olhos – e que extraordinários olhos! – não prazer, mas obrigação. Ela esperaria que ele fosse extenuante em troca; mas ele não podia – em sua vida pessoal, ele não podia; a privacidade para Basil Ransom consistia inteiramente do que ele chamava de "dispensa". Ela não era tão simples para travar intimidade como a princípio ele acreditou que fosse; até mesmo o jovem mississipiano era instruído o bastante para saber que ela era refinada. Sua pele branca tinha a singular aparência de ser firmemente esboçada por sobre sua face; mas seus traços, ainda que acentuados e irregulares, eram delicados de uma forma que sugeria boa educação. Seus contornos eram perversos, mas não pobres. O curioso matiz de seus olhos era de uma cor vívida; quando ela o posicionava sobre você, você se lembraria vagamente do cintilar de verdes geleiras. Ela não tinha absolutamente nenhum contorno, e expressava certa aparência de quem sente

[4] Bairro imediatamente anterior ao *Boston Public Garden*. (n.t.)

frio. Com tudo isso, havia algo de muito moderno e altamente desenvolvido em seu aspecto; ela tinha as vantagens assim como as inconveniências de qualquer organismo nervoso. Ela sorria constantemente ao seu convidado, mas do início até o fim do jantar, embora ele tivesse feito diversas observações que acreditava serem divertidas, ela não riu uma única vez. Mais tarde, ele notou que ela era uma mulher sem riso; o divertimento, se alguma vez a visitou, se fez mudo. Uma vez apenas, no decurso de seu próximo encontro com ela, descobriu uma voz; e então o som permaneceu nos ouvidos de Ransom como um dos mais estranhos que ele já ouvira.

Ela fez-lhe uma vasta gama de perguntas, e nada comentou acerca de suas respostas, que serviam apenas para lhe sugerir novos inquéritos. Sua timidez havia lhe abandonado inteiramente, e não tornou a voltar; ela tinha confiança o bastante para querer que ele visse o quanto ela se interessava por ele. E por que deveria? Ele se perguntava. Ele não era capaz de acreditar que fosse um dentre os tipos *dela*; estava ciente de muita boêmia – ele bebia cerveja, em Nova York, nas adegas, não conhecia uma dama sequer, e estava familiarizado com uma atriz de "variedades"[5]. Certamente, quando viesse a conhecê-lo melhor, não aprovaria suas condutas, ainda que, naturalmente, ele não fosse jamais mencionar a atriz, e nem mesmo, se necessário, a cerveja.

A concepção de vício para Ransom era puramente a de um conjunto de casos especiais, de explicáveis acidentes. Não que ele se importasse; se fosse parte do caráter bostoniano promover inquéritos, ele seria até o fim um cortês mississipiano. Ele lhe contaria a respeito do Mississippi o quanto ela quisesse; não se importava com o quanto havia dito a ela que as velhas ideias, no Sul, estavam já desgastadas. Ela não o compreenderia nem um pouco melhor por isto; não saberia o quão pouco de suas próprias opiniões poderiam ser reunidas a partir de tão limitada confissão. O que sua irmã havia comunicado a ele a respeito da obsessão dela por "reforma" havia deixado em sua boca uma espécie de gosto desagradável e remanescente; ele sentiu, de qualquer forma, que se ela tivesse a religião da humanidade[6] – Basil Ransom havia lido Comte, ele havia lido de tudo – ela jamais o compreenderia. Ele tinha também uma opinião pessoal acerca da reforma, mas o primeiro princípio dela era reformar os reformistas. À medida que chegavam ao fim de um jantar que, apesar de todas as latentes incompatibilidades, havia terminado

[5] Original em inglês: "*variety" actress*, cujo sinônimo é *vaudeville*, um gênero teatral – predominante nos Estados Unidos a partir dos anos 1880 – responsável por uma mistura de especialidades, tais quais comédias burlescas, danças e cantos. (n.t.)

[6] Sistema religioso criado por Augusto Comte, em 1854 – também conhecido como Positivismo Religioso –, responsável por estabelecer as bases de uma completa espiritualidade humana, não arcando, contudo, com elementos extra-humanos. (n.t.)

esplendidamente, ela lhe disse que deveria deixá-lo após o jantar, a menos que ele tivesse talvez interesse em acompanhá-la. Ela estava indo a uma pequena reunião na casa de uma amiga que havia convidado algumas poucas pessoas, "interessadas em novas ideias", para conhecer Mrs. Farrinder.

"Oh, eu agradeço", disse Basil Ransom. "Não seria uma festa? Eu não estive em uma festa desde que o Mississippi se separou."

"Não; Miss Birdseye não dá festas. Ela é uma asceta."

"Oh, bem, nós tivemos nosso jantar", respondeu Ransom, rindo.

Sua anfitriã sentou-se silenciosa por um momento, com os olhos no chão; ela parecia em momentos como este hesitar grandiosamente entre várias coisas que poderiam ser ditas, todas tão importantes que lhe parecia difícil escolher.

"Acho que talvez isso possa lhe interessar", observou. "Você vai ouvir alguma discussão, se você gosta disso. Você talvez não fosse concordar", acrescentou, pousando os estranhos olhos nele.

"Talvez eu não devesse – eu não concordo com tudo", disse ele, sorrindo e afagando a própria perna.

"Você não se importa com o progresso humano?", Miss Chancellor prosseguiu.

"Eu não sei – nunca vi um. Você irá me mostrar algum?"

"Eu posso mostrar-lhe um sincero esforço em direção a ele. Isso é o máximo que se pode afirmar com certeza. Mas eu não tenho certeza se você merece."

"Será algo bostoniano demais? Isso eu gostaria muito de ver", disse Basil Ransom.

"Há movimentos em outras cidades. Mrs. Farrinder vai a todo canto; ela talvez discurse esta noite."

"Mrs. Farrinder, a célebre – ?"

"Sim, a célebre; a grande apóstola da emancipação das mulheres. Ela é uma grande amiga de Miss Birdseye."

"E quem é Miss Birdseye?"

"Ela é uma de nossas celebridades. Ela é no mundo, eu suponho, a mulher que mais trabalhou em prol de cada uma das reformas sensatas. Acho que devo contar a você", prosseguiu Miss Chancellor em um momento, "ela foi uma das primeiras, uma das mais passionais, dentre os antigos abolicionistas."

Ela havia pensado que, de fato, deveria contar-lhe isto, e um pequeno tremor de excitação a invadiu ao fazê-lo. Ainda assim, se ela tivesse qualquer receio de que ele demonstraria alguma irritação ante esta novidade, teria se decepcionado com a genialidade com a qual ele exclamou:

"Mas pobre senhora – ela deve estar bastante envelhecida!"

Foi, portanto, com alguma severidade que ela respondeu:

"Ela jamais será velha. É o espírito mais jovem que eu conheço. Mas se você não se encontra em simpatia, talvez seja melhor que não vá", ela prosseguiu.

"Em simpatia com o quê, cara madame?", Basil Ransom perguntou, falhando ainda, para a percepção dela, em atingir o tom de verdadeira seriedade. "Se, como você disse, houver hoje uma discussão, haverá também lados opostos, e certamente não se pode simpatizar com ambos."

"Sim, mas todos irão – eles ou elas – defender à sua maneira a causa das novas verdades. Se você não se importa com elas, não avançará conosco."

"Devo dizer-lhe que eu não tenho a menor ideia de quais são elas! Jamais encontrei neste mundo a não ser antigas verdades – tão antigas quanto o sol ou a lua. Como posso eu sabê-las? Mas, *por favor*, leve-me, é uma excelente oportunidade para ver Boston."

"Não se trata de Boston – mas da humanidade!", Miss Chancellor, ao fazer essa observação, levantou-se de sua cadeira, e seu movimento pareceu expressar que ela consentia. Mas antes que desencorajasse seu parente a se apressar, ela observou-lhe que estava certa de que ele sabia do que ela estava falando; e apenas fingia que não.

"Bem, talvez, ao final das contas, eu faça uma ideia", ele confessou; "mas você não vê como essa pequena reunião me dará a chance de consertá-la?"

Ela demorou um momento, com sua expressão ansiosa. "Mrs. Farrinder irá consertá-la?", ela disse; e foi preparar-se para sair.

Era da natureza dessa pobre mulher ser ansiosa, ter escrúpulo atrás de escrúpulo e prever a consequência de todas as coisas. Ela retornou em dez minutos, em sua boina, que ela aparentemente assumiu em reconhecimento ao asceticismo de Miss Birdseye. Enquanto calçava as luvas – seu visitante havia se fortificado contra Mrs. Farrinder por intermédio de mais uma taça de vinho – ela declarou que estava um tanto arrependida de ter-lhe proposto sua ida; algo lhe dizia que ele seria um elemento desfavorável.

"Por que, esta será reunião uma *séance* espiritual?", perguntou Basil Ransom.

"Bem, eu já ouvi em Miss Birdseye alguma incorporação." Olive Chancellor estava determinada a olhá-lo diretamente na face enquanto dizia tais palavras; sua percepção do modo como isso poderia atingi-lo operava como uma convincente, e não restringente, razão.

"Céus, Miss Olive, calhou de ser propositalmente para mim!", exclamou o jovem mississipiano, radiante, batendo ambas as mãos. Ela achou-o muito bonito enquanto proferia essas palavras, mas refletiu que infelizmente os homens pouco se lixavam para a verdade, especialmente para os novos tipos, na exata proporção de sua beleza física. Ela tinha, contudo, um recurso moral sobre o qual se apoiar; já havia sido um conforto para ela, em ocasiões de sentimentalismo agudo, o fato de que detestava os homens, como classe, de qualquer forma. "E eu quero ver tanto uma velha abolicionista; jamais pousei os olhos em uma", acrescentou Basil Ransom.

"Certamente você não poderia tê-las visto no Sul; pois estavam assustados demais para deixar que se aproximassem!" Ela estava agora tentando pensar em algo que pudesse dizer e que fosse suficientemente desagradável para que ele parasse de insistir em acompanhá-la; pois, estranho é registrar – se alguma coisa, em uma pessoa de tal intensa sensibilidade, puder ser mais estranha que outra – sua segunda consideração acerca de tê-lo convidado havia se intensificado em questão de segundos em um terror irracional do efeito de sua presença. "Talvez Miss Birdseye não goste de você", ela prosseguiu, enquanto esperavam pela carruagem.

"Eu não sei; suponho que gostará", disse Basil Ransom, bem-humorado. Ele evidentemente não tinha nenhuma intenção de desistir de sua oportunidade.

Da janela da sala de jantar, naquele momento, eles ouviram a carruagem estacionar. Miss Birdseye vivia no *South End*; a uma distância considerável, e Miss Chancellor havia solicitado um carro[7], sendo a proximidade dos estábulos uma das vantagens de se morar na *Charles Street.* A lógica de sua conduta não era das mais claras; pois estivesse ela sozinha teria seguido ao seu destino com o auxílio do bonde elétrico; não para economizar (pois ela tinha a boa sorte de não ser obrigada a consultar seus saldos para tais fins), e muito menos pelo afeto de perambular pelas noites de Boston (uma espécie de exposição que muito a desagradava), mas por causa de uma teoria que ela devotamente nutrira, uma teoria que a ordenava a protelar as diferenças

[7] Original em inglês: *hackney-coach*, espécie de táxi típico da cidade de Boston. Na data em questão, os *hackney-coachs* eram carros de seis lugares, puxados por dois cavalos. No Brasil, contudo, especialmente quando começaram a surgir veículos autômatos, carruagens puxadas por cavalos passaram a ser denominadas *carros*, e os novos veículos eram denominados pela boca popular de *automóveis*. (n.t.)

individuais e misturar-se à vida popular. Ela teria caminhado até *Boylston Street*, e lá ela teria tomado o transporte público (em seu coração ela o detestava) até *South End*. Boston era cheia de moças pobres que tinham de caminhar à noite e se espremer em carros americanos[8], nos quais qualquer juízo seria ofendido; e por que deveria ela manter-se superior? Olive Chancellor regulava sua conduta com base em princípios elevados, e era por isso que, tendo nesta noite a vantagem protecional de um cavalheiro, solicitou uma carruagem para obliterar tal patronagem. Se eles tivessem ido juntos pela via pública, lhe pareceria estar em dívida com ele por seu próprio atrevimento, e ele pertencia a um sexo ao qual ela não desejava estar sob qualquer obrigação. Meses atrás, quando ela lhe escreveu, havia sido com a intenção, propriamente, de pô-lo, a *ele*, em dívida. Enquanto se encaminhavam para *South End*, lado a lado, imersos em um grande silêncio, saltando e tropeçando por sobre os trilhos do bonde elétrico, muito menos, afinal, do que se as rodas estivessem equipadas aos seus próprios corpos, e ambos olhando para a janela de seus respectivos lados para a fileira de casas vermelhas, escurecidas pela luz dos lampiões, com frontes protuberantes, acercadas por escadas de pedra; enquanto prosseguiam, com essas contemplativas ondulações, Miss Chancellor disse ao seu companheiro, com um desejo concentrado de desafiá-lo, como uma punição por tê-la provocado (ela não saberia dizer o porquê) tal estado de tremor:

"Você não acredita, então, na chegada de um dia melhor – na possibilidade de se fazer algo pela humanidade?"

O pobre Ransom percebeu o desafio, e sentiu-se um pouco aturdido; ele se perguntava qual tipo, afinal, ele *tinha* arranjado, e a que espécie de jogo estava se submetendo. Por que tinha ela tomado a iniciativa, se queria provocá-lo desta forma? Ele era, contudo, bom em qualquer sorte de jogo – neste tanto quanto noutro – e percebeu que estava "a fim" de experimentar algo que há muito tempo desejava conhecer de perto. "Bem, Miss Olive", ele respondeu, colocando novamente seu grande chapéu, o qual segurava no colo, "o que mais me impressiona é que a humanidade tem de suportar seus problemas."

"É isto o que homens dizem às mulheres, para mantê-las pacientes na posição que escolheram para elas."

"Oh, a posição das mulheres!", exclamou Basil Ransom. "A posição das mulheres é fazer os homens de tolos. Eu trocaria minha posição pela de

[8] Original em inglês: *horse-cars*, veículo coletivo, precursor do bonde elétrico, puxado apenas por um cavalo. (n.t.)

vocês a qualquer chance", prosseguiu. "Foi o que eu disse a mim mesmo sentado na sua elegante residência."

Ele não poderia perceber, na escuridão da carruagem, que ela havia rapidamente corado, e nem poderia saber que ela não gostava de ser lembrada de certas coisas que, para ela, significavam mitigações da difícil sina feminina. Mas após o gaguejo passional com o qual, um momento depois, ela lhe respondeu, assegurou-lhe suficientemente de que havia tocado em um ponto delicado.

"Você me repreende porque eu tenho, por acaso, um pouco de dinheiro? O mais caro desejo do meu coração é fazer algo com ele pelos outros – pelos miseráveis."

Basil Ransom poderia ter saudado essa última declaração com a simpatia por ela merecida, talvez pudesse ter elogiado as nobres aspirações de sua parente. Mas o que mais o impressionou, em vez disso, foi a singularidade de tão repentina agudeza, somada a uma relação que, uma hora ou duas antes, havia começado em perfeita amizade, e ele rebentou de novo em uma irrepreensível gargalhada. Isso fez sua companheira sentir, com intensidade, o quão pouco ela estava brincando. "Não sei por que eu deveria ligar para o que você pensa", disse ela.

"Não ligue – não ligue. De que importa? Não é da menor importância."

Ele não poderia ter dito isso, mas não era verdade; ela sentiu que havia razões pelas quais deveria se importar. Ela o havia trazido para sua vida, e teria de pagar por isso. Mas Olive desejava saber o pior de uma só vez. "Você é contra nossa emancipação?", ela perguntou, virando para ele sua face branca no clarão momentâneo de um poste de luz.

"Você quer dizer mulheres votando e pregando e toda essa sorte de coisas?" Ele inquiriu, mas ao perceber o quão seriamente ela tomaria sua resposta, ele quase se assustou e cessou fogo. "Eu lhe direi após ter ouvido Mrs. Farrinder."

Eles haviam chegado ao endereço fornecido por Miss Chancellor ao cocheiro, e o veículo deteve-se com um solavanco. Basil Ransom saiu; permaneceu à porta do carro com uma mão estendida, para assistir a jovem moça. Mas ela pareceu hesitar; mantendo-se sentada com a face espectral. "Você detesta a ideia!", ela exclamou, em tom baixo.

"Miss Birdseye me converterá", disse Ransom, com intenção; pois sua curiosidade havia crescido e ele temia que agora, afinal, Miss Chancellor o impedisse de entrar na residência. Ela desceu sem sua ajuda, e atrás dela ele subiu os altos degraus da casa de Miss Birdseye. Sua curiosidade havia cres-

cido, e dentre as coisas que mais queria saber era o porquê dessa molenga solteirona ter escrito a ele.

.

Os Óculos

Edgar Allan Poe

O texto: Publicado em 1844, no *Philadelphia Dollar Newspaper*, "Os Óculos" é um conto de humor de Poe. O narrador e personagem principal, Napoleon Bonaparte Froissart, é um jovem entusiasta do amor à primeira vista, que sofre de uma deficiência visual, mas que, por vaidade, recusa-se a usar óculos. Por causa dessa recusa, somada a seu temperamento impulsivo, coloca-se em uma situação embaraçosa ao apaixonar-se por uma mulher francesa que não pode ver nitidamente.

Texto traduzido: Poe, Egar Allan. *The Short Fiction of Edgar Allan Poe: An Annotated Edition.* In: Levine, Stuart; Levine, Susan (Eds.). Chicago: University of Illinois Press, 1990, pp. 333-350.

O autor: Edgar Allan Poe (1809-1849), escritor, poeta e crítico literário norte-americano, mais conhecido por seus contos e romances de horror gótico e por suas histórias de detetive, também escreveu contos humorísticos, incluindo "The Spectacles".

A tradutora: Liziane Kugland é tradutora e professora de inglês em Porto Alegre. Com Jorge Furtado, traduziu *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do Espelho* (Lewis Carroll), *Sonetos de Shakespeare* e *O Mercado de Notícias* (Ben Jonson).

THE SPECTACLES

"The weakness itself, however, has always much annoyed me,
and I have resorted to every remedy - short of wearing glasses."

EDGAR ALLAN POE

Many years ago, it was the fashion to ridicule the idea of "love at first sight;" but those who think, not less than those who feel deeply, have always advocated its existence. Modern discoveries, indeed, in what may be termed ethical magnetism or magnetoesthetics, render it probable that the most natural, and, consequently, the truest and most intense of the human affections are those which arise in the heart as if by electric sympathy – in a word, that the brightest and most enduring of the psychal fetters are those which are riveted by a glance. The confession I am about to make will add another to the already almost innumerable instances of the truth of the position.

My story requires that I should be somewhat minute. I am still a very young man – not yet twenty-two years of age. My name, at present, is a very usual and rather plebeian one – Simpson. I say "at present;" for it is only lately that I have been so called – having legislatively adopted this surname within the last year in order to receive a large inheritance left me by a distant male relative, Adolphus Simpson, Esq. The bequest was conditioned upon my taking the name of the testator, – the family, not the Christian name; my Christian name is Napoleon Bonaparte – or, more properly, these are my first and middle appellations.

I assumed the name, Simpson, with some reluctance, as in my true patronym, Froissart, I felt a very pardonable pride – believing that I could trace a descent from the immortal author of the "Chronicles." While on the subject of names, by the bye, I may mention a singular coincidence of sound

attending the names of some of my immediate predecessors. My father was a Monsieur Froissart, of Paris. His wife – my mother, whom he married at fifteen – was a Mademoiselle Croissart, eldest daughter of Croissart the banker, whose wife, again, being only sixteen when married, was the eldest daughter of one Victor Voissart. Monsieur Voissart, very singularly, had married a lady of similar name – a Mademoiselle Moissart. She, too, was quite a child when married; and her mother, also, Madame Moissart, was only fourteen when led to the altar. These early marriages are usual in France. Here, however, are Moissart, Voissart, Croissart, and Froissart, all in the direct line of descent. My own name, though, as I say, became Simpson, by act of Legislature, and with so much repugnance on my part, that, at one period, I actually hesitated about accepting the legacy with the useless and annoying proviso attached.

As to personal endowments, I am by no means deficient. On the contrary, I believe that I am well made, and possess what nine tenths of the world would call a handsome face. In height I am five feet eleven. My hair is black and curling. My nose is sufficiently good. My eyes are large and gray; and although, in fact they are weak a very inconvenient degree, still no defect in this regard would be suspected from their appearance. The weakness itself, however, has always much annoyed me, and I have resorted to every remedy – short of wearing glasses. Being youthful and good-looking, I naturally dislike these, and have resolutely refused to employ them. I know nothing, indeed, which so disfigures the countenance of a young person, or so impresses every feature with an air of demureness, if not altogether of sanctimoniousness and of age. An eyeglass, on the other hand, has a savor of downright foppery and affectation. I have hitherto managed as well as I could without either. But something too much of these merely personal details, which, after all, are of little importance. I will content myself with saying, in addition, that my temperament is sanguine, rash, ardent, enthusiastic – and that all my life I have been a devoted admirer of the women.

One night last winter I entered a box at the P-- Theatre, in company with a friend, Mr. Talbot. It was an opera night, and the bills presented a very rare attraction, so that the house was excessively crowded. We were in time, however, to obtain the front seats which had been reserved for us, and into which, with some little difficulty, we elbowed our way.

For two hours my companion, who was a musical fanatico, gave his undivided attention to the stage; and, in the meantime, I amused myself by observing the audience, which consisted, in chief part, of the very elite of the city. Having satisfied myself upon this point, I was about turning my eyes to

the prima donna, when they were arrested and riveted by a figure in one of the private boxes which had escaped my observation.

If I live a thousand years, I can never forget the intense emotion with which I regarded this figure. It was that of a female, the most exquisite I had ever beheld. The face was so far turned toward the stage that, for some minutes, I could not obtain a view of it – but the form was divine; no other word can sufficiently express its magnificent proportion – and even the term "divine" seems ridiculously feeble as I write it.

The magic of a lovely form in woman – the necromancy of female gracefulness – was always a power which I had found it impossible to resist, but here was grace personified, incarnate, the beau ideal of my wildest and most enthusiastic visions. The figure, almost all of which the construction of the box permitted to be seen, was somewhat above the medium height, and nearly approached, without positively reaching, the majestic. Its perfect fullness and tournure were delicious. The head of which only the back was visible, rivalled in outline that of the Greek Psyche, and was rather displayed than concealed by an elegant cap of gaze aerienne, which put me in mind of the ventum textilem of Apuleius. The right arm hung over the balustrade of the box, and thrilled every nerve of my frame with its exquisite symmetry. Its upper portion was draperied by one of the loose open sleeves now in fashion. This extended but little below the elbow. Beneath it was worn an under one of some frail material, close-fitting, and terminated by a cuff of rich lace, which fell gracefully over the top of the hand, revealing only the delicate fingers, upon one of which sparkled a diamond ring, which I at once saw was of extraordinary value. The admirable roundness of the wrist was well set off by a bracelet which encircled it, and which also was ornamented and clasped by a magnificent aigrette of jewels-telling, in words that could not be mistaken, at once of the wealth and fastidious taste of the wearer.

I gazed at this queenly apparition for at least half an hour, as if I had been suddenly converted to stone; and, during this period, I felt the full force and truth of all that has been said or sung concerning "love at first sight." My feelings were totally different from any which I had hitherto experienced, in the presence of even the most celebrated specimens of female loveliness. An unaccountable, and what I am compelled to consider a magnetic, sympathy of soul for soul, seemed to rivet, not only my vision, but my whole powers of thought and feeling, upon the admirable object before me. I saw – I felt – I knew that I was deeply, madly, irrevocably in love – and this even before seeing the face of the person beloved. So intense, indeed, was the passion that consumed me, that I really believe it would have received little if any

abatement had the features, yet unseen, proved of merely ordinary character, so anomalous is the nature of the only true love – of the love at first sight- and so little really dependent is it upon the external conditions which only seem to create and control it.

While I was thus wrapped in admiration of this lovely vision, a sudden disturbance among the audience caused her to turn her head partially toward me, so that I beheld the entire profile of the face. Its beauty even exceeded my anticipations – and yet there was something about it which disappointed me without my being able to tell exactly what it was. I said "disappointed," but this is not altogether the word.

My sentiments were at once quieted and exalted. They partook less of transport and more of calm enthusiasm of enthusiastic repose. This state of feeling arose, perhaps, from the Madonna – like and matronly air of the face; and yet I at once understood that it could not have arisen entirely from this. There was something else – some mystery which I could not develop – some expression about the countenance which slightly disturbed me while it greatly heightened my interest.

In fact, I was just in that condition of mind which prepares a young and susceptible man for any act of extravagance. Had the lady been alone, I should undoubtedly have entered her box and accosted her at all hazards; but, fortunately, she was attended by two companions – a gentleman, and a strikingly beautiful woman, to all appearance a few years younger than herself.

I revolved in my mind a thousand schemes by which I might obtain, hereafter, an introduction to the elder lady, or, for the present, at all events, a more distinct view of her beauty. I would have removed my position to one nearer her own, but the crowded state of the theatre rendered this impossible; and the stern decrees of Fashion had, of late, imperatively prohibited the use of the opera-glass in a case such as this, even had I been so fortunate as to have one with me – but I had not opera-glass and was thus in despair.

At length I bethought me of applying to my companion. "Talbot," I said, "you have an opera-glass. Let me have it."

"An opera-glass! – no! – what do you suppose I would be doing with an opera-glass?" Here he turned impatiently toward the stage.

"But, Talbot," I continued, pulling him by the shoulder, "listen to me will you? Do you see the stage-box? – there! – no, the next. – did you ever behold as lovely a woman?"

"She is very beautiful, no doubt," he said.

"I wonder who she can be?"

"Why, in the name of all that is angelic, don't you know who she is? 'Not to know her argues yourself unknown.' She is the celebrated Madame Lalande- the beauty of the day par excellence, and the talk of the whole town. Immensely wealthy too – a widow, and a great match – has just arrived from Paris."

"Do you know her?"

"Yes; I have the honor."

"Will you introduce me?"

"Assuredly, with the greatest pleasure; when shall it be?"

"To-morrow, at one, I will call upon you at B--'s.

"Very good; and now do hold your tongue, if you can."

In this latter respect I was forced to take Talbot's advice; for he remained obstinately deaf to every further question or suggestion, and occupied himself exclusively for the rest of the evening with what was transacting upon the stage.

In the meantime I kept my eyes riveted on Madame Lalande, and at length had the good fortune to obtain a full front view of her face. It was exquisitely lovely – this, of course, my heart had told me before, even had not Talbot fully satisfied me upon the point – but still the unintelligible something disturbed me. I finally concluded that my senses were impressed by a certain air of gravity, sadness, or, still more properly, of weariness, which took something from the youth and freshness of the countenance, only to endow it with a seraphic tenderness and majesty, and thus, of course, to my enthusiastic and romantic temperment, with an interest tenfold.

While I thus feasted my eyes, I perceived, at last, to my great trepidation, by an almost imperceptible start on the part of the lady, that she had become suddenly aware of the intensity of my gaze. Still, I was absolutely fascinated, and could not withdraw it, even for an instant. She turned aside her face, and again I saw only the chiselled contour of the back portion of the head. After some minutes, as if urged by curiosity to see if I was still looking, she gradually brought her face again around and again encountered my burning gaze. Her large dark eyes fell instantly, and a deep blush mantled her cheek. But what was my astonishment at perceiving that she not only did not a second time avert her head, but that she actually took from her girdle a

double eyeglass – elevated it – adjusted it – and then regarded me through it, intently and deliberately, for the space of several minutes.

Had a thunderbolt fallen at my feet I could not have been more thoroughly astounded – astounded only – not offended or disgusted in the slightest degree; although an action so bold in any other woman would have been likely to offend or disgust. But the whole thing was done with so much quietude – so much nonchalance – so much repose – with so evident an air of the highest breeding, in short – that nothing of mere effrontery was perceptible, and my sole sentiments were those of admiration and surprise.

I observed that, upon her first elevation of the glass, she had seemed satisfied with a momentary inspection of my person, and was withdrawing the instrument, when, as if struck by a second thought, she resumed it, and so continued to regard me with fixed attention for the space of several minutes- for five minutes, at the very least, I am sure.

This action, so remarkable in an American theatre, attracted very general observation, and gave rise to an indefinite movement, or buzz, among the audience, which for a moment filled me with confusion, but produced no visible effect upon the countenance of Madame Lalande.

Having satisfied her curiosity – if such it was – she dropped the glass, and quietly gave her attention again to the stage; her profile now being turned toward myself, as before. I continued to watch her unremittingly, although I was fully conscious of my rudeness in so doing. Presently I saw the head slowly and slightly change its position; and soon I became convinced that the lady, while pretending to look at the stage was, in fact, attentively regarding myself. It is needless to say what effect this conduct, on the part of so fascinating a woman, had upon my excitable mind.

Having thus scrutinized me for perhaps a quarter of an hour, the fair object of my passion addressed the gentleman who attended her, and while she spoke, I saw distinctly, by the glances of both, that the conversation had reference to myself.

Upon its conclusion, Madame Lalande again turned toward the stage, and, for a few minutes, seemed absorbed in the performance. At the expiration of this period, however, I was thrown into an extremity of agitation by seeing her unfold, for the second time, the eye-glass which hung at her side, fully confront me as before, and, disregarding the renewed buzz of the audience, survey me, from head to foot, with the same miraculous composure which had previously so delighted and confounded my soul.

This extraordinary behavior, by throwing me into a perfect fever of excitement – into an absolute delirium of love – served rather to embolden than to disconcert me. In the mad intensity of my devotion, I forgot everything but the presence and the majestic loveliness of the vision which confronted my gaze. Watching my opportunity, when I thought the audience were fully engaged with the opera, I at length caught the eyes of Madame Lalande, and, upon the instant, made a slight but unmistakable bow.

She blushed very deeply – then averted her eyes – then slowly and cautiously looked around, apparently to see if my rash action had been noticed – then leaned over toward the gentleman who sat by her side.

I now felt a burning sense of the impropriety I had committed, and expected nothing less than instant exposure; while a vision of pistols upon the morrow floated rapidly and uncomfortably through my brain. I was greatly and immediately relieved, however, when I saw the lady merely hand the gentleman a play-bill, without speaking, but the reader may form some feeble conception of my astonishment – of my profound amazement- my delirious bewilderment of heart and soul – when, instantly afterward, having again glanced furtively around, she allowed her bright eyes to set fully and steadily upon my own, and then, with a faint smile, disclosing a bright line of her pearly teeth, made two distinct, pointed, and unequivocal affirmative inclinations of the head.

It is useless, of course, to dwell upon my joy – upon my transport – upon my illimitable ecstasy of heart. If ever man was mad with excess of happiness, it was myself at that moment. I loved. This was my first love – so I felt it to be. It was love supreme-indescribable. It was "love at first sight;" and at first sight, too, it had been appreciated and returned.

Yes, returned. How and why should I doubt it for an instant. What other construction could I possibly put upon such conduct, on the part of a lady so beautiful – so wealthy – evidently so accomplished – of so high breeding- of so lofty a position in society – in every regard so entirely respectable as I felt assured was Madame Lalande? Yes, she loved me – she returned the enthusiasm of my love, with an enthusiasm as blind – as uncompromising – as uncalculating – as abandoned – and as utterly unbounded as my own!

These delicious fancies and reflections, however, were now interrupted by the falling of the drop-curtain. The audience arose; and the usual tumult immediately supervened. Quitting Talbot abruptly, I made every effort to force my way into closer proximity with Madame Lalande. Having failed in this, on account of the crowd, I at length gave up the chase, and bent my

steps homeward; consoling myself for my disappointment in not having been able to touch even the hem of her robe, by the reflection that I should be introduced by Talbot, in due form, upon the morrow.

This morrow at last came, that is to say, a day finally dawned upon a long and weary night of impatience; and then the hours until "one" were snail-paced, dreary, and innumerable. But even Stamboul, it is said, shall have an end, and there came an end to this long delay. The clock struck. As the last echo ceased, I stepped into B--'s and inquired for Talbot.

"Out," said the footman – Talbot's own.

"Out!" I replied, staggering back half a dozen paces – "let me tell you, my fine fellow, that this thing is thoroughly impossible and impracticable; Mr. Talbot is not out. What do you mean?"

"Nothing, sir; only Mr. Talbot is not in, that's all. He rode over to S--, immediately after breakfast, and left word that he would not be in town again for a week."

I stood petrified with horror and rage. I endeavored to reply, but my tongue refused its office.

At length I turned on my heel, livid with wrath, and inwardly consigning the whole tribe of the Talbots to the innermost regions of Erebus. It was evident that my considerate friend, il fanatico, had quite forgotten his appointment with myself – had forgotten it as soon as it was made. At no time was he a very scrupulous man of his word. There was no help for it; so smothering my vexation as well as I could, I strolled moodily up the street, propounding futile inquiries about Madame Lalande to every male acquaintance I met. By report she was known, I found, to all – to many by sight – but she had been in town only a few weeks, and there were very few, therefore, who claimed her personal acquaintance. These few, being still comparatively strangers, could not, or would not, take the liberty of introducing me through the formality of a morning call. While I stood thus in despair, conversing with a trio of friends upon the all absorbing subject of my heart, it so happened that the subject itself passed by.

"As I live, there she is!" cried one.

"Surprisingly beautiful!" exclaimed a second.

"An angel upon earth!" ejaculated a third.

I looked; and in an open carriage which approached us, passing slowly down the street, sat the enchanting vision of the opera, accompanied by the younger lady who had occupied a portion of her box.

"Her companion also wears remarkably well," said the one of my trio who had spoken first.

"Astonishingly," said the second; "still quite a brilliant air, but art will do wonders. Upon my word, she looks better than she did at Paris five years ago. A beautiful woman still; – don't you think so, Froissart? – Simpson, I mean."

"Still!" said I, "and why shouldn't she be? But compared with her friend she is as a rush – light to the evening star – a glow – worm to Antares.

"Ha! ha! ha! – why, Simpson, you have an astonishing tact at making discoveries – original ones, I mean." And here we separated, while one of the trio began humming a gay vaudeville, of which I caught only the lines –

Ninon, Ninon, Ninon a bas –
A bas Ninon De L'Enclos !

During this little scene, however, one thing had served greatly to console me, although it fed the passion by which I was consumed. As the carriage of Madame Lalande rolled by our group, I had observed that she recognized me; and more than this, she had blessed me, by the most seraphic of all imaginable smiles, with no equivocal mark of the recognition.

As for an introduction, I was obliged to abandon all hope of it until such time as Talbot should think proper to return from the country. In the meantime I perseveringly frequented every reputable place of public amusement; and, at length, at the theatre, where I first saw her, I had the supreme bliss of meeting her, and of exchanging glances with her once again. This did not occur, however, until the lapse of a fortnight. Every day, in the interim, I had inquired for Talbot at his hotel, and every day had been thrown into a spasm of wrath by the everlasting "Not come home yet" of his footman.

Upon the evening in question, therefore, I was in a condition little short of madness. Madame Lalande, I had been told, was a Parisian – had lately arrived from Paris – might she not suddenly return? – return before Talbot came back – and might she not be thus lost to me forever? The thought was too terrible to bear. Since my future happiness was at issue, I resolved to act with a manly decision. In a word, upon the breaking up of the play, I traced the lady to her residence, noted the address, and the next morning sent her a full and elaborate letter, in which I poured out my whole heart.

I spoke boldly, freely – in a word, I spoke with passion. I concealed nothing – nothing even of my weakness. I alluded to the romantic circumstances of our first meeting- even to the glances which had passed between us. I went so far as to say that I felt assured of her love; while I offered this assurance, and my own intensity of devotion, as two excuses for my otherwise unpardonable conduct. As a third, I spoke of my fear that she might quit the city before I could have the opportunity of a formal introduction. I concluded the most wildly enthusiastic epistle ever penned, with a frank declaration of my worldly circumstances – of my affluence – and with an offer of my heart and of my hand.

In an agony of expectation I awaited the reply. After what seemed the lapse of a century it came.

Yes, actually came. Romantic as all this may appear, I really received a letter from Madame Lalande – the beautiful, the wealthy, the idolized Madame Lalande. Her eyes – her magnificent eyes, had not belied her noble heart. Like a true Frenchwoman as she was she had obeyed the frank dictates of her reason – the generous impulses of her nature – despising the conventional pruderies of the world. She had not scorned my proposals. She had not sheltered herself in silence. She had not returned my letter unopened. She had even sent me, in reply, one penned by her own exquisite fingers. It ran thus:

> "Monsieur Simpson vill pardonne me for not compose de butefulle tong of his contree so vell as might. It is only de late dat I am arrive, and not yet ave do opportunite for to – l'etudier.
> "Vid dis apologie for the maniere, I vill now say dat, helas! – Monsieur Simpson ave guess but de too true. Need I say de more? Helas! am I not ready speak de too moshe?
>
> "EUGÉNIE LALAND."

This noble-spirited note I kissed a million times, and committed, no doubt, on its account, a thousand other extravagances that have now escaped my memory. Still Talbot would not return. Alas! could he have formed even the vaguest idea of the suffering his absence had occasioned his friend, would not his sympathizing nature have flown immediately to my relief? Still, however, he came not. I wrote. He replied. He was detained by urgent business – but would shortly return. He begged me not to be impatient – to moderate my transports – to read soothing books – to drink nothing stronger than Hock – and to bring the consolations of philosophy to my aid.

The fool! if he could not come himself, why, in the name of every thing rational, could he not have enclosed me a letter of presentation? I wrote him again, entreating him to forward one forthwith. My letter was returned by that footman, with the following endorsement in pencil. The scoundrel had joined his master in the country:

> "Left S-- yesterday, for parts unknown – did not say where – or when be back – so thought best to return letter, knowing your handwriting, and as how you is always, more or less, in a hurry.
>
> "Yours sincerely,
>
> "STUBBS."

After this, it is needless to say, that I devoted to the infernal deities both master and valet: – but there was little use in anger, and no consolation at all in complaint.

But I had yet a resource left, in my constitutional audacity. Hitherto it had served me well, and I now resolved to make it avail me to the end. Besides, after the correspondence which had passed between us, what act of mere informality could I commit, within bounds, that ought to be regarded as indecorous by Madame Lalande? Since the affair of the letter, I had been in the habit of watching her house, and thus discovered that, about twilight, it was her custom to promenade, attended only by a negro in livery, in a public square overlooked by her windows. Here, amid the luxuriant and shadowing groves, in the gray gloom of a sweet midsummer evening, I observed my opportunity and accosted her.

The better to deceive the servant in attendance, I did this with the assured air of an old and familiar acquaintance. With a presence of mind truly Parisian, she took the cue at once, and, to greet me, held out the most bewitchingly little of hands. The valet at once fell into the rear, and now, with hearts full to overflowing, we discoursed long and unreservedly of our love.

As Madame Lalande spoke English even less fluently than she wrote it, our conversation was necessarily in French. In this sweet tongue, so adapted to passion, I gave loose to the impetuous enthusiasm of my nature, and, with all the eloquence I could command, besought her to consent to an immediate marriage.

At this impatience she smiled. She urged the old story of decorum – that bug-bear which deters so many from bliss until the opportunity for bliss has

forever gone by. I had most imprudently made it known among my friends, she observed, that I desired her acquaintance – thus that I did not possess it – thus, again, there was no possibility of concealing the date of our first knowledge of each other. And then she adverted, with a blush, to the extreme recency of this date. To wed immediately would be improper- would be indecorous – would be outre. All this she said with a charming air of naivete which enraptured while it grieved and convinced me. She went even so far as to accuse me, lau-ghingly, of rashness – of imprudence. She bade me remember that I really even know not who she was – what were her prospects, her connections, her standing in society. She begged me, but with a sigh, to reconsider my proposal, and termed my love an infatuation – a will o' the wisp – a fancy or fantasy of the moment- a baseless and unstable creation rather of the imagination than of the heart. These things she uttered as the shadows of the sweet twilight gathered darkly and more darkly around us – and then, with a gentle pressure of her fairy-like hand, overthrew, in a single sweet instant, all the argumentative fabric she had reared.

I replied as best I could – as only a true lover can. I spoke at length, and perseveringly of my devotion, of my passion – of her exceeding beauty, and of my own enthusiastic admiration. In conclusion, I dwelt, with a convincing energy, upon the perils that encompass the course of love – that course of true love that never did run smooth- and thus deduced the manifest danger of rendering that course unnecessarily long.

This latter argument seemed finally to soften the rigor of her determination. She relented; but there was yet an obstacle, she said, which she felt assured I had not properly considered. This was a delicate point – for a woman to urge, especially so; in mentioning it, she saw that she must make a sacrifice of her feelings; still, for me, every sacrifice should be made. She alluded to the topic of age. Was I aware – was I fully aware of the discrepancy between us? That the age of the husband, should surpass by a few years – even by fifteen or twenty – the age of the wife, was regarded by the world as admissible, and, indeed, as even proper, but she had always entertained the belief that the years of the wife should never exceed in number those of the husband. A discrepancy of this unnatural kind gave rise, too frequently, alas! to a life of unhappiness. Now she was aware that my own age did not exceed two and twenty; and I, on the contrary, perhaps, was not aware that the years of my Eugénie extended very considerably beyond that sum.

About all this there was a nobility of soul – a dignity of candor – which delighted – which enchanted me – which eternally riveted my chains. I could scarcely restrain the excessive transport which possessed me.

"My sweetest Eugénie," I cried, "what is all this about which you are discoursing? Your years surpass in some measure my own. But what then? The customs of the world are so many conventional follies. To those who love as ourselves, in what respect differs a year from an hour? I am twenty-two, you say, granted: indeed, you may as well call me, at once, twenty-three. Now you yourself, my dearest Eugénie, can have numbered no more than – can have numbered no more than – no more than – than – than – than–"

Here I paused for an instant, in the expectation that Madame Lalande would interrupt me by supplying her true age. But a Frenchwoman is seldom direct, and has always, by way of answer to an embarrassing query, some little practical reply of her own. In the present instance, Eugénie, who for a few moments past had seemed to be searching for something in her bosom, at length let fall upon the grass a miniature, which I immediately picked up and presented to her.

"Keep it!" she said, with one of her most ravishing smiles. "Keep it for my sake – for the sake of her whom it too flatteringly represents. Besides, upon the back of the trinket you may discover, perhaps, the very information you seem to desire. It is now, to be sure, growing rather dark-but you can examine it at your leisure in the morning. In the meantime, you shall be my escort home to-night. My friends are about holding a little musical levee. I can promise you, too, some good singing. We French are not nearly so punctilious as you Americans, and I shall have no difficulty in smuggling you in, in the character of an old acquaintance."

With this, she took my arm, and I attended her home. The mansion was quite a fine one, and, I believe, furnished in good taste. Of this latter point, however, I am scarcely qualified to judge; for it was just dark as we arrived; and in American mansions of the better sort lights seldom, during the heat of summer, make their appearance at this, the most pleasant period of the day. In about an hour after my arrival, to be sure, a single shaded solar lamp was lit in the principal drawing-room; and this apartment, I could thus see, was arranged with unusual good taste and even splendor; but two other rooms of the suite, and in which the company chiefly assembled, remained, during the whole evening, in a very agreeable shadow. This is a well-conceived custom, giving the party at least a choice of light or shade, and

one which our friends over the water could not do better than immediately adopt.

The evening thus spent was unquestionably the most delicious of my life. Madame Lalande had not overrated the musical abilities of her friends; and the singing I here heard I had never heard excelled in any private circle out of Vienna. The instrumental performers were many and of superior talents. The vocalists were chiefly ladies, and no individual sang less than well. At length, upon a peremptory call for "Madame Lalande," she arose at once, without affectation or demur, from the chaise longue upon which she had sat by my side, and, accompanied by one or two gentlemen and her female friend of the opera, repaired to the piano in the main drawing-room. I would have escorted her myself, but felt that, under the circumstances of my introduction to the house, I had better remain unobserved where I was. I was thus deprived of the pleasure of seeing, although not of hearing, her sing.

The impression she produced upon the company seemed electrical but the effect upon myself was something even more. I know not how adequately to describe it. It arose in part, no doubt, from the sentiment of love with which I was imbued; but chiefly from my conviction of the extreme sensibility of the singer. It is beyond the reach of art to endow either air or recitative with more impassioned expression than was hers. Her utterance of the romance in Otello – the tone with which she gave the words "Sul mio sasso," in the Capuletti – is ringing in my memory yet. Her lower tones were absolutely miraculous. Her voice embraced three complete octaves, extending from the contralto D to the D upper soprano, and, though sufficiently powerful to have filled the San Carlos, executed, with the minutest precision, every difficulty of vocal composition-ascending and descending scales, cadences, or fiorituri. In the final of the Somnambula, she brought about a most remarkable effect at the words:

Ah! non guinge uman pensiero
Al contento ond 'io son piena.

Here, in imitation of Malibran, she modified the original phrase of Bellini, so as to let her voice descend to the tenor G, when, by a rapid transition, she struck the G above the treble stave, springing over an interval of two octaves.

Upon rising from the piano after these miracles of vocal execution, she resumed her seat by my side; when I expressed to her, in terms of the

deepest enthusiasm, my delight at her performance. Of my surprise I said nothing, and yet was I most unfeignedly surprised; for a certain feebleness, or rather a certain tremulous indecision of voice in ordinary conversation, had prepared me to anticipate that, in singing, she would not acquit herself with any remarkable ability.

Our conversation was now long, earnest, uninterrupted, and totally unreserved. She made me relate many of the earlier passages of my life, and listened with breathless attention to every word of the narrative. I concealed nothing – felt that I had a right to conceal nothing – from her confiding affection. Encouraged by her candor upon the delicate point of her age, I entered, with perfect frankness, not only into a detail of my many minor vices, but made full confession of those moral and even of those physical infirmities, the disclosure of which, in demanding so much higher a degree of courage, is so much surer an evidence of love. I touched upon my college indiscretions – upon my extravagances – upon my carousals – upon my debts – upon my flirtations. I even went so far as to speak of a slightly hectic cough with which, at one time, I had been troubled – of a chronic rheumatism – of a twinge of hereditary gout- and, in conclusion, of the disagreeable and inconvenient, but hitherto carefully concealed, weakness of my eyes.

"Upon this latter point," said Madame Lalande, laughingly, "you have been surely injudicious in coming to confession; for, without the confession, I take it for granted that no one would have accused you of the crime. By the by," she continued, "have you any recollection –" and here I fancied that a blush, even through the gloom of the apartment, became distinctly visible upon her cheek – "have you any recollection, mon cher ami of this little ocular assistant, which now depends from my neck?"

As she spoke she twirled in her fingers the identical double eye-glass which had so overwhelmed me with confusion at the opera.

"Full well – alas! do I remember it," I exclaimed, pressing passionately the delicate hand which offered the glasses for my inspection. They formed a complex and magnificent toy, richly chased and filigreed, and gleaming with jewels, which, even in the deficient light, I could not help perceiving were of high value.

"Eh bien! mon ami" she resumed with a certain empressment of manner that rather surprised me – "Eh bien! mon ami, you have earnestly besought of me a favor which you have been pleased to denominate priceless. You have demanded of me my hand upon the morrow. Should I yield to your

entreaties – and, I may add, to the pleadings of my own bosom – would I not be entitled to demand of you a very – a very little boon in return?"

"Name it!" I exclaimed with an energy that had nearly drawn upon us the observation of the company, and restrained by their presence alone from throwing myself impetuously at her feet. "Name it, my beloved, my Eugénie, my own! – name it! – but, alas! it is already yielded ere named."

"You shall conquer, then, mon ami," said she, "for the sake of the Eugénie whom you love, this little weakness which you have at last confessed – this weakness more moral than physical – and which, let me assure you, is so unbecoming the nobility of your real nature – so inconsistent with the candor of your usual character – and which, if permitted further control, will assuredly involve you, sooner or later, in some very disagreeable scrape. You shall conquer, for my sake, this affectation which leads you, as you yourself acknowledge, to the tacit or implied denial of your infirmity of vision. For, this infirmity you virtually deny, in refusing to employ the customary means for its relief. You will understand me to say, then, that I wish you to wear spectacles; – ah, hush! – you have already consented to wear them, for my sake. You shall accept the little toy which I now hold in my hand, and which, though admirable as an aid to vision, is really of no very immense value as a gem. You perceive that, by a trifling modification thus – or thus – it can be adapted to the eyes in the form of spectacles, or worn in the waistcoat pocket as an eye-glass. It is in the former mode, however, and habitually, that you have already consented to wear it for my sake."

This request – must I confess it? – confused me in no little degree. But the condition with which it was coupled rendered hesitation, of course, a matter altogether out of the question.

"It is done!" I cried, with all the enthusiasm that I could muster at the moment. "It is done – it is most cheerfully agreed. I sacrifice every feeling for your sake. To-night I wear this dear eye-glass, as an eye-glass, and upon my heart; but with the earliest dawn of that morning which gives me the pleasure of calling you wife, I will place it upon my – upon my nose, – and there wear it ever afterward, in the less romantic, and less fashionable, but certainly in the more serviceable, form which you desire."

Our conversation now turned upon the details of our arrangements for the morrow. Talbot, I learned from my betrothed, had just arrived in town. I was to see him at once, and procure a carriage. The soiree would scarcely break up before two; and by this hour the vehicle was to be at the door, when, in the confusion occasioned by the departure of the company, Ma-

dame L. could easily enter it unobserved. We were then to call at the house of a clergyman who would be in waiting; there be married, drop Talbot, and proceed on a short tour to the East, leaving the fashionable world at home to make whatever comments upon the matter it thought best.

Having planned all this, I immediately took leave, and went in search of Talbot, but, on the way, I could not refrain from stepping into a hotel, for the purpose of inspecting the miniature; and this I did by the powerful aid of the glasses. The countenance was a surpassingly beautiful one! Those large luminous eyes! – that proud Grecian nose! – those dark luxuriant curls! – "Ah!" said I, exultingly to myself, "this is indeed the speaking image of my beloved!" I turned the reverse, and discovered the words – "Eugénie Laande- aged twenty-seven years and seven months."

I found Talbot at home, and proceeded at once to acquaint him with my good fortune. He professed excessive astonishment, of course, but congratulated me most cordially, and proffered every assistance in his power. In a word, we carried out our arrangement to the letter, and, at two in the morning, just ten minutes after the ceremony, I found myself in a close carriage with Madame Lalande- with Mrs. Simpson, I should say – and driving at a great rate out of town, in a direction Northeast by North, half-North.

It had been determined for us by Talbot, that, as we were to be up all night, we should make our first stop at C--, a village about twenty miles from the city, and there get an early breakfast and some repose, before proceeding upon our route. At four precisely, therefore, the carriage drew up at the door of the principal inn. I handed my adored wife out, and ordered breakfast forthwith. In the meantime we were shown into a small parlor, and sat down.

It was now nearly if not altogether daylight; and, as I gazed, enraptured, at the angel by my side, the singular idea came, all at once, into my head, that this was really the very first moment since my acquaintance with the celebrated loveliness of Madame Lalande, that I had enjoyed a near inspection of that loveliness by daylight at all.

"And now, mon ami," said she, taking my hand, and so interrupting this train of reflection, "and now, mon cher ami, since we are indissolubly one-since I have yielded to your passionate entreaties, and performed my portion of our agreement – I presume you have not forgotten that you also have a little favor to bestow – a little promise which it is your intention to keep. Ah! let me see! Let me remember! Yes; full easily do I call to mind the

precise words of the dear promise you made to Eugénie last night. Listen! You spoke thus: 'It is done! – it is most cheerfully agreed! I sacrifice every feeling for your sake. To-night I wear this dear eye-glass as an eye-glass, and upon my heart; but with the earliest dawn of that morning which gives me the privilege of calling you wife, I will place it upon my – upon my nose, – and there wear it ever afterward, in the less romantic, and less fashionable, but certainly in the more serviceable, form which you desire.' These were the exact words, my beloved husband, were they not?"

"They were," I said; "you have an excellent memory; and assuredly, my beautiful Eugénie, there is no disposition on my part to evade the performance of the trivial promise they imply. See! Behold! they are becoming – rather – are they not?" And here, having arranged the glasses in the ordinary form of spectacles, I applied them gingerly in their proper position; while Madame Simpson, adjusting her cap, and folding her arms, sat bolt upright in her chair, in a somewhat stiff and prim, and indeed, in a somewhat undignified position.

"Goodness gracious me!" I exclaimed, almost at the very instant that the rim of the spectacles had settled upon my nose – "My goodness gracious me! – why, what can be the matter with these glasses?" and taking them quickly off, I wiped them carefully with a silk handkerchief, and adjusted them again.

But if, in the first instance, there had occurred something which occasioned me surprise, in the second, this surprise became elevated into astonishment; and this astonishment was profound – was extreme – indeed I may say it was horrific. What, in the name of everything hideous, did this mean? Could I believe my eyes? – could I? – that was the question. Was that – was that – was that rouge? And were those – and were those – were those wrinkles, upon the visage of Eugénie Lalande? And oh! Jupiter, and every one of the gods and goddesses, little and big! What – what – what – what had become of her teeth? I dashed the spectacles violently to the ground, and, leaping to my feet, stood erect in the middle of the floor, confronting Mrs. Simpson, with my arms set a-kimbo, and grinning and foaming, but, at the same time, utterly speechless with terror and with rage.

Now I have already said that Madame Eugénie Lalande – that is to say, Simpson – spoke the English language but very little better than she wrote it, and for this reason she very properly never attempted to speak it upon ordinary occasions. But rage will carry a lady to any extreme; and in the present care it carried Mrs. Simpson to the very extraordinary extreme of

attempting to hold a conversation in a tongue that she did not altogether understand.

"Vell, Monsieur," said she, after surveying me, in great apparent astonishment, for some moments – "Vell, Monsieur? – and vat den? – vat de matter now? Is it de dance of de Saint itusse dat you ave? If not like me, vat for vy buy de pig in the poke?"

"You wretch!" said I, catching my breath – "you – you – you villainous old hag!"

"Ag? – ole? – me not so ver ole, after all! Me not one single day more dan de eighty-doo."

"Eighty-two!" I ejaculated, staggering to the wall – "eighty-two hundred thousand baboons! The miniature said twenty-seven years and seven months!"

"To be sure! – dat is so! – ver true! but den de portraite has been take for dese fifty-five year. Ven I go marry my segonde usbande, Monsieur Lalande, at dat time I had de portraite take for my daughter by my first usbande, Monsieur Moissart!"

"Moissart!" said I.

"Yes, Moissart," said she, mimicking my pronunciation, which, to speak the truth, was none of the best, – "and vat den? Vat you know about de Moissart?"

"Nothing, you old fright! – I know nothing about him at all; only I had an ancestor of that name, once upon a time."

"Dat name! and vat you ave for say to dat name? 'Tis ver goot name; and so is Voissart – dat is ver goot name too. My daughter, Mademoiselle Moissart, she marry von Monsieur Voissart, – and de name is bot ver respectaable name."

"Moissart?" I exclaimed, "and Voissart! Why, what is it you mean?"

"Vat I mean? – I mean Moissart and Voissart; and for de matter of dat, I mean Croissart and Froisart, too, if I only tink proper to mean it. My daughter's daughter, Mademoiselle Voissart, she marry von Monsieur Croissart, and den again, my daughter's grande daughter, Mademoiselle Croissart, she marry von Monsieur Froissart; and I suppose you say dat dat is not von ver respectaable name. –"

"Froissart!" said I, beginning to faint, "why, surely you don't say Moissart, and Voissart, and Croissart, and Froissart?"

"Yes," she replied, leaning fully back in her chair, and stretching out her lower limbs at great length; "yes, Moissart, and Voissart, and Croissart, and Froissart. But Monsieur Froissart, he vas von ver big vat you call fool – he vas von ver great big donce like yourself – for he lef la belle France for come to dis stupide Amerique – and ven he get here he went and ave von ver stupide, von ver, ver stupide sonn, so I hear, dough I not yet av ad de plaisir to meet vid him – neither me nor my companion, de Madame Stéphanie Lalande. He is name de Napoleon Bonaparte Froissart, and I suppose you say dat dat, too, is not von ver respectable name."

Either the length or the nature of this speech, had the effect of working up Mrs. Simpson into a very extraordinary passion indeed; and as she made an end of it, with great labor, she lumped up from her chair like somebody bewitched, dropping upon the floor an entire universe of bustle as she lumped. Once upon her feet, she gnashed her gums, brandished her arms, rolled up her sleeves, shook her fist in my face, and concluded the performance by tearing the cap from her head, and with it an immense wig of the most valuable and beautiful black hair, the whole of which she dashed upon the ground with a yell, and there trammpled and danced a fandango upon it, in an absolute ecstasy and agony of rage.

Meantime I sank aghast into the chair which she had vacated.

"Moissart and Voissart!" I repeated, thoughtfully, as she cut one of her pigeon-wings, and "Croissart and Froissart!" as she completed another- "Moissart and Voissart and Croissart and Napoleon Bonaparte Froissart!- why, you ineffable old serpent, that's me – that's me – d'ye hear? that's me"- here I screamed at the top of my voice – "that's me-e-e! I am Napoleon Bonaparte Froissart! and if I havn't married my great, great, grandmother, I wish I may be everlastingly confounded!"

Madame Eugénie Lalande, quasi Simpson – formerly Moissart – was, in sober fact, my great, great, grandmother. In her youth she had been beautiful, and even at eighty-two, retained the majestic height, the sculptural contour of head, the fine eyes and the Grecian nose of her girlhood. By the aid of these, of pearl-powder, of rouge, of false hair, false teeth, and false tournure, as well as of the most skilful modistes of Paris, she contrived to hold a respectable footing among the beauties en peu passees of the French metropolis. In this respect, indeed, she might have been regarded as little less than the equal of the celebrated Ninon De L'Enclos.

She was immensely wealthy, and being left, for the second time, a widow without children, she bethought herself of my existence in America, and for

the purpose of making me her heir, paid a visit to the United States, in company with a distant and exceedingly lovely relative of her second husband's- a Madame Stéphanie Lalande.

At the opera, my great, great, grandmother's attention was arrested by my notice; and, upon surveying me through her eye-glass, she was struck with a certain family resemblance to herself. Thus interested, and knowing that the heir she sought was actually in the city, she made inquiries of her party respecting me. The gentleman who attended her knew my person, and told her who I was. The information thus obtained induced her to renew her scrutiny; and this scrutiny it was which so emboldened me that I behaved in the absurd manner already detailed. She returned my bow, however, under the impression that, by some odd accident, I had discovered her identity. When, deceived by my weakness of vision, and the arts of the toilet, in respect to the age and charms of the strange lady, I demanded so enthusiastically of Talbot who she was, he concluded that I meant the younger beauty, as a matter of course, and so informed me, with perfect truth, that she was "the celebrated widow, Madame Lalande."

In the street, next morning, my great, great, grandmother encountered Talbot, an old Parisian acquaintance; and the conversation, very naturally turned upon myself. My deficiencies of vision were then explained; for these were notorious, although I was entirely ignorant of their notoriety, and my good old relative discovered, much to her chagrin, that she had been deceived in supposing me aware of her identity, and that I had been merely making a fool of myself in making open love, in a theatre, to an old woman unknown. By way of punishing me for this imprudence, she concocted with Talbot a plot. He purposely kept out of my way to avoid giving me the introduction. My street inquiries about "the lovely widow, Madame Lalande," were supposed to refer to the younger lady, of course, and thus the conversation with the three gentlemen whom I encountered shortly after leaving Talbot's hotel will be easily explained, as also their allusion to Ninon De L'Enclos.

I had no opportunity of seeing Madame Lalande closely during daylight; and, at her musical soiree, my silly weakness in refusing the aid of glasses effectually prevented me from making a discovery of her age. When "Madame Lalande" was called upon to sing, the younger lady was intended; and it was she who arose to obey the call; my great, great, grandmother, to further the deception, arising at the same moment and accompanying her to the piano in the main drawing-room. Had I decided upon escorting her thither, it had been her design to suggest the propriety of my remaining

where I was; but my own prudential views rendered this unnecessary. The songs which I so much admired, and which so confirmed my impression of the youth of my mistress, were executed by Madame Stéphanie Lalande. The eyeglass was presented by way of adding a reproof to the hoax – a sting to the epigram of the deception. Its presentation afforded an opportunity for the lecture upon affectation with which I was so especially edified. It is almost superfluous to add that the glasses of the instrument, as worn by the old lady, had been exchanged by her for a pair better adapted to my years. They suited me, in fact, to a T.

The clergyman, who merely pretended to tie the fatal knot, was a boon companion of Talbot's, and no priest. He was an excellent "whip," however; and having doffed his cassock to put on a great-coat, he drove the hack which conveyed the "happy couple" out of town. Talbot took a seat at his side. The two scoundrels were thus "in at the death," and through a half-open window of the back parlor of the inn, amused themselves in grinning at the denouement of the drama. I believe I shall be forced to call them both out.

Nevertheless, I am *not* the husband of my great, great, grandmother; and this is a reflection which affords me infinite relief, – but I am the husband of Madame Lalande – of Madame Stéphanie Lalande – with whom my good old relative, besides making me her sole heir when she dies – if she ever does – has been at the trouble of concocting me a match. In conclusion: I am done forever with billets doux and am never to be met without spectacles.

Os Óculos

"A fraqueza em si, no entanto, sempre me incomodou demais,
e tentei todos os recursos – exceto usar óculos."

EDGAR ALLAN POE

Muitos anos atrás, a moda era ridicularizar a ideia de "amor à primeira vista"; mas aqueles que pensam, tanto quanto aqueles que sentem profundamente, sempre defenderam sua existência. De fato, descobertas modernas, no campo que pode ser chamado de magnetismo ético ou magneto-estética, demonstraram ser provável que as mais naturais e, portanto, mais intensas e verdadeiras afeições humanas, sejam aquelas que surgem no coração como se fossem causadas por uma simpatia elétrica – em resumo, que os mais fortes e duradouros grilhões da alma são aqueles que um olhar fixou. A confissão que farei agora é mais um entre os já quase inumeráveis exemplos que confirmam essa posição.

Minha história exige que eu seja um tanto minucioso. Ainda sou muito jovem – nem vinte e dois anos completos. Meu nome, no momento, é muito comum e bastante vulgar – Simpson. Digo "no momento", pois apenas recentemente é que passei a ser chamado assim – tendo legalmente adotado esse sobrenome no ano passado, a fim de receber uma generosa herança deixada por um parente distante, Sr. Adolphus Simpson. A condição para que a recebesse foi adotar o nome do testador – o nome de família, não o de batismo; meu nome de batismo é Napoleon Bonaparte – ou, para ser mais exato, esses são meu primeiro nome e meu nome do meio.

Assumi o nome Simpson com certa relutância, pois sentia um orgulho bastante perdoável de meu verdadeiro patronímico, Froissart – crendo poder

traçar uma descendência do imortal autor das *Crônicas*[1]. Por falar em nomes, a propósito, posso mencionar uma singular coincidência sonora entre os nomes de alguns de meus antepassados imediatos. Meu pai era um certo Monsieur Froissart, de Paris. Sua esposa – minha mãe, a quem desposou aos quinze anos – era uma certa Mademoiselle Croissart, filha mais velha do banqueiro Croissart, cuja esposa, que havia se casado com apenas dezesseis anos, era a filha mais velha de um certo Victor Voissart. Monsieur Voissart, curiosamente, desposara uma moça de nome semelhante – Mademoiselle Moissart. Ela também era praticamente uma criança ao casar; e sua mãe, Madame Moissart, da mesma forma, tinha apenas catorze anos quando foi levada ao altar. Esses casamentos precoces são comuns na França. Pois então, eis os Moissart, Voissart, Croissart e Froissart[2], todos na linha direta de descendência. Mas meu próprio nome, como disse, tornou-se Simpson por força da Lei, e com tal repugnância de minha parte que, por certo tempo, hesitei, de fato, em aceitar a herança com a incômoda e inútil cláusula em anexo.

Quanto a dotes pessoais, não sou de modo algum deficiente. Pelo contrário, creio que sou bem apessoado, e tenho o que nove décimos do mundo chamaria de um rosto bonito. Minha altura é de um metro e oitenta. Meu cabelo é escuro e ondulado. Meu nariz é bom o bastante. Meus olhos são grandes e acinzentados; e, embora, de fato, sejam fracos em um grau deveras inconveniente, jamais alguém suspeitaria de tal defeito por sua aparência. A fraqueza em si, no entanto, sempre me incomodou demais, e tentei todos os recursos – exceto usar óculos. Por ser jovem e atraente, naturalmente os detesto, e recuso-me terminantemente a usá-los. De fato, não conheço nada que desfigure tanto a fisionomia de um jovem, ou que imprima em toda feição tamanho ar de acanhamento, se não simplesmente de santimônia e velhice. Um lornhão, por outro lado, cheira francamente a janotismo e afetação. Até hoje tenho conseguido, tão bem quanto possível, dispensar a ambos. Mas me excedo um tanto nesses detalhes unicamente pessoais, que, afinal, são de pouca importância. Contento-me em acrescentar que meu temperamento é sanguíneo, arrebatado, ardente, entusiástico – e que toda a vida fui um devotado admirador das mulheres.

Uma noite, no inverno passado, entrei em um camarote no teatro P..., em companhia de um amigo, o Sr. Talbot. Era uma noite de ópera e os car-

[1] Jean Froissart (c. 1337-1405) escreveu as *Crônicas de Froissart,* que narram os eventos da Guerra dos Cem Anos. (n.t.)
[2] Os nomes franceses Moissart, Voissart, Croissart e Froissart guardam palavras "escondidas" bastante comuns na língua francesa, aqui usadas com efeito cômico: *moi* (eu, me, mim, dependendo da posição na frase, se sujeito ou objeto); *vois* (do verbo *voir* = ver); *crois* (crer, pensar, imaginar); froiss (do verbo *froisser* =amassar, mas também contrariar, ofender); e "art" (arte). (n.t.)

tazes anunciavam uma atração muito rara, de modo que a casa estava excessivamente lotada. Chegamos, porém, a tempo de obter os lugares da frente, que haviam sido reservados para nós e, com pouca dificuldade, conseguimos abrir caminho por entre a multidão e chegar até eles.

Por duas horas, meu acompanhante, que era um fanático musical, dedicou sua atenção unicamente ao palco; enquanto isso, distraí-me observando a plateia, que consistia, em grande parte, da verdadeira elite da cidade. Tendo -me satisfeito sobre esse ponto, já voltava os olhos para a prima-dona, quando foram detidos e agrilhoados por uma figura em um dos camarotes parti-culares que haviam escapado à minha observação.

Ainda que viva mil anos, nunca poderei esquecer a intensa emoção com que fitei aquela figura. Era uma mulher, a mais encantadora que já contemplara. O rosto estava tão voltado para o palco que, por alguns minutos, não consegui vê-lo – mas a forma era divina; nenhuma outra palavra pode expressar suficientemente sua magnífica harmonia, e mesmo a palavra "divina" parece-me, ao escrevê-la, ridiculamente fraca.

A magia das formas encantadoras de uma mulher – a necromancia da graça feminina – sempre foi uma força a que julgava impossível resistir, mas eis a própria graça em pessoa, encarnada, a *beau idéal*[3] dos meus sonhos mais entusiastas e desenfreados. A silhueta, que a estrutura do camarote permitia ver quase inteiramente, era um pouco mais alta que a média, e, sem a alcançar inteiramente, aproximava-se do majestoso. Sua robustez perfeita e formas curvilíneas eram um deleite. A cabeça, da qual apenas a parte de trás era visível, rivalizava em seu contorno com a da Psiquê grega[4], e era antes exposta do que oculta por uma elegante touca de fina gaze *aerienne*, que me lembrou o *ventum textilem* de Apuleio[5]. O braço direito pendeu sobre a balaustrada do camarote e fez vibrar cada nervo de meu corpo com sua bela simetria. Sua porção superior estava coberta por uma dessas mangas soltas e abertas que agora estão na moda. Essa manga estendia-se um pouquinho abaixo do cotovelo. Sob ela, havia outra, mais justa, de tecido leve, arrematada por um punho de renda fina, que caía graciosamente sobre a mão, revelando apenas os dedos delicados, um dos quais reluzindo um anel de diamante que, percebi imediatamente, era de extraordinário valor. A circunferência admiravelmente roliça do pulso estava bem realçada por uma pulseira que a cingia, a qual também era ornamentada por um magnífico

[3] *beau idéal*: (fr.) beleza ideal. (n.t.)
[4] Psiquê ou Psique: divindade da mitologia grega, considerada a personificação da alma. (n.t.)
[5] *Ventum textilem* é uma espécie de lenço fino e transparente, usado ao redor do pescoço e que cobre o colo. (n.t.)

fecho em forma de *aigrette*[6]– revelando imediatamente, em palavras que não poderiam ser mal compreendidas, a riqueza e o refinamento de quem a portava.

Contemplei essa majestosa aparição por, pelo menos, meia hora, como se fora subitamente convertido em pedra; e, durante esse tempo, senti toda a força e a verdade de tudo o que já foi dito ou cantado sobre o "amor à primeira vista". Meus sentimentos eram totalmente diversos de qualquer outro que até então experimentara, mesmo na presença dos mais celebrados espécimes do encanto feminino. Uma inexplicável – e que sou obrigado a considerar magnética – simpatia entre almas, parecia agrilhoar não só minha visão, mas todas as minhas forças mentais e emocionais, ao admirável objeto diante de mim. Eu vi – senti – soube que estava profunda, enlouquecida e irrevogavelmente apaixonado – e ainda antes de ver o rosto da pessoa amada. De fato, tão intensa era a paixão que me consumia que realmente acredito que teria sofrido pouco ou nenhum abalo, caso as feições, ainda ocultas, se revelassem meramente corriqueiras, tão anômala é a natureza do único amor verdadeiro – do amor à primeira vista – e tão pouco dependente das condições externas, as quais apenas parecem criá-lo e controlá-lo.

Enquanto estava dessa maneira envolto em admiração por aquela linda imagem, um súbito distúrbio na plateia a levou a voltar a cabeça parcialmente em minha direção, e então, pude contemplar todo o perfil de seu rosto. Sua beleza chegava a exceder minhas expectativas – no entanto, algo me decepcionou, mas não sabia dizer exatamente o quê. Eu disse "decepcionou", mas essa não é exatamente a palavra.

Meus sentimentos ficaram ao mesmo tempo calmos e elevados. Tinham menos de êxtase e mais de calmo entusiasmo – de uma tranquilidade entusiástica. Esse estado emocional foi provocado, talvez, pelo ar matronal do rosto, com algo de Madona; contudo, no mesmo instante, compreendi que não poderia ser apenas isso que o provocara. Havia algo mais – algum mistério que eu não conseguia divisar –, alguma expressão em seu rosto que me perturbou levemente e, ao mesmo tempo, intensificou enormemente meu interesse.

De fato, eu estava exatamente naquele estado mental que leva um homem jovem e suscetível a cometer uma extravagância. Estivesse a dama sozinha, sem dúvida, eu teria corrido todos os riscos para entrar em seu camarote e abordá-la; mas, felizmente, estava acompanhada por duas pessoas – um ca-

[6] *Aigrette*: (fr.) joia no formato de penacho. (n.t.)

valheiro e uma mulher de beleza impressionante, aparentando ser alguns anos mais jovem que ela.

Concebi mentalmente mil planos para conseguir ser apresentado à dama mais velha no futuro, ou para, no momento, conseguir uma visão mais nítida de sua beleza. Teria mudado para um lugar mais perto dela, mas a lotação do teatro tornou isso impossível; e os rígidos decretos da moda haviam proibido terminantemente o uso de binóculos de ópera em uma circunstância como aquela, ainda que tivesse a sorte de ter um comigo – mas não tinha – e portanto, estava desesperado.

Ao fim, resolvi apelar a meu acompanhante:

"Talbot", disse eu, "você tem um binóculo. Pode me emprestar?"

"Binóculo!... Não!… O que acha que eu faria com um binóculo?"

E virou-se impaciente para o palco.

"Mas, Talbot", continuei, puxando-o pelo ombro, "ouça, por favor, está vendo aquele camarote? Ali! – Não, ao lado – Já viu mulher tão adorável?"

"É muito bonita, sem dúvida", disse ele.

"Quem será ela?"

"Ora, por todos os anjos, não a conhece?" 'Não a conhecer depõe contra teu conhecimento'[7]. Ela é a célebre Madame Lalande – a beleza do momento por excelência, o assunto da cidade inteira. E também é imensamente rica – viúva, e um ótimo partido. Acaba de chegar de Paris."

"Conhece-a?"

"Sim, tenho a honra."

"E pode apresentar-me?"

"Certamente, com o maior prazer. Quando gostaria?

"Amanhã, uma da tarde, encontro-o na casa de B…."

"Ótimo. E agora feche a boca, se puder."

A esse respeito, fui forçado a seguir o conselho de Talbot, pois permaneceu obstinadamente surdo a qualquer outra pergunta ou sugestão, ocupando-se, pelo resto da noite, com o que acontecia no palco exclusivamente.

[7] Citação alterada do verso 830, Canto IV, do *Paraíso Perdido* (1667), de Milton (1608-1674): "Not to know her argues yourself unknown", enquanto o verso original, que é uma fala do diabo, diz: "Not to know me argues yourself unknown" ("Não me conhecer depõe contra teu conhecimento"). (n.t.)

Enquanto isso, mantive os olhos fixos em Madame Lalande e, por fim, tive a sorte de obter uma vista frontal completa de seu rosto. Era primorosamente adorável – isso, é claro, meu coração dissera-me antes, mesmo se Talbot não houvesse satisfeito plenamente minha curiosidade –, mas ainda assim aquele algo ininteligível me perturbava. Concluí, finalmente, que meus sentidos ficaram impressionados por certo ar de gravidade, tristeza, ou, mais propriamente, de cansaço, que tirava um pouco da juventude e frescura de suas feições, apenas para acrescentar-lhes uma ternura e majestade angelicais, e assim, é claro, somar a meu temperamento entusiasta e romântico um interesse dez vezes maior.

Enquanto regalava isso aos meus olhos, percebi, afinal, por um movimento de alarme quase imperceptível por parte da dama, que ela subitamente havia notado a intensidade de meu olhar, o que me deixou muitíssimo ansioso. No entanto, estava absolutamente fascinado, e não pude desviá-lo um instante sequer. Ela virou o rosto e voltei a enxergar apenas o contorno cinzelado de sua nuca. Depois de alguns minutos, como se impelida pela curiosidade de ver se eu ainda a olhava, virou o rosto devagar e tornou a encontrar meu olhar ardente. Seus grandes olhos escuros baixaram no mesmo instante, e um rubor intenso cobriu sua face. Mas tal foi minha surpresa ao perceber que, além de não desviar o rosto uma segunda vez, ainda tirou do cordão em sua cintura um par de óculos – ergueu-os – ajustou-os – e então, me fitou através deles, atenta e deliberadamente, por vários minutos.

Se um raio caísse a meus pés, não ficaria tão perplexo – perplexo, apenas, não ofendido ou indignado, de forma alguma; embora uma atitude tão ousada vinda de outra mulher qualquer provavelmente causasse ofensa ou indignação. Mas tudo foi feito com tanta quietude – tanta naturalidade – tanta calma – enfim, com um ar tão evidente da melhor educação, que nem o menor sinal de insolência era perceptível, e meus únicos sentimentos foram de admiração e surpresa.

Observei que, ao erguer os óculos pela primeira vez, parecia satisfeita após uma breve inspeção de minha pessoa, e estava por guardar o instrumento, quando, como se pensasse melhor, retomou-o, e continuou a fitar-me atentamente por vários minutos – por cinco minutos, no mínimo, por certo.

Tal atitude, tão excepcional em um teatro americano, atraiu a atenção geral e causou um movimento indefinido, ou burburinho, na plateia, que, por um momento, deixou-me atônito, mas não produziu nenhum efeito visível no semblante de Madame Lalande.

Tendo satisfeito sua curiosidade – se é que era isso –, ela baixou os óculos, e calmamente voltou a atenção ao palco; seu perfil agora virado para mim, como antes. Continuei a observá-la sem parar, embora plenamente consciente de minha grosseria ao fazê-lo. Em seguida, vi a cabeça lentamente mudar um pouco de posição; e logo me convenci de que a dama, fingindo olhar para o palco, estava, na verdade, fitando-me atentamente. É desnecessário dizer o efeito que essa conduta, partindo de uma mulher tão fascinante, causou em minha mente excitável.

Tendo assim me escrutinado por talvez um quarto de hora, o belo objeto de minha paixão dirigiu-se ao cavalheiro a seu lado, e enquanto falava, vi claramente pelos olhares de ambos que a conversa referia-se a mim.

Ao concluírem, Madame Lalande novamente se voltou para o palco e, por alguns minutos, parecia absorta na apresentação. Ao término desse período, no entanto, fui tomado de uma agitação extrema ao vê-la desdobrar pela segunda vez os óculos que pendiam de sua cintura, fitar-me diretamente como antes e, ignorando o burburinho renovado da plateia, inspecionar-me da cabeça aos pés, com a mesma compostura maravilhosa que, pouco antes, tanto encantara e confundira minha alma.

Esse comportamento extraordinário, lançando-me em uma excitação febril – em um absoluto delírio de amor –, serviu antes para me encorajar do que desconcertar. Na louca intensidade de minha devoção, esqueci tudo, exceto a presença e o encanto majestoso da imagem que confrontava meu olhar. Atento à oportunidade, quando achei que a plateia estava totalmente entretida com a ópera, finalmente capturei os olhos de Madame Lalande e, no mesmo instante, inclinei a cabeça em um discreto, mas inconfundível cumprimento.

Ela corou intensamente – então, desviou os olhos – e depois, lenta e cautelosamente, olhou ao redor, aparentemente para ver se minha atitude imprudente havia sido notada – então, inclinou-se para o cavalheiro a seu lado.

Fui tomado pela abrasadora sensação da impropriedade que havia cometido, e não esperei nada menos que um escândalo instantâneo, enquanto a visão de pistolas ao amanhecer passava rápida e incomodamente por minha cabeça. Contudo, fiquei imensa e imediatamente aliviado quando vi a dama simplesmente entregar o programa da ópera ao cavalheiro, sem dizer nada. Mas o leitor pode ter uma vaga ideia de meu assombro – de meu profundo espanto – minha delirante perplexidade de coração e alma – quando, logo depois, tendo novamente olhado furtivamente ao redor, ela permitiu que

seus olhos brilhantes se fixassem plena e firmemente aos meus, e então, com um leve sorriso a revelar uma fileira brilhante de dentes de pérola, fez duas nítidas, intencionais e inequívocas inclinações afirmativas da cabeça.

É inútil, claro, alongar-me sobre a alegria – sobre o arrebatamento – sobre o êxtase infinito em meu coração. Se algum homem já enlouqueceu por excesso de felicidade, fui eu naquele momento. Eu amava. Foi meu primeiro amor – assim o senti. Foi amor supremo – indescritível. Foi "amor à primeira vista"; e também à primeira vista, foi apreciado e correspondido.

Sim, correspondido. Como e por que deveria eu duvidar por um instante? De que outra forma poderia interpretar tal conduta, partindo de dama tão bela – tão rica – evidentemente tão sofisticada – de tão fina educação – de posição tão elevada na sociedade – em todos os aspectos, tão inteiramente respeitável, como eu estava certo que era Madame Lalande? Sim, amava-me – correspondia ao entusiasmo de meu amor com um entusiasmo tão cego – tão incondicional – tão espontâneo – tão irrefreável – e tão completamente irrestrito quanto o meu!

Essas deliciosas fantasias e reflexões, no entanto, foram interrompidas pelo cair do pano. O público levantou-se, e em seguida se deu o tumulto habitual. Despedindo-me de Talbot abruptamente, empreguei todos os esforços para abrir caminho entre a multidão e aproximar-me de Madame Lalande. Tendo falhado em minha tentativa, acabei por desistir da perseguição e pus-me a caminho de casa, consolando-me pela decepção de não ter conseguido tocar sequer a barra de sua capa com a lembrança de que seria apresentado por Talbot, na devida forma, no dia seguinte.

O dia seguinte afinal chegou, isto é, o dia finalmente amanheceu após uma longa e cansativa noite de impaciência; e então, as horas até "uma da tarde" arrastaram-se a passos de caracol, monótonas e inumeráveis. Mas até Istambul, dizem, há de ter fim, e ao fim chegou essa longa espera. O relógio bateu. Assim que a última badalada parou de ecoar, entrei na casa de B… e perguntei por Talbot.

"Saiu", disse o criado particular de Talbot.

"Saiu?!", respondi, recuando meia dúzia de passos, aturdido – "deixe-me dizer-lhe, meu caro, que isso é completamente impossível e impraticável; o Sr. Talbot não saiu. O que significa isso?"

"Nada, senhor, apenas que o Sr. Talbot não está, isso é tudo. Ele partiu para S…, logo após o desjejum, e avisou que não voltaria antes de uma semana."

Fiquei petrificado de horror e raiva. Esforcei-me para responder, mas minha língua recusou-se a fazer seu trabalho. Por fim, dei meia-volta, lívido de ira, e, por dentro, enviando toda a tribo dos Talbots para as profundezas do Érebo[8]. Era evidente que meu atencioso amigo, *il fanatico*[9], havia esquecido completamente seu compromisso comigo – havia esquecido no instante que o marcara. Jamais havia sido um homem muito zeloso de sua palavra. Não havia o que fazer; então, sufocando minha irritação tão bem quanto pude, andei pela rua, casmurro, inutilmente indagando sobre Madame Lalande a cada conhecido que encontrava. Descobri que todos a conheciam de reputação – e muitos de vista – mas ela estava na cidade havia poucas semanas, e portanto, poucos afirmavam conhecê-la pessoalmente. Sendo esses poucos, mesmo em comparação, estranhos, não poderiam, ou não iriam tomar a liberdade de apresentar-me através da formalidade de uma visita matinal. Enquanto estava ali desesperado, conversando com um trio de amigos sobre o assunto que tanto absorvia meu coração, por acaso, o assunto em pessoa passou por nós.

"Ora, se não é a própria!", gritou um.

"Surpreendentemente bela!", exclamou o segundo.

"Um anjo na terra!", proferiu o terceiro.

Olhei: em uma carruagem aberta que se aproximava lentamente pela rua, estava a encantadora aparição da ópera, ao lado da dama mais jovem que a acompanhara no camarote.

"Sua acompanhante também se veste muito bem", disse o que havia falado primeiro.

"Formidavelmente", disse o segundo. "Ainda tem um ar radiante, mas a arte pode fazer maravilhas. Palavra de honra, está mais bela agora que há cinco anos, em Paris. Uma linda mulher ainda – Não pensa assim, Froissart? – Simpson, quero dizer."

"Ainda?!" disse eu, "e por que não seria? Mas, comparada à amiga, é como a chama de uma vela para a estrela-da-manhã – como um vagalume para Antares[10]."

"Hahaha! Ora, Simpson, você tem um tato formidável para descobertas – muito originais, aliás." E aqui nos separamos, enquanto um deles começou a cantarolar um alegre vaudevile, de que entendi apenas os versos

[8] Érebo: na mitologia grega, as trevas ou o inferno. (n.t.)
[9] *Il fanatico*: (it.) Simpson descreve Talbot como um "fanático musical", um admirador de ópera. (n.t.)
[10] Antares: a estrela mais brilhante. (n.t.)

Ninon, Ninon, Ninon a bas –
A bas Ninon De L'Enclos ! [11]

Durante essa breve cena, no entanto, algo me serviu de grande consolo, embora tenha alimentado a paixão que me consumia. Quando a carruagem de Madame Lalande passou por nosso grupo, notei que me reconhecera; e mais do que isso, abençoou-me com o mais angelical de todos os sorrisos imagináveis, em um sinal inequívoco de seu reconhecimento.

Quanto à apresentação, tive de abandonar toda a esperança até o momento em que Talbot julgasse adequado retornar do campo. Nesse meio tempo, frequentei perseverantemente todos os lugares respeitáveis de diversão pública; finalmente, no teatro, onde a vira pela primeira vez, tive a suprema felicidade de encontrá-la e de trocar olhares novamente. Isso não ocorreu, no entanto, até o decurso de uma quinzena. Todos os dias, nesse ínterim, eu indagara por Talbot em seu hotel, e todos os dias fora tomado por um espasmo de ira pela eterna resposta de seu criado, "ainda não voltou".

Na noite em questão, portanto, encontrava-me em um estado pouco aquém da loucura. Madame Lalande, disseram-me, era parisiense – chegara recentemente de Paris – não poderia retornar de repente? – retornar antes que Talbot voltasse – e assim não a perderia para sempre? O pensamento era terrível demais para suportar. Como minha futura felicidade estava em jogo, resolvi tomar uma decisão viril. Em resumo, ao término da peça, segui a dama até sua residência, anotei o endereço e, na manhã seguinte, enviei-lhe uma longa e elaborada carta, na qual despejei meu coração.

Falei com audácia, abertamente – em resumo, falei com paixão. Nada escondi – sequer minha fraqueza. Aludi às circunstâncias românticas de nosso primeiro encontro – e até à nossa troca de olhares. Cheguei a dizer que estava certo de seu amor, oferecendo essa certeza e a intensidade de minha devoção como justificativas para minha conduta, de outra forma imperdoável. Como terceira justificativa, falei do temor de que ela pudesse partir antes que eu tivesse a oportunidade de ser apresentado formalmente. Concluí a mais apaixonada carta jamais escrita com uma declaração franca de minhas circunstâncias materiais – de minha posição social – e com a oferta de meu coração e de minha mão.

[11] Em francês, no original: *Ninon, Ninon, abaixo!/Abaixo Ninon de Lenclos*. Anne de Ninon de Lanclos (1620-1705), cortesã famosa por suas ligações com homens distintos e também por sua inteligência, charme e sagacidade, amiga de Racine, Moliére, La Fontaine e Voltaire. (n.t.)

Em agonia pela expectativa, aguardei a resposta. Depois do que pareceu o decurso de um século, ela chegou.

Sim, realmente chegou. Por mais romântico que isso tudo possa parecer, de fato, recebi uma carta de Madame Lalande – a bela, a rica, a idolatrada Madame Lalande. Seus olhos – seus magníficos olhos, não haviam desmentido seu nobre coração. Como uma verdadeira francesa, havia obedecido aos francos ditames de sua razão – aos impulsos generosos de sua natureza – desprezando os pruridos convencionais da sociedade. Não menosprezara minhas propostas. Não se protegera no silêncio. Não devolvera minha carta sem abrir. Chegou a enviar-me, em resposta, uma carta escrita por seus próprios dedos delicados. Dizia o seguinte:

> Monsieur Simpson á de me pardoner por non screver a lingue ton bonite de seu paíse come si dev. Foi apenas recentement que chegué, e non tiv ainde a oportunitad de studála.
> Quera perdonar pela maniera que diré isso, helas[12]! – Monsieur Simpson adivinó nada mas que verdad verdadera. Precise diser más? Helas! Já non falé di más?
>
> EUGÉNIE LALAND.

Esse bilhete… esse corajoso bilhete beijei um milhão de vezes, e cometi, sem dúvida, por sua causa, milhares de outras extravagâncias que agora me escapam à memória. E Talbot não retornava. Ai de mim! Se ele pudesse ter a mais vaga ideia do sofrimento que sua ausência causava a seu amigo, sua natureza empática não teria vindo imediatamente me socorrer? No entanto, não veio. Escrevi. Respondeu. Estava detido por um assunto urgente, mas retornaria em breve. Suplicou-me que não fosse impaciente – que moderasse minha excitação – que lesse livros relaxantes – que não bebesse nada mais forte que Hock[13] – e recorresse aos consolos da filosofia. Que tolo! Se não podia vir pessoalmente, ora, em nome da prudência, não poderia ter anexado uma carta de apresentação? Escrevi-lhe de novo, rogando que a enviasse, sem demora. Minha carta foi devolvida por aquele criado, com o seguinte comentário a lápis. O patife havia se juntado ao patrão, no campo:

[12] *Helas*: (fr.) "Ai de mim". O restante da carta é escrito em inglês, mas em um inglês cheio de imperfeições influenciadas pela língua materna da remetente e sua pronúncia. (n.t.)
[13] Vinho branco e suave do Reno, Alemanha. (n.t.)

Partiu de S… ontem, para lugar desconhecido – não disse aonde – ou quando voltaria – portanto, reconhecendo sua letra e sabendo como o senhor está sempre meio apressado, julguei melhor devolver a carta.

Atenciosamente,

STUBBS.

Depois disso, é desnecessário dizer, que devotei às divindades do inferno tanto o patrão quanto o empregado. Mas para pouco serviria a raiva, e reclamar não serviria de consolo.

Mas eu ainda tinha um recurso, minha audácia natural. Até então, havia-me sido útil, e resolvi empregá-la em meu favor até o fim. Além disso, depois de nossa troca de correspondência, que tipo de atitude de mera informalidade poderia eu cometer, dentro de certos limites, que Madame Lalande haveria de considerar indecorosa? Desde o episódio da carta, eu adquirira o hábito de vigiar sua casa e assim descobri que, ao crepúsculo, era seu costume dar um passeio, acompanhada apenas por um negro de libré, em uma praça para a qual davam suas janelas. Ali, entre as sombras das luxuriantes alamedas, na penumbra de um doce anoitecer de verão, encontrei a oportunidade para abordá-la.

Para melhor enganar o serviçal que lhe acompanhava, cheguei com o ar confiante de um velho e familiar conhecido. Com uma presença de espírito genuinamente parisiense, ela entendeu a deixa na hora, e, para cumprimentar-me, estendeu a menor e mais encantadora de todas as mãos. O criado imediatamente retirou-se para a retaguarda e, com o coração a ponto de transbordar, discorremos longamente e sem reservas sobre nosso amor.

Como Madame Lalande falava nossa língua com fluência ainda menor do que escrevia, a conversa foi necessariamente em francês. Nessa doce língua, tão adequada à paixão, soltei as rédeas do impetuoso entusiasmo de minha natureza, e, com toda a eloquência de que fui capaz, supliquei-lhe que consentisse com um casamento imediato.

Diante de tal impaciência, sorriu. Apelou para a velha história do decoro – esse bicho-papão que dissuade a tantos da felicidade até que a oportunidade de ser feliz foi-se para sempre. Eu havia, de maneira assaz imprudente, observou, espalhado entre meus amigos que desejava conhecê-la – portanto, que não a conhecia – logo, mais uma vez, seria impossível ocultar a data de nosso primeiro encontro. Então, advertiu, ruborizando, sobre o quão recente era tal data. Casar imediatamente seria impróprio – seria indecoroso – seria inusitado. Falou tudo isso com um charmoso ar de ingenuidade que me

arrebatou e, ao mesmo tempo, afligiu e convenceu. Chegou ao ponto de acusar-me, rindo, de temeridade – de imprudência. Lembrou-me que eu ainda não sabia realmente quem era ela – quais eram suas perspectivas, suas conexões, sua posição na sociedade. Implorou-me, em um suspiro, que reconsiderasse minha proposta, e denominou meu amor uma paixonite – um fogo-fátuo – um capricho ou fantasia do momento – uma invenção infundada e inconstante, vinda antes da imaginação que do peito. Isso tudo disse enquanto as sombras do doce entardecer nos envolviam, cada vez mais escuras – e então, com um toque suave de sua mão de fada, derrubou, em um doce e único instante, todo o edifício argumentativo que eu havia construído.

Respondi da melhor maneira que pude – da maneira que apenas quem ama de verdade pode responder. Falei longa e perseverantemente de minha devoção, de minha paixão – de sua demasiada beleza, e de minha admiração fervorosa. Para concluir, discorri, com uma energia convincente, sobre os perigos que envolvem o curso do amor – aquele curso do verdadeiro amor, que nunca fluiu serenamente[14] – e daí deduzi o claro perigo de alongar aquele curso sem necessidade.

Esse último argumento pareceu, ao fim, abrandar o rigor de sua determinação. Cedeu; mas havia ainda um obstáculo, disse, o qual estava certa que eu não havia considerado devidamente. Era um assunto delicado… para uma mulher levantar, especialmente dessa forma; ao mencioná-lo, percebeu que deveria sacrificar seus sentimentos; mas, por mim, faria qualquer sacrifício. Aludiu ao tema da idade. Estaria eu ciente – estaria eu plenamente ciente da discrepância entre nós? Que a idade do marido superasse em alguns anos – até mesmo em quinze ou vinte – a idade da esposa, era admissível, e, de fato, até apropriado, mas ela sempre cultivara a crença de que os anos da esposa jamais deveriam exceder em número os do marido. Discrepâncias desse tipo antinatural deram origem, com demasiada frequência, infelizmente, a uma vida de infelicidade. Então, ela estava ciente de que minha idade não passava de vinte e dois; e eu, pelo contrário, talvez não estivesse ciente de que os anos de minha Eugénie estendiam-se consideravelmente além desse número.

Envolvendo tudo isso, havia uma nobreza de alma – um brio de candura – que me deleitou – que me encantou – que fixou meus grilhões para sempre. Mal pude conter o arroubo extremo que me possuiu.

---

[14] Citação da fala de Lysander em *Sonho de uma Noite de Verão*, de Shakespeare: "the course of true love never did run smooth" (Ato I, cena I). (n.t.)

"Minha doce Eugénie", gritei, "o que significa isso tudo que está dizendo? Seus anos superam em alguma medida os meus. Mas o que importa? Os costumes da sociedade não passam de convenções tolas. Para os apaixonados, como nós, que diferença há entre um ano e uma hora? Eu tenho vinte e dois, a senhora diz, admito; na verdade, pode muito bem considerar que já tenho vinte e três. Agora, a senhora, minha querida Eugénie, não pode ter chegado a mais que… não pode ter chegado a mais que… a mais que… que… que… que…"

Parei por um instante, na expectativa de que Madame Lalande me interrompesse, informando sua verdadeira idade. Mas uma francesa raramente é direta e, para uma questão embaraçosa, tem sempre uma boa resposta pronta. Nesse caso, Eugénie, que por alguns momentos parecia estar à procura de algo em seu seio, deixou cair sobre a relva uma medalhinha com um retrato, que imediatamente peguei e devolvi a ela.

"Guarde-a!", disse ela, com um de seus mais extasiantes sorrisos. "Guarde-a por mim – por aquela que representa tão lisonjeiramente. Além disso, atrás da medalhinha, talvez possa descobrir a exata informação que parece desejar. Agora está de certo muito escuro – mas poderá ver melhor pela manhã. Por enquanto, acompanhe-me à minha casa esta noite. Meus amigos estão organizando um pequeno sarau musical. E também posso prometer-lhe um belo canto. Nós franceses somos muito menos formais que vocês, americanos, e não terei qualquer dificuldade em infiltrá-lo, passando-se por um velho conhecido."

Dizendo isso, tomou meu braço, e acompanhei-a até sua casa. A mansão era muito elegante, e, creio eu, decorada com bom gosto. Sobre esse último ponto, no entanto, sou incompetente para julgar; pois havia acabado de escurecer quando chegamos; e, nas mansões americanas de maior gabarito, no auge do verão, raramente as luzes aparecem nessa que é a hora mais agradável do dia. Cerca de uma hora depois de minha chegada, estou certo, apenas um abajur foi aceso na sala de visitas principal; e o apartamento, pude ver então, era decorado com excepcional bom gosto e até mesmo esplendor; mas outros dois quartos da casa, onde havia se reunido a maioria dos convidados, permaneceram toda a noite em uma penumbra muito agradável. Esse é um costume muito bem pensado, dando aos convidados ao menos uma opção por luz ou sombra; e um costume que nossos amigos além-mar não deixariam de adotar de imediato.

Assim passei, sem dúvida, a noite mais prazerosa de minha vida. Madame Lalande não exagerara as habilidades musicais de seus amigos; e o canto que

escutei nunca havia escutado melhor em círculo algum além de Viena. Eram muitos os instrumentistas e de talento excepcional. Os cantores eram, na maior parte, senhoras, e nenhuma delas cantou menos do que bem. Afinal, após um chamado peremptório por "Madame Lalande", ela prontamente se levantou, sem afetação ou melindre, da *chaise longue* onde estava sentada a meu lado, e, acompanhada por um ou dois cavalheiros e por sua amiga da ópera, dirigiu-se ao piano na sala de visitas principal. Eu mesmo a teria acompanhado, mas senti que, dadas as circunstâncias de minha presença na casa, seria melhor permanecer despercebido onde estava. Assim, fui privado do prazer de vê-la, embora não de ouvi-la cantar.

A impressão que causou nos convidados foi eletrizante, mas em mim o efeito foi ainda maior. Não sei como o descrever adequadamente. Originou-se em parte, sem dúvida, do sentimento de amor que me impregnava; mas principalmente de minha convicção da extrema sensibilidade da cantora. Dotar uma ária ou um recitativo de expressão mais apaixonada que a dela é algo que vai além dos domínios da arte. Ao cantar a romança do Otelo[15] – o tom com que pronunciou as palavras *Sul mio Sasso*, no Capuletti[16]– ainda ressoa em minha memória. Seus tons mais baixos eram absolutamente milagrosos. Sua voz alcançava três oitavas completas, abrangendo do Ré grave ao Ré superagudo, e, embora suficientemente poderosa para preencher todo o San Carlos[17], executou com a mais minuciosa precisão todas as dificuldades da composição vocal – escalas ascendentes e descendentes, cadências, ou floreios. No final da *Sonnambula*[18], causou um efeito excepcional com as palavras:

Ah! non guinge uman pensiero
Al contento ond'io son piena.[19]

Aqui, imitando Malibran[20], modificou o fraseado original de Bellini, de modo a deixar sua voz baixar ao Sol grave, quando, em uma rápida transição, atingiu o Sol agudo, saltando sobre um intervalo de duas oitavas.

Ao erguer-se do piano após tais milagres de execução vocal, retomou seu assento a meu lado; então expressei a ela, em palavras do mais profundo

[15] *Otelo* (1816), ópera de Rossini. (n.t.)
[16] Referência à ópera *Os Capuletos e os Montéquios* (1830), de Belinni, baseada em *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. (n.t.)
[17] San Carlos: teatro de ópera em Nápoles, Itália. (n.t.)
[18] *La Sonnambula* (1831), ópera de Belinni. (n.t.)
[19] Em italiano, no texto: *Ah! não misture um pensamento humano qualquer/ Ao contentamento de que estou plena.* Fragmento final da ópera *Sonnambula*. No primeiro verso, a ortografia correta é "giunge". (n.t.)
[20] Maria Malibran (1808-1836), mezzo-soprano italiana de grande amplitude vocal. (n.t.)

entusiasmo, meu deleite com seu desempenho. Sobre minha surpresa, nada falei, embora tenha ficado indisfarçavelmente surpreso; pois uma certa debilidade, ou melhor, uma certa hesitação trêmula em sua voz ao conversar normalmente, levou-me a imaginar que, ao cantar, não demonstraria nenhuma habilidade excepcional.

Nossa conversa foi então longa, sincera, ininterrupta, e totalmente sem reservas. Fez-me relatar muitas passagens de minha vida pregressa, e ouviu atenciosamente, quase sem respirar, cada palavra da narrativa. Nada escondi – senti que não tinha o direito de esconder nada – de seu confiante afeto. Incentivado por sua candura sobre o delicado assunto da idade, não apenas entrei em detalhes, com total franqueza, sobre meus diversos vícios menores, mas fiz a confissão integral das enfermidades morais e até mesmo das físicas, cuja revelação, por exigir um grau de coragem muito mais elevado, é uma prova de amor muito mais concreta. Mencionei minhas imprudências de estudante – minhas extravagâncias – minhas patuscadas – minhas dívidas – meus flertes. Cheguei ao ponto de falar de uma tosse levemente convulsa que me acometera uma vez – de um reumatismo crônico – de uma pontada de gota hereditária – e, para concluir, da desagradável e inconveniente, mas, até então, cuidadosamente dissimulada, fraqueza de meus olhos.

"Sobre esse assunto", disse Madame Lalande, rindo, "foi deveras imprudente ao confessá-lo; pois, sem a confissão, estou certa de que ninguém o acusaria desse crime. A propósito", continuou, "tem alguma lembrança…" – e nesse ponto, imaginei que um rubor, mesmo na penumbra do apartamento, tornou-se distintamente visível em sua face – "… tem alguma lembrança, *mon cher ami*, deste pequeno assistente ocular que agora pende de meu pescoço?"

Ao falar, girou em seus dedos os mesmos óculos que tanto me haviam aturdido na ópera.

"Muitíssimo bem – infelizmente! – ah, se lembro!" exclamei, pressionando apaixonadamente a mão delicada que oferecia os óculos à minha inspeção. Consistiam em um complexo e magnífico objeto, ricamente entalhado, coberto de filigranas, e cintilante de pedrarias, que, mesmo à luz baixa, não pude deixar de perceber que eram de alto valor.

"*Eh bien! mon ami*", continuou, com uma certa sofreguidão que chegou a me surpreender – "*Eh bien! mon ami*, pediu-me solenemente um favor que teve a satisfação de denominar inestimável. Pediu-me que eu amanhã lhe desse minha mão. Caso eu atendesse a suas súplicas – e, posso acrescentar,

aos rogos de meu próprio coração – não teria o direito de pedir-lhe uma pequena – pequeníssima dádiva em troca?"

"Peça!" exclamei com tal entusiasmo que quase atraiu a atenção dos convidados, e apenas a presença deles impediu-me de atirar-me impetuosamente a seus pés. "Peça, minha amada, minha Eugénie, minha! – Peça! – mas, ah! Já está concedida antes que peça."

"Precisa dominar, então, *mon ami*", disse ela, "pelo bem da Eugénie que ama, essa pequena fraqueza que acaba de confessar – essa fraqueza mais moral que física – e que, permita-me assegurá-lo, é tão destoante da nobreza de seu real caráter – tão incompatível com a candura de seu temperamento habitual – e que, se permitir que continue no controle, há de seguramente envolvê-lo, mais cedo ou mais tarde, em algum embaraço muito desagradável. Precisa dominar, por mim, essa afetação que o leva, como o senhor mesmo reconhece, à negação tácita ou implícita de sua enfermidade da vista. Pois praticamente nega essa enfermidade ao recusar-se a empregar os meios próprios para seu alívio. Há de entender-me quando eu disser, então, que gostaria que *usasse óculos* – ah, silêncio! – já consentiu em usá-los, *para agradar-me*. Deve aceitar o brinquedinho que seguro agora em minha mão, e que, embora admirável como auxílio para a visão, não tem realmente grande valor como joia. Pode perceber que, por uma pequena modificação – assim – ou assim – pode ser adaptado aos olhos na forma de um pincenê, ou usado no bolso do colete como um lornhão. Porém, é na primeira forma, e como um hábito, que já consentiu em usá-lo, *para agradar-me*."

Esse pedido – devo confessar? – aturdiu-me, e não foi pouco. Mas a condição a ele anexada deixou-me hesitante, é claro, um assunto completamente fora de questão.

"Está feito!" exclamei, com todo o entusiasmo que pude reunir no momento. "Está feito – e está, com a máxima alegria, acordado! Sacrifico qualquer sentimento pela senhora. Esta noite, uso esses caros óculos dobrados em forma de um lornhão, no bolso do colete e sobre meu peito; mas ao raiar da manhã que me dará o prazer de chamá-la de esposa, vou colocá-lo sobre… sobre o nariz… e aí usá-los para sempre, da maneira menos romântica, e menos moderna, mas certamente da maneira mais útil, conforme seu desejo."

Nossa conversa então mudou para os detalhes dos preparativos para o dia seguinte. Talbot, soube por minha noiva, havia acabado de chegar à cidade. Eu deveria encontrá-lo em seguida e arranjar uma carruagem. O sarau dificilmente acabaria antes das duas; e a essa hora, o veículo estaria à porta,

quando, na confusão ocasionada pela partida dos convidados, Madame L. poderia facilmente embarcar despercebida. Iríamos então à casa de um clérigo que estaria à espera; lá nos casaríamos, deixaríamos Talbot em casa, e seguiríamos em uma pequena viagem para o leste, deixando a sociedade comentar o assunto à vontade.

Com tudo planejado, parti imediatamente e fui procurar Talbot, mas, no caminho, não pude evitar de entrar em um hotel com o propósito de inspecionar a medalhinha; e fiz isso com o auxílio eficaz dos óculos. O rosto era inigualavelmente belo! Aqueles grandes olhos luminosos! Aquele orgulhoso nariz grego! Aqueles cachos negros exuberantes! "Ah!" disse, exultante, a mim mesmo, "esta é realmente a imagem exata de minha amada!" Virei o retrato, e encontrei as palavras: "Eugénie Lalande – aos vinte e sete anos e sete meses de idade."

Encontrei Talbot em casa, e passei imediatamente a contar-lhe de minha boa sorte. Ele manifestou um espanto excessivo, é claro, mas me felicitou com a máxima cordialidade, oferecendo qualquer ajuda a seu alcance. Em resumo, executamos nosso plano nos mínimos detalhes, e, às duas da manhã, apenas dez minutos após a cerimônia, encontrei-me em uma carruagem fechada com Madame Lalande – com a Sra. Simpson, melhor dizendo – e dirigindo em alta velocidade para fora da cidade, no rumo norte-nordeste.

Talbot havia determinado que, como ficaríamos acordados a noite toda, deveríamos fazer a primeira parada em C..., um vilarejo a cerca de trinta quilômetros da cidade, e lá tomar o desjejum e repousar um pouco, antes de prosseguir em nossa rota. E precisamente às quatro horas, a carruagem parou na porta da estalagem principal. Ajudei minha adorada esposa a descer, e pedi o desjejum em seguida. Nesse meio tempo, fomos conduzidos a uma saleta, onde sentamos.

O dia havia quase, se não totalmente, clareado; e, enquanto eu contemplava em êxtase o anjo a meu lado, ocorreu-me, de repente, que aquela era, de fato, a primeira vez, desde que travara conhecimento com o célebre encanto de Madame Lalande, que tinha o prazer de inspecionar tal encanto de perto, à luz do dia.

"E agora, *mon ami*", disse ela, tomando minha mão, e assim interrompendo esse fluxo de pensamento, "e agora, *mon cher ami*, que somos indissoluvelmente uma só pessoa – que cedi a suas súplicas apaixonadas, e cumpri minha parte de nosso acordo – presumo que não tenha esquecido que também tem um pequeno favor a prestar – uma pequena promessa, que é sua intenção cumprir. Ah! deixe-me ver! Deixe-me lembrar! Sim, vêm-me com

facilidade à mente as palavras exatas da cara promessa que fez a Eugénie a noite passada. Ouça! O senhor falou assim: '"Está feito – e está, com a máxima alegria, acordado! Sacrifico qualquer sentimento pela senhora. Esta noite, uso esses caros óculos dobrados em forma de um lornhão, no bolso do colete e sobre meu peito; mas ao raiar da manhã que me dará o prazer de chamá-la de esposa, vou colocá-los sobre… sobre o nariz… e aí usá-los para sempre, da maneira menos romântica, e menos moderna, mas certamente da maneira mais útil, conforme seu desejo.' Essas foram as palavras exatas, meu amado esposo, não foram?"

"Foram", respondi. "Tem uma excelente memória, e, com certeza, minha bela Eugénie, de minha parte não há intenção de evadir-me da promessa trivial que essas palavras implicam. Veja! Olhe só! Caem-me bem – bastante bem – não é?"

E então, após ajeitar as lentes na forma usual de óculos, coloquei-os cuidadosamente na posição adequada, enquanto Madame Simpson, ajeitando sua touca, e cruzando os braços, sentou-se na cadeira, de forma um tanto rígida e empertigada, e, de fato, em uma posição um tanto deselegante.

"Nossa Senhora!" exclamei, quase no mesmo instante em que o aro dos óculos acomodaram-se sobre meu nariz – "Minha Nossa Senhora! – ora, o que haverá de errado com estas lentes?", e tirando-os rapidamente, limpei-os com cuidado com um lenço de seda, e coloquei-os novamente.

Mas se a princípio algo me surpreendeu, logo a surpresa elevou-se a espanto; e esse espanto foi profundo – foi extremo – de fato, posso mesmo dizer que foi *terrível*. O que, em nome de tudo que é mais hediondo, significava aquilo? Eu podia acreditar em meus olhos? Podia? Essa era a questão. Aquilo era… aquilo… aquilo era *rouge*? E aquilo… aquilo… aquilo eram *rugas* no rosto de Eugénie Lalande? E oh, Júpiter, e todos os deuses e deusas, grandes e pequenos! O que… o que… o que… *o que* acontecera com seus dentes? Atirei os óculos ao chão violentamente e, erguendo-me de um salto, parei no meio da sala, confrontando a Sra. Simpson, com as mãos na cintura, arreganhando os dentes e espumando, e, ao mesmo tempo, completamente mudo de horror e de raiva.

Bem, já contei que Madame Eugénie Lalande – isto é, Simpson – falava nossa língua um pouco melhor, se não muito pior, que a escrevia, e por essa razão, apropriadamente, nunca tentava usá-la em ocasiões corriqueiras. Mas a raiva leva uma dama a qualquer extremo; e naquela inquietação, levou a Senhora Simpson ao extremo deveras extraordinário de tentar manter uma conversa em uma língua que não entendia bem.

"Enton, Monsieur", disse ela, depois de fitar-me, com grande e evidente espanto, por alguns momentos – "Enton, Monsieur? – e agorra? – quel é o prrobleme? Está com a dance-de-san-vitô? Se non goste de mim, purrquá foi comprar gatô porr lebrra?

"Sua desgraçada!", disse eu, ofegante – "sua… sua … sua velha bruxa má!"

"Brruxe? Vielhe? Non sou *ton* vielhe, afinal! Non sou un unique dia além de oitente e dos".

"Oitenta e dois!", gritei, cambaleando até a parede – "oitenta e dois mil babuínos me mordam! A medalhinha dizia vinte e sete anos e sete meses!"

"Sem dúvida! Isso é verrdad – verrdad verrdaderra! mas o retrrate foi tirrade há cinquente cinque anes. Cande eu casé com meu segonde marride, Monsieur Lalande, naquel vez eu tirré o retrrate para a minha fille de meu prrimerr marride, Monsieur Moissart!"

"Moissart!", disse eu.

"Sim, Moissart, Moissart", disse ela, imitando minha pronúncia, que, para ser sincero, não era das melhores – "o que que ten? O que *o senhorr* sab sobrre o Moissart?"

"Nada, seu espantalho velho! – Não sei absolutamente nada sobre ele; apenas tive um antepassado com esse nome, uma vez, há muito tempo."

"Ess nome! E que tem a dizerr sobrre ess nome? Ess é um nome muint *bon*; assim como Voissart – *ess* é nome muint bon também. Minhe fille, Mademoiselle Moissart, ela casou con un Monsieur Voissart – e os dos nome son nome *muint* respetable."

"Moissart?!", exclamei, "e Voissart! Ora, o que quer dizer?"

"O que querro dizerr?… Querro dizerr Moissart e Voissart; e faland niss, querro dizerr Croissart e Froissart, também, se eu acharr aprroprriade dizerr ist. A fille de minhe fille, Mademoiselle Voissart, ela casó con un Monsieur Croissart, e enton novamant, a nete de minhe fille, Mademoiselle Croissart, ela casó con un Monsieur Froissart, e suponho que vá dizerr que *ess* non é un nome *muint* respetable…"

"Froissart!", disse eu, quase perdendo os sentidos, "ora, não pode ter dito Moissart e Voissart e Croissart e Froissart!"

"Sim", respondeu ela, recostando-se bem para trás na cadeira, e estendendo exageradamente os membros inferiores; "sim, Moissart e Voissart e Croissart e Froissart. Mas Monsieur Froissart, el erra un *grrand*… isse que chamam de imbecil – ele erra une grrand idiote come o senhorr – pois ele

deixou *la belle Frrance* parra virr parra esse Amerrique estupide – e cande ele chegó aqui ele foi e tev un filho *muint* estupide, *muint muint* estupide, foi o que ouvi, apesarr que aind non tiv o prrazerr de conecerr el – nem eu nem minhe acompanant, a Madame Stéphanie Lalande. Ele se chame o Napoleon Bonaparte Froissart, e suponho que vá dizerr que *ess* também non é un nome *muint* respetable."

A longa duração ou a natureza dessa conversa levou a Sra. Simpson a uma forte emoção, de fato, extraordinária; e quando terminou, com grande esforço, levantou-se pesadamente da cadeira como enfeitiçada, deixando cair ao chão um universo de saias e babados. Uma vez de pé, rangeu as gengivas, brandiu os braços, arregaçou as mangas, sacudiu o punho em direção a meu rosto, e concluiu a cena arrancando a touca da cabeça, e com ela uma imensa peruca feita do mais belo e valioso cabelo negro, que ela atirou ao chão com um grito, e então, pisoteou e dançou um fandango sobre aquilo, em absoluta agonia e êxtase de fúria.

Enquanto isso, afundei horrorizado na cadeira que ela havia desocupado.

"Moissart e Voissart!", repeti, pensativo, enquanto ela cortava um de seus cachos da peruca, e "Croissart e Froissart!", enquanto arrancava outro – "Moissart e Voissart e Croissart e Napoleon Bonaparte Froissart! Ora, sua velha serpente inefável, esse sou *eu* – sou *eu* – está me ouvindo? *Sou eu*" – nisso gritei a plenos pulmões – "sou *eeeeu*! Eu sou Napoleon Bonaparte Froissart! E se não casei com minha tataravó, espero ficar louco por toda a eternidade!"

Madame Eugénie Lalande, quase Simpson – anteriormente Moissart – era, de fato, minha tataravó. Em sua juventude, havia sido bela, e mesmo aos oitenta e dois anos, mantinha a altura majestosa, o escultórico perfil, os olhos encantadores e o nariz grego de sua meninice. Com o auxílio desses dotes e de pó compacto, de *rouge*, de cabelo falso, dentes falsos, e falsas curvas, bem como das modistas mais hábeis de Paris, ela conseguiu forjar uma posição respeitável entre as belezas *en peu passées*[21] da metrópole francesa. Nesse aspecto, ela poderia mesmo ser considerada quase par a par com a célebre Ninon De L'Enclos.

Era imensamente rica, e ao ficar, pela segunda vez, viúva e sem filhos, lembrou-se de minha existência na América, e com o propósito de tornar-me seu herdeiro, fez uma visita aos Estados Unidos, em companhia de uma distante e extremamente adorável parente de seu segundo marido – uma certa Madame Stéphanie Lalande.

[21] *en peu passées:* (fr.) um pouco passadas. (n.t.)

Ao admirá-la na ópera, atraí a atenção de minha tataravó; e, ao observar-me através de seus óculos, surpreendeu-se com certa semelhança familiar consigo mesma. Interessada, e sabendo que o herdeiro que procurava estava realmente na cidade, indagou de seus acompanhantes a meu respeito. O cavalheiro que a acompanhava conhecia minha pessoa, e contou-lhe quem eu era. Tal informação a induziu a continuar seu escrutínio; e esse escrutínio foi o que me encorajou tanto que me comportei da maneira absurda já descrita em detalhes. Ela respondeu a meu cumprimento; porém, foi porque tivera a impressão de que, por algum estranho acaso, eu havia descoberto sua identidade. Quando, enganado por minha fraca visão e pelas artes da toalete, a respeito da idade e dos encantos da dama desconhecida, perguntei a Talbot com tanto entusiasmo quem era ela, ele concluiu que me referia à jovem, é claro, e por isso me informou, dizendo a verdade, que era "a célebre viúva, Madame Lalande".

Na manhã seguinte, na rua, minha tataravó encontrou Talbot, um velho conhecido de Paris; e, muito naturalmente, acabaram por falar de mim. Minhas deficiências de visão foram então explicadas; pois eram notórias, embora eu fosse totalmente ignorante de sua notoriedade, e minha boa e velha parente descobriu, para seu desgosto, que havia se enganado ao supor que eu conhecia sua identidade, e que eu apenas fizera papel de bobo em cortejar abertamente, em um teatro, uma idosa desconhecida. Com a intenção de punir-me por tal imprudência, ela concebeu um plano com Talbot. Ele sumiu de vista propositalmente para evitar apresentar-me. Minhas indagações na rua sobre "a bela viúva Madame Lalande" foram entendidas como sendo sobre a jovem, é claro, e, portanto, é facilmente explicável a conversa com os três cavalheiros que encontrei ao sair do hotel de Talbot, como também sua alusão a Ninon de L'Enclos.

Não tive a oportunidade de ver Madame Lalande de perto à luz do dia; e, em sua *soirée* musical, minha tola fraqueza ao recusar o auxílio de óculos impediu-me efetivamente de descobrir sua idade. Quando "Madame Lalande" foi chamada para cantar, era, na verdade, a jovem; e foi esta quem se levantou para atender ao chamado; minha tataravó, para reforçar o engano, levantou-se na mesma hora e acompanhou-a até o piano na sala de visitas. Caso eu resolvesse acompanhá-la, ela planejara sugerir que seria mais adequado que eu permanecesse onde estava; mas minha prudência tornou isso desnecessário. As canções que tanto admirei, e que tanto confirmaram a impressão da juventude de minha amada, foram executadas por Madame *Stéphanie* Lalande. Os óculos foram-me oferecidos para acrescentar uma repreensão ao trote – uma ferroada ao epigrama do embuste. Seu ofere-

cimento permitiu uma oportunidade para o discurso sobre afetação com o qual fui tão especialmente edificado. É quase supérfluo acrescentar que as lentes do instrumento, usadas pela velha dama, haviam sido trocadas por ela por um par melhor adaptado à minha idade. Serviram-me, de fato, perfeitamente.

O "clérigo", que apenas fingiu atar o nó fatal, era um amigo de Talbot, e não era padre. Mas era um excelente "cocheiro" e, trocando a batina por uma casaca, conduziu a carruagem que levou o "feliz casal" para fora da cidade. Talbot sentou-se a seu lado. Os dois patifes foram "testemunhas oculares", e por uma janela semiaberta da sala de trás da estalagem, divertiram-se rindo do desenlace do drama. Creio que serei obrigado a chamá-los às falas.

Apesar de tudo, *não sou* o marido de minha tataravó; e esta é uma lembrança que me proporciona um alívio infinito – mas sou o marido de Madame Lalande – de Madame *Stéphanie* Lalande – com quem minha boa e velha parente (além de tornar-me seu único herdeiro quando ela vier a falecer – se vier) dedicou-se conceber um plano para unir-me em casamento.

Para concluir: não quero mais saber de *billets doux*[22] e jamais hei de ser visto sem óculos.

[22] *billets doux*: (fr.) literalmente, "bilhetes doces", logo, cartas de amor. (n.t.)

ensaios

(n.t.)|Humberstone

MANUAL DO CONTISTA

HORACIO QUIROGA

O TEXTO: Assim como Poe revela os métodos utilizados para a escrita de *O Corvo*, em *A filosofia da composição*, Horacio Quiroga, para quem o autor norte-americano era uma grande influência, fez um trabalho semelhante em seus ensaios teóricos/literários. De maneira bastante humorística, os ensaios *Manual do perfeito contista* (1925), *Truques do perfeito contista* (1925), *Decálogo do perfeito contista* (1927) e *A retórica do conto* (1928) demonstram que o processo criativo de um conto, "para ser bem realizado, exige alguns artifícios específicos, e Quiroga foi a prova de que eles, de fato, funcionam.

Texto traduzido: Quiroga, Horacio. "Textos Teóricos". In: Baccino, Napoleón; Lafforgue, Jorge (Orgs.). *Horacio Quiroga, Todos los Cuentos*. Madrid/México: Fondo de Cultura Económica, 1996, pp. 1185-1196.

O AUTOR: Mestre do conto curto, Horacio Quiroga (1878-1937) é considerado pela crítica o fundador do gênero na América Latina. Embora nascido no Uruguai, mudou-se para a Argentina após uma expedição às ruínas jesuíticas, na região das Cataratas do Iguaçu, onde se encantou pela selva. Matéria-prima de suas histórias, a selva acompanha temas como a obsessão pela morte violenta, já que sua vida foi marcada por uma série de eventos brutais, dentre eles, o seu próprio suicídio.

A TRADUTORA: Thaís Soranzo é graduanda em Estudos Literários pela Unicamp. Durante a graduação, foi membro por um ano da comissão editorial da *Revista Arcádia* (IEL/Unicamp) e cursou um semestre acadêmico na Universidad Carlos III de Madrid, Espanha. Realizou também, através do programa *High School*, um intercâmbio de um ano em Ohio, Estados Unidos.

Contato: thais.soranzo@gmail.com

MANUAL DEL CUENTISTA

"En un cuento bien logrado, las tres primeras líneas tienen casi la importancia de las tres últimas."

HORACIO QUIROGA

EL MANUAL DEL PERFECTO CUENTISTA[1]

Una larga frecuentación de las personas dedicadas entre nosotros a escribir cuentos, y alguna experiencia personal al respecto, me han sugerido más de una vez la sospecha de si no hay en el arte de escribir cuentos algunos trucs de oficio, algunas recetas de cómodo uso y efecto seguro, y si no podrían ellos ser formulados para pasatiempo de las muchas personas cuyas ocupaciones serias no les permiten perfeccionarse en una profesión mal retribuida por lo general, y no siempre bien vista.

Esta frecuentación de los cuentistas, los comentarios oídos, el haber sido confidente de sus luchas, inquietudes y desesperanzas, han traído a mi ánimo la convicción de que, salvo contadas excepciones en que un cuento sale bien sin recurso alguno, todos los restantes se realizan por medio de recetas o trucs de procedimiento al alcance de todos, siempre, claro está, que se conozcan su ubicación y su fin.

Varios amigos me han alentado a emprender este trabajo, que podríamos llamar de divulgación literaria, si lo de literario no fuera un término muy avanzado para una anagnosia elemental.

Un día, pues, emprenderé esta obra altruista, por cualquiera de sus lados, y piadosa, desde otro punto de vista.

[1] Publicado originalmente en: *El Hogar*, Buenos Aires, año XXI, nº 808, abril 10, 1925, p.10.

Hoy apuntaré algunos de los trucs que me han parecido hallarse más a flor de ojo. Hubiera sido mi deseo citar los cuentos nacionales cuyos párrafos extracto más adelante. Otra vez será. Contentémonos por ahora con exponer tres o cuatro recetas de las más usuales y seguras, convencidos de que ellas facilitarán la práctica cómoda y casera de lo que se ha venido a llamar el más difícil de los géneros literarios.

Comenzaremos por el final. Me he convencido de que del mismo modo que en el soneto, el cuento empieza por el fin. Nada en el mundo parecería más fácil que hallar la frase final para una historia que, precisamente, acaba de concluir. Nada, sin embargo, es más difícil.

Encontré una vez a un amigo mío, excelente cuentista, llorando, de codos sobre un cuento que no podía terminar. Faltábale tan solo la frase final. Pero no la veía, sollozaba, sin lograr verla así tampoco.

He observado que el llanto sirve por lo general en literatura para vivir el cuento, al modo ruso; pero no para escribirlo. Podría asegurarse a ojos cerrados que toda historia que hace sollozar a su autor al escribirla, admite matemáticamente esta frase final:

"¡Estaba muerta!".

Por no recordarla a tiempo su autor, hemos visto fracasado más de un cuento de gran fuerza. El artista muy sensible debe tener siempre listos, como lágrimas en la punta de su lápiz, los admirativos. Las frases breves son indispensables para finalizar los cuentos de emoción recóndita o contenida. Una de ellas es:

"Nunca más volvieron a verse".

Puede ser más contenida aún:

"Sólo ella volvió el rostro".

Y cuando la amargura y un cierto desdén superior priman en el autor, cabe esta sencilla frase:

"Y así continuaron viviendo".

Otra frase de espíritu semejante a la anterior, aunque más cortante de estilo:

"Fue lo que hicieron".

Y ésta, por fin, que por demostrar gran dominio de sí e irónica suficiencia en el género, no recomendaría a los principiantes:

"El cuento concluye aquí. Lo demás apenas si tiene importancia para los personajes".

Esto no obstante, existe un truc para finalizar un cuento, que no es precisamente final, de gran efecto siempre y muy grato a los prosistas que escriben también en verso. Es este el truc del "leit-motif".

Comienzo del cuento: "Silbando entre las pajas, el fuego invadía el campo, levantando grandes llamaradas. La criatura dormía...". Final:

"Allá a lo lejos, tras el negro páramo calcinado, el fuego apagaba sus últimas llamas...".

De mis muchas y prolijas observaciones, he deducido que el comienzo de un cuento no es, como muchos desean creerlo, una tarea elemental. "Todo es comenzar". Nada más cierto; pero hay que hacerlo. Para comenzar se necesita, en el noventa y nueve por ciento de los casos, saber adónde se va. "La primera palabra de un cuento – se ha dicho – debe ya estar escrita con miras al final".

De acuerdo con este canon, he notado que el comienzo ex abrupto, como si ya el lector conociera parte de la historia que le vamos a narrar, proporciona al cuento insólito vigor. Y he notado asimismo que la iniciación con oraciones complementarias favorece grandemente estos comienzos. Un ejemplo:

"Como Elena no estaba dispuesta a concederlo, él, después de observarla fríamente, fue a coger su sombrero. Ella, por todo comentario, se encogió de hombros".

Yo tuve siempre la impresión de que un cuento comenzado así tiene grandes probabilidades de triunfar. ¿Quién era Elena? Y él, ¿cómo se llamaba? ¿Qué cosa no le concedió Elena? ¿Qué motivos tenía él para pedírselo? ¿Y por qué observó fríamente a Elena, en vez de hacerlo furiosamente, como era lógico esperar?

Véase todo lo que del cuento se ignora. Nadie lo sabe. Pero la atención del lector ha sido cogida de sorpresa, y esto constituye un desiderátum en el arte de contar.

He anotado algunas variantes a este truc de las frases secundarias. De óptimo efecto suele ser el comienzo condicional:

"De haberla conocido a tiempo, el diputado hubiera ganado un saludo, y la reelección. Pero perdió ambas cosas".

A semejanza del ejemplo anterior, nada sabemos de estos personajes presentados como ya conocidos nuestros, ni de quién fuera tan influyente dama a quien el diputado no reconoció. El truc del interés está, precisamente, en ello.

"Como acababa de llover, el agua goteaba aún por los cristales. Y el seguir las líneas con el dedo fue la diversión mayor que desde su matrimonio hubiera tenido la recién casada".

Nadie supone que la luna de miel pueda mostrarse tan parca de dulzura, al punto de hallarla por fin a lo largo de un vidrio en una tarde de lluvia.

De estas pequeñas diabluras está constituido el arte de contar. En un tiempo se acudió a menudo, como a un procedimiento eficacísimo, al comienzo del cuento en diálogo. Hoy el misterio del diálogo se ha desvanecido del todo. Tal vez dos o tres frases agudas arrastren todavía; pero si pasan de cuatro, el lector salta en seguida. "No cansar". Tal es, a mi modo de ver, el apotegma inicial del perfecto cuentista. El tiempo es demasiado breve en esta miserable vida para perderlo de un modo más miserable aún.

De acuerdo con mis impresiones tomadas aquí y allá, deduzco que el truc más eficaz (o eficiente, como se dice en la Escuela Normal), se lo halla en el uso de dos viejas fórmulas abandonadas, y a las que en un tiempo, sin embargo, se entregaron con toda su buena fe los viejos cuentistas. Ellas son:

"Era una hermosa noche de primavera" y "Había una vez...".

¿Qué intriga nos anuncian estos comienzos? ¿Qué evocaciones más insípidas, a fuerza de ingenuas, que las que despiertan estas dos sencillas y calmas frases? Nada en nuestro interior se violenta con ellas. Nada prometen, ni nada sugieren a nuestro instinto adivinatorio. Puédese, sin embargo, confiar seguro en su éxito... si el resto vale. Después de meditarlo mucho, no he hallado a ambas recetas más que un inconveniente: el de despertar terriblemente la malicia de los cultores del cuento. Esta malicia profesional es la misma con que se acogería el anuncio de un hombre que se dispusiera a revelar la belleza de una dama vulgarmente encubierta: "¡Cuidado! ¡Es hermosísima!".

Existe un truc singular, poco practicado, y, sin embargo, lleno de frescura cuando se lo usa con mala fe.

Este truc es el del lugar común. Nadie ignora lo que es en literatura un lugar común. "Pálido como la muerte" y "Dar la mano derecha por obtener algo" son dos bien característicos.

Llamamos lugar común de buena fe al que se comete arrastrado inconscientemente por el más puro sentimiento artístico; esta pureza de arte que nos lleva a loar en verso el encanto de las grietas de los ladrillos del andén de la estación del pueblecito de Cucullú, y la impresión sufrida por estos mismos ladrillos el día que la novia de nuestro amigo, a la que sólo conocíamos de vista, por casualidad los pisó.

Esta es la buena fe. La mala fe se reconoce en la falta de correlación entre la frase hecha y el sentimiento o circunstancia que la inspiran.

Ponerse pálido como la muerte ante el cadáver de la novia, es un lugar común. Deja de serlo cuando, al ver perfectamente viva a la novia de nuestro amigo, palidecemos hasta la muerte.

"Yo insistía en quitarle el lodo de los zapatos. Ella, riendo se negaba. Y con un breve saludo, saltó al tren, enfangada hasta el tobillo. Era la primera vez que yo la veía; no me había seducido, ni interesado, ni he vuelto más a verla. Pero lo que ella ignora es que, en aquel momento, yo hubiera dado con gusto la mano derecha por quitarle el barro de los zapatos".

Es natural y propio de un varón perder su mano por un amor, una vida o un beso. No lo es ya tanto darla por ver de cerca los zapatos de una desconocida. Sorprende la frase fuera de su ubicación sicológica habitual; y aquí está la mala fe.

El tiempo es breve. No son pocos los trucs que quedan por examinar. Creo firmemente que si añadimos a los ya estudiados el truc de la contraposición de adjetivos, el del color local, el truc de las ciencias técnicas, el del estilista sobrio, el del folklore, y algunos más que no escapan a la malicia de los colegas, facilitarán todos ellos en gran medida la confección casera, rápida y sin fallas, de nuestros mejores cuentos nacionales...

LOS TRUCS DEL PERFECTO CUENTISTA[2]

Días atrás, en estas mismas páginas, comentábamos algunos trucs inocentes a que recurre todo cuentista que cuida en lo que vale de su profesión. Una historia – anotamos previamente – puede surgir de una pieza, sin que se haya recurrido a truc alguno para su confección. Se han visto casos. Pero, ¡cuán raros y qué cúmulo de decepciones han proporcionado a su autor!

Pues, por extraño que parezca, el honesto público exige del cuento, como de una mujer hermosísima, algo más que su extrema desnudez. El arte íntimo del cuento debe valerse con ligeras hermosuras, pequeños encantos muy visibles, que el cuentista se preocupa de diseminar aquí y allá por su historia.

Estas livianas bellezas, al alcance de todos y por todos usadas, constituyen los trucs del arte de contar.

Desde la inmemorial infancia de este arte, los relatos de color local – o de ambiente, como también se les llama con mayor amplitud – han constituido un desiderátum en literatura. Los motivos son obvios: evocar ante los ojos de un ciudadano de gran ciudad la naturaleza anónima de cualquier perdida región del mundo, con sus tipos, modalidades y costumbres, no es tarea al alcance del primer publicista urbano. Lo menos que un cuento de ambiente puede exigir de su creador, es un cabal conocimiento del país pintado: haber sido, en una palabra, un elemento local de ese ambiente.

Las estadísticas muy rigurosas levantadas acerca de este género comprueban el anterior aserto. No se conoce creador alguno de cuentos campesinos, mineros, navegantes, vagabundos, que antes no hayan sido, con mayor o menor eficacia, campesinos, mineros, navegantes y vagabundos profesionales; esto es, elementos fijos de un ambiente que más tarde utilizaron (explotamos, decimos nosotros), en sus relatos de color.

"Sólo es capaz de evocar un color local quien, sin conciencia de su posición, ha sido un día color de esa localidad". Esta frase concluye la estadística que mencionamos. Nosotros solemos decir, sin lograr entendernos mucho: el ambiente, como la vida, el dolor y el amor, hay que vivirlos.

Sentado esto, ¡cuán pobre sería nuestra literatura de ambiente si para ejercerla debiéramos haber sido previamente un anónimo color local!

Existe, por suerte, un truc salvador. Gracias a él los relatos de ambiente no nos exigen esa conjunción fatal de elementos nativos, por la cual un paisaje requiere un tipo que lo autorice, y ambos, una historia que los justifique.

---

[2] Apareció en: *El hogar*, Buenos Aires, año XXI, nº 814, mayo 22, 1925.

La justificación del color, mucho más que la del tiraje, ha encanecido prematuramente a muchos escritores.

El truc salvador consiste en el folklore. El día en que el principiante avisado denominó a sus relatos, sin razón de ser, "obra de folklore", creó dos grandes satisfacciones: una patriótica y la otra profesional.

Un relato de folklore se consigue generalmente ofreciendo al lector un paisaje gratuito y un diálogo en español mal hablado. Raramente el paisaje tiene nada que ver con los personajes, ni éstos han menester de paisaje alguno para su ejercicio. Tal trozo de naturaleza porque sí, sin embargo; la lengua de los protagonistas y los ponchos que los cobijan caracterizan, sin mayor fusión de elementos que la apuntada, al cuento de folklore.

No siempre, cierto es, las cosas llegan a esta amplitud. A veces es sólo uno el personaje: pero entonces el paisaje lo absorbe todo. En tales casos, el personaje recuerda o medita en voz alta, a fin de que su lenguaje nativo provoque la ansiada y dulce impresión de color local nacional; esto es, de folklore.

En un tiempo ya lejano se creyó imprescindible en el cuento de folklore el relatar las dos o tres leyendas aborígenes de cada rincón andino. Hoy, más diestros, comprendemos bien que una mula, una terminación viciosa de palabra y una manta teñida (a los pintores suele bastarles sólo lo último) constituyen la entraña misma del folklore nacional.

El resto – podríamos decir esta vez con justicia – es literatura.

Varias veces he oído ensalzar a mis amigos la importancia que para una viva impresión de color local tienen los detalles de un oficio más o menos manual. El conocimiento de los hilos de alambrado, por números; el tipo de cuerdas que componen los cables de marina, su procedencia y su tensión, la denominación de los gallos por su peso de riña; estos y cada uno de los detalles de técnica, que comprueban el dominio que de su ambiente tiene el autor, constituyen trucs de ejemplar eficacia.

"Juan buscó por todas partes los pernos (bulones, decimos en técnica) que debían asegurar su volante. No hallándolos, salió del paso con diez clavos de ocho pulgadas, lo que le permitió remacharlos sobre el soporte mismo y quedar satisfecho de su obra".

No es habitual retener en la memoria el largo y grueso que puede tener un clavo de ocho pulgadas. El autor lo recuerda, indudablemente. Y sabe, además, que un clavo de tal longitud traspasa el soporte en cuestión – sin habernos advertido, por otra parte, qué dimensiones tenía aquél. Pero este expreso olvido suyo, esta confusión nuestra y el haber quedado el personaje

satisfecho de su obra son pequeños trucs que nos deciden a juzgar vivo tal relato.

A este género de detalles pertenecen los términos específicos de una técnica siempre de gran efecto: "El motor *golpeaba*", "*Hizo* una bronquitis".

He observado con sorpresa que algunos cuentistas de folklore cuidan de explicar con llamadas al pie, o en el texto mismo, el significado de las expresiones de ambiente. Esto es un error. La impresión de ambiente no se obtiene sino con un gran desenfado, que nos hace dar por perfectamente conocidos los términos y detalles de vida del país. Toda nota explicativa en un relato de ambiente es una cobardía. El cuentista que no se atreve a perturbar a su lector con giros ininteligibles para éste debe cambiar de oficio.

"Toda historia de color local debe dar la impresión de ser contada exclusivamente para las gentes de ese ambiente". Tercer aforismo de la estadística.

Entre los pequeños trucs diseminados por un relato, sea cual fuere su género, hay algunos que por la sutileza con que están disfrazados merecen especial atención.

Por ejemplo, no es lo mismo decir: "Una mujer muy flaca, de mirada muy fija y con vago recuerdo de ataúd", que: "Una mujer con vago recuerdo de ataúd, muy flaca y de mirada muy fija".

En literatura, el orden de los factores altera profundamente el producto.

Según deduzco de mis lecturas, en estas ligeras inversiones, de apariencia frívola, reside el don de pintar tipos. He visto una vez a un amigo mío fumar un cigarrillo entero antes de hallar el orden correspondiente a dos adjetivos. No un cigarrillo, sino tres tazas de café, costó a un celebérrimo cuentista francés la construcción de la siguiente frase:

"Tendió las manos adelante, retrocediendo…" La otra versión era, naturalmente: "Retrocedió, tendiendo las manos adelante…"

Estas pequeñas torturas del arte quedan, también naturalmente, en el borrador de los estilos más fluidos y transparentes.

Los cuentos denominados "fuertes" pueden obtenerse con facilidad sugiriendo hábilmente al lector, mientras se le apena con las desventuras del protagonista, la impresión de que éste saldrá al fin bien librado. Es un fino trabajo, pero que se puede realizar con éxito. El truc consiste, claro está, en matar a pesar de todo, al personaje.

A este truc podría llamársele "de la piedad", por carecer de ella los cuentistas que lo usan.

De la observación de algunos casos, comunes a todas las literaturas, parecería deducirse que no todos los cuentistas poseen las facultades corres-

pondientes a su vocación. Algunos carecen de la visión del conjunto; otros ven con dificultad el escenario teatral de sus personajes; otros ven perfectamente este escenario, pero vacío; otros, en fin, gozan del privilegio de coger una impresión vaga, aleteante, podríamos decir, como un pájaro todavía pinchón que pretendiera revolotear dentro de una jaula que no existe.

En este último caso, el cuentista escribe un poema en prosa.

El arte de agradar a los hombres, el de aquellos a que se denomina generalmente "escritores para hombres", se consigue en el cuerpo bastante bien escribiendo mal el idioma. Me informan de que en otros países esto no es indispensable. Entre nosotros, fuera del arbitrio de exagerar por el contrario el conocimiento de la lengua, no conozco otro eficaz.

Sobre el arte de agradar a las mujeres, el de aquellos a que se denomina generalmente "escritor para damas", tampoco hemos podido informarnos con la debida atención. Parecería ser aquél un don de particularísima sensibilidad, que escapa a la mayoría de los escritores.

DECÁLOGO DEL PERFECTO CUENTISTA[3]

I

Cree en un maestro – Poe, Maupassant, Kipling, Chejov – como en Dios mismo[4].

II

Cree que su arte es una cima inaccesible. No sueñes en dominarla. Cuando puedas hacerlo, lo conseguirás sin saberlo tú mismo.

III

Resiste cuanto puedas a la imitación, pero imita si el influjo es demasiado fuerte. Más que ninguna otra cosa, el desarrollo de la personalidad es una larga paciencia.

IV

Ten fe ciega no en tu capacidad para el triunfo, sino en el ardor con que lo deseas. Ama a tu arte como a tu novia, dándole todo tu corazón.

V

No empieces a escribir sin saber desde la primera palabra adónde vas. En un cuento bien logrado, las tres primeras líneas tienen casi la importancia de las tres últimas[5].

---

[3] Publicado en *Babel, revista bisemanal de arte y crítica,* Buenos Aires, julio 1927.

[4] Muchos habría que agregar si aceptamos, no hay por qué no hacerlo, su sinceridad epistolar. Pero por encima de casi todos a Dostoievski, a quien admiró y releyó a lo largo de treinta años como hemos documentado en la "Noticia preliminar" a *Los perseguidos.*

[5] "Para comenzar se necesita, en el noventa y nueve por ciento de los casos, saber adónde se va", había escrito dos años atrás en "El manual del perfecto cuentista".

Antes, Poe lo había anotado casi del mismo modo: "En el cuento propiamente dicho – donde no hay espacio para desarrollar caracteres o para una gran profusión y variedad incidental – la mera *construcción* se requiere mucho más imperiosamente que en la novela (…) la mayoría de nuestros cuentistas (…) parecen empezar sus relatos sin saber cómo van a terminar; y, por lo general, sus finales (…) parecen haber olvidado sus comienzos" (en: "Marginalia", fragmento XVII. *Ensayos y críticas*/ Edgar Allan Poe, Madrid: Alianza ed., 1973, p.256. La traducción pertenece a Júlio Cortázar, quien a su vez tiene una interesante glosa-critica al "Decálogo" quiroguiano).

VI

Si quieres expresar con exactitud esta circunstancia: "desde el río soplaba un viento frío", no hay en lengua humana más palabras que las apuntadas para expresarla. Una vez dueño de tus palabras, no te preocupes de observar si son entre sí consonantes o asonantes.

VII

No adjetives sin necesidad. Inútiles serán cuantas colas de color adhieras a un sustantivo débil. Si hallas el que es preciso, él solo tendrá un color incomparable. Pero hay que hallarlo.

VIII

Toma a tus personajes de la mano y llévalos firmemente hasta el final, sin ver otra cosa que el camino que les trazaste. No te distraigas viendo tú lo que ellos pueden o no les importa ver. No abuses del lector. Un cuento es una novela depurada de ripios. Ten esto por una verdad absoluta, aunque no lo sea.

IX

No escribas bajo el imperio de la emoción. Déjala morir, y evócala luego. Si eres capaz entonces de revivirla tal cual fue, has llegado en arte a la mitad del camino.

X

No pienses en tus amigos al escribir, ni en la impresión que hará tu historia. Cuenta como si tu relato no tuviera interés más que para el pequeño ambiente de tus personajes, de los que pudiste haber sido uno. No de otro modo se obtiene la *vida* en el cuento.

LA RETÓRICA DEL CUENTO[6]

En estas mismas columnas, solicitado cierta vez por algunos amigos de la infancia que deseaban escribir cuentos sin las dificultades inherentes por común a su composición expuse unas cuantas reglas y *trucos* que, por haberme servido satisfactoriamente en más de una ocasión, sospeché podrían prestar servicios de verdad a aquellos amigos de la niñez.

Animado por el silencio – en literatura el silencio es siempre animador – en que había caído mi elemental anagnosia del oficio, completéla con una nueva serie de *trucos* eficaces y seguros, convencido de que uno por lo menos de los infinitos aspirantes al arte de escribir, debía de estar gestando en las sombras un cuento revelador.

Ha pasado el tiempo. Ignoro todavía si mis normas literarias prestaron servicios. Una y otra serie de *trucos* anotados con más humor que solemnidad llevaban el título común de *Manual del perfecto cuentista.*

Hoy se me solicita de nuevo, pero esta vez con mucha más seriedad que buen humor. Se me pide primeramente una declaración firme y explícita acerca del cuento. Y luego, una fórmula eficaz para evitar precisamente escribirlos en la forma ya desusada que con tan pobre éxito absorbió nuestras viejas horas.

Como se ve, cuanto era de desenfadada y segura mi posición al divulgar los trucos del perfecto cuentista, es de inestable mi situación presente. Cuanto sabía yo del cuento era un error. Mi conocimiento indudable del oficio, mis pequeñas trampas más o menos claras, sólo han servido para colocarme de pie, desnudo y aterido como una criatura, ante la gesta de una nueva retórica del cuento que nos debe amamantar.

"Una nueva retórica..." No soy el primero en expresar así los flamantes cánones. No está en juego con ellos nuestra vieja estética, sino una nueva nomenclatura. Para orientarnos en su hallazgo, nada más útil que recordar lo que la literatura de ayer, la de hace diez siglos y la de los primeros balbuceos de la civilización, han entendido por cuento.

El cuento literario, nos dice aquélla, consta de los mismos elementos sucintos que el cuento oral, y es como éste el relato de una historia bastante interesante y suficientemente breve para que absorba toda nuestra atención.

---

[6] Publicado en *El Hogar*, Buenos Aires, año XXIV, nº 1001, diciembre 21, 1928.

Pero no es indispensable, adviértenos la retórica, que el tema a contar constituya una historia con principio, medio y fin. Una escena trunca, un incidente, una simple situación sentimental, moral o espiritual, poseen elementos de sobra para realizar con ellos un cuento.

Tal vez en ciertas épocas la historia total – lo que podríamos llamar argumento – fue inherente al cuento mismo. "¡Pobre argumento! – decíase –. ¡Pobre cuento!" Más tarde, con la historia breve, enérgica y aguda de un simple estado de ánimo, los grandes maestros del género han creado relatos inmortales.

En la extensión sin límites del tema y del procedimiento en el cuento, dos calidades se han exigido siempre: en el autor, el poder de transmitir vivamente y sin demoras sus impresiones; y en la obra, la soltura, la energía y la brevedad del relato, que la definen.

Tan específicas son estas dos cualidades, que desde las remotas edades del hombre, y a través de las más hondas convulsiones literarias, el concepto del cuento no ha variado. Cuando el de los otros géneros sufría según las modas del momento, el cuento permaneció firme en su esencia integral. Y mientras la lengua humana sea nuestro preferido vehículo de expresión, el hombre contará siempre, por ser el cuento la forma natural, normal e irreemplazable de contar.

Extendido hasta la novela, el relato puede sufrir en su estructura. Constreñido en su enérgica brevedad, el cuento es y no puede ser otra cosa que lo que todos, cultos e ignorantes, entendemos por tal.

Los cuentos chinos y persas, los grecolatinos, los árabes de las *Mil y una noches*, los del Renacimiento italiano, los de Perrault, de Hoffmann, de Poe, de Merimée, de Bret Harte, de Verga, de Chejov, de Maupassant, de Kipling, todos ellos son una sola y misma cosa en su realización. Pueden diferenciarse unos de otros como el sol y la luna. Pero el concepto, el coraje para contar, la intensidad, la brevedad, son los mismos en todos los cuentistas de todas las edades.

Todos ellos poseen en grado máximo la característica de entrar vivamente en materia. Nada más imposible que aplicarles las palabras: "Al grano, al grano..." con que se hostíga a un mal contador verbal. El cuentista que "no dice algo", que nos hace perder el tiempo, que lo pierde él mismo en divagaciones superfluas, puede verse a uno y otro lado buscando otra vocación. Ese hombre no ha nacido cuentista.

Pero ¿si esas divagaciones, digresiones y ornatos sutiles, poseen en sí mismos elementos de gran belleza? ¿Si ellos solos, mucho más que el cuento sofocado, realizan una excelsa obra de arte?

Enhorabuena, responde la retórica. Pero no constituyen un cuento. Esas divagaciones admirables pueden lucir en un artículo, en una fantasía, en un cuadro, en un ensayo, y con seguridad en una novela. En el cuento no tienen cabida, ni mucho menos pueden constituirlo por sí solas.

Mientras no se cree una nueva retórica, concluye la vieja dama, con nuevas formas de la poesía épica, el cuento es y será lo que todos, grandes y chicos, jóvenes y viejos, muertos y vivos, hemos comprendido por tal. Puede el futuro nuevo género ser superior, por sus caracteres y sus cultores, al viejo y sólido afán de contar que acucia al ser humano. Pero busquémosle otro nombre.

Tal es la cuestión. Queda así evacuada, por boca de la tradición retórica, la consulta que se me ha hecho.

En cuanto a mí, a mi desventajosa manía de entender el relato, creo sinceramente que es tarde ya para perderla. Pero haré cuanto esté en mí para no hacerlo peor.

MANUAL DO CONTISTA

"Em um conto bem-sucedido, as três primeiras linhas têm quase a mesma importância que as três últimas."

HORACIO QUIROGA

MANUAL DO PERFEITO CONTISTA

O contato assíduo com pessoas que entre nós se dedicam a escrever contos, e alguma experiência pessoal a respeito, me despertaram, mais de uma vez, a suspeita de que haja, na arte de escrever contos, alguns truques do ofício, algumas receitas de cômodo uso e efeito seguro, que poderiam ser formulados para o passatempo de muitas pessoas, cujas ocupações sérias não permitem que elas se aperfeiçoem em uma profissão, em geral, mal retribuída e nem sempre bem vista.

Essa assiduidade dos contistas, os comentários escutados, o fato de ter sido confidente de suas lutas, inquietudes e desesperanças, me deram ânimo para crer que, salvo as contadas exceções em que um conto dá certo sem recurso algum, todos os outros casos se realizam por meio de receitas ou truques de procedimento ao alcance de todos, sempre, é claro, que se conheça seu lugar adequado e sua finalidade.

Vários amigos me encorajaram a empreender este trabalho, que poderíamos chamar de divulgação literária, se literário não fosse um termo muito avançado para uma metodologia tão básica.

Sendo assim, um dia empreenderei esta obra altruísta, por qualquer um de seus ângulos, e piedosa, desde outro ponto de vista.

Hoje indicarei alguns dos truques que me pareceram estar mais a olho nu. Gostaria de ter citado os contos nacionais, cujos parágrafos menciono mais

adiante. Ainda o farei. Limitemo-nos, por ora, em expor três ou quatro receitas das mais usuais e seguras, convencidos de que facilitarão a prática caseira do que se veio a denominar o mais difícil dos gêneros literários.

Começaremos pelo final. Convenci-me de que, do mesmo modo que o soneto, o conto começa pelo fim. Nada no mundo pareceria mais fácil que achar a frase final para uma história que, precisamente, acaba de concluir. Nada, entretanto, é mais difícil.

Encontrei uma vez um amigo, excelente contista, chorando, com os cotovelos sobre o conto que não podia terminar. Faltava-lhe apenas a frase final. Mas não a via, soluçava, e continuava sem encontrá-la.

Observei que, em literatura, o choro serve, em geral, para viver o conto ao modo russo; mas não para escrevê-lo. Poderia garantir de olhos fechados que toda história que faz seu autor soluçar ao escrevê-la admite, matematicamente, esta frase final:

"Estava morta!"

Por não a ter lembrado a tempo, vimos fracassar mais de um conto de grande força. O artista muito sensível deve ter sempre prontas, como lágrimas na ponta de seu lápis, as expressões admirativas. As frases breves são indispensáveis para finalizar os contos de emoção recôndita ou contida. Uma delas é:

"Nunca mais se viram outra vez".

Pode ser mais contida ainda:

"Somente ela virou o rosto".

E quando a amargura e certo desdém superior prevalecem no autor, cabe esta simples frase:

"E assim continuaram vivendo".

Outra frase de espírito semelhante à anterior, porém, mais afiada de estilo:

"Foi o que fizeram".

E esta, por fim, por demonstrar grande domínio de si e ironia suficiente no gênero, não recomendaria aos principiantes:

"O conto acaba aqui. O resto apenas tem importância para os personagens".

Não obstante, existe um truque para finalizar um conto que não é, precisamente, um final de grande efeito, e que é muito estimado pelos prosadores que também escrevem em verso. É o truque do *leitmotiv.*

Começo do conto: "Assobiando entre as palhas, o fogo invadia o campo, levantando grandes chamas. A criatura dormia...". Final:

"Lá ao longe, atrás do negro deserto calcinado, o fogo apagava suas últimas chamas...".

Das minhas muitas e prolixas observações, deduzi que o começo de um conto não é, como muitos gostam de pensar, uma tarefa simples. "A questão é começar". Nada mais verdadeiro: porém é preciso fazê-lo. Para começar é necessário, em noventa e nove por cento dos casos, saber aonde ir. "A primeira palavra de um conto – foi dito – deve já estar escrita tendo em vista o final".

De acordo com esse preceito, notei que o começo abrupto, como se o leitor já conhecesse parte da história que vamos narrar, proporciona ao conto insólito vigor. E notei, igualmente, que o início com orações coordenadas favorece grandemente esses começos. Um exemplo:

"Como Elena não estava disposta a lhe fazer essa concessão, ele, depois de observá-la friamente, foi pegar seu chapéu. Ela, como resposta, deu de ombros".

Sempre tive a impressão de que um conto iniciado assim tem grandes possibilidades de triunfar. Quem era Elena? E ele, como se chamava? O que Elena não lhe concedeu? Que motivos teria ele para pedir-lhe algo? E por que observou Elena friamente, em vez de fazê-lo com fúria, como era lógico esperar?

Veja tudo o que se ignora do conto. Ninguém sabe nada. Mas a atenção do leitor foi pega de surpresa, e isso constitui um ideal na arte de narrar.

Anotei algumas variantes desse truque das orações subordinadas. O começo condicional costuma surtir ótimo efeito:

"Se a tivesse conhecido a tempo, o deputado teria ganhado um cumprimento e a reeleição. Mas perdeu ambas as coisas".

À semelhança do exemplo anterior, nada sabemos desses personagens apresentados, como se já os conhecêssemos, nem de quem se trata a tão influente dama que o deputado não reconheceu. O truque do interesse está, precisamente, nisso.

"Como acabava de chover, a água ainda escorria pelos vidros. E seguir as gotas com o dedo foi a maior diversão que a recém-casada tivera desde o seu matrimônio".

Ninguém supõe que a lua de mel possa mostrar-se tão escassa de doçura, a ponto de encontrá-la, por fim, em um vidro em uma tarde de chuva.

É dessas pequenas diabruras que a arte de narrar é constituída. Houve um tempo em que se recorreu com frequência ao diálogo como um procedimento eficacíssimo para começar um conto. Hoje o mistério do diálogo se desvaneceu inteiramente. Talvez duas ou três frases agudas ainda atraiam; mas se passarem de quatro, o leitor desiste em seguida. "Não cansar". Tal é, ao meu modo de ver, a máxima inicial do perfeito contista. O tempo é muito curto nessa vida miserável para perdê-lo de um modo ainda mais miserável.

De acordo com as minhas impressões tomadas aqui e ali, deduzo que o truque mais eficaz (ou eficiente, como se costuma dizer na Escola Normal[1]) se encontre no uso de duas velhas fórmulas abandonadas, mas às quais, durante muito tempo, se entregaram os velhos contistas com toda a sua boa -fé. São elas:

"Era uma linda noite de primavera" e "Era uma vez...".

Que intriga nos anunciam esses inícios? Por serem ingênuas, que evocações mais insípidas não despertam essas duas frases tão simples e calmas? Nada em nosso interior se violenta com elas. Nada prometem, nem nada sugerem ao nosso instinto de adivinhação. Pode-se, entretanto, confiar em seu sucesso... se o resto valer. Depois de meditar muito, não encontrei mais que um inconveniente em ambas as receitas: o de despertar terrivelmente a malícia dos cultores do conto. Essa malícia profissional é a mesma com que se receberia o anúncio de um homem que se dispusesse a revelar a beleza de uma dama vulgarmente coberta: "Cuidado! É belíssima!".

Existe um truque singular, pouco praticado, e, no entanto, cheio de frescura quando é usado de má-fé.

É o truque do lugar-comum. Ninguém ignora o que é um lugar-comum em literatura. "Pálido como a morte" e "Fazer de tudo para conseguir algo" são dois bem característicos.

Chamamos lugar-comum de boa-fé àquele que se incorre, levado inconscientemente, pelo mais puro sentimento artístico; esse purismo artístico que nos leva a louvar em verso o encanto da fenda dos tijolos da plataforma da estação do povoado de Cucullú, e a impressão sofrida por esses mesmos tijolos no dia em que a amante de nosso amigo, a quem somente conhecíamos de vista, por casualidade pisou em cima deles.

É essa a boa-fé. A má-fé se reconhece na falta de correlação entre a frase feita e o sentimento ou circunstância que a inspiram.

[1] A Escola Normal é uma instituição de educação superior voltada à formação de professores. (n.t.)

Ficar pálido como a morte ante o cadáver da amante é um lugar-comum. Deixa de sê-lo quando, ao ver perfeitamente viva a amante de nosso amigo, empalidecemos até a morte.

"Eu insistia em tirar-lhe o lodo dos sapatos. Ela, rindo, se negava. E com uma breve saudação, pulou no trem, enlameada até o tornozelo. Era a primeira vez que eu a via; não me havia seduzido, nem interessado, e nem voltei mais a vê-la. Mas o que ela não sabe é que, naquele momento, eu teria feito de tudo para tirar-lhe o barro dos sapatos".

É natural e próprio de um homem fazer de tudo por um amor, uma vida ou um beijo. Já não é tão comum, entretanto, fazê-lo para ver de perto os sapatos de uma desconhecida. Surpreende a frase fora de seu lugar psicológico habitual; e aqui está a má-fé.

O tempo é breve. Não são poucos os truques que ainda faltam examinar. Acredito sinceramente que se acrescentarmos aos já estudados o truque da contraposição de adjetivos, o da cor local, o truque das ciências técnicas, o do estilista sóbrio, o do folclore, e alguns outros mais que não escapam à malícia dos colegas, todos eles facilitarão, em grande medida, a confecção caseira, rápida e sem falhas dos nossos melhores contos nacionais...

TRUQUES DO PERFEITO CONTISTA

Dias atrás, nestas mesmas páginas, comentávamos alguns truques inocentes aos quais recorre todo contista que se preocupa com o que, de fato, vale em sua profissão. Uma história – mencionamos anteriormente – pode surgir de repente, sem que se tenha recorrido a truque algum para a sua confecção. Já se ouviu falar de alguns casos. Mas como eram estranhos e quantas decepções proporcionaram ao autor!

Por estranho que pareça, o honesto público exige do conto, como de uma mulher belíssima, algo a mais que sua extrema nudez. A arte íntima do conto deve valer-se de suaves formosuras, pequenos encantos muito visíveis, que o contista se preocupa em disseminar aqui e ali em sua história.

Essas ligeiras belezas, ao alcance de todos e por todos usadas, constituem os truques da arte de contar.

Desde a imemorial infância dessa arte, os relatos de cor local – ou regionalistas, como também são bastante conhecidos – constituíram um desiderato em literatura. Os motivos são óbvios: evocar ante os olhos de um cidadão da grande cidade a natureza anônima de qualquer região perdida do mundo, com seus tipos, modalidades e costumes, não é tarefa para qualquer publicitário urbano. O mínimo que um conto regionalista pode exigir de seu criador é um conhecimento razoável do país pintado: ter sido, em uma palavra, um elemento local desse ambiente.

As estatísticas mais rigorosas sobre esse gênero comprovam a afirmação anterior. Não se conhece criador algum de contos campesinos, mineiros, navegantes, vagabundos, que antes não tenham sido, com maior ou menor eficiência, campesinos, mineiros, navegantes e vagabundos profissionais; isto é, elementos fixos de um ambiente que mais tarde utilizaram (exploraram, nós costumamos dizer) em seus relatos de cor local.

"Só é capaz de evocar uma cor local quem, sem consciência de sua posição, tenha sido um dia cor dessa localidade". Essa frase conclui a estatística que mencionamos. Costumamos dizer sem entender muito bem: o ambiente, como a vida, a dor e o amor, precisam ser vividos.

Dito isso, que pobre seria nossa literatura regionalista se, para exercê-la, deveríamos ter sido previamente uma anônima cor local!

Existe, por sorte, um truque salvador. Graças a ele, os relatos regionalistas não nos exigem essa união fatal de elementos nativos, na qual uma paisagem requer a autorização de um tipo, e ambos, por sua vez, precisam de

uma história que os justifiquem. A preocupação com a cor, muito mais do que com a tiragem, tem envelhecido prematuramente a muitos escritores.

O truque salvador consiste no folclore. O dia em que um principiante prevenido chamou seus relatos, sem nenhuma razão específica, de "obra de folclore", criou duas grandes realizações: uma patriótica e outra profissional.

Geralmente, consegue-se um relato de folclore oferecendo ao leitor uma paisagem gratuita e um diálogo em espanhol mal falado. Raramente a paisagem tem a ver com os personagens, e nem estes precisam da paisagem para seus ofícios. Entretanto, é preciso um pouco de natureza; a linguagem dos protagonistas e os ponchos para cobri-los caracterizam, sem maiores elementos que os mencionados, o conto de folclore.

É evidente que nem sempre as coisas ganham essa dimensão. Às vezes, existe somente um personagem: mas então, a paisagem o absorve por completo. Em tais casos, o personagem recorda ou medita em voz alta, a fim de que seu linguajar nativo provoque a desejada e doce impressão de cor local nacional; isto é, de folclore.

Em um tempo já distante, considerou-se imprescindível que o conto de folclore retratasse duas ou três lendas aborígines de cada recanto andino. Hoje, mais habilidosos, compreendemos que uma mula, um termo perverso e uma colcha tingida (para os pintores, esta última já é suficiente) constituem a essência do folclore nacional.

O resto – poderíamos dizer dessa vez com justiça – é literatura.

Várias vezes ouvi meus amigos louvando a importância que os detalhes de um ofício mais ou menos manual adquirem para uma viva impressão de cor local. O conhecimento dos fios das ligações elétricas, por números; os tipos de corda que compõem os cabos da marina, sua procedência e tensão; o título dos galos pelo valor de suas brigas; esses e cada um dos detalhes de técnica que comprovam o domínio do autor sobre o ambiente constituem truques de exemplar eficácia.

"Juan buscou por todas as partes os pernos (parafusos, costuma-se dizer) que deveriam sustentar seu volante. Como não os encontrou, improvisou dez pregos de oito polegadas e os fixou sobre o próprio suporte, ficando satisfeito com sua obra".

Não é comum guardar de memória o comprimento e a grossura de um prego de oito polegadas. O autor se lembra, indubitavelmente. E sabe, além disso, que um prego de tal extensão ultrapassa o suporte em questão – sem, no entanto, nos ter dito quais as dimensões desse suporte. Mas o seu explícito esquecimento, a nossa confusão e a satisfação do personagem com a sua

obra são pequenos truques determinantes para que visualizemos um relato vivo.

A esse gênero de detalhes pertencem os termos específicos de uma técnica sempre de grande efeito: "O motor *golpeava*", "*Teve* uma bronquite".

Observei com surpresa que alguns contistas de folclore gostam de explicar com notas de rodapé, ou no próprio texto, o significado das expressões de ambiente. Isso é um erro. A impressão do ambiente não é alcançada sem um grande atrevimento, que nos faz considerar os termos e detalhes da vida do país perfeitamente conhecidos. Toda nota explicativa em um relato regionalista é uma covardia. O contista que não se atreve a perturbar seu leitor com voltas ininteligíveis deve trocar de ofício.

"Toda história de cor local deve dar a impressão de ser contada exclusivamente para as pessoas desse ambiente". Terceiro aforismo da estatística.

Entre os pequenos truques disseminados em um relato, seja qual for seu gênero, há alguns que, pela sutileza com que estão disfarçados, merecem especial atenção.

Por exemplo, não é o mesmo dizer: "Uma mulher magra, de olhar fixo e que lembrava vagamente um ataúde", que: "Uma mulher que lembrava vagamente um ataúde, muito magra e de olhar fixo".

Em literatura, a ordem dos fatores altera profundamente os produtos.

A partir de minhas leituras, percebo que são nessas ligeiras inversões, de aparência frívola, que reside o dom de pintar tipos. Um amigo, certa vez, fumou um cigarro inteiro antes de encontrar a ordem correspondente dos adjetivos. A um famosíssimo contista francês foi-lhe necessário não um cigarro, mas sim, três xícaras de café para criar a seguinte frase:

"Estendeu as mãos para frente, retrocedendo..." A outra versão era, naturalmente: "Retrocedeu, estendendo as mãos para frente".

Essas pequenas torturas da arte permanecem, também naturalmente, nos rascunhos dos estilos mais fluídos e transparentes.

Os contos denominados "fortes" podem surgir com facilidade se habilmente se sugere ao leitor, enquanto ele se aflige com as desventuras do protagonista, a impressão de que este se sairá bem no final. É um trabalho delicado, mas que pode ser realizado com sucesso. O truque, obviamente, consiste em matar o personagem apesar de tudo.

Esse poderia ser chamado de o truque "da piedade", já que ela está ausente nos contistas que o usam.

Pela observação de alguns casos, comuns em toda a literatura, é possível deduzir que nem todos os contistas têm as faculdades correspondentes à sua vocação. Alguns não têm a visão do conjunto; outros veem com dificuldade

o cenário teatral de seus personagens; outros veem perfeitamente esse cenário, só que vazios; outros, enfim, gozam do privilégio de apanhar uma impressão vaga, borboleteando, poderíamos dizer, como um pássaro ainda filhote que quisesse voar dentro de uma jaula que não existe.

Nesse último caso, o contista escreve um poema em prosa.

A arte de agradar aos homens, a arte daqueles a quem se denomina geralmente "escritores para homens", se atinge por meio de uma boa estrutura e de uma má escrita do idioma. Ouvi dizer que em outros países isso não é indispensável. Entre nós, além do recurso de exagerar ao contrário o conhecimento da língua, não conheço outro método eficaz.

Sobre a arte de agradar às mulheres, a arte daqueles a quem se denomina geralmente "escritor para damas", não pudemos nos informar com a devida atenção. Parece ser um dom de particularíssima sensibilidade que escapa à maioria dos escritores.

DECÁLOGO DO PERFEITO CONTISTA

I

Acredite em um mestre – Poe, Maupassant, Kipling, Tchekov – como se fosse Deus[2].

II

Considere que sua arte é um cume inacessível. Não sonhe em dominá-lo. Ao fazê-lo, terá conseguido sem mesmo perceber.

III

Resista o quanto puder à imitação, mas imite se a influência for muito forte. Mais do que qualquer outra coisa, a formação de uma personalidade é um jogo de paciência.

IV

Tenha fé cega não em sua capacidade para triunfar, mas sim, no ardor com que deseja alcançar o triunfo. Ame a sua arte como à sua namorada, dando-lhe todo o seu coração.

V

Não comece a escrever sem saber desde a primeira palavra para onde ir. Em um conto bem-sucedido, as três primeiras linhas têm quase a mesma importância que as três últimas[3].

---

[2] Muitos teriam que ser acrescentados se aceitarmos, e não há por que não fazê-lo, sua sinceridade epistolar. Mas, acima de quase todos, Dostoiévski, a quem admirou e releu durante trinta anos, como documentamos em "Nota preliminar" a *Los Perseguidos* [Horacio Quiroga, 1905]. (n.e.)

[3] "Para começar é necessário, em noventa e nove por cento dos casos, saber aonde ir", havia escrito dois anos atrás no "Manual do perfeito contista".

Antes, Poe havia dito quase do mesmo modo: "Em um conto propriamente dito – onde não há espaço para acrescentar caracteres ou para uma grande profusão e variedade de incidentes – a mera *construção* exige, necessariamente, muito mais que o romance. Neste, uma intriga mal elaborada talvez passe despercebida, mas jamais passará em um conto. A maioria de nossos contistas, entretanto, negligencia essa distinção. Parecem começar seus relatos sem saber como vão terminar; e, em geral, seus finais (...) parecem ter esquecido seus começos" (em: "Marginalia", fragmento XVII. *Ensayos y críticas*, Edgar Allan Poe, Madrid: Alianza ed., 1973, p. 256. A tradução pertence a Júlio Cortázar, quem, por sua vez, tem uma interessante glosa-crítica ao "Decálogo" quiroguiano). (n.e.)

VI

Se quiser expressar com exatidão esta circunstância: "desde o rio soprava um vento frio", não há, na língua humana, mais palavras para expressá-la que as mencionadas. Uma vez dono de suas palavras, não se preocupe em observar se são consonantes ou assonantes entre si.

VII

Não adjetive sem necessidade. Inúteis serão as várias camadas de cor que agregar a um substantivo débil. Se achar o adjetivo que é preciso, ele próprio terá uma cor incomparável. Mas é necessário encontrá-lo.

VIII

Pegue seus personagens pela mão e leve-os firmemente até o final, sem ver outra coisa que o caminho que lhes foi traçado. Não se distraia vendo o que eles não podem ou não se importam ver. Não abuse do leitor. O conto é um romance depurado de resíduos. Tome isso como verdade absoluta, mesmo que não seja.

IX

Não escreva sob o império da emoção. Deixe-a morrer, e a evoque em seguida. Se for capaz de revivê-la tal como era, estará na metade do caminho da arte.

X

Não pense em seus amigos na hora de escrever, e nem na impressão que causará sua história. Narre como se o seu relato somente tivesse interesse para o pequeno ambiente de seus personagens, do qual você poderia ter sido parte. Não há outro modo de se obter *vida* em um conto.

A RETÓRICA DO CONTO

Nestas mesmas colunas, solicitado certa vez por alguns amigos de infância que desejavam escrever contos sem as dificuldades que costumam ser inerentes à sua composição, expus algumas regras e *truques* que, por terem me servido satisfatoriamente em mais de uma ocasião, pensei que poderiam ser de grande ajuda àqueles amigos de infância.

Estimulado pelo silêncio – em literatura o silêncio é sempre estimulante – em que havia caído minha elementar metodologia do ofício, completei-a com uma nova série de *truques* eficazes e seguros, convencido de que, pelo menos, um dos infinitos aspirantes à arte de escrever deveria estar gestando, às escondidas, um conto revelador.

O tempo passou. Não sei, entretanto, se minhas normas literárias tiveram alguma utilidade prática. Uma e outra série de *truques* anotados com mais humor que solenidade levaram o título comum de *Manual do perfeito contista.*

Hoje me solicitam outra vez, mas dessa vez com muito mais seriedade que bom humor. Primeiramente, me pedem uma declaração firme e explícita sobre o conto. Em seguida, uma fórmula eficaz para evitar, precisamente, escrevê-los em uma forma já desatualizada, a qual, com tão pobre êxito, absorveu nossas velhas horas.

Como se nota, enquanto minha posição ao divulgar os truques do perfeito contista era desenfadada e segura, atualmente minha situação é de instabilidade. Era um erro o quanto eu sabia do conto. Meu conhecimento indubitável do ofício, minhas pequenas armadilhas mais ou menos claras, somente serviram para me colocar de pé, nu e tremendo de frio, feito um bicho, ante a façanha de uma nova retórica do conto que deve nos amamentar.

"Uma nova retórica...". Não sou o primeiro a chamar assim aos mais novos cânones. Não está em jogo com eles nossa velha estética, mas uma nova nomenclatura. Para nos orientar em sua descoberta, nada mais útil que recordar o que a literatura de ontem, a de dez séculos atrás e a dos primeiros balbucios de civilização, entenderam por conto.

O conto literário, nos disse aquela, é constituído pelos mesmos elementos sucintos que o conto oral, e é, como este, o relato de uma história

bastante interessante e suficientemente breve para absorver toda nossa atenção.

Mas não é indispensável, nos adverte a retórica, que o tema a contar constitua uma história com começo, meio e fim. Uma cena inacabada, um incidente, uma simples situação sentimental, moral ou espiritual, têm elementos de sobra para realizar um conto.

Talvez em certas épocas, a história total – o que poderíamos chamar de enredo – foi inerente ao conto. "Enredo pobre!" – dizia-se. "Conto pobre!". Mais tarde, com a história breve, enérgica e afiada de um simples estado de ânimo, os grandes mestres do gênero criaram relatos imortais.

Na extensão sem limites do tema e do procedimento do conto, duas qualidades foram sempre exigidas: do autor, o poder de transmitir vivamente e sem demora suas impressões; e da obra, a desenvoltura, a energia e a brevidade do relato.

Tão específicas são essas duas qualidades, que desde as mais remotas idades do homem, e através das mais profundas convulsões literárias, o conceito de conto não mudou. Quando os outros gêneros sofriam de acordo com as modas do momento, o conto permaneceu firme em sua essência integral. E enquanto a língua humana for o nosso veículo preferido de expressão, o homem contará sempre, por ser o conto a forma natural, normal, e insubstituível de contar.

Estendido ao romance, o relato pode sofrer em sua estrutura. Limitado em sua enérgica brevidade, o conto é e não pode ser outra coisa senão aquilo que todos, cultos e ignorantes, entendemos como tal.

Os contos chineses e persas, os greco-latinos, os árabes de *Mil e uma noites*, os do Renascimento italiano, os de Perrault, de Hoffmann, de Poe, de Mérimée, de Bret Harte, de Verga, de Tchekov, de Maupassant, de Kipling, todos eles são uma mesma e única coisa em sua realização. Podem diferenciar-se um dos outros como o sol e a lua. Mas o conceito, a coragem para contar, a intensidade, a brevidade, são os mesmos em todos os contistas de todas as idades.

Todos eles têm, em máximo grau, a característica de entrar vivamente na matéria. Nada mais impossível que aplicar-lhes as palavras: "Direto ao ponto, direto ao ponto...", com as quais se atormentam a um mal contador verbal. O contista que "não diz algo", que nos faz perder tempo, que o perde ele mesmo em divagações supérfluas, é bom que procure em outro lugar sua vocação. Esse homem não nasceu contista.

Mas, e se essas divagações, digressões e ornamentos sutis têm em si mesmos elementos de grande beleza? E se eles sozinhos, mais que o conto sufocado, realizam uma extraordinária obra de arte?

Felicitações, responde a retórica. Mas não constituem um conto. Essas divagações admiráveis podem brilhar em um artigo, em uma fantasia, em um quadro, em um ensaio, e com certeza em um romance. Em um conto elas não têm espaço, e muito menos podem por si próprias constituir um conto.

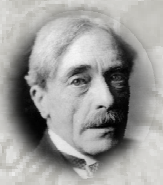
Enquanto não se criar uma nova retórica, conclui a velha dama, com novas formas de poesia épica, o conto é e será o que todos, grandes e pequenos, jovens e velhos, mortos e vivos, temos compreendido como tal. Pode ser que o futuro gênero novo seja superior, devido a seus caracteres e seus cultores, ao velho e sólido anseio de contar que impulsiona o ser humano. Mas busquemos outro nome.

Tal é a questão. Fica assim esvaziada, por boca da tradição retórica, a consulta que me fizeram.

Quanto a mim, à minha desvantajosa mania de entender o relato, acredito sinceramente que já é tarde para perdê-la. Mas farei o que estiver ao meu alcance para não a piorar.

A MÚSICA DE NOVO E DE NOVO!

PAUL VALÉRY
STÉPHANE MALLARMÉ



O TEXTO: Publicado em 1946, pela Éditions du Tambourinaire, de Paris, com tiragem de 2000 exemplares, o volume intitulado *De la musique encore e toujours !*, em alusão a um verso de Paul Verlaine, tirou do ineditismo textos de Paul Claudel, Jean Cocteau, Paul Éluard e Stéphane Mallarmé, além de ter sido prefaciado por Paul Valéry. Nesta breve seleção, reproduzimos o prefácio *Conquête de l'ubiquité*, de Valéry, datado originalmente de 1928, e *Reynaldo Hahn*, de Mallarmé, que estampa a data de 1895.

Texto traduzido: Claudel, Paul; Cocteau, Jean; Eluard, Paul; Mallarme, Stéphane. *De la musique encore et toujours !* Préface de Paul Valéry. Paris: Éditions du Tambourinaire, 1946.

OS AUTORES: Paul Valéry (1871-1945), escritor e poeta francês da escola simbolista, dedicou parte de sua obra à arte musical ou à musicalidade da poesia, cujos escritos abrangiam também temas como a matemática e a filosofia. Stéphane Mallarmé (1842-1898), poeta francês, exerceu grande influência entre os simbolistas franceses e artistas da escola impressionista. Sua poesia e prosa se caracterizam pela musicalidade, nutridas pela arte musical e pela experimentação gramatical.

OS TRADUTORES: Carolina Cerqueira Lima Dittrich é bacharel em Letras e Literatura Francesa, mestre e doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Para a (n.t.) traduziu Michel Foucault.

Contato: calorinadittrich@gmail.com

Tiago Hermano Breunig é bacharel e licenciado em Letras, mestre e doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, é professor colaborador do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Contato: thbreunig@gmail.com

DE LA MUSIQUE ENCORE E TOUJOURS !

"La Musique, entre tous les arts, est le plus près d'être transposé dans le mode moderne."

VALÉRY et MALLARMÉ

CONQUÊTE DE L'UBIQUITÉ

Paul Valéry

Nos Beaux-Arts ont été institués, et leurs types comme leur usage fixés, dans un temps bien distinct du nôtre, par des hommes dont le pouvoir d'action sur les choses était insignifiant auprès de celui que nous possédons. Mais l'étonnant accroissement de nos moyens, la souplesse et la précision qu'ils atteignent, les idées et les habitudes qu'ils introduisent nous assurent des changements prochains et très profonds dans l'antique industrie du Beau. Il y a dans tous les arts une partie physique qui ne peut être regardée ni traitée comme naguère, qui ne peut pas être soustraite aux entreprises de la connaissance et de la puissance modernes. Ni la matière, ni l'espace, ni le temps ne sont depuis vingt ans ce qu'ils étaient depuis toujours. Il faut s'attendre que de si grandes nouveautés transforment toute la technique des arts, agissent par là sur l'invention ele-même, aillent peut-être jusqu'à modifier merveilleusement la notion même de l'art.

Sans doute, ce ne seront d'abord que la reproduction et la transmission des oeuvres qui se verront affectées. On saura transporter ou reconstituer en tout lieu le système de sensations, ou, plus exactement, le systeme d'excitations, que dispense en un lieu quelconque un objet ou un événement quelconque. Les oeuvres acquerront une sorte d'ubiquité. Leur présence immédiate ou leur restitution à toute époque obéiront à notre appel. Elles ne seront plus seulement *quelque part*, mais toutes où quelqu'un sera, et quelque

appareil. Elles ne seront plus que des sortes de sources ou des origines; et leurs bienfaits se trouveront ou se retrouveront entiers où l'on voudra. Comme l'eau, comme le gaz, comme le courant électrique viennent de loin dans nos demeures répondre à nos besoins moyennant un effort quasi nul, ainsi serons-nous alimentés d'images visuelles ou auditives, naissant et s'évanouissant au moindre geste, presque à un signe. Comme nous sommes accoutumés (si ce n'est asservis) à recevoir chez nous l'energie sous diverses espèces, ainsi trouverons-nous fort simple d'y obtenir ou d'y recevoir ses variations ou oscillations très rapides, dont les organes de nos sens qui les cueillent et qui les intègrent composent tout ce qui existe. Je ne sais si jamais philosophe eût rêvé d'une "Société pour la distribution de Réalité Sensible à domicile".

La Musique, entre tous les arts, est le plus près d'être transposé dans le mode moderne. Sa nature et la place qu'elle tient dans le monde la désignent pour être modifiée la première dans ses formules de distribution, de reproduction, et même de production. Elle est de tous les arts le plus demandé, le plus mêlé à l'existence sociale, le plus proche de la vie dont elle anime, accompagne ou imite le fonctionnement organique. Qu'il s'agisse de la marche ou de la parole, de l'attente ou de l'action, du régime ou des surprises de notre durée, elle sait en ravir, en combiner, en transfigurer les allures et les valeurs sensible. Elle nous tisse un temps de fausse vie en effleurant les touches de la vraie. On s'accoutume à elle, on s'y adonne aussi déliciesement qu'aux substances "justes, puissantes et subtiles" qui vantait Thomas de Quincey. Comme elle s'en prend directement à la mécanique affective, dont elle joue et qu'elle manoeuvre à son gré, elle est universelle par essence; elle charme, elle fait danser sur toute la terre; telle que la Science, elle devient besoin et denrée internationaux. Cette circonstance, jointe aux recentes progrès dans les moyens de transmission, suggérait deux problèmes techniques:

1º Faire entendre en tout point du globe, dans l'instant même, une oeuvre musicale exécutée n'importe oú.

2º En tout point du globe, et à tout moment, restituer à volonté une oeuvre musicale.

Ces problèmes sont résolus. Les solutions se font chaque jour plus parfaites.

Nous sommes encore assez loin d'avoir apprivoisé à ce degré les phénomènes visibles. La couleur et le relief sont encore assez rebelles. Un soleil qui se couche sur le Pacifique, un Titien qui est à Madrid ne viennent pas

encore se peindre sur le mur de notre chambre, aussi fortement et trompeusement que nous y recevons une symphonie. Cela se fera. Peut-être fera-t-on mieux encore, et saura-t-on nous faire voir quelque chose de ce qui est au fond de la mer.

Mais quant à l'univers de l'ouïe, les sons, les bruits, les voix, les timbres nous appartiennent désormais. Nous les évoquons quand et où il nous plaît. Naguère, nous ne pouvions jouir de la musique à notre heure même et selon notre humeur. Notre jouissance devait s'accommoder d'une occasion, d'un lieu, d'un date et d'un programme. Que de coïncidences fallait-il !... C'en est fait à présent d'une servitude si contraire au plaisir, et par là si contraire à la plus exquise intelligence des oeuvres. Pouvoir choisir le moment d'une jouissance, la pouvoir goûter quand elle est seulement désirable par l'esprit, mais exigée, et comme déjà ébauchée par l'âme et par l'être, c'est offrir les plus grandes chances aux intentions du compositeur, car c'est permettre à ses créatures de revivre dans un milieu vivant assez peu différent de celui de leur création. Le travail de l'artiste musicien, auteur ou virtuose, trouve dans la musique enregistrée la condition essentielle de rendement esthétique le plus haut : la conjoncture de l'offre et de la demande, du désir et de la possession.

Il me souvient ici d'une féerie que j'ai vue enfant dans un théâtre étranger, ou que je crois d'avoir vue. Dans le palais de l'Enchanteur, les meubles parlaient, chantaient, prenaient à l'action une part poétique et narquoise. Une porte qui s'ouvrait sonnait une grêle ou pompeuse fanfare. On ne s'asseyait sur un pouf, que le pouf accablé ne gémit quelque politesse. Chaque chose effleurée exhalait une melodie.

J'espère bien que nous n'allons point à cet excès de sonore magie. Déjà, l'on ne peut manger ni boire dans un café sans être troublés de concerts. Mais il sera merveilleusement doux de pouvoir changer à son gré une heure vide, une éternelle soirée, un dimanche infini en prestiges, en tendresses, en mouvements spirituels. Il est de maussades journées; il est des personnes fort seules, et il n'en manque point que l'âge ou l'infirmité enferment avec elles-mêmes qu'elles ne connaissent que bien trop. Ces vaines et tristes durées, et ces êtres voués aux bâillements et aux mornes pensées, les voici maintenant en possession d'orner ou de passionner leur vacance.

Tels sont les premiers fruits que nous propose l'intimité nouvelle de la Musique avec la Physique, dont l'alliance immémoriale nous avait déjà tant donné. On en verra bien d'autres.

REYNALDO HAHN

Avant-dire de Stéphane Mallarmé[1]

J'annonce que vous n'allez pas, Mesdames et Messieurs, ouïr de la musique exclusivement ; pourtant, une très sûre musique. Le jeune compositeur l'estime sa façon de ressentir : à savoir que vibre, sur l'instrument d'accord au dedans, quelque émotion pareille aux objets, laquelle prélevée à part et essentiellement, dans leurs traits lumineux, en passion, en grâce, s'exhale par bouffée pure – comme si ces objets brûlaient, d'eux-mêmes, sur un trépied, vers la beauté.

Reynaldo Hahn met en musique, d'après un don, intuitivement, ce qu'il regarde : vous l'imagineriez observant, en connaisseur, des tableaux, tout à l'heure ceux du Louvre suspendus avec séculaire autorité tacitement dans les mémoires, or la peinture restitue à ce voyant l'intuition de lignes, d'éclairage et de coloration ou le morceau d'orchestre que, d'abord, elle est. Un goût, flagrant chez lui, de s'en prendre, mieux qu'à l'immédiate nature, aux oeuvres attestant une préparation d'art, toiles, pourquoi pas statues, étonne : mais, outre qu'il tire le poème inclus en tout, le voici affronter, quelle audace, les poèmes existant dans le sens strict ou littéraires et, précisément, y triompher ; rien de plus, il perçoit le chant, sacré, inscrit aux strophes, il l'espace et le designe, répandu par l'éternelle blessure glorieuse qu'a la poésie, ou mystère, de se trouver exprimée, déjà, même si près du silence – oui, il en presse les authentiques lèvres pour un jaillissement nouveau. Ces cris discrètement, ces pamoisons, ou l'âme tout haut, divulguent votre extase de lire, attendu que le vers résume toute émanation flottant alentour.

Apportez, je prie, la candeur même, la même ferveur qui inspirent à l'auteur un genre de rêverie, où il se plaît, différent des concerts – ce n'est pas que, derrière le rideau sise entre les confidences, j'en abuse ou, explicative, tente de frapper les trois coups, avec le bâton, sur les têtes de l'assemblée, la compréhension se fera seule, clairvoyante, au cours de l'auditoire : plutôt, un poète, M. Stéphane Mallarmé me souffla, gratuitement, ces préliminaires, pensa-t-il, pour bannir selon d'inutiles mots ou,

[1] Cet Avant-dire, inédit jusqu'ici, a été lu par Mademoiselle Marguerite Moreno, au théâtre de la Bodinière, vers 1895, à l'occasion d'une présentation de l'œuvre de Reynaldo Hahn.

par un rythme de frase propre à la voix effacer, comme d'un pli de robe, ce qui, dans une salle et partout, reste de discours vain – avant que n'écoute le Public.

A MÚSICA DE NOVO E DE NOVO!

"A música, entre todas as artes, é a mais propícia
para ser transposta ao modo moderno."

VALÉRY e MALLARMÉ

A CONQUISTA DA UBIQUIDADE

Paul Valéry

Nossas Belas Artes foram instituídas, e seus tipos, assim como seu uso, fixados, em um tempo bem distinto do nosso, por homens cujo poder de ação sobre as coisas era insignificante em relação ao nosso. Mas o surpreendente aumento de nossos meios, a flexibilidade e a precisão que atingem, as ideias e os hábitos que introduzem nos confirmam transformações iminentes e muito profundas na antiga atividade das Belas Artes. Todas as artes comportam uma parte física que não pode ser vista e nem ser tratada como antes, que não pode ser salva das empreitadas do conhecimento e do poder modernos. Nem a matéria, nem o espaço, nem o tempo já não são, desde os últimos vinte anos, o que foram. É de se esperar que tamanhas novidades transformem toda a técnica das artes, atuando, assim, sobre a própria invenção, vindo talvez a modificar maravilhosamente a própria noção de arte.

Sem dúvida, não serão afetadas primeiramente senão a reprodução e a transmissão das obras. Saberemos transpor ou reconstituir em qualquer lugar o sistema de sensações, ou, mais exatamente, o sistema de excitações, que dispensa em um lugar qualquer um objeto ou um acontecimento qualquer. As obras adquirirão uma sorte de ubiquidade. Sua presença imediata, ou sua restituição a qualquer momento, obedecerão a nosso chamado. Elas não estarão mais apenas em *algum lugar*, mas em todos onde alguma pessoa

estiver, ou algum aparelho. Elas não serão apenas mais uma sorte de fontes ou de origens; e seus benefícios se encontrarão ou se reencontrarão inteiros onde quisermos. Como a água, como o gás, como a eletricidade vindos de longe a nossas casas para responder a nossas necessidades mediante um esforço quase nulo, assim seremos alimentados por imagens visuais ou auditivas, nascendo e morrendo ao menor gesto, quase um sinal. Como estamos acostumados (se não submetidos) a receber em casa energia sob diversas formas, acharemos muito simples obter ou receber assim suas variações ou oscilações tão velozes, que os órgãos de nossos sentidos, que as capturam e as integram, constituem tudo o que existe. Não sei se um filósofo sonhou um dia com uma "Sociedade para a distribuição de Realidade Sensível a domicílio".

A música, entre todas as artes, é a mais propícia para ser transposta ao modo moderno. Sua natureza e o lugar que ocupa no mundo a designam para ser modificada primeiramente em seus modos de distribuição, de reprodução, e mesmo de produção. Ela é, entre todas as artes, a mais requisitada, a mais mesclada com a existência social e a mais próxima da vida cujo funcionamento orgânico anima, acompanha ou imita. Quer se trate da caminhada ou da fala, da espera ou da ação, do regime ou das surpresas de nossa duração, a música sabe encantar, combinar e transfigurar as formas e os valores sensíveis. Ela nos tece um tempo de vida falsa tocando as teclas da verdade. Acostumamo-nos a ela, entregamo-nos tão deliciosamente como às substâncias "precisas, poderosas e sutis" que ostentava Thomas de Quincey. Como se relaciona diretamente com a mecânica afetiva, que ela toca e manipula livremente, ela é essencialmente universal; ela encanta, ela faz dançar sobre toda a terra; assim como a ciência, ela se tornou necessidade e mercadoria internacional. Essa condição, unida aos recentes progressos nos meios de transmissão, sugere dois problemas técnicos:

I. Fazer ouvir em qualquer ponto do globo, no mesmo instante, uma obra musical executada em qualquer lugar.

II. Em qualquer ponto do globo, e a qualquer momento, restituir à vontade uma obra musical.

Esses problemas estão resolvidos. As soluções se fazem cada dia mais perfeitas.

Estamos ainda muito longe de ter domado até este ponto os fenômenos visíveis. A cor e o relevo ainda são suficientemente rebeldes. Um sol que se põe sobre o Pacífico, um Ticiano exposto em Madri, não se pintam ainda nas paredes de nosso quarto, tão fortemente e enganosamente quanto perce-

bemos uma sinfonia. Isso se fará. Talvez se fará melhor ainda e conseguiremos ver algo que esteja no fundo do mar.

Mas quanto ao universo do ouvido, os sons, os barulhos, as vozes, os timbres agora nos pertencem. Evocamo-los quando e onde quisermos. Antigamente, não podíamos gozar da música no momento apropriado e de acordo com nosso humor. Nosso gozo deveria se acomodar a uma ocasião, a um lugar, a uma data e a um programa. Quantas coincidências eram necessárias!... O que implica uma escravidão tão contrária ao prazer e, por isso, tão contrária à mais requintada inteligência das obras. Poder escolher o momento de um gozo, poder desfrutá-lo quando ele é desejável não só ao espírito, mas exigido e já esboçado pela alma e pelo ser, é oferecer as melhores chances às intenções do compositor, pois permite às suas criações reviverem em um outro contexto vivo, diferente daquele de sua criação. O trabalho do músico, compositor ou virtuose, encontra na música gravada a condição essencial do mais alto rendimento estético.

Lembro-me de um conto de fadas a que assisti quando criança em um teatro estranho. Ou que eu creio ter visto. No palácio do Feiticeiro, os móveis falavam, cantavam, participavam da ação tanto poética quanto maliciosa. Uma porta que abria soava uma fina ou pomposa fanfarra. Nem bem sentávamos no sofá, e o sofá cansado gemia alguma desculpa. Cada coisa levemente tocada exalava uma melodia.

Eu realmente espero que não estejamos nos encaminhando a esse excesso de sonora magia. Já não podemos mais comer nem beber em um café sem sermos perturbados por concertos. Mas seria maravilhosamente doce podermos transformar ao próprio gosto uma hora vazia, uma noite eterna ou um domingo infinito em prestígios, em ternuras, em movimentos espirituais. São dias sombrios; pessoas muito sozinhas, a quem nada falta senão a idade ou a enfermidade que as confina à companhia de si mesmas, a qual conhecem bem. Esses vãos e tristes momentos e esses seres condenados a bocejos e a pensamentos sombrios, ei-los aqui podendo agora adornar ou adorar sua vacação.

Esses são os primeiros frutos que nos oferece a nova intimidade entre a Música e a Física, cujo enlace imemorial tanto nos forneceu antes. Veremos ainda muitos mais.

REYNALDO HAHN

Prólogo de Stéphane Mallarmé[1]

Eu anuncio que não ireis, senhoras e senhores, ouvir música exclusivamente; mas uma música extremamente segura. O jovem compositor estima sua maneira de experienciar: no sentido de que vibra, sobre o instrumento de acordo com o interior, alguma emoção semelhante aos objetos, a qual tomada separadamente e essencialmente, em seus traços luminosos, na paixão, na graça, exala-se pela baforada pura – como se esses objetos queimassem, eles mesmos, sobre um tripé, para a beleza.

Reynaldo Hahn conduz na música, a partir de um dom, intuitivamente, aquilo que ele vê: podeis imaginá-lo observando, a qualquer momento, enquanto conhecedor, quadros, aqueles do Louvre suspensos com sua secular autoridade tacitamente nas memórias, logo a pintura restitui ao vidente a intuição das linhas, da iluminação e da coloração ou a peça orquestral que ela é primordialmente. Um gosto, flagrante de si, para atacar, melhor do que a natureza imediata, as obras que atestam uma preparação da arte, telas e, por que não, estátuas, surpreende: pois, antes que desenhar o poema em tudo incluso, eis aqui a confrontar, quanta audácia, os poemas existindo no sentido estrito ou literário e, precisamente, ali triunfar; nada mais, ele percebe o canto, sagrado, inscrito nas estrofes; ele o prolonga e nomeia, transbordado pela eterna ferida gloriosa que a poesia conserva, ou o mistério, de se encontrar expressa, já, mesmo tão próxima do silêncio – sim, ele pressiona os autênticos lábios para um novo jorro. Esses gritos discretamente, esses esvaecimentos, ou a alma em voz alta, divulgam vosso êxtase em ler, considerando que o verso resuma toda emanação flutuando ao redor.

Levai convosco, eu suplico, a mesma candura, o mesmo fervor que inspira o autor a um gênero de devaneio, em que se deleita, diferentemente dos concertos – não é que, por trás das cortinas situadas entre as confidências, eu abuso ou, explicativo, tento deflagrar os três golpes, com a batuta, sobre as cabeças da plateia, a compreensão se fará sozinha, clarividente, em pleno auditório: antes de tudo, um poeta, o senhor Stéphane Mallarmé me soprou, gratuitamente, essas preliminares, pensou, para banir segundo palavras inú-

[1] Este prólogo, inédito até então, foi lido pela senhorita Marguerite Moreno, no teatro de Bodinière, em 1895, durante uma apresentação da obra de Reynaldo Hahn. (n.a.)

teis ou, por um ritmo de frase própria à voz apagar, como a prega de um vestido, aquilo que, seja em uma sala ou por toda parte, resta de discurso vazio – antes que escute o Público.

PREFÁCIO DO TRADUTOR

À PRIMEIRA EDIÇÃO INGLESA D'*OS ANOS DE APRENDIZADO DE WILHELM MEISTER*

THOMAS CARLYLE

O TEXTO: O prefácio de Thomas Carlyle à sua tradução de *Wilhelm Meister*, de Goethe, foi publicado originalmente em 1824. É uma breve e ácida crítica ao que percebia como uma recepção errônea pelo público inglês ao romance de Goethe, atribuindo isso à estreiteza cultural e ao, então prevalecente, mau gosto literário por sensacionalismo e melodrama. Carlyle busca apresentar Goethe sob uma nova luz e, pela provocação e pelo desafio, despertar o interesse do leitor mal-acostumado por essa obra de maturidade artística.

Texto traduzido: Carlyle, T. "Translator's Preface to First Edition of 'Meister's Apprenticeship". In: *The Works of Thomas Carlyle*, Vol. XXIII. New York: Charles Scribner's Sons, 1824..

O AUTOR: Thomas Carlyle (1795-1881) foi escritor, historiador e ensaísta escocês. Importante comentarista social e polemista de sua época, preconizava que a história da humanidade era movida por grandes heróis, podendo ser interpretada a partir de suas vidas. Sua *História da Revolução Francesa* (1837) é considerada uma obra-prima pela rigorosa compilação de fontes e a narrativa marcada pelo uso de figuras de linguagem.

O TRADUTOR: Luiz Antônio Gusmão é Analista de Relações Internacionais da Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), lotado no Núcleo de Editoração. Mestre em Ciência Política (IUPERJ) e doutor em Relações Internacionais (IRel/UnB).

TRANSLATOR'S PREFACE

TO THE FIRST EDITION OF *MEISTER'S APPRENTICESHIP*

"To follow the original, in all the variations of its style, has been my constant endeavour."

THOMAS CARLYLE

(Edinburgh, 1824)

Whether it be that the quantity of genius among ourselves and the French, and the number of works more lasting than brass produced by it, have of late been so considerable as to make us independent of additional supplies; or that, in our ancient aristocracy of intellect, we disdain to be assisted by the Germans, whom, by a species of second-sight, we have discovered, before knowing anything about them, to be a tumid, dreaming, extravagant, insane race of mortals; certain it is, that hitherto our literary intercourse with that nation has been very slight and precarious. After a brief period of not too judicious cordiality, the acquaintance on our part was altogether dropped: nor, in the few years since we partially resumed it, have our feelings of affection or esteem been materially increased. Our translators are unfortunate in their selection or execution, or the public is tasteless and absurd in its demands; for, with scarcely more than one or two exceptions, the best works of Germany have lain neglected, or worse than neglected, and the Germans are yet utterly unknown to us. Kotzebue still lives in our minds as the representative of a nation that despises him; Schiller is chiefly known to us by the monstrous production of his boyhood; and Klopstock by a hacked and mangled image of his "Messias," in which a beautiful poem is distorted into a theosophic rhapsody, and the brother of Virgil and Racine ranks little higher than the author of *Meditations among the Tombs*.

But of all these people there is none that has been more unjustly dealt with than Johann Wolfgang von Goethe. For half a century the admiration, we might almost say the idol of his countrymen, to us he is still a stranger. His name, long echoed and reëchoed through reviews and magazines, has become familiar to our ears: but it is a sound and nothing more; it excites no definite idea in almost any mind. To such as know him by the faint and garbled version of his "Werther," Goethe figures as a sort of poetic Heraclitus; some woe-begone hypochondriac, whose eyes are overflowing with perpetual tears, whose long life has been spent in melting into ecstasy at the sight of waterfalls, and clouds, and the moral sublime, or dissolving into hysterical wailings over hapless love-stories and the miseries of human life. They are not aware that Goethe smiles at this performance of his youth; or that the German Werther, with all his faults, is a very different person from his English namesake; that his Sorrows are in the original recorded in a tone of strength and sarcastic emphasis, of which the other offers no vestige, and intermingled with touches of powerful thought, glimpses of a philosophy deep as it is bitter, which our sagacious translator has seen proper wholly to omit. Others again, who have fallen in with Retzsch's "Outlines" and the extracts from "Faust," consider Goethe as a wild mystic, a dealer in demonology and osteology, who draws attention by the aid of skeletons and evil spirits, whose excellence it is to be extravagant, whose chief aim it is to do what no one but himself has tried. The tyro in German may tell us that the charm of "Faust" is altogether unconnected with its preternatural import; that the work delineates the fate of human enthusiasm struggling against doubts and errors from within, against scepticism, contempt and selfishness from without; and that the witchcraft and magic, intended merely as a shadowy frame for so complex and mysterious a picture of the moral world and the human soul, are introduced for the purpose not so much of being trembled at as laughed at. The voice of the tyro is not listened to; our indolence takes part with our ignorance; "Faust" continues to be called a monster; and Goethe is regarded as a man of "some genius," which he has perverted to produce all manner of misfashioned prodigies; things false, abortive, formless, Gorgons and Hydras and Chimæras dire.

Now, it must no doubt be granted, that so long as our invaluable constitution is preserved in its pristine purity, the British nation may exist in a state of comparative prosperity with very inadequate ideas of Goethe: but, at the same time, the present arrangement is an evil in its kind; slight, it is true, and easy to be borne, yet still more easy to be remedied, and which therefore ought to have been remedied ere now. Minds like Goethe's are the common

property of all nations; and, for many reasons, all should have correct impressions of them.

It is partly with the view of doing something to supply this want, that "Wilhelm Meisters Lehrjahre" is now presented to the English public. Written in its Author's forty-fifth year, embracing hints or disquisitions on almost every leading point in life and literature, it affords us a more distinct view of his matured genius, his manner of thought and favourite subjects, than any of his other works. Nor is it Goethe alone whom it portrays; the prevailing taste of Germany is likewise indicated by it. Since the year 1795, when it first appeared at Berlin, numerous editions of "Meister" have been printed: critics of all ranks, and some of them dissenting widely from its doctrines, have loaded it with encomiums; its songs and poems are familiar to every German ear; the people read it, and speak of it, with an admiration approaching in many cases to enthusiasm.

That it will be equally successful in England, I am far indeed from anticipating. Apart from the above considerations, from the curiosity, intelligent or idle, which it may awaken, the number of admiring, or even approving judges it will find can scarcely fail of being very limited. To the great mass of readers, who read to drive away the tedium of mental vacancy, employing the crude phantasmagoria of a modern novel, as their grandfathers employed tobacco and diluted brandy, "Wilhelm Meister" will appear beyond endurance weary, flat, stale and unprofitable. Those, in particular, who take delight in "King Cambyses' vein." and open "Meister" with the thought of "Werther" in their minds, will soon pause in utter dismay, and their paroxysm of dismay will pass by degrees into unspeakable contempt. Of romance interest there is next to none in "Meister"; the characters are samples to judge of, rather than persons to love or hate; the incidents are contrived for other objects than moving or affrighting us; the hero is a milksop, whom, with all his gifts, it takes an effort to avoid despising. The author himself, far from "doing it in a passion," wears a face of the most still indifference throughout the whole affair; often it is even wrinkled by a slight sardonic grin. For the friends of the sublime, then, for those who cannot do without heroical sentiments and "moving accidents by flood and field," there is nothing here that can be of any service.

Nor among readers of a far higher character can it be expected that many will take the praiseworthy pains of Germans, reverential of their favourite author, and anxious to hunt out his most elusive charms. Few among us will disturb themselves about the allegories and typical allusions of the work; will stop to inquire whether it includes a remote emblem of human culture, or

includes no such matter; whether this is a light airy sketch of the development of man in all his endowments and faculties, gradually proceeding from the first rude exhibitions of puppets and mountebanks, through the perfection of poetic and dramatic art, up to the unfolding of the principle of religion, and the greatest of all arts, the art of life, – or is nothing more than a bungled piece of patch-work, presenting in the shape of a novel much that should have been suppressed entirely, or at least given out by way of lecture. Whether the characters do or do not represent distinct classes of men, including various stages of human nature, from the gay material vivacity of Philina to the severe moral grandeur of the Uncle and the splendid accomplishment of Lothario, will to most of us be of small importance: and the everlasting disquisitions about plays and players, and politeness and activity, and art and nature, will weary many a mind that knows not and heeds not whether they are true or false. Yet every man's judgment is, in this free country, a lamp to himself; whoever is displeased will censure; and many, it is to be feared, will insist on judging "Meister" by the common rule, and what is worse, condemning it, let Schlegel bawl as loudly as he pleases. "To judge," says he, "of this book, – new and peculiar as it is, and only to be understood and learned from itself, – by our common notion of the novel, a notion pieced together and produced out of custom and belief, out of accidental and arbitrary requisitions, – is as if a child should grasp at the moon and stars, and insist on packing them into its toy-box." Unhappily, the most of us have boxes; and some of them are very small!

Yet, independently of these its more recondite and dubious qualities, there are beauties in "Meister" which cannot but secure it some degree of favour at the hands of many. The philosophical discussions it contains; its keen glances into life and art; the minute and skilful delineation of men; the lively genuine exhibition of the scenes they move in; the occasional touches of eloquence and tenderness, and even of poetry, the very essence of poetry; the quantity of thought and knowledge embodied in a style so rich in general felicities, of which, at least, the new and sometimes exquisitely happy metaphors have been preserved, – cannot wholly escape an observing reader, even on the most cursory perusal. To those who have formed for themselves a picture of the world, who have drawn out, from the thousand variable circumstances of their being, a philosophy of life, it will be interesting and instructive to see how man and his concerns are represented in the first of European minds: to those who have penetrated to the limits of their own conceptions, and wrestled with thoughts and feelings too high for them, it will be pleasing and profitable to see the horizon of their certainties wi-

dened, or at least separated with a firmer line from the impalpable obscure which surrounds it on every side. Such persons I can fearlessly invite to study "Meister." Across the disfigurement of a translation, they will not fail to discern indubitable traces of the greatest genius in our times. And the longer they study, they are likely to discern them the more distinctly. New charms will successively arise to view; and of the many apparent blemishes, while a few superficial ones may be confirmed, the greater and more important part will vanish, or even change from dark to bright. For, if I mistake not, it is with "Meister" as with every work of real and abiding excellence, the first glance is the least favourable. A picture of Raphael, a Greek statue, a play of Sophocles or Shakspeare, appears insignificant to the unpractised eye; and not till after long and patient and intense examination, do we begin to descry the earnest features of that beauty, which has its foundation in the deepest nature of man, and will continue to be pleasing through all ages.

If this appear excessive praise, as applied in any sense to "Meister," the curious sceptic is desired to read and weigh the whole performance, with all its references, relations, purposes; and to pronounce his verdict after he has clearly seized and appreciated them all. Or if a more faint conviction will suffice, let him turn to the picture of Wilhelm's states of mind in the end of the first Book, and the beginning of the second; the eulogies of commerce and poesy, which follow; the description of Hamlet; the character of histrionic life in Serlo and Aurelia; that of sedate and lofty manhood in the Uncle and Lothario. But above all, let him turn to the history of Mignon. This mysterious child, at first neglected by the reader, gradually forced on his attention, at length overpowers him with an emotion more deep and thrilling than any poet since the days of Shakespeare has succeeded in producing. The daughter of enthusiasm, rapture, passion and despair, she is of the earth, but not earthly. When she glides before us through the light mazes of her fairy dance, or twangs her cithern to the notes of her homesick verses, or whirls her tambourine and hurries round us like an antique Mænad, we could almost fancy her a spirit; so pure is she, so full of fervour, so disengaged from the clay of this world. And when all the fearful particulars of her story are at length laid together, and we behold in connected order the image of her hapless existence, there is, in those dim recollections, those feelings so simple, so impassioned and unspeakable, consuming the closely-shrouded, woe-struck, yet ethereal spirit of the poor creature, something which searches into the inmost recesses of the soul. It is not tears which her fate calls forth; but a feeling far too deep for tears. The very fire of heaven seems miserably quenched among the obstructions of this earth. Her little

heart, so noble and so helpless, perishes before the smallest of its many beauties is unfolded; and all its loves and thoughts and longings do but add another pang to death, and sink to silence utter and eternal. It is as if the gloomy porch of Dis, and his pale kingdoms, were realised and set before us, and we heard the ineffectual wail of infants reverberating from within their prison-walls forever.

Continuò auditæ voces, vagitus et ingens,
Infantumque animæ flentes in limine primo:
Quos dulcis vitæ exsortes, et ab ubere raptos,
Abstulit atra dies, et funere mersit acerbo.

This history of Mignon runs like a thread of gold through the tissue of the narrative, connecting with the heart much that were else addressed only to the head: Philosophy and eloquence might have done the rest; but this is poetry in the highest meaning of the word. It must be for the power of producing such creations and emotions, that Goethe is by many of his countrymen ranked at the side of Homer and Shakespeare, as one of the only three men of genius that have ever lived.

But my business here is not to judge of "Meister" or its Author, it is only to prepare others for judging it; and for this purpose the most that I had room to say is said. All I ask in the name of this illustrious foreigner is, that the court which tries him be pure, and the jury instructed in the cause; that the work be not condemned for wanting what it was not meant to have, and by persons nowise called to pass sentence on it.

Respecting my own humble share in the adventure, it is scarcely necessary to say anything. Fidelity is all the merit I have aimed at: to convey the Author's sentiments, as he himself expressed them; to follow the original, in all the variations of its style, has been my constant endeavour. In many points, both literary and moral, I may have wished devoutly that he had not written as he has done; but to alter anything was not in my commission. The literary and moral persuasions of a man like Goethe are objects of a rational curiosity; and the duty of a translator is simple and distinct. Accordingly, except a few phrases and sentences, not in all amounting to a page, which I have dropped as evidently unfit for the English taste, I have studied to present the work exactly as it stands in German. That my success has been indifferent, I already know too well. In rendering the ideas of Goethe, often so subtle, so capriciously expressive, the meaning was not always easy to seize, or to convey with adequate effect. There were thin

tints of style, shades of ridicule or tenderness or solemnity, resting over large spaces, and so slight as almost to be evanescent: some of these I may have failed to see; to many of them I could do no justice. Nor, even in plainer matters, can I pride myself in having always imitated his colloquial familiarity without falling into sentences bald and rugged, into idioms harsh or foreign; or in having copied the flowing oratory of other passages, without at times exaggerating or defacing the swelling cadences and phrases of my original. But what work, from the translating of a German novel to the writing of an epic, was ever as the workman wished and meant it? This version of "Meister", with whatever faults it may have, I honestly present to my countrymen: if, while it makes any portion of them more familiar with the richest, most gifted of living minds, it increase their knowledge, or even afford them a transient amusement, they will excuse its errors, and I shall be far more than paid for all my labour.

PREFÁCIO DO TRADUTOR

À PRIMEIRA EDIÇÃO INGLESA D'*OS ANOS DE APRENDIZADO DE WILHELM MEISTER*

"Seguir o original, em todas as variações de estilo,
foi esse meu esforço constante."

THOMAS CARLYLE

(Edimburgo, 1824)

Seja porque, ultimamente, a quantidade de gênio dentre nós e os franceses e o número de obras mais duradouras que o bronze por ele produzidas tenham sido tão consideráveis, que isso nos tornou independentes de oferta adicional; seja porque, em nossa antiga aristocracia intelectual, desdenhamos da ajuda dos alemães, os quais, por uma espécie de clarividência, antes de saber qualquer coisa sobre eles, descobrimos serem uma túmida, sonhadora, extravagante e insana raça de mortais; certo é que, até agora, nosso intercâmbio literário tem sido desprezível e precário. Após um breve período de judiciosa cordialidade, nossa avença foi completamente descartada. Nos poucos anos desde que a retomamos parcialmente, nossos sentimentos de estima e afeição não aumentaram substancialmente. Daí que, ou nossos tradutores são infelizes em sua escolha e desempenho, ou o público tem mau gosto e demandas absurdas, pois, com uma ou duas exceções, as melhores obras da Alemanha têm sido negligenciadas, ou pior que isso, enquanto os alemães ainda são completamente desconhecidos por nós. Kotzebue ainda vive em nossas mentes como o representante de uma nação que o despreza; Schiller é conhecido principalmente pela monstruosa produção de sua infância, e Klopstock[1], por uma imagem amputada e desfigurada de seu *Messias*, pela

[1] August von Kotzebue (1761-1819), escritor e dramaturgo; Friedrich Schiller (1759-1805), poeta, filósofo, médico e historiador; Friedrich Gottlieb Klopstock (1724-1803), poeta. (n.t.)

qual um belo poema é distorcido como uma rapsódia teosófica e o irmão de Virgílio e Racine é considerado pouco acima do autor de *Meditations among the Tombs*[2].

Mas de todas essas pessoas, nenhuma tem sido mais injustamente tratada do que Johann Wolfgang von Goethe[3]. Após meio século de admiração, quase poderíamos dizer idolatria, de seus compatriotas, para nós ele ainda é um estranho. Seu nome, há muito ecoado e repercutido em revistas e periódicos, se tornou familiar aos nossos ouvidos, mas é apenas um som e nada mais, não suscita nenhuma ideia definida em quase nenhuma mente. Para quem o conhece pela fraca e ilegível versão de seu *Werther*[4], Goethe figura como uma espécie de Heráclito poético, um hipocondríaco infeliz, cujos olhos estão permanentemente marejados de lágrimas, e que passou sua longa vida a se derreter em êxtase à visão de cachoeiras, nuvens e à sublime moral ou a se dissolver em lamúrias histéricas de infelizes histórias de amor e às misérias da vida humana. Eles não sabem que Goethe se ri dessas obras de sua juventude, nem que o Werther alemão, com todas as falhas, é uma pessoa muito diferente do seu homônimo inglês, que suas paixões são narradas no original com fortes notas de sarcasmo, das quais os outros não possuem vestígio algum, entremeado com toques de pensamento imponente e lampejos de uma filosofia tão profunda como amarga que nosso sapiente tradutor achou por bem omitir completamente. Outros, ainda, que se depararam com esboços de Retzsch[5] e excertos de *Fausto*[6], consideram Goethe um místico selvagem, um mercador de demonologia e osteologia que chama a atenção com o auxílio de esqueletos e espíritos malignos, cujo talento é ser extravagante, cujo objetivo principal é fazer o que ninguém mais exceto ele mesmo tentou. Um aprendiz de alemão pode nos dizer que o encanto de *Fausto* está completamente desconectado de seu sentido sobrenatural; que a obra delineia o destino do entusiasmo humano em luta contra as dúvidas e os enganos interiores, contra o ceticismo, o desdém e o egoísmo exteriores; e que a bruxaria e a magia, consideradas meramente como um quadro sombrio para uma imagem tão complexa e misteriosa do mundo moral e da alma humana, são introduzidas não tanto com a finalidade de serem temidas, mas de serem ridicularizadas. A voz do aprendiz, contudo, não é ouvida, nossa indolência coopera com a nossa ignorância, *Fausto* continua a ser chamado

[2] Obra do escritor inglês James Hervey (1714-1758), de 1746. (n.t.)
[3] Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), poeta, romancista, dramaturgo, estadista e naturalista alemão. (n.t.)
[4] Romance de Goethe, intitulado *Os sofrimentos do jovem Werther* [*Die Leiden des jungen Werthers*, em alemão] e publicado em 1774. Influenciou profundamente o movimento literário romântico. (n.t.)
[5] Moritz Retzsch (1779 -1857), pintor e desenhista alemão. Elaborou uma série de 26 gravuras para ilustrar o *Fausto* de Goethe. (n.t.)
[6] Poema dramático de Goethe, em duas partes: *Faust. Eine Tragödie* (1808) e *Faust. Der Tragödie zweiter Teil* (1832). (n.t.)

de monstro e Goethe é visto como um homem de "algum talento", o qual ele perverteu para produzir todo tipo de prodígios arcaicos, de inautênticas, abortadas e disformes gárgulas, górgones, hidras e horrendas quimeras.

Agora, sem dúvida, pode-se pressupor que, enquanto nossa indispensável constituição for preservada em sua pureza original, a nação britânica poderá existir em um estado de relativa prosperidade com muitas ideias inadequadas sobre Goethe. Mas, ao mesmo tempo, a atual situação é do tipo pernicioso; superficial, é verdade, fácil de lidar e, no entanto, tão mais fácil de sanar que, por isso, deve-se saná-la agora mesmo. Mentes como a de Goethe são propriedade comum de todas as nações e, por várias razões, todas devem ter impressões corretas sobre elas.

Em parte, é no intuito de fazer algo para satisfazer a essa demanda que ora apresentamos *Wilhelm Meisters Lehrjahre* ao público inglês. Escrito no 45º ano de vida do autor, incorporando palpites e disquisições sobre quase todos os pontos principais da vida e da literatura, ele nos proporciona uma visão mais acurada de seu gênio maduro, seu modo de pensar e seus assuntos preferidos que quaisquer outras obras suas. E não é apenas Goethe que ele retrata; o gosto predominante na Alemanha é igualmente mostrado por ele. Desde o ano de 1795, quando veio à luz em Berlim, várias edições do *Meister* foram impressas; críticos de toda a classe, alguns dos quais com doutrinas em amplo desacordo, acumularam-no de encômios; suas canções e poemas se familiarizaram a todos os ouvidos alemães; o público o leu e comentou bastante, com uma admiração que, muitas vezes, beirava o entusiasmo.

Que ele será igualmente bem sucedido na Inglaterra, eu estou bem longe de antecipar. Além das considerações anteriores e apesar da curiosidade, inteligente ou não, que ele possa despertar, o número de admiradores, ou mesmo juízes favoráveis que ele encontrará, dificilmente poderá deixar de ser muito limitado. Para a grande massa de leitores que lê para expulsar o tédio do vazio mental, empregando a fantasmagoria crua do romance moderno, assim como seus avôs usavam tabaco e conhaque, *Wilhelm Meister* parecerá, além de toda a resistência, cansativo, maçante, enfadonho e infrutífero. Aqueles, em particular, que se comprazem com a "veia do rei Cambises"[7], cedo farão uma pausa em profundo desalento e o paroxismo de seu desalento evanescerá gradualmente em um desprezo inexprimível. Nada há de interesse romântico em *Meister*, as personagens são modelos para se julgar, em vez de pessoas para amar ou odiar; os incidentes são criados para objetivos diversos

[7] Passagem de *Henrique IV* (Parte I, Ato II, Cena 4). Cambises era filho de Ciro, o Grande, rei da Pérsia (559-530 a.C.), e invadiu o Egito em 525 a.C. (n.t.)

de nos comover ou espantar; seu herói pusilânime, a despeito de todos os dons, nos requer esforço para não o desprezar. O próprio autor, longe de "narrar com paixão", veste a máscara da mais absoluta indiferença (e mesmo, com frequência, um largo sorriso de sarcasmo) ao longo de toda a história. Então, para os amigos do sublime, para aqueles que só podem com sentimentos heroicos e "arrebatadores acidentes na terra e no mar"[8], nada há aqui que preste.

Nem dentre leitores de caráter mais sofisticado pode-se esperar que muitos tomem as louváveis dores dos alemães, reverenciosos de seu autor favorito e ansiosos por lhe descobrir os mais esquivos encantos. Poucos de nós se incomodarão com as alegorias e alusões típicas da obra, pararão para verificar se ela contém um remoto emblema da cultura humana ou não, se não é um gracioso esboço do desenvolvimento do homem em todos os seus atributos e faculdades, procedendo gradualmente das primeiras exibições de fantoches e charlatões, passando pelo refinamento das artes poéticas e dramáticas, culminando no desabrochar do princípio da religião e a maior de todas as artes – a arte da vida; ou se não passa de um desastrado remendo na forma de um romance que deveria ter sido completamente suprimido ou, pelo menos, proferido como palestra. Se as personagens representam ou não distintas classes de homens, inclusive vários estágios da natureza humana, desde a álacre vivacidade material de Filina até a severa grandeza moral do Tio e a esplêndida façanha de Lotário, para muitos de nós, será de pouca importância, enquanto as eternas investigações sobre jogos e jogadores, polidez e atividade, arte e natureza, fatigarão muito uma mente que ignora e não atenta se elas são verdadeiras ou falsas. Porém, neste país livre, o juízo de cada homem é uma lâmpada para si; aquele que se descontentar censurará e muitos, pode-se esperar, insistirão em julgar *Meister* pela regra comum e, pior, o condenarão, ainda que Schlegel[9] grite o mais alto que possa: "Julgar este livro – novo e peculiar como o é, para ser compreendido e aprendido por si mesmo apenas – com nossa noção comum do romance, uma noção composta e produzida a partir do costume e da crença, a partir de requisições acidentais e arbitrárias –, é como se uma criança tentasse agarrar a lua e as estrelas e teimasse em guardá-las em sua caixa de brinquedos". Infelizmente, muitos têm suas caixas e algumas delas são bem pequenas!

Contudo, independentemente de suas mais recônditas e dúbias qualidades, há belezas em *Meister* que não podem deixar de lhe garantir algum

[8] Passagem de *Otelo* (Ato I, Cena 3), de Shakespeare. (n.t.)
[9] Friedrich Schlegel (1772-1829), poeta, crítico literário, filólogo e tradutor. O trecho em questão foi retirado do célebre artigo do autor, "Über Goethes Meister", originalmente publicado na revista *Athenäum*, 1798. (n.t.)

grau de favor nas mãos de vários. As discussões filosóficas que ele traz, o olhar aguçado sobre a vida e a arte, o breve e hábil delineamento dos homens, a vívida e genuína exposição das cenas em que eles se movem, os toques ocasionais de eloquência e ternura, dir-se-ia mesmo, de poesia, da própria essência da poesia, a quantidade de pensamento e conhecimento expressa em um estilo tão rico de achados, dos quais, pelo menos, as inovadoras e, às vezes, soberbamente felizes metáforas foram preservadas – nada disso pode escapar completamente ao leitor atento, mesmo a uma rápida passada de olhos. Àqueles que fizeram para si uma imagem do mundo, que extraíram das milhares de diversas circunstâncias de seu ser, uma filosofia de vida, será interessante e instrutivo ver como o homem e suas inquietações são representados pela maior das mentes europeias; para os que penetraram os limites de suas próprias concepções e lutaram com pensamentos e sentimentos demasiado elevados, há de lhes ser aprazível e proveitoso ver ampliado o horizonte de suas certezas ou, pelo menos, separado por uma linha firme da escuridão impalpável que o cerca por todos os lados. A tais pessoas, posso convidar sem receio a estudar o *Meister*. Através das desfigurações da tradução, eles não falharam em discernir traços indubitáveis do maior gênio de nosso tempo. E quanto mais o estudarem, mais serão capazes de discerni-los com precisão. Novos encantos se darão à vista e, das muitas aparentes imperfeições, enquanto algumas superficiais serão confirmadas, a maior e mais relevante parte delas desaparecerá ou mesmo mudará da água para o vinho. Pois, se não me engano, o primeiro olhar sobre o *Meister*, assim como sobre qualquer obra de real e perene grandeza, é o menos favorável. Uma pintura de Rafael, uma estátua grega, uma peça de Sófocles ou Shakespeare parecem insignificantes ao olhar inexperiente; só depois de longo e detido exame, começamos a vislumbrar os autênticos traços daquela beleza, que tem suas fundações no mais profundo da natureza humana e que continuará a deleitar por séculos afora.

Se isso parece excessivamente elogioso, tal como aplicado em qualquer sentido ao *Meister*, convida-se o cético curioso a ler e ponderar a obra na íntegra, com todas as suas referências, relações, propostas, e a pronunciar seu veredito depois de tê-las claramente sopesado e apreciado todas. Caso uma sentença mais branda baste, que se voltem para o retrato dos estados mentais de Wilhelm no fim do primeiro livro e no começo do segundo, para os elogios ao comércio e à poesia que seguem, para a descrição de Hamlet, para o caráter histriônico de Serlo e Aurélia, para a masculinidade serena e altiva do Tio e de Lotário. Mas, acima de tudo, que se debrucem sobre a história de Mignon. Essa misteriosa criança, inicialmente, ignorada pelo leitor, gradual-

mente se impõe até, finalmente, subjugá-lo com uma emoção mais profunda e arrebatadora que qualquer poeta, desde os dias de Shakespeare, conseguiu produzir. Cria do entusiasmo, do êxtase, da paixão e do desespero, ela é da terra, mas não terrena. Quando ela desliza diante de nós através do labirinto de luzes de sua dança feérica, ou tange em sua cítara as notas de um poema sobre a saudade de sua terra, ou rodopia e nos arrodeia com seu tamborim como uma antiga mênade – quase que a tomamos por um espírito, tão pura, tão ardorosa, tão ábdita é do barro deste mundo. E quando todos os terríveis detalhes de sua história são finalmente dispostos de uma vez, e contemplamos o conjunto ordenado de sua desventurada existência, algo há nessas sombrias lembranças, nesses sentimentos tão simples, tão comoventes e inexprimíveis a consumir o recôndito, flagelado, porém etéreo, espírito dessa pobre criatura que toca o mais íntimo recesso da alma. Não são lágrimas que seu destino provoca, mas um sentimento demasiado profundo para lágrimas. O próprio fogo dos céus parece lugubremente extinto em meio aos obstáculos desta terra. Seu pobre coração, tão nobre e tão indefeso, perece antes que a menor de suas muitas graças se revele e todos os seus amores, pensamentos e anseios apenas somam dor à morte e imergem no silêncio absoluto e eterno. É como se os sombrios pórticos de Dis e seus reinos infernais se materializassem e aparecessem diante de nós e ouvíssemos as inúteis lamúrias de crianças a reverberar nas paredes de suas celas pela eternidade.

Continuò auditæ voces, vagitus et ingens,
Infantumque animæ flentes in limine primo:
Quos dulcis vitæ exsortes, et ab ubere raptos,
Abstulit atra dies, et funere mersit acerbo.[10]

A história de Mignon corre como um fio de ouro através do tecido da narrativa, conectando ao coração muito do que se remetia apenas à cabeça: filosofia e eloquência poderiam ter feito o resto, mas isso é poesia no mais alto sentido da palavra. Deve ter sido pelo poder de produzir tais criações e emoções que Goethe é, por vários de seus compatriotas, posto ao lado de Homero e Shakespeare, como um dos três únicos homens de gênio que já viveram.

Mas a minha tarefa aqui não é julgar *Meister* ou seu autor, apenas preparar outros para julgá-lo; para esse propósito, maior parte do que eu tinha por

[10] Versos 426-429 da *Eneida*, Livro VI, de Virgílio. (n.t.)

dizer já foi dito. Tudo que peço em nome desse ilustre estrangeiro é que a corte que o processar seja isenta e o júri, instruído na causa; não seja a obra condenada pelos que, chamados a proferir sua sentença, desejem que ela tenha o que não se pretendia que tivesse.

A respeito de minha humilde parte nessa aventura, não será necessário dizer muito. Fidelidade é todo o mérito a que visei: transmitir os sentimentos do autor tal como ele mesmo os expressara, seguir o original, em todas as variações de estilo, foi esse meu esforço constante. Em vários pontos, tanto literal quanto moral, posso ter desejado com fervor que ele não tivesse escrito tal como o fizera, mas alterar qualquer coisa estava fora de minha alçada. As influências literárias e morais de um homem como Goethe são objeto de uma curiosidade racional, e o dever do tradutor é simples e diferente. Consequentemente, a não ser por poucas locuções e sentenças, que não chegam a uma página e que eliminei por, evidentemente, não se ajustarem ao tom do inglês, eu cuidei de apresentar a obra exatamente como se apresenta em alemão. Que o sucesso me tenha sido indiferente, já bem o sabia. Ao traduzir as ideias de Goethe, quase sempre muito sutis, caprichosamente expressivas, o significado não foi sempre fácil de apreender ou de transmitir como efeito adequado. Houve sutis matizes de estilo, traços de ridículo, ternura ou solenidade esparsos pelo caminho e tão ínfimos que quase sumiam: alguns deles posso ter deixado passar, a muitos eu não poderia fazer justiça. Nem, mesmo em assuntos mais amenos, posso me orgulhar de ter sempre imitado sua familiaridade coloquial sem recorrer a frases entojadas e vazias, expressões rudes e estrangeiras; nem de ter copiado a oratória fluente de outras passagens sem, às vezes, exagerar ou desfigurar as inchadas cadências e expressões do original. Mas qual obra, da tradução de um romance alemão à escrita de um épico, já foi como seu artífice o quis e intencionou? Esta versão do *Meister*, quaisquer que sejam as falhas que possa ter, apresento francamente a meus compatriotas: se, ao mesmo tempo em que tornar alguns deles mais familiarizados com a mais rica e bem dotada das mentes vivas, também lhes aumentar o conhecimento e lhes proporcionar um divertimento fugaz, eles me desculparão por esses erros e eu estarei muito bem pago por todo o trabalho.

memória

(n.t.) | Humberstone

O Louco

Raffi

O texto: Baseado em um episódio da Guerra russo-turca de 1877-1878, no romance *O Louco* (*Khent*), publicado em 1880, Raffi descreve a vida dos camponeses armênios no interior da Turquia, perseguidos pelos turcos e curdos (naquela época os turcos consideravam os curdos como amigos, ao contrário do que ocorre atualmente). Nos primeiros sete capítulos aqui apresentados, o enredo se desenvolve no distrito de Bayazid, descrevendo o cerco turco ao lugar, que narra um episódio histórico da guerra russo-turca. No romance, Raffi preconiza uma revolta entre os armênios a fim de que possam viver decentemente sem o temor provocado pelos povos vizinhos.

Textos consultados: Րաֆֆի, երկերի ժողովածու 10 հատորով, Հայպետհրատ, Երևան, 1963; e *O Louco* (*Khent*). Trad. de Charles Apovian. Disponível em: www.armenia.brasil.nom.br

Agradecimentos: ao Sr. Charles Apovian, pela concessão de publicação da tradução.

O autor: Poeta, romancista e ensaísta, Raffi, pseudônimo de Hagop Melik-Hagopian (1835-1888), é considerado um dos maiores escritores armênios, autor do romance *Khent* (1880). Nasceu em Paiachug, na província de Salmasd, atual Geórgia, e após ter terminado seus estudos, empreendeu viagens pela Turquia, Rússia e Pérsia. Em 1870, após fixar residência en Tbilisi, na Geórgia, publicou vários livros e colaborou para diversos jornais, enviando relatos de viagens em que retratava a comunidade armênia na Pérsia. Entre 1877 e 1878, durante a Guerra russo-turca, escreveu inúmeras crônicas sobre o sofrimento dos armênios em território otomano.

O tradutor: Charles Apovian nasceu na França, em 1929, e chegou ao Brasil em 1948, onde se casou com uma brasileira descendente de armênios. É autor do *Pequeno Dicionário Armênio-Português* (Edicon, 1996) e responsável pelo site Armênia-Brasil (www.armenia.brasil.nom.br), de divulgação da cultura e língua armênias.

ԽԵՆԹԸ

“Եվ իրավք այդ մարդը խենթ էր,
կամ գոնե այսպես ձևացնում էր իրան:”

Րաֆֆի

Ա

Բայազեդը պաշարված էր:

Թուրք, քուրդ, բոշա, ջուլո և ավելի քան քսան հազար խառնիճաղանճ բաշիբոզուկներ, խառն տաճկաց կանոնավոր զորքերի հետ, շրջապատել էին կիսավեր քաղաքը: Նա ծխում էր կրակի մեջ, որպես մի ընդարձակ խարույկի տարածություն: Քրիստոնյա հայերի տները դատարկվել էին բնակիչներից: Բարբարոսի սուրը և գերությունը սպառել էր նրանց: Հայերից մի փոքրիկ մաս միայն ազատվել էր, կանխապես փախչելով սահմանակից Մազու քաղաքի կողմերը, որ պարսից հողի վրա է գտնվում:

Բայազեդի միջնաբերդը դեռ մնացել էր անառիկ: Փոքրաթիվ ռուս զինվորներ, հայ և թուրք կամավոր միլիցիայի հետ, ամրացել էին այնտեղ, և օրհասական հուսահատությամբ, սպասում էին մի սարսափելի վախճանի: Բերդը չորեք կողմից սեղմված էր, կարծես, մի երկաթի օղակի մեջ, որը հետզհետե նեղանալով, կամենում էր միանգամից խեղդել և մահացնել հուսաբեկ պաշարվածներին: Հարաբերությունը դրսի հետ բոլորովին կտրված էր:

Պաշարումը պատահեց 1877 թվի հունիսի 6-ին և տևեց ամբողջ 23 օր: Դա այն ժամանակն էր, երբ ռուսաց հաջողակ սրի բախտը Հայաստանում հանկարծ փոխվեցավ: Տեղային մահմեդականությունը, որ սկզբում այնքան հոժարությամբ ընդունեց ռուսաց տիրապետությունը, կրկին ապստամբվեցավ և միացավ Սմայիլ Փաշայի զորքերի հետ: Գեներալ Տեր-Ղուկասովը, երևանյան զորաբաժնի հրամանատարը, այդ միջոցում գտնվում էր Ջեյդեգանի և Դալի-

Բաբայի մեջ, և իր փոքրաթիվ գունդերով քաջությամբ պատերազմում էր Մուխթար փաշայի հինգ անգամ ավելի ուժի դեմ: Նա, երևի, տեղեկություն չուներ, թե ինչ էր պատահել դժբախտ Բայազեդի հետ, որին թողել էր բերդապահ (կոմենդանտ) Շտոկվիչի պահպանության ներքո:

Գիշեր էր:

Կիսալուսնի եղջյուրը դեռ նոր չքացել էր հորիզոնից, թողնելով իր ետևից մթին խավար: Կարծես, այդ խավարը, այդ մութը ավելի ախորժ լիներ պաշարվածների համար: Կարծես, լուսինը, տիեզերքի սիրելին, իր արծաթափայլ ճառագայթներով մատնում լիներ նրանց: Բայց գիշերի մթությունը դարձյալ չկարողացավ արգելք լինել բարբարոսների կատաղի հարձակմանը: Բայազեդի միջնաբերդը, որպես մի մռայլ կետ, անորոշ կերպով նկարված էր բլուրների բարձրավանդակի վրա: Եվ ամեն կողմից կրակը մաղվում էր այդ կետի վրա, և ամեն կողմից թնդանոթների ռումբերը և հրազենների գնդակները կարկտի նման թափվում էին այնտեղ: Բերդը մռնչում էր, որպես մի վիթխարի գազան, որին ամեն կողմից հարվածում էին: Նա դեռևս համառությամբ մաքառում էր օրհասի և մահվան դեմ: Նա վճռել էր մեռնել, բայց փառքով մեռնել: Մոտ 1000 ռուս զինվորներ, նույն չափով հայ և թուրք կամավորների հետ, կռվում էին Սմայիլ փաշայի քսան հազարի դեմ: Բերդից խիստ սակավ էին պատասխանում, որովհետև հրազենների պաշարը խնայում էին, որը սպառվելու մոտ էր: Միայն երբեմն արձակում էին մի կամ երկու թնդանոթ, որոնց բերանը դարձնում էին այն կողմը, ուսկից հայտնվում էր թշնամու կրակը:

Նույն գիշերը, բերդի խարխուլ շինվածքներից մեկի մեջ, որ մի ժամանակ ծառայում էր որպես զինվորանոց, և ռուսների տիրելուց հետո, օսմանցիները թողել էին կիսավեր և հեռացել, – նույն գիշերը այստեղ գետնի վրա տարածված էր մի բազմություն, մի ուժաթավփ, և ուշակորույս բազմություն, որ սարսափելի տագնապի մեջ ներկայացնում էր կատաղության բոլոր զարհուրանքը:

– Մի կաթիլ ջո՛ւր... նվաղեցա ծարավից...-լսվում էին զանազան դառն հառաչանքներ:

– Մի պատառ հա՛ց... մեռնում եմ սովից... – աղաղակում էին զանազան խուլ ձայներ:

Այդ ողորմելիները մի ամբողջ շաբաթ համարյա ոչինչ չէին կերել, ոչինչ չէին խմել: Պաշարումը այն աստիճան շուտափույթ և անակնկալ կերպով կատարվեցավ, որ բերդի մեջ բավական պաշար վեր առնելու ժամանակ չգտան: Այժմ պաշարվածները ստիպված էին պատերազմել երեք հզոր ոսոխների դեմ. ներսից՝ սովի և ծարավի դեմ, իսկ դրսից՝ թշնամու կրակի դեմ:

Ամսի 8-ից զինվորները զրկվեցան տաք կերակրից: Բերդապահի ձին և արտիլերիայի ձիաները բոլորը մորթել և կերել էին: Ձիաների գարին մնաց զինվորների համար, որը նույնպես սպառվեցավ: Վերջապես ուտեստը այն աստիճան նվազեցավ, որ յուրաքանչյուր զինվորին տալիս էին օրեկան 1/8 ֆունտ կամ 4 լոտ պաքսիմաթ և մի-մի գդալ ջուր: Իսկ հունիսի տոթը այդ ժամանակ անտանելի էր: Հիվանդանոցում հիվանդների վիճակը, ուտելու և խմելու կողմից, շատ չէր զանազանվում առողջներից:

Բերդի մեջ ջուր չկար: Բերդից դուրս, 300 քայլ հեռավորության վրա գտնվում էր մի աղբյուր, որը փակել էին թուրքերը: Ամեն գիշեր փորձում էին ցած իջնել բերդից ջուր բերելու համար, բայց 20-30 գնացողներից շատ անգամ մեկն էլ չէր վերադառնում:

– Հա՛ց... ջո՛ւր... – կրկին լսելի եղան օրհասական հառաչանքները:

Ահա կրկին և կրկին որոտաց թնդանոթի բոմբյունը և խլացրեց թշվառականների ձայները...

Այդ այն րոպեներից մեկն էր, որ մարդը կորցնում է իր կարեկցությունը դեպի ընկերը, – կորցնում է, որովհետև ոչինչով օգնելու հնար չունի: Այդ պատճառով, ոչ ոք ուշադրություն չէր դարձնում սովյալների վրա, ոչ ոք հոգ չէր տանում ծարավիներին: Ամեն մարդ, ընդհանուր խռովության մեջ, սպասում էր մի վճռական րոպեի, երբ թշնամին հեղեղի նման ներս կթափվեր, և սուրը ձեռքում կհանդիպեին իրանց պատվավոր վախճանին:

Միջնաբերդի ներսից, պատսպարված վերնապարսպի ետևում, շուրջանակի շարված էին պահապան զինվորներ, և հրացանների համար բացված ծակերից դիտում էին թշնամու շարժումը: Նրանք չէին համարձակվում գլուխները վեր բարձրացնել պարսպից: Բերդի չորս կողմի բարձրավանդակներից անխնա նետում էին, և գնդակները շվշվալով սլանում էին աջ ու ձախ, զարկելով պահապանների երեսին մի անախորժ տաք օդ:

Այստեղից տեսնվում էր քաղաքը, որ ներկայացնում էր մի սոսկալի տեսարան: Նա լուսավորված էր, կարծես, մի մեծ տոնախմբության համար: Լուսավորված էին և քաղաքի շրջակա բարձրությունները: Կատարվում էր մարդկային անգթության եղեռնական տոնը: Դա գազանների մի տոն էր, որ հանդիսացնում էին մուսուլմանները: Տարտարո՛սը, միայն տարտարոսը, իր կրակի բոցերով, իր չար ոգիներով և իր բոլոր զարհուրանքով կարող էր պարծենալ մի այսպիսի անգթության առջև: Այրվում էին հայերի տները: Յուրաքանչյուր տան լուսամուտներից և դռներից հոսում էին, կարծես, հրեղեն գետեր, և խառն ծխային թանձրության հետ, բարձրանում էին օդի մեջ, սփռելով դեպի ամեն կողմ կայծերի հորդ և առատ հեղեղ: Հրդեհը հետզհետե սաստկանում էր,

ճարակելով հայերի ամբողջ թաղը: Այժմ տների կտուրներից դուրս էին ցայտում հրեղեն լեզուներ: Վառված գերանները խորտակվում էին, և ամբողջ կտուրը դղրդալով, գոռգոռալով փուլ էր գալիս, և հրակեզ վերմակով ծածկում էր բնակիչներին, որոնք ամեն կողմից կրակով փակված լինելով, դուրս գալու հնար չունեին: Թշվառ զոհերի աղաղակների և հառաչանքների ձայները խառնվում էին բոցերի որոտմունքի հետ, որոնք վիթխարի վիշապների նման գալարվում էին և պտտվում էին օդի մեջ, տարածելով դեպի ամեն կողմ մի սարսափելի լուսավորություն: Այդ լուսավորության մեջ, որպես մի հսկա պանորամայի մեջ, մինը մյուսի ետևից հանդիսանում էին ավելի և ավելի զարհուրելի պատկերներ: Մուսուլմանները կոտորում էին հայերին... կոտորում էին կրակից դուրս փախչողներին, չխնայելով ոչ սեռի և ոչ հասակի... Մանկահասակ աղջիկներին, ծամերից բռնած քարշ էին տալիս տներից... Ամեն կողմից լսելի էին լինում ցավալի աղաղակներ... Բայց թշվառների լացը և արտասուքը չէր կարողանում ամոքել գազանների սիրտը...

Այս բարբարոսությունների մեջ մասնակցում էին ոչ միայն քրդերը, այլև տաճկաց կանոնավոր զորքը, և որ ավելի սարսափելին է՝ քրդերի կանայքը... Այդ վերջինները, կատաղի ֆուրիաների նման, մոռացած կնոջ գութը և սերը, խլում էին երեխաներին մոր գրկից և ձգում էին կրակի մեջ... մի փոքրիկ ընդդիմադրությունն անգամ պատժվում էր սրով...

Մի քանի հայ կամավոր զինվորներ, բերդից նայելով այդ դժոխային տեսարանին, լաց էին լինում... Կոտորածը շարունակվում էր ամբողջ երեք օր և երեք գիշեր:

– Ա՛խ, ինչպես մորթում է՛ն... – ասում էին նրանք հառաչելով:

Դրանց մոտ կանգնած էր մի ուրիշ հայ երիտասարդ, որ նույնպես նայում էր քաղաքում կատարվող բարբարոսությունների վրա: Նրա աչքերում արտասուք չէր երևում: Տխրության մի նշույլ անգամ չէր կարելի տեսնել նրա զայրացած դեմքի վրա: Նրա սիրտը նույն րոպեում լցված էր մի դառն ատելությամբ՝ ոչ դեպի այն գազանները, որ այրում էին, որ մորթում էին, այլ դեպի այն վախկոտները, որ ոչխարի նման թույլ էին տալիս իրանց մորթել:

– Նայեցե՛ք, նայեցե՛ք, – ասաց նա, – այսքան բազմության մեջ մի մարդ էլ չէք տեսնի, որ ձեռք բարձրացներ իր սպանողի վրա... Էլ դրանից ավելի ինչ կարող է լինել, որ շարժեր մարդու կատաղությունը, որ բորբոքեր մարդու վրեժխնդրությունը: Տունը աչքի առջև այրում են, զավակները կրակի մեջ խորովում են, կինը, աղջիկը քաշում տանում են... Տղամարդը տեսնում է այդ բոլորը և ինքը ամենայն խոնարհությամբ պարանոցը դեմ է անում թշնամու սրին... Տո, անիծյա՛լ, դու էլ մարդ ես, դու էլ սպանիր, հետո մեռիր...

– Վարդան, դու միշտ այսպես անգութ ես... – նկատեց նրան ընկերներից մեկը:

Վարդանը ոչինչ չպատասխանեց և հեռացավ: Կարծես, նրան խիստ ծանր էր նայել այն տեսարանին, որի մեջ տեսնում էր հայի ամոթալի պատկերը... «Այդ ազգը պատվով մեռնել չգիտե»... – մտածում էր նա:

Դրանցից փոքր ինչ հեռու, բերդի մի խուլ անկյունում, մի ուրիշ խումբ հայ կամավորների մեջ, անց էր կենում հետևյալ խոսակցությունը.

– Եթե Պետրոսն էլ ետ չդառնա, այս գիշեր հինգ հոգի կկորցնենք...

– Շատ ուշացավ, երևի, խեղճ տղան...

– Չէ՛, ականջ դրեք, այդ նրա սիգնալն է, լսում է՞ք ագռավի կռնչյունը...

– Նա է, իջեցնենք թոկե սանդուղքը:

Սանդուղքը ցած թողեցին և քանի րոպեից հետո բերդի վերնապարսպի վրա հայտնվեցավ մի երիտասարդ, բեռնավորված մի ահագին տիկ ջրով: Ընկերները օգնեցին ջրբերին, և նա վեր եկավ բերդի մեջ: Բոլորը գրկեցին և նրա երեսը սփռեցին համբույրներով: Մեկը զարհուրելով հոտ քաշեց և ասաց.

– Այդ ի՞նչու է երեսդ թաց, Պետրոս:

Այդ միջոցին հրդեհի բոցերը ավելի բարձրանալով, լուսավորեցին Պետրոսի ներկված դեմքը:

– Արյուն է հոսում... – գոչեցին բոլորը:

– Վնաս չունի... – պատասխանեց Պետրոսը ծիծաղելով,-քանի օր էր, որ երեսս չէի լվացել. այս գիշեր մի լավ լվացվեցա...

Պետրոսը կարճ կերպով պատմեց, թե հասնելով ջրի աղբյուրի մոտ, գտավ այնտեղ մի քանի քուրդ պահապաններ, որոնք հսկում էին, չիցե թե պաշարվածները, բերդից իջնելով, ջուր տանեին: Նրանք հարձակվեցան իր վրա, և մինչև կարողացավ բոլորի «ձայնը կտրել», ինքը գլխից վերք ստացավ:

– Ի՞նչ եղան Հաճեսը, Թոմասը, Ադամը, Ներսոն, – հարցրին նրանից:

– Գրո՛ղը տանե նրանց, – պատասխանեց Պետրոսը իր սովորական հեգնական եղանակով: – Կարծես, այդ անիծյալները մեկ մեկու խոսք էին տվել, որ հենց այս գիշեր շնորհք տանեին իրանց հանգուցյալ պապերի մոտ: Մեկը պարսպի ներքև ընկած էր, երևի, հենց ցած իջնելու միջոցին գնդակ էր կերել... մյուսը կես ճանապարհի վրա թավալվում էր, խեղճը դեռ չէր հանգստացել... մեկը աղբյուրի մոտ գերանի նման անշարժ պառկած էր... բայց խեղճ Թոմասը, նրանցից մի

փոքր հեռու, կողքի վերքը բռնած, անիծում էր քրդերին. իսկ ես նրանց ջիգրը առեցի...

Այս չորս հայ երիտասարդները, որոնց մասին խոսում էր Պետրոսը, մինը մյուսի ետևից ուղարկված էին ջուր բերելու, բայց և ոչ մեկը չվերադարձավ: Այսպիսի դեպքեր այնքան հաճախ էին կրկնվում, որ մահը, սպանությունը դարձել էր նրանց համար մի սովորական բան: Այս պատճառով Պետրոսի պատմությունը մի առանձին տպավորություն չգործեց ընկերների վրա: Նրանք մինչև անգամ չէին մտածում շուտով փաթաթել Պետրոսի գլխի վերքը, որից արյունը անդադար հոսում էր: Ինքը Պետրոսն էլ չէր մտածում այդ մասին:

– Սատանան տանե այդ քրդերին, – շարունակեց նա, – կարծես, այդ անիրավների աչքերը գայլի նման մթնումն էլ տեսնելիս լինեն: Որ կողմից որ մի շշնջոց են լսում, իսկույն գնդակը հասցնում են. տեսար, զոհը դողդողաց և գլորվեցավ գետին...

Այսպես խոսում էին խավարի մեջ, հետո մտաբերեցին փաթաթել Պետրոսի գլխի վերքը, և ապա վեր առնելով ջրի տիկը, որ պարունակում էր իր մեջ հազարավոր անձինքների կյանքը, նրանք սկսեցին դիմել դեպի բերդի բակը:

– Տղերք, – ասաց նրանցից մեկը, – թուրքերին մի կաթիլ անգամ պետք չէ տալ. հանաք բան չէ. այս գիշեր մենք չորս հոգի կորցրինք այս մի տիկ ջրի համար, բայց նրանցից ոչ մեկը չուզեց բերդից դուրս գալ:

– Չէ՛, լավ բան չէ, – ասաց Պետրոսը, – պետք է նրանց էլ տալ:

– Ի՞նչ վատ բան է, – պատասխանեց առաջինը, – մի քանի օր առաջ նրանք էլ ջուր բերեցին, բայց գողի նման թաքցրին և իրանք միայն խմեցին:

– Նրանք վատ վարվեցան, բայց մենք պետք է ցույց տանք, թե ինչ բան է զինվորական եղբայրությունը: Նրանք մտան զինվորանոցի բակը:

– Ջո՛ւր... ջո՛ւր... – լսելի եղան ամեն կողմից ուրախության աղաղակներ, և բազմությունը հավաքվեցավ մեր երիտասարդների շուրջը:

Անկարելի է նկարագրել այն հոգեկան բերկրանքը, այն կատաղի ուրախությունը, որով այդ ծարավի բազմությունը դիմեց դեպի ջրի տիկը: Բոլորը իրար խառնվեցան, և մինը մյուսի գլխովն էր ուզում թռչել, որ առաջ ինքը խմե:

– Մի ճրագ վառեցեք և մեզ մի խանգարեք, ամենքիդ բաժին կհասնի, – ասաց ջուր շալակող երիտասարդը և տիկը դրեց գետին:

Վառեցին մի ջահ, որի գունատ-կապտագույն լույսը տարածվեցավ խռովված, և ուրախությունից իրան կորցրած, բազմության վրա:

Հայ երիտասարդը առեց իր ձեռքը արաղի մի ամենափոքրիկ բաժակ և սկսեց նրանով բաժանել ջուրը: Նա խիստ սաստիկ զզվելի հոտ ուներ, իսկ համը չափազանց անախորժ էր: Մի քանիսը խմեցին և ոչինչ չնկատեցին: Մեկը բացականչեց.

– Այդ ի՞նչ գույն ունի ջուրը:

– Խմի՛ր, – խոսեց Պետրոսը, որ այնտեղ կանգնած էր. – քրդերը հիմա ջուրը այսպես ներկած են տալիս մեզ...

– Ի՞նչպես ներկած... – ձայն տվեցին ամեն կողմից:

– Ներկում են մեր արյունով... դուք մի տեսնեիք, թե քանի դիակներ էին ընկած այն աղբյուրի մեջ, որտեղից ես գողացա այդ ջուրը:

Բազմությունը սոսկաց, բայց դարձյալ ուշադրություն չդարձնելով, խմեց պղտոր կարմրագույն հեղուկը, որի մեջ թափված էր այնքան մարդկային արյուն... որի մեջ լուծված էին այնքան մարդկային մարմիններ... Մեկը մինչև անգամ իրան թույլ տվեց ասել մի այսպիսի բարբարոսական սրախոսություն.

– Դա շա՛տ լավ է... ջուրը կպարարտանա և ավելի ուժ կտա:

Ուրախացած զինվորների կատակները շուտով ընդհատվեցան:

Թնդանոթների խուլ որոտը կրկին լսելի եղավ հեռվից, և կրկին ռումբերը սկսեցին մռնչելով սլանալ բերդի վրայից: Նրանցից մեկը ընկավ զինվորներից մի փոքր հեռու, և պայթելով տարածեց դեպի ամեն կողմ իր մահաբեր հարվածները...

Այդ միջոցին ամրոցի սենյակներից մեկի մեջ, ուր մի ժամանակ կենում էր օսմանցի բերդապահը, այժմ ռուս բերդապահը, Շտոկվիչը, մի քանի օֆիցերների հետ կազմել էին զինվորական խորհուրդ: Խորհրդին մասնակցում էին հայ և թուրք միլիցիայի գլխավորները: Փոքրիկ սեղանի վրա վառվում էր լամպա և աղոտ կերպով լուսավորում էր նրանց տխուր և բազմահոգ դեմքերը:

Վերջին օրերում անդադար նամակներ էին ստացվում թշնամի բանակից, որոնցմով հայտնում էին անձնատուր լինել: Նամակները գրում էր ռուսաց հին ոխերիմ, երևելի Շամիլի որդի գեներալ- լեյտենանտ Շամիլը, որ այժմ թշնամու բանակի մեջն էր գտնվում և նորին մեծության սուլթանի ավիտայի համհարզ էր: Վերջին նամակը լի էր սպառնալիքներով և խոստումներով: Զինվորական խորհրդի առարկան այդ նամակն էր. մտածում էին, թե ինչ պետք է պատասխանել:

– Անձնատուր չենք լինի, – խոսեց բերդապահը, – քանի որ դեռ կենդանի ենք:

– Եթե մի քանի օր ևս կտևե պաշարումը, մեզ անհնարին կլինի դիմանալ, – խոսեց մի օֆիցեր:

– Մեր դրությունը հենց այս օրից անտանելի է, – խոսեց մի ուրիշը, – ոչ ուտելու հաց ունենք և ոչ կռվելու պատրաստություն: Չգիտեմ ինչո՞ւ այդ հիմար քրդերը միանգամով վրա չեն տալիս, ի՞նչով կարող ենք պաշտպանվել, – ավելացրեց նա մի փոքր վրդովված ձայնով:

– Այո՛. շատ անխոհեմ վարվեցանք...-ասաց մի այլ օֆիցեր:

– Անցյալը ուղղել չենք կարող, խոսենք ներկայի վրա, – նկատեց բերդապահը, որ նախագահում էր խորհրդին, և զինվորական օրենքի համեմատ, պաշարման ժամանակ էր բոլորի բարձրագույն հրամանատարը, խիստ ընդարձակ իրավունքներով:

– Աձնատուր չենք լինի, քանի դեռ կենդանի ենք, – կրկնեց նա իր առաջին խոսքը:

– Եթե դրսից մեզ օգնություն չհասնե, կորած ենք, – պա՛տասխանեց մի խան, որ թուրք կամավորների գլխավորն էր:

– Օգնություն սպասելու զորություն չէ մնացել, – խոսեց մի բեկ, – իմ կարծիքով պետք է բաց անել բերդի դռները, պատառել մեզ շրջապատող թշնամու շղթան և անցկենալ, կա՛մ կհաջողվի ազատվել, կա՛մ կընկնենք թշնամու ձեռքը:

– Վերջինն ավելի հավանական է, – պատասխանեց հայ կամավորների գլխավորը, – բայց հետևանքը սարսափելի կլինի: Այս բերդը այժմ, գոնե որպես պատնեշ, պահում է օսմանցի զորքերի առաջ գնալը, երբ սրան կորցնենք, այն ժամանակ բաց կանենք Սմայիլ փաշայի բաշիբոզուկների ճանապարհը, և նրանք մի քանի օրվա մեջ անարգել կերպով կտիրեն Երևանը, Նախիջևանը և գուցե շատ հեռու կգնան: Տեղային մահմեդականությունը, որքան ինձ հայտնի է, անհամբեր սպասում է այդ ինքնակոչ հյուրերին, իսկ քրիստոնյա հայերի ձեռքում զենք չկա: Մեր երկիրը պահպանելու համար խիստ աննշան թվով զորք է թողած, որովհետև մեր գլխավոր ուժերը այժմ կենտրոնացած են Ղարսի մոտակայքում: Մինչև նրանց հասնելը, օսմանցիք ամեն ինչ ոչնչացրած կլինեն:

Հայ աստիճանավորի խոսքերը զրգռեցին թուրք խանի բարկությունը, և նա խոսեց խռովված կերպով.

– Դուք մահմեդականների մասին կասկած եք հայտնում:

– Իմ կասկածը անտեղի չէ, որովհետև ինձ հայտնի են փաստեր, որ հաստատում են ասածս: Հենց այս րոպեիս մեզ պաշարող քրդերի թվում գտնվում են շատ զիլանցիներ, որոնք պատերազմից առաջ ռուսաց

հպատակներ էին: Իսկ Նախիջևանի կողմերում մի ցնորված մոլլա ամեն գիշեր երազներ է տեսնում, թե շուտով իսլամը կտիրե այդ երկրին:

Նախագահը դադարեցրեց վիճաբանությունը ասելով.

– Պետք է սպասել և մինչև վերջին շունչը դիմադրել: Ես հուսով եմ, որ շուտով օգնություն կստանանք: Գեներալ Տեր-Ղուկասովը շատ հեռու չէ մեզանից: Նա հենց որ իմացավ մեր դրությունը, կշտապե Բայազեդը ազատելու: Միայն պետք է շուտով նրան իմացում տալ:

– Ի՞նչ միջոցով, – հարցրին նրանից:

– Նամակո՛վ, – պատասխանեց նա:

– Ո՞վ կտանե:

– Կարծեմ, մեր այսքան բազմության մեջ կգտնվի մի սիրտ ունեցող տղամարդ:

– Դիցուք թե գտնվեցավ, բայց ի՞նչպես կարող է անց կենալ, թշնամին մեր բոլոր կողմերը բռնել է:

– Կփորձենք:

Խորհուրդը վճռեց նամակ գրել Տեր-Ղուկասովին, և քառորդ ժամից հետո բերդապահը, պատրաստ նամակը ձեռին, մյուսների հետ դուրս եկան խորհրդարանից:

Թմբուկի թեթև ձայնը հավաքեց զինվորներին բերդի հրապարակի վրա: Բերդապահը բարձր ձայնով խոսեց.

– Տղե՛րք, ձեզ հայտնի է մեր դրությունը, այդ մասին խոսալը ավելորդ է: Այժմ մեր հույսը մնացել է աստուծո վրա և նրա հաջողությամբ դրսից գալու օգնության վրա: Եթե օգնությունը ուշացավ, մենք կորած ենք: Ուրեմն պետք է շտապենք մեր վիճակի մասին շուտով իմացում տալ, ուր որ հարկն է: Ահա այդ նամակը պետք է հասցնել գեներալ Տեր-Ղուկասովին, որը մեզանից շատ հեռու չէ գտնվում: Նա այդ նամակը ստացածին պես, կշտապե մեզ ազատելու: Հիմա ո՞վ կլինի ձեզանից այն քաջը, որ հանձն կառնե կատարել այդ մեծ ծառայությունը, թո՛ղ մոտենա և ընդունե նամակը: Ես խոստանում եմ, որ նա կստանա մի այնպիսի պարգև, որը վայել է մի անձնազոհ տղամարդի, որ այսքան բազմության ազատության պատճառ է լինելու: Թո՛ղ ձայն տա, ով որ ցանկանում է տանել նամակը:

Տիրեց ընդհանուր լռություն և բազմության միջից ոչ մի ձայն լսելի չեղավ:

– Կրկնում եմ, – շարունակեց բերդապահը ավելի զգալի ձայնով, – որ այս նամակի հետ կապված է մեր ամեն փրկությունը. ո՞վ է ցանկանում վայելել այդ փառքը և մեր բոլորի ազատիչը լինել:

Դարձյալ ոչ մի ձայն լսելի չեղավ:

– Մի՛թե ձեր մեջ չկա՞ սիրտ ունեցող մի տղամարդ, – կոչեց նա դողդոջուն ձայնով, – ո՞վ է հանձն առնում տանել նամակը:

– Ես, – լսելի եղավ բազմության միջից մի ձայն և մի հայ երիտասարդ մոտեցավ, ընդունեց նամակը:

Այս երիտասարդը Վարդանն էր1:

Բ

Հետևյալ ավուր առավոտյան պահուն, երբ արեգակի առաջին ճառագայթները տարածվեցան երկրի վրա, Բայազեդի մեջ և նրա շրջակայքում բացվեցավ մի սարսափելի տեսարան: Այժմ պարզ տեսնվում էր հետևանքը այն կոտորածի, որ ամբողջ երեք օր և երեք գիշեր կատարվել էր բարբարոսի ձեռքով: Քաղաքում տիրում էր գերեզմանական լռություն, որ երբեմն ընդհատվում էր ագռավների կռնչյունով, որոնք խումբերով սավառնում էին այստեղ և այնտեղ՝ մեռելոտիք ուտելու համար: Փողոցները այդ դժբախտ քաղաքի ներկայացնում էին խիստ տխուր և սրտաշարժ պատկեր, – տները դարձել էին մոխրի կույտ... տեղ-տեղ ծխրտում էին դեռ չվառված նյութերը, համարյա ամեն մեկ տան մոտ ընկած էին ծերերի, երիտասարդների, կնիկների և երեխաների դիակներ... սոված շները ագահությամբ քարշ էին տալիս դիակները, և մրթմրթալով, գոմռալով աշխատում էին վանել խումբերով ցած իջնող ագռավներին... Ամեն կողմից, ամեն տնից, ամեն բակից և շուկայից փչում էր լուծվող դիակների խեղդիչ գարշահոտությունը...

Այսպիսի մեռյալ քաղաքի մեջ կանգնած էր Բայազեդի միջնաբերդը և սպասում էր իր ցավալի օրհասին...

Պաշարումը հետզհետե սաստկանում էր: Սար, ձոր, բլուր, դաշտ և տափարակ պատած էին բաշիբոզուկների բազմաթիվ, միևնույն ժամանակ խառնափնթոր հրոսակներով: Բանակները զետեղված էին առանձին խումբերով, և յուրաքանչյուր խումբի մեջ տեսնվում էր շարժում, իրարանցում և աղմուկ: Կրոնական մոլեռանդությունը, խառնված զինվորական անգթության հետ,

անցնում էր բարբարոսության ամեն չափից և սահմանից: Մարդը, գազան դարձած, կեղեքում էր, մահացնում էր իր նմաններին:

Արյունից կշտանալուց հետո, նրանք սկսել էին այժմ հագեցնել իրանց ընչասիրության ծարավը: Մի տեղ գետնի վրա տարածել էին քաղաքումը հարուստ համարված հայերին և զանազան տանջանքներով չարչարում էին, որ նրանք հայտնեն, թե որտեղ են թաքցրել իրանց փողերը: Թշվառները լացում էին, աղաղակում էին, ասելով, թե ինչ որ ունեին՝ տվեցին, այլևս ոչինչ չէ մնացել: Նրանց չէին հավատում, և հոր առջև երեխաներին մորթում էին, որ ստիպեցնեն հայտնել իրանց պահեստը: Մի այլ տեղ քրդերը բաժանում էին դիզված ավարը. նրանց կնիկները ուրախ- ուրախ բառնում էին ձիաների վրա, որ տանեն իրանց տները: Մի փոքր հեռու բաժանում էին հայ գերիներին, բայց մի գեղեցիկ կնոջ կամ աղջկա վրա չէին համաձայնում, վիճում էին և սպառնում էին միմյանց սրերով: Մի ուրիշ տեղում գայլերը, վայրենի կատուները, գիշակեր թռչունների հետ, հավաքված անթաղ դիակների վրա, իրանց առավոտյան նախաճաշիկն էին անում: Դրանցից ոչ այնքան հեռու, կրոնասեր մահմեդական զինվորը, խորին ջերմեռանդությամբ իր վաղորդյան նամազն էր անում, և արյունոտ ձեռքերը դեպի երկինք բարձրացնելով, փառաբանում էր իսլամի ալլահին...

Այդ բոլորը կատարվում էր վառոդից և խարույկներից բարձրացած ծխի ու մխի մեջ, որ թանձր մառախուղի նման պատել էին հորիզոնը, և արգելում էին արեգակի ճառագայթների թափանցելուն: Թնդանոթները որոտում էին, վիթխարի բերդի կողքերը ռմբակոծում էին, բայց նա անշարժ, բլուրների բարձրության վրա նստած, տակավին արհամարհում էր թշնամու անդադար հարվածները:

Բայց մի տեղ ամբողջ բանակի ուշադրությունը գրավել էր մի մարդ: Նա երբեմն թռչկոտելով, երբեմն ծափ տալով, անցնում էր բանակի միջից, և միևնույն ժամանակ եղանակում էր մի այսպիսի հիմար քրդերեն երգ.

«Պառավ տատը գորտ դարձավ,
Գորտ դարձավ, ծովը մտավ,
Ծովից ավազ դուրս հանեց,
Ավազը ոսկի դարձավ,
Ոսկին տվեց մի այծ առեց,
Կաղլիկ, քոսոտ այծ առեց.
– Այծի՛կ, այծի՛կ, ջան այծիկ,
Ջանս քեզ դուրբան, այծիկ,
Ասա՛, ի՞նչու դու եղար
Այսպես քոսոտ ու կաղլիկ...»

Խե՛նթը... ձայն էին տալիս ամեն կողմից քրդերը, և հավաքվելով նրա շուրջը ստիպում էին կրկնել իր երգը:

Եվ իրավք այդ մարդը խենթ էր, կամ գոնե այսպես ձևացնում էր իրան: Նա հագնված էր այն կերպով, որպես հագնվում են մեզ մոտ լարախաղացների օգնականները, որոնց կոչում են «տակի մասխարա» և որոնք լարի ներքևում զանազան տեսակ խեղկատակություններով ծիծաղեցնում են հանդիսականներին: Նույնը անում էր և այդ խենթը: Նա մի բարձրահասակ երիտասարդ էր վայրենի դեմքով. գլխին դրած ուներ հին թաղիքի կտորից անշնորհք կերպով կարած մի երկայն գդակ, որ վերջանում էր քառանկյունի ձևով, և յուրաքանչյուր անկյունից քարշ էին ընկած մի-մի փոքրիկ զանգակներ, որոնք նրա ամեն մի շարժմունքից զընգզընգում էին և աններդաշնակ ձայներ էին հանում: Երեսը մրոտած էր կոշկաներկով, որի վրա զանազան ուղղությամբ քաշված էին զանազան գույներով գծեր, – կարմիր, դեղին, կապույտ և այլն: Բացի գդակից, ամբողջ հագուստը մի կտորից էր բաղկացած. դա զինվորի քրքրված մի վերարկու էր, որի մեջ փաթաթված էր նա բոլորովին մերկ մարմնով: Մեջքը պնդած էր մի թոկի կտորով, որ գոտիի տեղ էր ծառայում: Ոտքերը բոբիկ էին, ոտնամաններ չուներ:

– Ապա էշի նման մեկ զռա՛, – ասում էին նրան:

Խենթը մատերը կոխում էր ականջների մեջ, կռանում էր, բերանը լայն բաց էր անում և որքան ձայն ուներ, սկսում էր էշի նման զռալ: Բազմությունը ծիծաղում էր և ամեն կողմից ձգում էին նրան պղնձե դրամներ: Նա վեր էր առնում դրամները, զարմացած նայում էր նրանց վրա, և մի կողմ էր ձգում, ասելով, թե ինձ հաց տվեցեք: Նրան տալիս էին հաց, առնում էր, և ահագին պատառներով բերանը դնելով, առանց ծամելու կուլ էր տալիս:

– Դու, երևի, արջի նման պարել ևս գիտես, – ասում էին նրան, – ապա՛ տեսնենք քո հունարը:

Խենթը սկսում էր զանազան անճոռնի շարժմունքներ անել, չորս թաթիկների վրա սողալ, ոտները բարձրացնել, ձեռքերի վրա կանգնել, և ուրիշ տեսակ-տեսակ հիմարություններ անել:

Մի ամբողջ օր խենթը մնաց քրդերի բանակի մեջ. զվարճացնում էր բոլորին, խոսում էր քրդերեն, որպես մի քուրդ, հայհոյում էր, անիծում էր ռուսներին. գոռում և գոչում էր, թե բոլոր «գյավուրներին» պետք է կոտորել: Մինչև կես գիշեր նրա ձայնը ամեն կողմից լսելի էր լինում: Բայց մյուս առավոտյան խենթին բանակի մեջ էլ ոչ ոք չտեսավ...

Գ

Միջօրեի արեգակը սաստիկ այրում էր, տոթը խեղդելու չափ անտանելի էր: Օրվա այն ժամն էր, երբ ճանապարհները դատարկվում են ուղևորներից, և ամեն մարդ քաշվում է մի հովանավոր տեղ զովանալու և մի փոքր ազատ շունչ առնելու համար: Նույն ժամում Բայազեդից դեպի Ալաշկերտի կողմերը տանող ճանապարհով միայնակ գնում էր մի մարդ: Ճանապարհը ոլոր- մոլոր պտույտներով անցնում էր լեռների միջով, և բարձրությունների անդադար ելևէջները սաստիկ դժվարացնում էին նրան: Բայց ուղևորը, երևի, հոգնություն չէր զգում, թեև առանց երիվարի էր, թեև հետի էր գնում և հագին ոտնամաններ անգամ չուներ: Նա գնում էր շտապ քայլերով, առանց կանգ առնելու, առանց իր շուրջը նայելու, կարծես թե մի սաստիկ պահանջ մղում էր նրան դեպի առաջ, կարծես թե ամեն մի կորցրած րոպեն նրա համար շատ թանկ լիներ:

Ուղևորը մի երիտասարդ էր, համարյա միևնույն կերպարանքով, որպես հագնված էր նախընթաց գիշերում խենթը: Միևնույն քրքրված զինվորի վերարկուն ծածկում էր նրա բոլորովին մերկ անդամները, միևնույն թոկի կտորով պնդած ուներ իր մեջքը: Միայն պակաս էր բոժոժներով զարդարած թաղկյա գդակը, և կոշկաներկով սևացրած դեմքը, որի վրա այժմ գույնզգույն գծեր չէին երևում: Նրա գլուխը, արեգակի կիզող ճառագայթներից պահպանվելու համար, այժմ ծածկված էր բոլորովին թարմ, և դեռ տերևները չթառամած պրտուներից հյուսած գլխարկով, որի նմանը իրանց ձեռքով հյուսելով, կրում են մշակները ամառը խոտ հնձելու ժամանակ: Այդ նահապետական պարզ գլխարկը հովանավորում էր նրա այրական, բայց նույն ժամուն տխուր դեմքը, որի վրա նկարված էր խորին հուսահատություն, խառնված ներքին վրդովմունքի հետ... թեև իր օտարոտի հագուստի մեջ անգամ նա երևում էր խիստ տարապայման մի բնավորություն:

Նրա ականջներին զարկեց մի ձայն, որ ավելի նման էր ձիու խրխնջալու ձայնին: Նա կանգնեց և ուշադրությամբ սկսեց նայել իր շուրջը: Ձայնը կրկնվեցավ: Նա ստուգեց, որ ձայնը լսվում էր մերձակա ձորից, և րոպեական մտածությունից հետո իր քայլերը ուղղեց դեպի այն կողմը, որ շեղվում էր ուղիղ ճանապարհից: Փոքր ինչ առաջ գնալուց հետո, նա բարձրացավ մի բլուրի վրա, և արծվի սրատեսությամբ սկսեց դիտել ձորի խորքը: Այնտեղ շռայլաբար աճել էին զանազան տեսակ խոտաբույսեր, որոնց մեջ արածում էր մի թամքած ձի. երևում էին մի խումբ թուփեր, և ուրիշ ոչինչ: Ուղևորն ավելի ուշադրությամբ նայելով, նկատեց, որ թուփերի մոտ ցցված էր մի երկայն նիզակ, որի ծայրը փայլում էր արեգակի ճառագայթներից: «Ուրեմն այստեղ մարդ կա, – մտածեց նա, – և այդ մարդը մենակ պիտի լինի, որովհետև արածող միակ ձին նրան է պատկանում և

այդ մարդը պետք է քուրդ լինի, որովհետև նիզակը քրդի է, բացի դրանից, ձիու ասպազենքը նույնպես քրդական են, և այդ քուրդը պետք է քնած լինի, որովհետև ձիու ոտները շղթայած են, որ հեռու չգնա»: Իսկույն նրա գլխում ծագեց մի միտք և նա իջավ բլուրի գագաթից ձորի մեջ:

Ձորի միջով վազում էր մի փոքրիկ վտակ, որի եզերքը հովանավորված էին խիտ եղեգնաբույսերով: Նա թաքնվեց եղեգների մեջ: Այժմ նա սկսեց աննկատելի կերպով սողալ դեպի այն թուփերը, որոնց մոտ ցցված էր նիզակը: Օձը իր բոլոր առաձգական դյուրաթեքությամբ չէր կարող այնպես սողալ որպես այդ համարձակ և ճապուկ մարմինը գալարում էր խիտ եղեգնաբույսերի մեջ: Մեղմիկ քամին նույն ժամուն օրորում էր բույսերի գլխիկները, և նրանցից առաջ եկած սոսափյունը խլացնում էր թաքնված դարանակալի սողալուց պատճառված խշշոցը, երբ նա անում էր մի անզգույշ շարժում: Ամեն ինչ հաջողություն էր խոստանում...

Նա արդեն մոտեցավ թուփերին, որոնց մոտ ցցված էր նիզակը: Այստեղ նա մի քանի քայլ հեռավորության վրա կանգ առեց, և պահպանելով իր առաջին դիրքը, սկսեց եղեգների միջից նայել: Եվ իրավ, թուփերի հովանու տակ պառկած էր մի մարդ, որ կիսով չափ երևում էր: Նրա հագուստը ցույց էր տալիս, որ քուրդ է: Միջօրեի տոթը քշել էր նրան այստեղ հանգստանալու համար: Արդյո՞ք քնած էր նա, թե արթուն, – դժվար էր գիտենալ, որովհետև քրդի երեսը դարձած էր դեպի հակառակ կողմը, իսկ թիկունքը դեպի ուղևորի կողմը: Նա ամբողջ մարմնով տարածվել էր խոտերի վրա, որոնք ծավալվելով նրա ծանրության ներքո, կազմել էին խիստ փափուկ օթոց: Ուղևորը դեռ իր դարանից դիտում էր: Քրդի արթուն, թե քնած լինելը սաստիկ հետաքրքրում էր նրան: Եթե պառկած մարդու երեսը դեպի իր կողմը դարձած լիներ, նա կարող էր տեսնել, արդյոք աչքերը փակած էին, թե ոչ: Ներքին վրդովմունքը սկսեց խռովել նրան և աչքերի մեջ հայտնվեցավ կատաղի բարկություն: Մտատանջությունը ալեկոծում էր նրան, չգիտեր, թե ինչ պետք էր վճռել: Ինքը անզեն և մերկ գործ պիտի ունենար մի ոտքից ցցլուխ զինված գազանի հետ: Բայց պետք էր վերջացնել... Ժամանակը թռչում էր... Ամեն րոպե թանկ էր նրա համար... Բայց ինչո՞վ և ի՞նչպես վերջացնել...

Մինչ նա այդ մտատանջության մեջ էր, նկատեց, որ քուրդը գլուխը վեր բարձրացրեց, նայեց իր շուրջը, նայեց իր ձիու վրա, և երբ տեսավ, որ նա շատ հեռու չէր գնացել, կրկին գլուխը դրեց իր խուրջինի վրա, որ բարձի տեղ էր ծառայում, և պառկեց: Ուրեմն նա քնած չէր և եթե քնած էր, այժմ զարթեցավ: Խռովության նման մի բան կրկին ցնցեց ուղևորի դեմքը. նրա պնչերը սկսեցին լայնանալ և շրթունքը դողդողալ: Բայց երբ նրա աչքը ընկավ նիզակի վրա, տեսավ, որ նիզակը բավական հեռու ցցած էր գետնի մեջ, և ուղիղ դեպի այն

կողմի վրա, որտեղ թաքնված էր ինքը: Այդ առիթը, կարծես, նրան մի փոքր հանգստացրեց, նրա դեմքը այժմ խաղաղ կերպարանք ընդունեց և աչքերի մեջ փայլեց ուրախության նման մի բան: Զե՛նք, – այդ էր հարկավոր նրան իր դիտավորությունը կատարելու համար...: Հանկարծ, որպես մի դարանակալ վագր, նա դուրս թռավ եղեգնաբույսերի միջից, խլեց նիզակը և արձանացավ պառկած քրդի առջևը:

– Տուր զենքերդ, – եղավ նրա առաջին խոսքը:

Քուրդը տեսնելով այդ այլանդակ կերպարանքը, զինվորի քրքրված վերարկուի մեջ և իր ծաղրական գլխարկով, մի արհամարհական հայացք ձգեց նրա երեսին, և առանց փոխելու իր պառկած դիրքը, ձեռքը տարավ ատրճանակին, և ուղղելով դեպի խենթը, ասաց,

– Ա՛ռ, ահա՛...

Ատրճանակը որոտաց և գնդակը անցավ խենթի կողքի մոտից:

– Անիրա՛վ, դու ընդդիմանում է՞ս, – գոչեց նա և նիզակի ծայրը ուղիղ խրեց քրդի կոկորդի մեջ: Տաք արյունը դուրս ցայտեց վերքից, նրա գլուխը դողդողաց և ընկավ գետին:

Կրկին բարձրացավ քուրդը և մի երկրորդ անօգուտ փորձ փորձեց, ձեռքը տարավ դեպի իր սուրը, կիսով չափ դուրս քաշեց պատենից, բայց ձեռքը թուլացավ և սուրը մնաց իր տեղում:

– Շո՛ւն, ինչո՞ւ ես սպանում ինձ... – հարցրեց նա մահվան տագնապի մեջ:

– Դու շատ ես սպանել իմ ազգից... դու շատ ես հափշտակել... ես ձեզանից սովրեցա սպանելը... ձեզանից սովրեցա հափշտակելը... ես հեռու ճանապարհ պիտի գնամ... տեսնո՞ւմ ես, ո՛չ հագուստ ունեմ, ո՛չ զենքեր և ո՛չ ձի: Քո հագուստը, քո զենքերը և այդ գեղեցիկ ձին, որ արածում է խոտերի մեջ, ինձ պետք էին... Ես գիտեի, որ քանի շունչդ բերանումդ է, ոչինչ չես տա ինձ, դրա համար էլ քեզ հանգստացրի... Գուցե դու զրկվեցար Բայազեդի կողոպուտից, բայց փույթ չէ, քո եղբայրները այնտեղ եռանդով գործում են...

Քուրդը ոչինչ չլսեց. նրա աչքերը արդեն փակվել էին... և անշունչ դիակը տարածվել էր գետնի վրա:

Այդ բոլորը կատարվեցավ մի քանի րոպեի մեջ: Ուղևորը մերկացրեց իր զոհին. նրա դիակը քաշեց տարավ և թաքցրեց եղեգների մեջ. ծածկեց իր քրքրված վերարկուով և ինքը հագնելով նրա զգեստը, կրելով նրա զենքերը, – թռավ գեղեցիկ ձիու վրա և շարունակեց իր ճանապարհը...

Դ

Այդ անցքից մի օր հետո, մի ձիավոր, քրդի ձևով հագնված ծտի նման սլանալով մտավ Տեր- Ղուկասովի բանակը: Նա հայտնեց, թե գեներալի անունով շատ կարևոր նամակ ունի բերած: Նրան տարան դեպի գեներալի վրանը: Մի օֆիցերի ձեռքով նամակը ներս ուղարկեց նա, իսկ ինքը վրանի դրսումը սպասում էր, հոգ տանելով իր ձիուն, որ շատ քրտնած էր: Մի քանի րոպեից հետո նրան ներս կանչեցին:

Վրանի մեջ նստած էր միջահասակ մի զինվորական, լիքը կազմվածքով և առյուծի խրոխտ դեմքով: Դա ինքը՝ Տեր-Ղուկասովն էր: Նա ալևոր գլուխը թեքած ուներ գրասեղանի վրա, ուր ածած էին շատ նամակներ, որ նոր էին բացված: Նա կրկին վեր առեց նրանցից մեկը, կարդում էր և անդադար ծխում էր: Նրա անհանգիստ դեմքը արտահայտում էր ներքին խռովություն և խորին ցավակցություն: Նա դարձավ դեպի նամակաբերը, հարցնելով.

– Դու հա՞յ ես:

– Բացի հայ լինելս, տերտերի տղա եմ, – պատասխանեց երիտասարդը:

Գեներալը մի սուր հայացք ձգեց նրա համարձակ դեմքի վրա և շարունակեց իր հարցուփորձը:

– Բերդում հա՞ց կար:

– Մի քանի օրից հետո կսկսեն մեկմեկու միս ուտել, եթե չէին ցանկանա քաղցած մեռնել:

– Ջուրը ինչպե՞ս:

– Չկա: Պետք է դրսից բերել տալ. ցերեկով դուրս գալու հնար չկա. իսկ գիշերը երբ մթնում է հերթով տասը քսան մարդ իջեցնում են պարիսպներից, որ գնան ջուր բերեն. քրդերը այդ լավ են իմանում, հեռվից հրացանի են բռնում, և գնացողներից շատ անգամ մեկն էլ չի վերադառնում:

– Հրազենների պաշարը ի՞նչպես է, վառոդ, գնդակ ունի՞ն:

– Սպառվել էր: Բայց մի հայ – էլի մեր հայերի երեսը թող սպիտակ լինի – գտավ բերդի մեջ թուրքերից թաքցրած բավական զենքեր, վառոդ և գնդակ. հիմա նրանցով յոլա են գնում:

– Դու ի՞նչպես կարողացար դուրս գալ բերդից:

– Առավոտյան, դեռ արևը չծագած, պարսպից ցած իջա և ուղիղ մտա քրդերի բանակի մեջ: Մի ամբողջ օր նրանց ծիծաղացրի, ուրախացրի, երգեցի, պար եկա և հազար տեսակ օյիններ հանեցի, և այսպես ամեն տեղ մտա, ամեն բան իմացա, հետո մնաք բարով ասելով հեռացա:

Գեներալը զարմացած նայեց երիտասարդի երեսին, հարցնելով.

– Դու խե՞նթ ես, ինչ, ա՞, այդ ինչե՞ր ես խոսում:

– Այո՛, տեր, – պատասխանեց երիտասարդը հանգիստ կերպով. – ինձ վիճակված է իմ ամբողջ կյանքում խենթի դեր կատարել... Վատ չէ, դա ազատում է շատ փորձանքներից... Ես հենց ինձ խենթի տեղ էի դրել և այնպես մտա քրդերի բանակը:

Եվ նա սկսեց նկարագրել իր հագուստը և այն բոլոր ծաղրական ձևերը, որով հայտնվեցավ քրդերի բանակի մեջ:

Գեներալի սառն դեմքի վրա անցավ մի թեթև ժպիտ, և նա ընկերաբար հարցրեց.

– Իսկ այդ հագուստը դու ո՞րտեղից գտար:

– Աստված հասցրուց: Ճանապարհին մի քուրդ գտա, այդ հագուստը, այդ զենքերը և այն սիրուն ձին, որ դրսումը կանգնած է, նրանից խլեցի, – պատասխանեց երիտասարդը, իր սովորական եղանակով պատմելով, թե ինչ հնարքով կարողացավ սպանել քրդին:

– Դու քաջ տղա ես երևում, – ասաց գեներալը, և կրկին ընդունելով իր առաջվա մտախոհ կերպարանքը, շարունակեց հարցուփորձը:

– Շա՞տ են քրդերը:

– Ասում են, քսան հազարից ավել են, բայց բոլորը քրդեր չեն, նրանց մեջ խառն են ամեն տեսակ մահմեդական ցեղեր, ով որ մի քանի կտոր զենք է ունեցել և մի ձի, վազ է տվել դեպի Բայազեդ, և այսպես կազմվել է մի ահագին բազմություն: Ես ճանապարհին տեսնում էի, թե ինչպես դիմում են այնտեղ միշտ նոր և նոր խումբեր:

– Թնդանոթներ ունե՞ն:

– Ունեն:

– Ի՞նչ դիտավորություն ունեն:

– Շտապում են Բայազեդի բերդը առնել, հետո անցնել Երևան և մի շաբաթից հետո Թիֆլիսում լինել, որովհետև սիրուն վրացուհիները և հայոց աղջիկ-պարոնները սաստիկ հետաքրքրում են նրանց:

Գեներալի դեմքի վրա դարձյալ երևաց ժպտի նման մի բան. և նա արհամարհական կերպով հարցրեց.

– Քսան հազարո՞վ պիտի Թիֆլիս գնան: Այդ լինել չէ կարող...

– Քսան հազարը քիչ չէ, տեր, երբ առջևում հազար հատ սալդաթ չկա. բացի դրանից, շուտով կմիանան նրանց հետ Սմայիլ փաշայի բոլոր զորքերը: Իսկ մեր կողմերի մահմեդականները գրկերը բացած, անհամբերությամբ սպասում են իրանց կրոնակից հյուրերին:

Կրկին մռայլ տխրությունը սև ամպի նման անցավ գեներալի դեմքի վրա, և նրա սիրտը, որ բախտի ձախողակի փոփոխությունից երբեք խռովել չգիտեր, այժմ սկսեց ալեկոծվել: Նա ձեռքը տարավ դեպի ճակատը, սկսեց անգիտակցաբար շփել նրան, կարծես աշխատում էր վանել նրա վրա դիզված թախծությունը: Եվ րոպեական մտածությունից հետո, ալևոր գլուխը վեր բարձրացրեց, հարցրուց.

– Բայազեդի քաղաքը մտա՞ր:

– Մտա: Հայ-քրիստոնյայի մի շունչ անգամ չէ մնացել. ծերերին, պառավներին և երեխաներին կոտորեցին, լավ-լավ ջահել կնիկներին, աղջիկներին և պատանիներին գերի տարան, տները այրեցին, և ինչ որ ունեին կողոպտեցին: Մի հարյուրի չափ ընտանիք միայն, որոնք առաջուց գիտեին, թե ինչ վտանգ է սպառնում Բայազեդին, դեռ քրդերը չեկած, փախան գնացին սահմանակից պարսից Մարդու քաղաքը: Բայց դրանք էլ միայն իրանց գլուխը կարողացան ազատել, կայքերը թողեցին թշնամու ձեռքը: Ա՛խ, այդ մահմեդականները ո՛րքան անգութ, ո՛րքան անազնիվ կերպով վարվեցան հայերի հետ...

– Ո՞րպես:

– Ե՞րբ պատերազմի սկզբներում ռուսները մոտեցան Բայազեդին, տեղային մահմեդականները սաստիկ երկյուղի մեջ էին, կարծում էին, թե ռուսները կգան, և թուրքերի նման նրանց կկողոպտեն, և կայքը կհափշտակեն: Այս մտքով իրանց ունեցածը թաքցրին հարևան հայերի տներում, ասելով, թե «դուք քրիստոնյաներ եք, ռուսները ձեզ չեն դպչի, և մեր կայքը ձեր տներում ապահով կմնա»: Ռուսները եկան, իհարկե, ոչինչ չարեցին, թե՛ մահմեդականի և թե՛ քրիստոնյայի հետ վարվեցան առանց խտրության: Եվ մահմեդականները այդ տեսնելով, հանգստացան, և իրանց պահ տված իրեղենները ամբողջությամբ ետ ստացան հայերից: Հիմա էլ, երբ ձայն դուրս եկավ, թե քրդերը գալիս են, թուրքերը ասացին իրանց հարևան հայերին. «Դուք մեզ լավություն եք արել, մենք էլ պետք է փոխարենը ձեզ անենք. քրդերը գալիս են ձեզ կկողոպտեն, տվեցեք ձեր իրեղենները, մենք կպահենք»: Հայերը հավատացին և ինչ որ ունեին, նրանց պահ տվին, և ոմանք իրանց կնիկներով ու աղջիկներով

թաքնվեցան հարևան թուրքերի տներում: Իսկ երբ քրդերը մտան քաղաքը, թուրքերը ասացին հայերին. «Դուրս եկեք մեր տներից. եթե քրդերը կհասկանան, որ մեր տներում հայեր կան պահված, մեզ էլ ձեզ հետ կկոտորեն»: Եվ այսպես, խեղճ հայերին տվեցին թշնամու ձեռքը, և նրանց հարստությանը իրանք տիրացան: Բայց երբ սկսվեցավ կոտորածը, տեղային թուրքերը առաջինը եղան, որ բաց արեցին իրանց տներից կրակը... այն թուրքերը, որ մի և կես ամիս առաջ ձեզ մոտ երդվեցան, գեներալ, հավատարիմ մնալ ռուսաց իշխանությանը... հրացանները արձակում էին ամեն կողմից, արձակում էին մինչև անգամ թուրքերի կնիկները...

Գեներալը լուռ լսում էր: Երիտասարդը շարունակեց.

– Ա՛խ, եթե գիտենայիք, տեր, թե որքան լավ տղամարդիկ փչացան այն կռվի մեջ, որ մենք ունեցանք քրդերի հետ նախքան Բայազեդը նրանց ձեռքը տալը: Որպես ձեզ հայտնի է, տեր, բերդի պահպանության համար թողած էին խիստ փոքր թվով ռուս զինվորներ, հայ և թուրք միլիցիայի հետ: Շտոկվիչը, Բայազեդի այդ հերոսը, ռուս զինվորներով պահպանում էր բերդը, իսկ միլիցիան պահպանում էր քաղաքը: Մեզ վաղուց լուրեր էին հասնում, թե ահագին բազմություն քուրդերի, Շեյխ-Ջալալեդդինի և Շեյխ-Իբադուլլահի գլխավորությամբ, դիմում են դեպի Բայազեդ: Այդ լուրերը հաղորդում էին մեզ վանեցի հայերը: Մենք շտապեցինք, պահանջելով, որ վաղօրոք բերդը ամրացնեին, և մեզ մոտ պատրաստվեին բավականաչափ ուժեր թշնամու առաջն առնելու համար: Բայց գտնվեցան այնպիսիները, որ աշխատում էին հավատացնել, թե այդ բոլոր լուրերը սուտ են, թե ոչինչ պաարաստություն պետք չէ: Թե ի՞նչ նպատակով այդ դավաճանները աշխատում էին մեզ անպատրաստ վիճակի մեջ պահել թշնամուն հանդիպելու ժամանակ, այդ ես չեմ կարող ասել, դուք, իհարկե, վերջը կտեղեկանաք, գեներալ, միայն այսքանը կասեմ, որ հայը եղել է միշտ հավատարիմ և կլինի:

Որպես երևում էր, երիտասարդի պատմության մեջ կային այնպիսի կետեր, որ նա դժվարանում էր պարզապես արտահայտել: Գեներալը ընդմիջեց նրա խոսքը, ասելով.

– Դու այն պատմիր, թե ինչ արեցիք քրդերի գալուց հետո:

– Երբ քրդերը եկան, Շտոկվիչը մի քանի անգամ անհաջող կռիվներից հետո, շտապեց ամրանալ բերդի մեջ, նրան պահպանելու համար: Միլիցիայի մի մասը մնաց դրսում, որովհետև բերդի մեջ ոչ այնքան տեղ կար և ոչ պաշար բոլորի համար: Մեր ընկեր թուրք կամավորներից ոմանք փախան Իգդիր և ոմանք Պարսկաստանի կողմերը: Իսկ մենք, հայերս, վճռեցինք կամ կոտորվել, կամ քաղաքը չտալ թշնամու ձեռքը: Թեև մենք փոքր էինք թվով, բայց քաղաքի

հայ բնակիչներից շատերը պատրաստ էին միանալ մեզ հետ: Այդ խեղճերը գիտեին, թե ի՞նչ վիճակ է սպասում իրանց, երբ թուրքերը կրկին կտիրեին Բայազեդին: Ձեզ հայտնի է, գեներալ, թե հայերը ո՞րպիսի ուրախությամբ ընդունեցին ռուսաց հաղթական զորքերին, երբ նրանք առաջին անգամ մտան այդ քաղաքը: Հայերի մի այսպիսի համակրությունը չէին կարող մոռանալ օսմանցիք, և իրանց վրեժխնդրությունը պետք է թափեին այդ ժողովրդի վրա, որ ավելի բարվոք էր համարում հպատակել ռուսաց արծվին, քան օսմանցոց կիսալուսնին...

– Դու դարձյալ հեռանում ես հարցից, – երիտասարդի խոսքը կտրեց գեներալը, – դու այն ասա՛, թե ի՞նչպես վերջացավ գործը:

Երիտասարդը զսպելով իր շատախոսությունը, որ հառաջ էր գալիս նրա սրտի վրա ծանրացած, տխուր անցքերի տպավորություններից, շարունակեց.

– Գուցե մեզ կհաջողվեր տեղային բոլոր հայերի հետ միանալով, ազատել քաղաքը, եթե առաջուց կտային նրանց բավականաչափ զենքեր: Բայց զենքեր չստացան նրանք: Այնուամենայնիվ, շատերը միացան մեզ հետ: Կռիվը սկզբում, ճշմարիտ ասած, փառավոր էր: Մի փոքրիկ խումբ պատերազմում էր թվով անհամեմատ ուժի դեմ: Մեզ հետ մասնակցում էին կռվում և մի քանի հարյուր թուրք կամավորներ: Բայց հանկարծ տեսանք, որ մեր մահմեդական ընկերները թողեցին կռվի դաշտը և սկսեցին փախչել: Կարծես նրանց շատ ախորժելի չէր գնդակներ արձակել իրանց կրոնակիցների դեմ... Մենք, հայերս, մնացինք մենակ և երկաթ համառությամբ պաշտպանվում էինք: Այդ տևեց մի քանի ժամ, մինչև մեր հրազենների պաշարը սպառվեցավ: Այն ժամանակ սկսվեցավ ձեռնամերձ կռիվը: Շատերը ընկան, շատերը գերի բռնվեցան, և մնացածները, տեսնելով, որ ամեն ջանքեր իզուր են, թողեցին և փախան: Այն ժամանակ թշնամին տիրեց քաղաքին:

– Հասկանալի է... – ասաց ինքն իրան գեներալը և վերկենալով մոտեցավ մի փոքրիկ արկղիկի, և նրա միջից դուրս բերելով մի խաչ, իր ձեռքով կախեց երիտասարդի կուրծքի վրա, ասելով.

– Դու արժանի ես դրան, ես կառաջարկեմ իշխանությանը, բացի դրանից, քեզ համար աստիճան և ռոճիկ: Դու այսուհետև կմնաս ինձ մոտ, քեզ նման քաջերը պետք են ինձ:

Երիտասարդը շնորհակալությամբ գլուխ տալով, պատասխանեց.

– Այդ խաչը բավական է ինձ, գեներալ, դուք մեծ շնորհ արած կլինեիք, եթե հենց այս րոպեիս թույլ տայիք ինձ գնալ, ուր որ ես ցանկանում եմ:

Գեներալը զարմանալով երիտասարդի անփառասիրության վրա, հարցրեց.

– Ո՞ւր պետք է գնաս:

– Ազատելու մեկի կյանքը, որ ամեն բանից թանկ է ինձ համար...

– Դու, երևի, մի գաղտնիք ունես, ընկեր, – հարցրեց գեներալը բարեսրտությամբ:

– Այո՛, այդ իմ սրտի գաղտնիքն է...

– Ուրեմն, ընդունիր այդ փոքրիկ ընծան, գուցե պետք կլինի քեզ, – ասաց գեներալը, տալով նրան թղթի մեջ փաթաթած ոսկիների մի ծրար:

– Ես մեծ պարգև կհամարեի, եթե շուտով կարձակեիք ինձ, – պատասխանեց երիտասարդը հրաժարվելով:

– Գնա՛, տերը թող քեզ հետ լինի, – ասաց գեներալը և սեղմեց երիտասարդի ձեռքը:

Նա գլուխ տվեց և հեռացավ:

Ե

Անցնենք պատերազմից մի քանի տարի առաջ:

Բագրևանդի գավառում, Ս. Հովհաննու (Ուչ-Քիլիսայի) վանքից ոչ այնքան հեռու, Եփրատի վերին վտակներից մեկի ափի մոտ, գտնվում էր Օ... հայաբնակ գյուղը: Նա դրված էր մի բավական ընդարձակ հովտի մեջ, ուր բնությունը չէր խնայած այն բոլոր նկարները, ինչ որ պետք էին նրան գեղազարդելու համար: Հովիտը տարածվել էր երկու լեռնաշղթաների մեջ, որոնք ալիքավոր բարձրություններով շուրջանակի սեղմել էին նրան իրանց գրկում, տալով նրա տարածությանը ձվաձև կերպարանք: Մեջտեղից ոլոր-մոլոր պտույտներով անցնում էր Եփրատի վտակը, որին տեղացիք կոչում էին Աղ-սու, այսինքն՝ սպիտակ ջուր: Նա այնքան մաքուր էր, որ արժանի էր այդ կոչմանը: Հովիտի չորս կողմի սարերը պատած էին ճոխ արոտամարգերով, որոնք առատ սնունդ էին տալիս այնտեղ բազմաթիվ անասունների հոտերին, իսկ տափարակի ամբողջ հարթությունը պատած էր ցորենի, գարու, կտավատի և զանազան ընդեղենների արտերով: Այստեղ երկրագործի աշխատող ձեռքը չէր թողել ոչ մի կտոր հող անմշակ: Հովտի մեջ, մինը մյուսից հեռու, գտնվում էին մի քանի հայաբնակ գյուղեր, որոնք թաքնված էին այգիների և ձեռատունկ ծառերի մեջ, և հեռվից նայողի աչքին ներկայանում էին որպես կանաչազարդ անտառիկներ, որոնք առանձին խումբերով որոշվում էին տափարակի մերկությունից, որ զուրկ էր ծառերից:

Հովիտի բոլորովին ծայրումն էր դրած Օ... գյուղը և գոգավորված ձորակի մեջ: Տանուտեր Խաչոյի բնակարանը, նրա իսկական անունը Խաչատուր էր, այն տներից մեկը, որ թե՛ իր մեծությամբ և թե՛ հարստությամբ որոշվում էր մյուսներից: Այս տնից ամեն առավոտ քշում էին դեպի նախիրը հարյուրի չափ անասուններ: Նրա կովերը, գոմեշները, եզները և ձիաները էին ամենաընտիրները ամբողջ գյուղի մեջ: Այս տանն էին պատկանում հազարի չափ ոչխարներ, որոնք սեփական հովիվների հսկողության ներքո արածում էին մերձակա լեռների վրա: Այդ տանն էր պատկանում այն ահագին ձիթհանը, ձեթ դուրս բերելու գործարանը, որ գտնվում էր գյուղի մեջ: Այս տանն էր պատկանում այն գեղեցիկ ջրաղացը, որ գտանվում էր գյուղից դուրս, որի անիվները տարվա բոլոր եղանակներում անդադար բանում էին: Բայց այն, որ ավելի նշանավոր էր Խաչոյի հարստության մեջ, դրանք էին նրա յոթն որդիները, որոնք մինը մյուսի ետևից հասած, ներկայացնում էին նրա տան հարստության սյուները: Որդիները բոլորը ամուսնացած էին և տունը լցված էր ամեն հասակի երեխաներով: Ամուսնացած էին և նրա թոռներից մի քանիսը. նրանք նույնպես զավակներ ունեին: Եվ ծերունի Խաչոն իր աչքի առջև տեսնում էր մի քանի սերունդ, որ ապրում էին միասին, որ կազմում էին մի փոքրիկ աշխարհ: Գյուղում առակի ձև էր ստացել այն խոսքը, թե «Խաչոն այնքան զավակներ ունի, որքան անասուններ»:

Խաչոյի յոթն որդիներից առանց ամուսնանալու մնացել էր ամենակրտսերը, մանկահասակ Ստեփանիկը, որ դեռ նոր էր մտել իր տասն և վեց տարեկան հասակի մեջ: Բայց նրա դեմքին նայելով, կարելի էր իսկույն նկատել, որ տարիները դեռ չէին տվել նրան այն պատանեկական հասունությունը, որ հատուկ էր այդ հասակին, մանավանդ մի այնպիսի տաք երկրում, ուր պատանիները խիստ վաղ այրանում են: Ստեփանիկի դեմքը դեռ կրում էր իր վրա մանկական նուրբ քնքշություններ իրանց հրապուրիչ թարմությամբ: Նրա երեսը ավելի կանացի էր, քան թե այրացի: Խաչոյի բոլոր որդիները դրսում իրանց առանձին պարապմունքները ունեին, թե՛ հողերի մշակության մեջ և թե՛ անասունների դարմանելու մեջ. և խիստ հազիվ էին տանը գտնվում: Միայն Ստեփանիկն էր, որ շատ փոքր էր մասնակցում նրանց աշխատություններին: Նա Խաչոյի Հովսեփ-գեղեցիկն էր, որին ծերունի նահապետը չէր հեռացնում իր աչքից:

Ստեփանիկի և Հովսեփ-գեղեցիկի մեջ կային շատ նմանություններ, ոչ այն պատճառով միայն, որ նա Իսրայելի որդու պես սիրուն էր, հեղ էր, խելացի էր և համակրական էր, այլև այն պատճառով, որ ինչպես Հովսեփի, այնպես էլ Ստեփանիկի հագուստի և զարդարանքի վրա առանձին ուշադրություն էին դարձնում: Նրա հագին միշտ կարելի էր տեսնել Հալեբի ծաղկավոր բեհեզից գույնզգույն զոլերով կարած պատմուճանը, որի վրա հագած ուներ ծիրանի

մահուդից պատրաստած թիկնոցը, որ զարդարած էր ոսկի թելերով: Մեջքը պնդած էր Քիրմանի շալե գոտիով: Լայն շալվարը պատրաստված էր Վանա նուրբ կերպասից: Ոտներին հագած ուներ Արզրումի կարմիր կոշիկներ: Գլխին ծածկած ուներ կարմիր ֆես մետաքսյա սև փունջով, որ փաթաթած էր գունավոր տուրբանով, նույնպես մետաքսյա նուրբ գործվածներից: Ֆեսի տակից հիանալի կերպով թափվել էին նրա շագանակի գույն մազերը, որ սփռվել էին ուսերի վրա: Մի բանով միայն որոշվում էր Հովսեփ-գեղեցիկից, որ Հովսեփի եղբայրները նախանձվում էին հորից սիրված որդու վրա, բայց Ստեփանիկի եղբայրները բոլորը սիրում էին նրան:

Ծերունի Խաչոյի տունը հեռվից բոլորովին հին և նախնական ամրոցի տպավորություն էր գործում: Նա գտնվում էր մի բարձրավանդակի վրա, և թե՛ իր շինվածքով, թե՛ դիրքով ուներ այն բոլոր հարմարությունները, որ պետք էին մի բնակություն ազատ պահելու համար արտաքին թշնամիներից: Այդ ամրոցը պատած էր չորս ահագին պարիսպներով, որոնք քառակուսի ձևով միմյանց հետ միանալով, թողնում էին իրանց միջնավայրում բավական ընդարձակ տարածություն, որի վրա կառուցված էին զանազան շինություններ: Դրսից ոչինչ չէր կարելի տեսնել, բացի չորս բարձր աշտարակներից, որոնք միացնում էին պարիսպների չորս անկյունները: Ամրոցի շրջապատի մեջ զետեղված էին բոլոր բնակությունները, բոլոր ծածկոցները, որ պետք էին մի կանոնավոր տնտեսության համար: Այստեղ էր ոչխարների գետնափոր գոմը, այստեղ էր ձիերի, կովերի և գոմեշների փարախը, որ, անասունների տեսակի համեմատ, առանձին-առանձին բաժանմունքներ ուներ: Այստեղ էր սարայը երկրագործական անոթները պահելու համար. այստեղ էր մարագը, հարդանոցը, խոտանոցը, որոնց մեջ պահվում էր անասունները դարմանելու պաշարը. այստեղ կային զանազան մառաններ, զանազան ամբարներ մշակության բերքերի համար: Այստեղ կային և մի քանի խուզեր, որոնց մեջ բնակվում էին ծերունի Խաչոյի հովիվները և ծառաները իրանց ընտանիքներով. դրանք բոլորն ազգով քուրդ էին, կնիկները ծառայում էին որպես աղախիններ, իսկ տղամարդիկը որպես նախրապաններ, հովիվներ կամ երկրագործական մշակներ: Մի խոսքով, այդ ամրոցի մեջ բովանդակում էր մի փոքրիկ գյուղ, որի միակ տերը և պետը ծերունի Խաչոն էր:

Նրա գերդաստանի համար որոշված բնակարանները իրանց շինվածքով և բաժանումներով այնքան բազմատեսակ և բաղադրյալ չէին, որպես այդ հորինել է մեր նոր և քաղաքակրթված աշխարհը: Այլ դեռևս պահպանել էին այն նախնական պարզությունը և ձևը, երբ մի ամբողջ ընտանիք ապրում էր մի վրանի տակ, այն զանազանությամբ միայն, որ այժմ այդ վրանին փոխարինում էր քարեղեն շինվածքը: Նրա բազմաթիվ որդիների համար, որոնց յուրաքանչյուրը իր զավակներով մի մեծ ընտանիք կարող էր կազմել, առանձին

սենյակներ չկային, այլ բոլորը ապրում էին միևնույն հարկի տակ, միևնույն սենյակում, որ ուրիշ ոչինչ չէր, եթե ոչ չորս պատ, ծածկած ահագին գերաններով: Այստեղ վառում էին, այստեղ թխում էին, այստեղ կերակուր էին պատրաստում, այստեղ բոլորը միասին ուտում էին և այստեղ բոլորը միասին պառկում էին: Այստեղ կարելի էր տեսնել նորածին հորթեր, փոքրիկ ուլեր, որոնք խառնված երեխաների հետ, վազվզում էին, թռչկոտում էին, աղաղակում էին և տունը լցնում էին կենդանի աղմուկով: Այստեղ հավերը շատ անգամ ներս էին մտնում և հատակից քաղում էին փշրանքներ կամ ուրիշ այլ տեսակ բաներ, որոնք երեխաների ձեռքից անխնա ցած էին թափվում: Մի խոսքով, դա Նոյի տապանն էր, ուր զետեղված էին ամեն տեսակ կենդանիներ: Այդ բնակարանին կից էր մի երկրորդը: Դա առաջինից զանազանվում էր նրանով միայն, որ առջևի ճակատը բոլորովին բաց էր և նայում էր բակին: Դրան կոչում էին սրահ և ծառայում էր որպես ամառվա բնակարան: Սրահի միջից բացվում էր մի դուռն գլխավոր սենյակի մեջ, և այսպիսով նա ներկայացնում էր բուն բնակարանի նախագավիթը: Դրանց կողքին կար մի առանձին փոքրիկ սենյակ, որին կոչում էին օդա. նրա դռները բացվում էին այն ժամանակ միայն, երբ տանը հյուր էր գալիս և միշտ պահվում էր մաքուր և զարդարված:

Զ

Չնայելով կեցության այդ անշուք և պարզ ձևին, կյանքը այդ նահապետական տան մեջ սահում էր ուրախ և լի ամեն բավականություններով: Աշխատանքը անդադար եռ էր գալիս և աստուծո օրհնությունը թափվում էր այստեղ իր բարություններով: Ծերունի Խաչոյի ամբարները միշտ լիքն էին լինում ցորենով, յուղով, ձեթով և գինիով: Տարվա բոլոր եղանակներից օգուտ էր քաղում նա, թե՛ ցուրտ և թե՛ տաք օրվա համար նա միշտ գործ և պարապմունք ուներ:

Ահա՛ լեռների ձյունը սկսեց հալվել, դաշտերը վաղուց ժպտում են գեղեցիկ կանաչով: Գարուն է: Օդը տոգորված անուշահոտ ջերմությամբ կյանք է սփռում դեպի ամեն կողմ: Ձորերի միջից վազում են հարյուրավոր աղմկալի վտակներ և օձապտույտ ընթացքով տարածվում են հովտի մեջ: Նորեկ ծիծեռնակը հրավիրում է մշակին դեպի գործ: Խաչոյի որդիները արդեն պատրաստել են արորը և գութանը:

Արևը դեռ նոր էր սկսել ծագել, դեռ նոր սարերի ձյունապատ գագաթները վառվում են վարդագույն ճառագայթներով: Ծերունին դառնում է առավոտյան ժամից, աջ և ձախ ամեն հանդիպած մար դուն «ողորմի աստված» ասելով: Նրա որդիները այսօր առաջին անգամ պետք է դուրս բերեն եզներին և գոմեշներին,

որոնք ամբողջ ձմեռը ախոռում կերել, գիրացել, հանգստացել են և ամենևին դրսի լույսը չեն տեսել: Մեծ զվարճություն է գյուղացու համար այս տեսարանը, և այս պատճառով նրանցից շատերը հավաքվել էին Խաչոյի տան դռան մոտ, որ տեսնեն, թե ինչպես էին պահվել և խնամվել նրա անասունները:

– Աչքդ լույս, տանուտեր Խաչո, – հարցրեց նրան գյուղացիներից մեկը, – այսօր տղերքը ուզում են «խամից հանե՞լ» գոմեշներին:

– Հա՛, ժամանակ է, մինչև ե՞րբ ներսումը պահենք. տերտերից հարցրի, ասաց «օրը բարի է». ես էլ կամեցա, որ այսօր դուրս հանեն, – պատասխանեց տանուտերը, մի առանձին նշանակություն տալով քահանայի խոսքերին:

Այս միջոցին ներսից լսվեցան զանգակի ձայներ և բազմությունը ետ քաշվեցավ ճանապարհ բաց անելու համար:

– Այդ Չորան է, – լսելի եղավ ամեն կողմից:

Չորա կոչում էին տանուտերի նշանավոր գոմեշներից մեկին, որի ճակատը սպիտակ լուսնաձև պսակ ուներ և որը հռչակված էր իր ուժով և մեծությամբ: Վիթխարի անասունը փռնչալով, մռնչելով, դուրս պրծավ տան դռնից: Գետինը դողդողում էր նրա ոտների տակ: Նա հանկարծ կանգ առեց դռան առջևի հրապարակի վրա և գլուխը վեր բարձրացնելով, սկսեց նայել իր շուրջը: Նույն միջոցին ծերունի տանուտերը զարկեց նրա ճակատին մի ամբողջ անեփ ձու: Ձուն փշրվեցավ և դեղնագույն հեղուկը տարածվեցավ սպիտակ ճակատի վրա: Այդ նրա համար էր, որ չարը խափանվի և նրան «աչք չառնե»: Չորան այդ գործողությունից խրտնեցավ, և եղջյուրները թափ տալով, մի սարսափելի թռիչք գործեց և հարձակվեցավ այնտեղ հավաքված ամբոխի վրա: Նույն միջոցին վրա հասան ծերունու որդիները և ահագին մահակներով աշխատում էին ետ դարձնել ամեհի անասունին: Մարդկային ուժը պատերազմում էր վայրենի ուժի դեմ: Փարախի մթությունից դեպի լույս աշխարհ դուրս գալով, Չորայի անսովոր աչքերին ամեն առարկա անորոշ ձևով և մռայլի մեջ էր տեսնվում: Նա այժմ մինչև անգամ չէր ճանաչում իր տերերին, որ ամբողջ ձմեռը նրան կերակրել էին և որոնց ձեռքերը շատ անգամ խոնարհությամբ լիզել էր նա իր հանգստության ժամանակ: Կատաղի մոլեգնության մեջ հարձակվում էր նա այս կողմ և այն կողմ: Ընդիմադրությունը անհնարին էր: Խաչոյի վեց որդիները ամեն կողմից հարվածում էին նրան: Բայց ահագին մահակների հարվածները ընդունում էր նա որպես մի թեթև տաշեղի զարկ: Ծերունի տանուտերը, հեռու կանգնած լի հրճվանքով նայում էր այդ սոսկալի կռվին, որ կարող էր պատիվ բերել ամենանշանավոր հռոմեական կրկեսին: Նրա աչքերի առջև հանդիսանում էին երկու չափազանց ուժեր, մեկը իր քաջ որդիների ուժը, մյուսը իր վիթխարի անասունի ուժը: Երկուսն էլ հավասար նշանակություն ունեին նրա համար: Այդ

երկու ուժերից կախումն ունեին նրա տնտեսության բոլոր աշխատությունները: Այժմ կռիվը ավելի սաստկացավ: Որովհետև կտրվեցավ Չորայի վզի հաստ շղթան, որից քաշ էին տված մի ահագին գերանի կտոր, որպեսզի արգելեր նրա համարձակ քայլերը: Գյուղացիները չվաններով վրա վազեցին, որ կաշկանդեն նրան: Բայց ամեհի անասունի ամեն մի շարժումը բավական էր չվանները կտրատելու համար: Նա հարձակվում էր դեպի ամեն կողմ և ամբոխը ճանճերի նման փախչում էր նրա առջևից: Այդ զարհուրելի խռովության միջոցին կատարվեցավ մի հրաշալի քաջություն: Ծերունի տանուտերի միջնակ որդին, որին կոչում էին Ապո, առյուծի ճարպկությամբ վրա վազեց և բռնեց Չորայի պոչից: Կատաղած անասունը, նկատելով այդ արհամարհական հանդգնությունը, շտապեց գլուխը ետ դարձնել, որ իր եղջյուրներով պատժե անզգամին: Գործվեցան մի քանի սաստիկ պտույտներ: Չորան աշխատում էր ետ դառնալ, որ հարվածե իր հակառակորդին, բայց Ապոն նրա պոչից պինդ բռնած, պտույտվում էր նրա հետ: Այդ մենամարտությունը տևեց մի քանի րոպե: Ամեն կողմից լսելի էին լինում զարհուրանքի ձայներ: Զայրացած գազանը մռնչում էր և գետնի մեջ ակոսներ էր ձգում իր ոտների շարժումներով: Թանձր փոշին վեր էր բարձրանում և երկու կռվողները կորած էին հողեղեն ամպի մեջ: Նույն միջոցին վրա հասան Ապոյի եղբայրները և շղթաներով կաշկանդեցին Չորային: Ամեն կողմից այժմ լսելի եղան ուրախության ձայներ:

Ծերունի տանուտերը մոտեցավ Ապոյին, և նրա ճակատը համբուրելով, ասաց.

– Աստուծո աչքը թող քո վրա լինի, որդի, դու իմ երեսը սպիտակացրիր:

Այս խոսքերով նա կամեցավ հայտնել, որ Ապոն չթողեց հորը ամաչել ժողովրդի առջև: Հետո նա մոտեցավ Չորային, որպես իր մյուս զավակին, և ձեռքով նրա գլուխը շոյելով, ասաց.

– Չարաճճի, ինչո՞ւ էիր այսպիսի գժություն անում:

– Բայց Չորան այժմ հանգիստ էր. նրա աչքերի մռայլը փարատվել էր. նա այժմ ճանաչում էր իր տերերին, և, կարծես, փոշմանել էր իր գժության վրա: Նրա պարանոցից կրկին կապեցին հաստ շղթան, կրկին շղթայից քարշ տվեցին ահագին գերանի կտորը, որի մյուս ծայրը հասնում էր գետնին և անցնում էր անասունի առջևի երկու ոտների միջից, և այնուհետև սկսեցին քշել դեպի գետը, որ լվանան, որ զովացնեն նրան սառը ջրի մեջ:

Գյուղացիների բազմությունը դեռ չէր հեռացել ծերունի Խաչոյի տան դռնից, որովհետև Չորայից հետո պետք է դուրս բերեին մյուս գոմեշներին, որոնք մինը մյուսից ավելի ամեհի էին: Բայց այս անգամ ծերունու որդիները ավելի զգուշություններ գործ դրեցին և մի առանձին անկարգություն չպատահեցավ: Նրանք հերթով դուրս էին բերում գեղեցիկ, առողջ, գեր ու պարարտ

անասուններին, որոնց յուրաքանչյուրը ամեն մի գյուղատնտեսական հանդիսարանի մեջ կարող էր առաջին մրցանակը ստանալ: Տանուտերը հիացմունքով նայում էր նրանց վրա, և փշրում էր նրանց ճակատին կախարդական ձուն, որ ազատ պահե չար աչքից: Բացի դրանից, նա տերտերին գրել էր տվել մի-մի թիլիսմանական աղոթք, և եռանկյունի ձևով կանաչագույն կաշու մեջ կարելով, քարշ էր տվել իր անասունների պարանոցից: Գյուղացիները տեսնելով, գովում էին Խաչոյի որդիներին, որ կարողացել էին այնպես լավ պահել իրանց անասուններին: Հայրը, լսելով իր որդիների գովասանքը, ուրախանում էր: Այսպես պետք է նրանք ամեն օր դուրս բերեին «խամ պահած» անասուններին, մինչև մի փոքր ընտելանային, մինչև մի փոքր սովորեին դրսի օդին և լույսին, որ այնուհետև սկսեին հերկը հերկել:

Է

Ապրիլ ամիսը բերեց իր հետ ավելի տաք և ավելի պայծառ օրեր: Լեռների վրա կարմիր, դեղին և սպիտակ շուշանները վաղուց արդեն ծաղկել էին և քրդերի աղջիկները քաղելով, փունջեր էին կապում, և հայերի գյուղերում մանածելով, փոխում էին մի կտոր հացի հետ: Սունկը, բոխին, ծնեբեկը, մանդիկը, սիբեխը և լեռնային զանազան բանջարեղենները այս տարի այնքան առատ էին, որ մի ավանակի բեռը քրդի կանայք փոխում էին մի քանի ֆունտ ալյուրի հետ:

Ծերունի Խաչոյի որդիները արդեն սկսել էին դաշտում իրանց վարը վարել: Աշխատությունը սկսվել էր ամեն տեղ: Գյուղի մեջ մի անգործ մարդ չէր կարելի գտնել: Ամեն ոք զբաղված էր իր մշակություններով:

Առավոտյան ժամն էր: Ծերունու տանը թոնիրները վառվում էին, մեկի վրա դրած էին պղնձե ահագին կաթսաներ և խեցեղեն մեծ-մեծ պտուկներ, կերակուր էին եփում, մյուսի մեջ հաց էին թխում: Հարսները, աղախինները, հավաքված թոնիրների շուրջը, ընդհանուր շարժողության մեջ էին: Տունը, լցված էր կերակուրների անուշ շոգիով, ներկայացնում էր մի հսկայական խոհանոց, որի մեջ, տեսնողը կմտածեր, թե պատրաստվում է ճաշ մի ամբողջ բանակ կերակրելու համար: Եվ իրավ, բացի ծերունու ահագին գերդաստանից, նրա սեղանից կերակրվում էին բազմաթիվ հովիվներ, մշակներ իրանց ընտանիքներով, որոնք ծառայում էին նրա տանը: Դա մի ամբողջ լեգեոն էր: Ամեն օր վառվում էին նույն թոնիրները, ամեն օր պատրաստվում էր կերակուրների նույն քանակությունը: Եվ ծերունու ժրաջան հարսները մի րոպե հանգստություն չունեին: Պետք էր ամենի մասին հոգ տանել, պետք էր ամենին գոհացնել:

Բացի դրանից, կային տնտեսական և ուրիշ զանազան հոգսեր: Ահա այնտեղ, բակում հարսներից մեկը կովերին և ոչխարներին է կթում. մյուսը փոքրիկ օջախի վրա կաթ է տաքացնում մածուն շինելու համար. երրորդը պանիր է մակարդում, չորրորդը հարում է խնոցին կարագ պատրաստելու համար: Նրանց շուրջը վազվզում են բազմաթիվ երեխաներ և խաղում են նորածին գառների ու հորթերի հետ: Քա՛ղցր է նայել այդ գյուղական բախտավորության վրա: Մանուկ և գառնուկ, երկուսն էլ աճում են միասին, – երկու հարստություններ, որոնցմով ուրախանում է, որոնցմով պարծենում է գյուղացին:

Բակի արևահայաց կողմում, պատի տակ, մինը մյուսի վրա, կարգով շարված են մի քանի հարյուր մեղրի փեթակներ: Ապրիլյան արեգակը թափում է այստեղ իր ջերմ ճառագայթները: Մինչդեռ հարսները մյուս կողմում զբաղված են իրանց գործով, ծերունի Խաչոն այստեղ բաց է անում փեթակների դռնակները: Ճանճերը ուրախ և զվարթ դուրս են թափվում ծակերից, սավառնում են նրա ալևոր գլխի շուրջը, պըզպըզում են, վըժվըժում են, թըռթըռում են և օդը թնդում է միլիոնավոր միջատների ձայնից: Գտնվում են նրանց մեջ և այնպիսի չարաճճիներ, որ կծու համբույրներ են մատուցանում ծերունու խորշոմած երեսին: Բայց նա ամենևին ցավ չէ զգում, միայն ձեռքով քշելով, ասում է. «Ա՛յ, չար սատանա, ի՞նչ վատություն է արել քեզ Խաչոն»:

Նույն ժամուն Ստեփանիկը հեռու կանգնած, հետաքրքրությամբ նայում էր հոր աշխատություններին:

– Գնա՛, զավակս , ճանճերը կկծեն քեզ, – զգուշացնում է հայրը:

– Ապա ինչո՞ւ քեզ չեն կծում, – հարցնում է որդին:

– Կծում են, բայց ինձ այնքան չեն ցավեցնում:

– Ինչո՞ւ չեն ցավեցնում:

– Իմ մարմինը վաղուց սովորել է նրանց խայթոցներին:

– Թող իմն էլ սովորի, – ասում է պատանին ժպտելով:

Ծերունին ծիծաղում է և համբուրում է որդուն: Նույն միջոցին հայտնվեցավ գյուղի գզիրը և ասաց, որ քուրդ Ֆաթթահ-բեկը մարդ է ուղարկել, թե գալու եմ տանուտերի մոտ հյուր, և ավելացրեց, թե գուցե շուտով կգա նա, որովհետև շատ հեռու չէ գտնվում, այլ մերձակա լեռների վրա որս է անում: Կարծես մի սև թուխպ անցավ ծերունու պարզ ճակատի վրա, և նրա ուրախ դեմքը նսեմացավ տխրությամբ: Բայց նա զսպելով իր ներքին տհաճությունը, պատվիրեց գզիրին, որ դաշտից կանչե իր որդիներից մի քանիսին, որ սպասավորություն անեն, իսկ ինքը խոտի և դարմանի պատրաստություն տեսնե նրանց ձիաների համար:

Ֆաթթահ-բեկի երթևեկությունը այնպիսի մի սովորական բան էր ծերունի Խաչոյի մոտ, որ տանեցիք գիտեին, թե ինչ պատրաստություններ պետք էին նրան հյուրասիրելու համար: Այս պատճառով հենց որ հարսները իմացան, թե նա գալու է, իսկույն մի քանի գառներ մորթել տվին, և սկսեցին մեծ կաթսաներով փլավ պատրաստել, որովհետև իմանում էին, որքան էլ սակավ լիներ, դարձյալ բեկը իր հետ մի քսան կամ երեսուն մարդ կունենար:

Ֆաթթահ-բեկը քրդերի մի ամբողջ ցեղի պետն էր, որոնց ոչխարները արածում էին Օ... գյուղի սահմանակից լեռների վրա: Սակավ չէր պատահում, որ հայ և քուրդ հովիվների մեջ ծագում էին կռիվներ, երբ քրդերը կամ ոչխար էին գողանում, և կամ անցնելով սահմանից, սկսում էին իրանց հոտերը արածացնել հայերի արոտների վրա: Բայց այդ կռիվները միշտ վերջանում էին առանց ծանր հետևանքների, որովհետև քրդերի ցեղապետ Ֆաթթահ-բեկը տանուտեր Խաչոյի ոչ միայն լավ բարեկամն էր, բայց և քիրվան էր: Նա կնքահայր էր դարձել տանուտերի թոռներից մի քանիսին մկրտության խորհրդի ժամանակ, իսկ տանուտերը փոխադարձաբար կնքահայր էր եղել բեկի մի քանի որդիների թլփատության ծեսը կատարելու ժամանակ: Այսպիսով հայ տանուտերի և քուրդ բեկի մեջ կազմվել էր խիստ սերտ հարաբերություն:

Բայց ինչո՞ւ նա տխրեց, երբ լսեց բեկի գալուստը: Խաչոն ժլատ մարդ չէր, որ վախենար նրան իր մի խումբ ծառաների հետ հյուրասիրելուց: Խաչոյի սեղանը հայր Աբրահամի սեղանի նման ամեն մարդու առջև բաց էր: Ամեն օր իրա տանը հաց էին ուտում բազմաթիվ պանդուխտներ և օտարականներ: Խաչոն միշտ մի առանձին բավականությամբ էր արտասանում այն խոսքերը, թե իր կյանքում առանց հյուրի սեղան չէ նստել: «Հացը, ասում էր նա, աստուծո տվածն է և նրան է պատկանում: Աստուծո աղքատները պետք է կերակրվեն նրանից»: Բայց ինչո՞ւ տխրեց նա, երբ լսեց բեկի գալուստը...

Նա լուռ մտածության մեջ դուրս եկավ տանից, այնտեղ դռանը կանգնած, սպասում էր, որ ընդունե հյուրին: Մի քանի գյուղացիներ, տեսնելով տանուտերին, մոտեցան նրան:

– Ասացին, բեկը գալիս է, – խոսեց նրանցից մեկը: – Ով գիտե ինչ փորացավ կունենա:

– Քուրդը, երբ հայի տունն է գալիս, առանց փորացավի չի լինում, – պատասխանեց տանուտերը ներքին դժգոհությամբ:

Բլուրների ետևից երևացին նիզակների սուր ծայրերը, և մի քանի րոպեից հետո հայտնվեցան մի խումբ ձիավորներ:

– Գալիս են, – ասաց գյուղացիներից մեկը:

Տանուտերի աչքերը հեռվից լավ չէին տեսնում, նայեց դեպի այն կողմը և ոչինչ չնկատեց:

– Նրանք են, – ձայն տվեց մի ուրիշ գյուղացի:

– Տղերք, – ասաց տանուտերը իր մոտ կանգնած գյուղացիներին, – դուք այստեղ մնացեք, նրանց ձիաները բռնեցեք, խոտ և գարի տվեցեք, մինչև մերոնք կգան դաշտից:

Մոտեցավ բեկը մի խումբ զանազան տեսակ որսորդական շներով և քսանից ավելի ձիավորներով, որոնք իր հեռու և մոտ ազգականներն էին, և որոնց թիկնապահների նման իրանից չէր հեռացնում: Նա այսօր նստած էր մի գեղեցիկ կապտագույն արաբական նժույգի վրա, որի բոլոր ասպազենը զարդարված էր արձաթով և փայլուն ակներով: Ինքը բեկը քառասուն տարեկան հասակից անցած մի տղամարդ էր, բայց տեսնողը կմտածեր, թե երեսուն տարեկան երիտասարդ է, վայելչակազմ, հսկայատիպ և այրական դեմքով: Նրա հագուստը ոտքից ցգլուխ բաղկացած էր բեհեզից, թանկագին կերպասից, ասեղնագործած ոսկի թելերով, զենքերը նույնպես զարդարած էին ոսկով և արծաթով:

Տանուտերը, տեսնելով նրան, մի քանի քայլ առաջ գնաց և կանգնեց խրամի մոտ, որ փորած էր ջուր անցկացնելու համար: Խրամի վրա ձգած էր մի կամուրջ, որտեղից պիտի անցկենար բեկը, բայց նա, փոխանակ կամուրջից անցկենալու, խթեց իր ձիու կողքը, ձին փռնչաց, ծտի նման թռավ ահագին խրամից, և մի քանի զարմանալի պտույտներ գործելով, սիգալով կանգնեց տանուտերի մոտ:

– Ի՞նչպես է, հավանում է՞ս, քավոր Խաչո, – հարցրեց բեկը, ձեռքով գգվելով նժույգի սիրուն բաշը, – դու ձիաներ ճանաչում ես, ի՞նչպես է:

– Աստված թող հեռու պահի չար աչքից, շատ գեղեցիկ է, ինքը Քորօղլին էլ չէ ունեցել մի այսպիսի ձի, ուղիղ քեզ արժանի է, – պատասխանեց տանուտերը մոտենալով և իր ձեռքը քսելով նժույգի պարանոցին: – Ո՞րտեղից գտար, դու այսպիսի ձի չունեիր:

– Նոր ընծա եմ ստացել Արզրումի վալիից, – պատասխանեց ուրախացած բեկը: – Վալին այդ նժույգը իր զույգ աչքերու հետ չէր փոխի, բայց ուղարկեց իր բարեկամին, նա այդ ձին ընծա էր ստացել Հալեբի շեյխից:

– Գեղեցիկ ձի է, – կրկնեց տանուտերը:

Բեկը ոգևորված այդ գովաբանություններով, կրկին խթեց, նժույգի կողքը: Նա մի քանի զարմանալի թռիչքներ գործեց, մի քանի ճարպիկ պտույտներ տվեց տանուտերի դռան հրապարակի վրա, և այդ բոլոր գործողությունների մեջ

երևում էր ազնիվ երիվարի գեղեցիկ հատկությունները և նրա սանձը կառավարող տղամարդի հմտությունը ամեհի ձիաներ զսպելու մեջ:

Հետո նա ցած իջավ, և սանձը հանձնելով իր ծառաներից մեկի ձեռքը, պատվիրեց, որ ման ածե, որովհետև ձին բավական քրտնած էր:

Տանուտերը իր պատվելի հյուրի ձեռքից բռնած, մտան օդան (հյուրանոցը), որ մինչև նրանց գալը, բավական զարդարած և կարգի էր դրած:

Հատակը սփռած էր պարսական թանկագին գորգերով. պատերի մոտ մինը մյուսի վրա շարած էին փափուկ բարձեր նստելու և թիկն տալու համար, և մի գեղեցիկ օթոց հատկապես պատրաստված էր բեկի բազմոցի համար:

Այժմ տանուտերը, հրավիրելով իր հյուրին նստել, ասաց իրանց երկրում ընդունված քաղաքավարական ոճով:

– Իմ տունը ձեր տունն է. աչքիս և գլխիս վրա տեղ ունիք, ես ձեր խոնարհ ծառան եմ. որդիքս ձեր ստրուկներն են, իսկ կանայքս՝ ձեր աղախինները, բարով և հազար բարով եք եկել, ամեն ինչ որ ունեմ, ձեզ «փեշքեշ» է: Հրամեցեք, հրամեցեք, նստեցեք, խնդրեմ:

Բեկը շնորհակալություն հայտնեց, և Խաչոյի որդիներից մեկը մոտենալով ոտներից հանեց նրա կարմիր կոշիկները, և նա առաջացավ, նստեց իր համար պատրաստված բարձի վրա, որ բռնում էր հյուրանոցի պատվավոր կողմը: Նրա մոտ նստեցին որպես մերձավորներ իր հորեղբոր որդիներից երկուսը, և մի քանի ուրիշ ազգականներ: Ծառաների մի մասը մնաց օդայի մեջ, և ձեռքերները իրանց գոտիներում խրած ատրճանակների վրա դրած, խոնարհությամբ կանգնել էին բեկի սպասում: Իսկ ծառաների մյուս մասը դուրս գնաց, հոգ տանելու որսորդական շներին և ձիաներին, որ նույն ժամանակ վայելում էին տանուտերի մարագի բարիքները: Թե՛ բեկը և թե՛ իր ծառաները բոլորը զինվորված էին սրերով, վահաններով, ատրճանակներով, հրացաններով և նիզակներով, որոնց իրանցից չհեռացրին, թեև բարեկամի տուն մտան: Քուրդը թե՛ իր տնում և թե՛ դրսում, թե՛ խաղաղության ժամանակ և թե՛ կռվի ժամանակ զենքերը իր մարմնից չէ հեռացնում: Զենքը քրդի մարմնի անբաժան անդամներից մեկն է:

Խաչոյի որդիներից մի քանիսը, որ այդ ժամանակ դարձել էին դաշտից, անդադար դուրս էին գալիս և ներս մտնում, կատարելով հոր զանազան պատվերները: Բայց նրանց վրա զենքեր չկային: Սկզբում փոքրիկ նախշուն ֆինջանների մեջ մատուցին սուրճ առանց շաքարի:

– Ո՞ւր է Ստեփանիկը, չէ երևում, – հարցրեց բեկը, – ես սովորել եմ այստեղ գալու ժամանակ սուրճը միշտ նրա ձեռքից ընդունել:

Տանուտերը, թաքցնելով իր ներքին տհաճությունը, հրամայեց, որ կանչեն Ստեփանիկին:

Ներս մտավ Ստեփանիկը, ուրախության ժպիտը փայլում էր նրա անմեղ դեմքի վրա. նա մոտեցավ բեկին և համբուրեց նրա ձեռքը: (Քրդի ցեղապետները իրանց ձեռքը համբուրել են տալիս): Բեկը շոյելով նրա մետաքսանման մազերը, ասաց.

– Դու դիտե՞ս, թե ինչ լավ բան եմ բերել քեզ համար:

– Գիտեմ, – պատասխանեց Ստեփանիկը կարմրելով, – մի գեղեցիկ այծյամի ձագ է, տարա խոտ տվեցի, չկերավ:

– Տեսնում է՞ք նա արդեն ստացել է իր ընծան, – ասաց բեկը դառնալով դեպի տանուտերը:

– Գիտեի, որ ինձ համար է, – պատասխանեց Ստեփանիկը, – ես էլ տարա:

– Դե՛, հիմա գնա՛, խաղա՛ քո այծյամի հետ, – ասաց բեկը:

Պատանին գլուխ տվեց և հեռացավ:

– Շատ խելոք տղա է, – խոսեց բեկը Ստեփանիկի գնալուց հետո: – Երևի, նա դժգոհ է մնում, երբ ամեն անգամ ես այստեղ գալու ժամանակ, ինձանից մի ընծա չէ ստանում:

– Նա մեղ չունի, դուք եք այդպես սովորացրել, բեկ, – պատասխանեց տանուտերը, ակամա ծիծաղելով:

– Ա՛խ, ինչ լավ սարեր են ձեր սարերը, քավոր Խաչո,-փոխեց բեկը իր խոսքը. – ամեն քայլում հանդիպում ես որսի, այծյամներ, եղնիկներ, եղջերուներ խումբերով են ման գալիս. կաքավներին և վայրենի աղավնիներին հաշիվ չկա: Այդ այծյամը, որ ստացավ Ստեփանիկը, բարակները բոլորովին կենդանի բռնեցին: Բայց մի տեսնեիք, ինչ լավ բարակներ ունեմ այժմ. մի զույգ նոր ստացա զելանցիների ցեղապետից. փոխարեն ես մի զույգ ջորի ուղարկեցի: Բայց խոսքը մեր մեջ թող մնա, ջորիները մենք դեռ նոր էինք խլել Մեքքայի պարսիկ ուխտավորներից: Բայց բարակները հրաշալի են, մտքից ավելի արագ են թռչում:

Բեկի խոսակցությունը ամբողջ ժամանակ վերաբերում էր իր շներին, որսորդություններին, ձիերին, ավազակություններին և զանազան տեսակ քաջագործություններին, որոնց մասին մի առանձին բավականությամբ էր խոսում: Տանուտեր Խաչոյին, թեև ձանձրալի էին այդ «հիմարությունները», բայց նա համբերությամբ լսում էր և երբեմն իր կողմից համակրություն էր ցույց տալիս:

Արդեն ճաշի ժամանակ էր: Հատակի վրա տարածեցին սեղանի սփռոցը և նրա վրա շարեցին ահագին ափսեներով փլավ և խորոված ամբողջ գառներ: Մի քանի ամանների մեջ դրած էին զանազան տեսակ քաղցր շերբաթներ, կամ մածունից պատրաստած թանապուր, որ խմում էին մեծ շերեփներով: Ոգելից ըմպելիքներ չկային: Սկսեցին ուտել և խմել:

– Դուք ձեր ոչխարները դեռ չե՞ք ուղարկել արոտ, – հարցրեց բեկը տանուտերից:

– Դեռ չենք ուղարկել, – պատասխանեց տանուտերը, – դեռ եղանակի վրա հույս չէ կարելի դնել. այդ մեր ապրիլ ամիսը իր վերջին գժություններն ունի, սպասում եմ, մինչև անցկենա:

– Ջերմ ու ցուրտը աստուծո ձեռքումն է, քավոր Խաչո, ինչ որ լինելու է, կլինի, – պատասխանեց բեկը: – Մեր ոչխարները մի շաբաթից ավել կլինի, որ տարել են արոտ: Բայց գիտե՞ք այս տարի որքան շուտ սպառվեցավ մեր պաշարը. հովիվները քանի օր է ուտելու հաց չունեն:

Տանուտերը հասկանալով, թե ինչ է ուզում ասել բեկը, պատասխանեց.

– Մի՛թե մեր հացը ձերը չէ՞, հրամայեցեք, որքան ալյուր պետք է, ես կուղարկեմ:

– Թող շեն ու հաստատ մնա ձեր տունը, – ասաց բեկը, – իհարկե այդպես է. ո՛վ է մեր մեջ ջոկություն դրել: Ինչ որ իմն է՝ քոնն է, ինչ որ քոնն է՝ իմն է: Այդպես չէ՞, քավոր Խաչո:

– Աստված էլ գիտե, որ այդպես է... Որքա՞ն ալյուր ուղարկեմ:

– Առ այժմ մի տասն եզան բեռն բավական է, երբ սպառվի, էլի կտանենք, ձեր ամբարները խո պրծնելու չեն:

Տանուտերը մի ակամա ժպիտ գործեց իր տխուր դեմքի վրա, և գլուխը շարժեց, որ նշան էր նրա համաձայնությանը:

Ճաշից հետո Ստեփանիկը ձեռքերը լվանալու ջուր բերեց, բոլորը լվացվեցան, և ապա պատանին իր ձեռքով սուրճ տվեց: Բեկը հրամայեց իր սպասում կանգնած ծառաներին, որ գնան դրսում իրանց ընկերների հետ ճաշեն, ուր պատրաստված էր առանձին սեղան, բակի մեջ տարածված կապերտների վրա: Հյուրանոցում մնացին բեկը, իր մի քանի ազգականները և տանուտեր Խաչոն: Այժմ խոսակցության առարկան Արզրումի վալիի ընծայած ձին էր: Բեկը պատմում էր նժույգի ցեղական ազնվությունը և ասում էր, թե նրա տոհմային վկայականները հասնում են մինչև երևելի Անթարի ժամանակներին, թե այդ ձին սերվում էր արաբական ամենաընտիր նժույգների տոհմից և այլն:

– Բայց շատ թանկ պիտի նստի իմ վրա այդ գեղեցիկ ընծան, – վերջացրեց բեկը իր պատմությունը:

– Ի՞նչպես, – հարցրեց տանուտերը:

– Միթե չե՞ս իմանում, ամենափոքրը՝ պետք է հարյուր ոսկի պարգևել վալիի ծառային, որ բերել է այդ ձին:

Տանուտերը այժմ հասկացավ բեկի «փորացավը», թե ինչ մտքով էր եկել իր տունը: Բայց որպես ասում են, «խոսքը կտուր գցելով», պատասխանեց.

– Ինչ կա, – ավելացրեց, – հարյուր ոսկին շատ չէ մի այդպիսի ձիու համար:

– Քրդին ով է տվել փող, – ասաց բեկը մի փոքր բարկացած ձայնով, – այդ անիծած արծաթը ձեր, հայերիդ մոտ է գտնվում միշտ:

Բեկի մոտ նստած ազգականները, որ բոլոր ժամանակ լուռ էին, խոսակցության մեջ մտան: Նրանցից մեկը ասաց.

– Դուք էլ մի՞թե փողի դարդ եք քաշում, բեկ, քավոր Խաչոն ե՞րբ է թողել, որ դուք փողի կարոտություն ունենաք:

– Աստված վկա է, որ այդպես է, – ասաց մյուսը:

– Քավոր Խաչոն շատ լավ մարդ է, – ավելացրեց երրորդը, – նրա հատը բոլոր հայերի մեջ չկա:

Ծերունի Խաչոն նկատեց, որ հակառակ իր հաճության և կամքին, իր վզին դրեցին հարյուր ոսկին, և կասկածանքի տեղիք չտալով, պատասխանեց.

– Ես հազար ոսկու համար ևս բեկի սիրտը չեմ կոտրի:

– Շեն մնա ձեր տունը, – ձայն տվեցին քրդերը:

Տանուտերը վեր կացավ, և դուրս գալով օդայից, իր մոտ կանչեց մեծ որդուն և ասաց, որ ծածուկ գնա հարդանոցում թաքցրած ոսկիներից հարյուր հատ բերե:

– Ինչի՞ համար է, – հարցրեց որդին:

– Դու չե՞ս իմանում, որ անօրենները եկան, կերան, խմեցին, հիմա պետք է մի «դիշքիրասի» էլ տանք, – պատասխանեց հայրը տխուր ձայնով:

– Աստված ձեր քոքը (արմատը) կտրե, անիծածներ, – ասաց որդին, և քթոցը վեր առնելով, դիմեց դեպի հարդանոցը, որպես թե գնում է հարդ բերելու:

«Դիշքիրասի» նշանակում է ատամների վարձ, մի այսպիսի վարձ ստանում էին քրդերը մի ժամանակ, երբ շնորհ էին անում հայի հացը ուտել, կամ նրա տանը հյուր լինել: Հյուրընկալը պարտավոր էր վճարել, եթե չտար, գուցե կենթարկվեր իր հյուրի անգութ գանահարությանը: Այժմ թեև այդ սովորությունը մասամբ վերացել էր, բայց ոսկիներ դարձյալ ստացվում էին, միայն ստանալու եղանակը

փոխվել էր և ավելի քաղաքավարի ձև էր ստացել: Մինչև ծերունու դառնալը, հյուրանոցում քրդերի մեջ անց էր կենում հետևյալ խոսակցությունը.

– Եթե չբերե ծերուկը ոսկիները, ես կհրամայեմ այս րոպեիս նրա տանը կրակ տան, – ասաց բեկը կատաղած կերպով:

– Հարկավոր չէ, – հանգստացնում էր նրան ազգականներից մեկը, – Խաչոն բարի հայ է, հարկավոր չէ նրան վշտացնել: Նրա դուռը միշտ բաց է եղել մեր առջև, և ինչ որ կամեցել ենք, տարել ենք: Խաչոն լավ մարդ է, պետք չէ նրա աղ ու հացը մոռանալ:

Նույն միջոցին ներս մտավ ծերունին և ոսկիների քսակը դնելով բեկի առջև, ասաց.

– Աստված է վկա, որ հոգուս համար էի պահել, որ Երուսաղեմ ուխտ գնամ և մուղդուսի դառնամ, բայց ձեր խաթրը չկոտրեցի, բեկ:

– Սուտ մի՛ խոսիր, քավոր Խաչո, շա՛տ ունես, շա՛տ, այդ ես իմանում եմ, – պատասխանեց բեկը, վեր առնելով քսակը և առանց համբարելու, իր գրպանը դնելով:

Երեկոյան զով ժամանակն էր արդեն: Բեկը հրամայեց ձիաները պատրաստեն, որ ճանապարհ ընկնի: Նա դուրս եկավ օդայից և բակում տանուտերի հետ ման էր գալիս, մինչև ամեն ինչ կպատրաստեին: Նա տեսավ Ստեփանիկին, որ այծյամի հետ խաղում էր: Մոտեցավ նրան:

– Լա՞վն է, – հարցրեց նրանից:

– Լավն է, բայց այդ մեկ ոտը շները կծել են, վիրավորվել է, այդ ոչինչ, ես կբժշկեմ: Խեղճ անասուն, երևի, ցավում է, դրա համար ոչինչ չէ ուտում, – պատասխանեց պատանին, կապելով այծյամի վերքը:

– Ստեփանիկ, ես տեսնում եմ, դու անասուններ սիրում ես, դրա համար ես կուղարկեմ քեզ իմ նորահաս քուռակներից մեկը:

– Ձիաներ չեմ սիրում:

– Ապա ի՞նչ ես սիրում:

– Ահա այսպիսի այծյամներ, եղջերուներ, կաքավներ եմ սիրում:

– Շատ լավ, դրանից հետո իմ որսերից որն կենդանի մնացած կլինի, քեզ համար կուղարկեմ:

Ծառաները իմացում տվին, թե ձիաները պատրաստ են:

Բեկը շնորհակալություն հայտնելով տանուտերին, դուրս եկավ նրա տնից, դռան առջև կանգնացրել էին գեղեցիկ նժույգը: Ինքը ծերունի Խաչոն ձիու ասպանդակը բռնելով, նստեցրեց բեկին: Դա պատվի մեծ նշան էր, որով տանուտերը ցույց էր տալիս իր ծառայությունը դեպի պատվելի հյուրը: Նստելով ձիու վրա, քուրդ ցեղապետը շարժեց ձեռքի երկայն նիզակը, խաղացրեց ձին, և մնաք բարով ասելով տանուտերին, հեռացավ: Ծերունին երկար անշարժ կանգնած, նրա ետևից նայում էր: Նա տեսավ, թե որպես բեկը իր ձին կրկին թռցրեց խրամից, արհամարհելով կամուրջը, որի վրայից անց էին կենում, նրա կարծիքով, թույլ և անզոր արարածները միայն: Նա տեսավ, թե որպես հետամուտ եղավ նա թփերի միջից հայտնվող նապաստակին, և արծվի արագությամբ նրա ետևից հասնելով, ցցեց նիզակը խեղճ անասունի կողքին: Այդ բոլորը տեսնում էր նա, միևնույն ժամանակ նրա գլխում անց էին կենում այսպիսի մտածություններ. «Ինչո՞ւ այսպես է երկրի և երկրնքի դատաստանը. քուրդը հաց չունի ուտելու, հայը վարում է, ցանում է և նրա համար պաշար է պատրաստում... քուրդը գեղեցիկ նժույգ ընծա է ստանում, նստում է, զվարճանում է, գետինը դողացնում է իր ոտների տակ, իսկ հայն է տալիս նրա փողը... հայը, որ բացի ավանակից մի ուրիշ անասունի վրա նստելու իրավունք չունի»...

[...]

O LOUCO

"E, de fato, o homem era louco, ou pelo menos, aparentava todos os sinais de loucura."

RAFFI

CAPÍTULO I

Bayazid estava sitiada.

Turcos, curdos, ciganos, vagabundos e mais de vinte mil marginais, aliados a soldados do exército turco cercavam a cidade semidestruída de onde saíam densas fumaças denunciando uma imensa fogueira. As casas dos Armênios estavam desertas. Muitos de seus moradores tinham sido trucidados pelos bárbaros e outros levados como escravos. Somente uma minoria, prevendo o pior, conseguira escapar e fugir atravessando a fronteira da Pérsia na direção da cidade de Macu.

Porém a cidadela de Bayazid permanecia inexpugnável.

Um número restrito de soldados russos, ao lado de mercenários armênios e turcos, ainda resistia, e com a coragem do desespero, esperavam a hora do terrível desfecho. O forte estava cercado como que em um anel de ferro, o qual pouco a pouco se estreitava, dia após dia, até sufocar e matar todos os desesperados sitiados. As comunicações com o mundo exterior estavam cortadas.

Fazia 23 dias que o cerco ocorrera, exatamente dia 6 de junho de 1877. Foi no tempo em que a gloriosa espada russa viu a sua sorte vacilar. Os muçulmanos, que de início haviam aceitado o domínio russo de bom grado, se rebelaram e se juntaram ao exército de Ismael Paxá.

O general russo Der-Ghukassov, comandante da região de Yerevan, encontrava-se naquele momento entre Zeitekani e Dali-Babá lutando bra-

vamente contra as forças de Mukhtar Paxá, cinco vezes mais numerosa. Com certeza, não estava a par do que estava acontecendo em Bayazid, cuja guarda havia deixado sob a responsabilidade do comandante Ichdogvitch.

Era noite. As pontas da lua crescente acabavam de desaparecer no horizonte; a escuridão reinava. Certamente, os sitiados preferiam as trevas, pois a lua, tão amada e decantada, os denunciava com seus raios prateados, mas até a escuridão não impedia o ataque dos ferozes bárbaros.

Ao longe, no alto da colina, avistavam-se os contornos do forte, e era ali onde choviam os obuses dos canhões e as balas dos fuzis. O forte rugia como animal selvagem atacado por todos os lados. Porém, resistia com obstinação, recusando a morte e seu destino. Se fosse para morrer, queria morrer com glória. Cerca de mil soldados russos, junto a outros mil mercenários armênios e turcos, estavam lutando contra os vinte mil de Ismael Paxá. Os tiros disparados pelo forte eram poucos; economizavam-se rigorosamente as balas que escasseavam rapidamente. Às vezes, atiravam um ou dois obuses na direção de onde vinha o tiroteio.

Naquela mesma noite, em uma das dependências do forte, que servira de quartel aos soldados russos, e agora em ruína após o ataque dos turcos, uma multidão de homens estava estendida no chão, apavorada e angustiada diante desta horrível matança.

"Água, por favor... estou morrendo de sede", ouvia-se de toda parte.

"Um pedaço de pão... estou morrendo de fome", murmuravam outros com voz quase inaudível.

Fazia uma semana que esses coitados nada tinham para comer e beber. Ninguém esperava que o sítio ocorresse com tamanha rapidez. Não houvera tempo para estocar alimentos. Na verdade, os sitiados tinham três inimigos, dois no interior do forte: a sede e a fome, e o terceiro, lá fora: o inimigo.

No dia 8 de junho já não havia mais comida quente. Tinham matado e comido todos os cavalos. Sobrara a cevada que também logo terminou. Por fim, foram obrigados a racionar os alimentos de tal maneira que cada pessoa tinha direito a quatro bolachas por dia e a uma colher de sopa de água. O calor do mês de junho era intenso. No ambulatório, a sorte dos doentes era parecida à dos outros.

Não havia água no forte. Do lado de fora, a trezentos passos, encontrava-se um manancial que os turcos haviam tapado. Todas as noites, de vinte a trinta sitiados tentavam chegar até lá para trazer água. Quase sempre ninguém retornava.

"Pão... água...", novamente esses gritos ecoaram na noite escura. Mas o estrondo dos obuses abafava a voz dos desgraçados.

Esse é o momento exato em que o ser humano não sente mais compaixão por seu semelhante pelo fato de não ter absolutamente nada para ajudá-lo. Por isso, ninguém prestava atenção aos gemidos dos esfomeados e aos lamentos dos sedentos. Cada qual estava preocupado consigo mesmo e, espada na mão, esperava a chegada do inimigo para lutar e morrer com honradez.

No alto do forte existiam pequenas seteiras atrás das quais, soldados armados com fuzil, espiavam o vaivém dos inimigos. Eles não se atreviam a levantar a cabeça. Das colinas em volta do forte, o inimigo atirava sem cessar, e as balas zuniam tão perto dos rostos que pareciam queimá-los.

Da cidadela, avistava-se na cidade uma cena dantesca. Parecia um dia de festejo, tão iluminada estava. Também as colinas em volta da cidade estavam iluminadas. Era a celebração da festa da "crueldade humana". Os atores eram os sanguinários muçulmanos. O bárbaro, e somente ele, com suas fogueiras, sua alma perversa e com todas as suas cenas de horror poderia regozijar-se diante de tanta crueldade.

As casas dos armênios ardiam em chamas. De cada janela, de cada porta, imensas labaredas, misturando-se à fumaça, espalhavam por toda parte milhares de fagulhas. A cada instante o incêndio aumentava, envolvendo todo o bairro dos armênios. Línguas de fogo brotavam dos telhados. Vigas queimadas despedaçavam-se e telhados ruíam com um estrondo infernal, cobrindo os moradores com manto de fogo, impedindo-os de escapar. Os gritos e lamentos dos coitados misturavam-se com o crepitar das chamas, as quais, tal um gigantesco dragão, se espalhavam no ar, apresentando com seu fulgor uma paisagem assustadora. Nesse imenso panorama iluminado, desenrolavam-se cenas apavorantes. Os muçulmanos matavam os armênios; massacravam os que queriam escapar do fogo, não levando em consideração nem a idade e nem o sexo das pessoas. Agarrando os cabelos das adolescentes, arrastavam-nas fora das casas. De todos os lados ouviam-se gritos de dor. Mas os choros e as lágrimas dos desgraçados não conseguiam aplacar a sanha dos vândalos.

Essas barbaridades não eram perpetradas somente pelos turcos e pelos soldados do exército turco, mas também pelas mulheres curdas! Estas, feito as Fúrias da mitologia, tinham se esquecido do amor e da compaixão inerentes à mulher, ao arrancar os bebês dos braços das mães, atirando-os no fogo. Qualquer sinal de resistência era passada a fio de espada. Do alto do forte, alguns soldados armênios choravam condoídos ao presenciar esse espetáculo do Inferno. A matança durou três dias e três noites, sem interrupção.

– “Ah! Que chacina, que coisa horrível”, diziam eles suspirando fundo.

Ao lado deles, um jovem armênio observava também o crime cometido pelos bárbaros. Seus olhos permaneciam enxutos. Irritado, não demonstrava sinal de tristeza. Naquele instante, seu coração estava cheio de ódio, não para com os selvagens que queimavam e trucidavam, mas covardes que se deixavam matar como cordeiros.

– “Olhem só!”, disse ele, “em toda essa multidão não tem um único que levante a mão contra seu carrasco. Estão queimando sua casa diante de seus olhos, atirando seus filhos na fogueira, raptando sua esposa e filha e ele, humildemente, baixa a cabeça esperando o golpe de misericórdia. Seu maldito! Você também é homem! Lute! Mate! E depois morra!”

– “Vartan, você não tem jeito, não tem dó de ninguém”, disse um de seus companheiros.

Vartan não respondeu e se afastou. Rememorava com pesar as cenas retratando a covardia dos armênios. “Esse povo não sabe morrer com honradez”, pensava ele.

Não longe dali, em um dos cantos isolado do forte, um outro grupo de soldados armênios confabulava :

– “Hoje à noite, teremos perdido nosso quinto companheiro, se Bedrós não voltar.”

– “Está demorando muito”, disse o outro.

– “Espere aí, não estão ouvindo os ‘crá-crá’ do corvo? É ele, é seu sinal. Joguem a escada de corda!” Alguns segundos mais tarde, apareceu um moço, carregando um volumoso odre de água. Imediatamente, os companheiros cercaram, o abraçaram, o beijaram. Porém, um deles recuou um pouco, o observou e disse:

– “Que é que é isso, Bedrós? Seu rosto está todo molhado!”

Nesse momento, as labaredas se elevaram um pouco mais e todos puderam ver o seu rosto pintado de vermelho.

– “É sangue!”, gritaram eles com espanto.

– “Não é nada”, disse Bedrós, sorrindo. “Faz algum tempo que não jogava uma água no rosto e hoje resolvi lavar a cara, bem lavada.”

Em poucas palavras, Bedrós contou que chegando perto do manancial topou com alguns turcos vigiando o local e que o agrediram selvagemente. Levou algum tempo para dar cabo deles, mas nesse ínterim, levou uma pancada na cabeça.

– “E cadê Hanês, Tomás, Atam, Nerson?”, perguntaram.

– “Mandei eles pastar”, respondeu Bedrós com seu jeito gozador. “Parece que tinham combinado fazer uma reunião com seus antepassados. Um deles foi baleado ao querer sair do forte. O outro estava se contorcendo de dor a cem metros do manancial. O terceiro estava perto da nascente, deitado, rijo como um pedaço de tábua; e um pouco afastado deles, Tomás segurava o seu peito sangrando. Graças a Deus, eu consegui me salvar e os vinguei.”

Esses quatro moços a quem Bedrós se referia tinham sido mandados, um após outro, para trazer água e não tinham retornado. Fatos semelhantes eram tão corriqueiros que ninguém mais se importava; o relato de Bedrós não impressionou seus amigos. Nem tinham cogitado em arrumar uma atadura para o ferimento dele. Aliás, o próprio Bedrós não pensava nisso.

– “Esses turcos malditos”, prosseguiu ele, “parecem enxergar até no escuro. Ao menor suspiro, lá vem uma bala e você vê a vítima cambalear e desabar.”

Assim conversavam eles na escuridão, quando lembraram do ferimento de Bedrós e fizeram um curativo. A seguir, carregaram o odre cheio de água para o pátio do forte: representava a salvação de milhares de vidas.

– “Amigos”, disse um deles, “não vamos dar nem uma gota d’água para os turcos. Não é por nada, mas hoje à noite perdemos quatro companheiros que sacrificaram suas vidas para trazer a água e eles não mandaram ninguém.”

– “Não, não fica bem. Vamos dar para eles também”, disse Bedrós.

– “Mas não é justo”, continuou o primeiro. “Outro dia eles também trouxeram água, mas logo a esconderam. Beberam tudo. Não deram nada para nós.”

– “Realmente, agiram muito mal. Mas nós devemos dar o exemplo, mostrando-lhes o que significa a palavra solidariedade entre soldados.”

Adentraram o pátio e a multidão cercou os moços soltando gritos de alegria: água... água.

É praticamente impossível descrever a felicidade que sentia esse povo ao dirigir-se ao pátio. Houve um atropelamento geral e cada qual queria chegar primeiro para sorver o precioso líquido.

– “Preciso de um pouco de luz”, disse o moço que carregava o odre, colocando-o no chão. “Tentem ficar quietos e todo mundo terá sua parte.”

Acenderam uma vela e uma luz tênue amarelada se espalhou sobre a multidão que ria à toa.

O jovem armênio escolheu a menor caneca existente e começou a distribuição. Porém, a água tinha um cheiro insuportável e seu gosto era bastante desagradável. Alguns, ao tomá-la, não notaram nada. Mas alguém gritou:

– "Que cor esquisita tem essa água!"

– "Vai bebendo", disse Bedrós que estava postado ao lado dele, "os turcos estão tingindo a água nessa cor agora."

– "Como tingindo?", levantaram vozes de todos os lados.

– "Estão tingindo com o nosso sangue. Se vocês vissem o número de cadáveres que têm, boiando no manancial. É desse manancial que eu trouxe essa água."

A multidão estremeceu, mas continuou a beber o líquido avermelhado onde tanto sangue havia sido derramado, onde cadáveres tinham se decomposto. Um deles chegou até a tecer um comentário estarrecedor:

– "Assim é muito melhor, pois o caldo engrossou."

De repente, os gracejos dos soldados cessaram. Lá longe, ouviu-se novamente o rugido do canhão e os obuses começaram a sobrevoar o forte. Um deles caiu bem perto e ao explodir espalhou seus mortíferos estilhaços.

Enquanto isso, em uma das dependências do forte, o responsável pela cidadela, o comandante Ichdogvitch, tinha convocado uma reunião com os oficiais presentes. Lá estavam os chefes dos mercenários turcos e armênios. No meio da sala, havia uma mesinha sobre a qual uma lâmpada de querosene iluminava com uma luz pálida os rostos tristes e preocupados.

Nestes últimos dias, haviam recebido inúmeras cartas pedindo insistentemente a rendição da cidadela. As cartas eram escritas pelo perverso e rancoroso Chamil, filho do general russo Leydenande. Chamil, do exército turco, aliado do Sultão. A sua última carta estava repleta de promessas e de ameaças. O objetivo da reunião era justamente essa carta; deveriam discutir o teor da resposta.

– "Enquanto vivo, nunca vou me render", disse o comandante.

– "Mais alguns dias de cerco e será impossível resistirmos", disse um dos oficiais.

– "Nossa posição hoje, já está insustentável. Não temos mais nada para comer, para beber e nem munições. Não entendo porque esses idiotas turcos não atacam de uma vez, para acabar com tudo isso", disse um oficial com voz exaltada.

– "Na verdade, fomos bastante incompetentes", disse um outro.

– “O que passou, passou. Vamos falar do presente”, disse o comandante que, nessas circunstâncias, era o chefe supremo da cidadela, conforme as leis marciais, e repetindo a sua frase inicial disse: “enquanto vivos não vamos nos render.”

– “Se não conseguirmos ajuda do exterior”, estaremos perdidos, bradou o chefe dos mercenários turcos.

– “Eu acho que devemos abrir as portas do forte, arrebentar esse cerco do inferno e atacar. Ou conseguiremos escapar, ou cairemos nas mãos do inimigo.”

– “Essa sua última hipótese é a mais provável”, disse o chefe dos mercenários armênios, e as consequências serão terríveis. “Este forte cumpre atualmente o papel de muralha impedindo o avanço das forças otomanas; se deixarmos eles passarem, as forças de Ismael Paxá alcançarão, em alguns dias, Yerevan e Nakhitchevan, e talvez irão ainda mais longe. Os muçulmanos das regiões mencionadas estão esperando impacientemente os seus correligionários com o intuito de ajudá-los, enquanto os armênios cristãos nem armas possuem. Além disso, nessas regiões, as nossas forças são diminutas, pois o grosso do nosso exército está acampado na proximidade da cidade de Kars. Até que voltem para defender Yerevan, os muçulmanos terão arrasado tudo.”

As palavras do oficial armênio enfureceram o comandante turco que berrou:

– “Você está duvidando da lealdade dos muçulmanos?”

– “Não estou duvidando. Tenho certeza. Tenho provas do que estou falando. Daqueles que nos cercam hoje, muitos vieram da cidade de Zila, aqueles mesmos que eram leais ao governo russo. E do lado de Nakhitchevan, um *molláh*[1] fanático sonha todas as noites que daqui a algum tempo o Islã reinará.”

O comandante cortou-lhe a palavra, dizendo:

– “É preciso aguentar e resistir até o nosso último suspiro. Tenho certeza que logo receberemos ajuda. O general Der-Ghussakov não está muito longe daqui. Assim que ele souber da situação, virá correndo para salvar-nos. Portanto, precisamos contatá-lo com a máxima urgência.”

– “Mas como?”, perguntaram.

– “Por carta”, respondeu.

– “E quem vai levar esta carta?”

[1] *Molláh*: religioso muçulmano. (n.t.)

– “Em toda esta multidão, deve haver um moço corajoso e abnegado que se encarregará dessa tarefa.”

– “Suponhamos existir tal moço. Como vai passar? Estamos totalmente cercados.”

– “Vamos tentar.”

O conselho, por unanimidade, decidiu escrever a carta e quinze minutos mais tarde o comandante, de posse dela, saiu da sala da conferência.

O ligeiro rufar de um tambor reuniu todos os soldados no pátio e o comandante começou a falar em voz alta:

– “Soldados! Não vou falar das dificuldades que estamos atravessando. Nossa situação é crítica. Atualmente, nossa única esperança repousa em Deus e é graças a Ele que receberemos o socorro tão almejado do general Der-Ghussakov. Mas se a ajuda demorar, estaremos perdidos. Então, precisamos avisá-lo com a máxima urgência. Eis aqui uma carta que deverá ser remetida ao general, em mãos. Ele não está muito longe daqui. Assim que ele souber do que está se passando, virá correndo para salvar-nos. Agora, soldados, quem se habilita? Aquele de vocês que se sente bastante preparado, e com a coragem necessária para cumprir essa perigosa missão, que se aproxime! Eis aqui a carta! Será lembrado para sempre e recompensado por ter salvo tantas vidas humanas. Apareça homem!”

A multidão permaneceu calada. O silêncio era total.

– “Vou repetir”, continuou o orador com voz embargada, “nosso destino está intimamente ligado a esta carta. Então, quem vai ser o salvador dessa nossa cidadela?”

Novamente o silêncio pairou no pátio.

– “Será que não há um só, somente um, abnegado e destemido entre vocês?”, prosseguiu o comandante, desta vez com voz trêmula.

– “Eu!”

O grito rasgou o silêncio e um jovem armênio saiu da multidão e pegou a carta.

O jovem era Vartan.

CAPÍTULO II

Na manhã seguinte, o raiar do sol iluminou Bayazid e seus arrabaldes: um espetáculo horripilante descortinou-se. Podia-se avaliar agora, em toda sua

crueza, o resultado de três dias e de três noites de massacres ininterruptos perpetrados pelos bárbaros. A cidade estava mergulhada em silêncio sepulcral, e somente de vez em quando se ouvia o grasnido dos corvos voando em grupo à procura de carniça.

As ruas estavam desertas. As casas tinham se desfizeram em cinzas, alguns focos do incêndio ainda permaneciam; perto de quase todas as moradias havia cadáveres de velhos, moços, mulheres e crianças. Cachorros famintos arrastavam os corpos e, rosnando, latindo, tentavam espantar os corvos. De todas as partes, casas, quintais e lojas emanavam um cheiro fétido.

No meio da cidade morta, erguia-se a cidadela.

O cerco se fechava. Montes, colinas, campos e planícies pululavam de gente. O exército e a horda ocupavam tudo. O exército estava dividido em vários batalhões e, em cada um deles, notavam-se um incessante vaivém e muito barulho. O fanatismo religioso dos muçulmanos e a impiedade dos soldados turcos alimentavam a crueldade dos Bárbaros. O Homem, feito animal, chacinava o seu semelhante.

Após fartarem-se de sangue, queriam saciar a cobiça. Estendidos no chão, vários armênios, supostamente ricos, gemiam sob os duros golpes desferidos. Era preciso que mostrassem o esconderijo de suas fortunas. Os infelizes choravam e gritavam ter dado tudo e nada mais possuir. Mas não acreditavam. Para revelar o que queriam saber, degolavam as crianças sob o olhar horrorizado dos pais. Em local próximo, curdos repartiam os proventos da pilhagem que eram carregados no dorso dos cavalos pelas esposas que cantarolavam, felizes que estavam. Em uma praça ao lado, não longe dali, estavam repartindo as escravas, todas jovens e belas. Surgiam então muitas discussões durante a divisão, porquanto todos queriam a mais bonita e chegavam a se ameaçar com a espada.

Enquanto isso, lobos, gatos selvagens e aves de rapina iniciavam sua refeição matinal, deliciando-se com os cadáveres. Havia também soldados muçulmanos rezando com devoção, erguendo para o céu suas mãos salpicadas de sangue, glorificando Alá do Islã. A fumaça gerada pelo tiroteio e pelo fogo encobria parcialmente tudo isso e impedia os raios do sol iluminarem todas essas cenas matinais. Os obuses, trovejando, continuavam a martelar as muralhas do gigantesco forte, mas este, assentado no alto da colina, permanecia imperturbável diante dos ininterruptos ataques.

Porém, toda a atenção da turba estava concentrada em um dos pontos da cidade. Um personagem saltitante, batendo palmas, cantando com voz de falsete, circulava no meio dos soldados. Era uma canção curda, sem nexo e que dizia:

O velhinho virou sapo
Virou sapo e pulou no mar
Tirou areia do mar.
A areia virou ouro.
Com o ouro comprou uma cabra
Uma cabra capenga e lazarenta
Cabritinho, cabritinho
Meu cabritinho
Porque você é capenga e feinho?

Os soldados em volta dele se cutucavam e diziam: "é o louco" e queriam que ele cantasse de novo. E, de fato, o homem era louco, ou pelo menos, aparentava todos os sinais de loucura. O seu traje era dos bufões que acompanham os acrobatas naquelas bandas, com suas mímicas e cambalhotas divertindo o populacho. Era um moço alto, de rosto severo. Tinha posto na cabeça uma espécie de chapéu de feltro velho, costurado de tal maneira, que formava um quadrado em cujas pontas estavam pendurados quatro sininhos que tilintavam a cada movimento que ele fazia, causando assim uma cacofonia desagradável. Havia pintado o rosto de vermelho, azul e amarelo. Roupa de uma peça só, cobria sua nudez da cabeça aos pés. Uma corda esgarçada lhe servia de cinto. E para completar o quadro, estava descalço.

– "Vê se você zurra como um burro", gritavam-lhe no ouvido.

O louco enfiava os dedões nas orelhas, abria uma bocarra e começava a imitar o burro, zurrando com toda a força de seus pulmões. O povaréu morria de rir e alguns lhe jogavam moedas que ele apanhava, admirado, virava-as de todos os lados e as atirava no chão dizendo: "quero pão". Davam-lhe pão e ele enfiava pedaços enormes na boca engolindo tudo sem mastigar.

– "Você deve saber dançar como os ursos. Vamos ver se é capaz", diziam alguns.

E ele fazia movimentos desconexos, caía de quatro, levantava as pernas, plantava bananeira e inventava palhaçadas.

Um dia inteiro o louco permaneceu no meio dos soldados, entretendo-os, divertindo-os, gritando palavrões em curdo e berrando, dizendo ser preciso acabar com todos os *guiavur*[2]. Até a meia-noite, ouviu-se o seu berreiro. No dia seguinte, ninguém mais o viu.

[2] *Guiavur*: termo pejorativo usado pelos muçulmanos para designar os cristãos. (n.t.)

CAPÍTULO III

O sol do meio-dia dardejava raios incandescentes. O calor sufocava. Era a hora do dia em que todo viajante pausava a procura de sombra acolhedora para descansar. Nesta mesma hora, um homem caminhava, indo de Bayazid para Alachguerd. O caminho, repleto de meandros, dificultava muito a ascensão. Mas ele parecia não sentir o menor cansaço, pelo contrário, andava a passos largos, sem se deter para contemplar a paisagem, dando a impressão de cada segundo ser muito precioso e ter alguma tarefa importante a cumprir.

O viajante era moço semelhante ao louco da véspera. O mesmo camisolão surrado cobria o corpo nu, o mesmo cinto puído apertava a sua cintura. Faltava somente o ridículo chapéu de sininhos e o rosto estava limpo. Para proteger-se dos raios solares, tinha confeccionado, com aquelas imensas folhas das plantas verdejantes, um chapéu, semelhante àquele que os camponeses usam durante a colheita. Esse chapéu rudimentar preservava-lhe também a face máscula, porém, triste, revelando grande desespero aliado a uma agitação interior. Apesar da estranha indumentária, transmitia todas as características de forte personalidade.

De repente, ouviu ao longe ruído parecido com o relincho de cavalo. Parou e observou a paisagem à sua volta com muita atenção. O ruído voltou a se manifestar, concluiu vir do vale próximo e, após um momento de reflexão, tomou aquela direção. Pouco depois, escalou uma elevação que se achava no caminho e, com olhos de lince, escrutou cada polegada da depressão. No meio de uma vegetação luxuriante um cavalo selado pastava. Prestando mais atenção, divisou no meio de uns arbustos uma lança fincada na terra e cuja ponta refletia a luz do sol. "*Então*, pensou ele, *há um homem aqui e está sozinho, pois há somente um cavalo pastando. Esse fulano é curdo, pois a lança e os arreios do cavalo são tipicamente curdos, e está dormindo pois as patas do cavalo estão acorrentadas.*" Logo, uma ideia iluminou sua mente e ele desceu da colina rumo ao pequeno vale, onde corria um riacho bordado de caniços e escondeu-se no meio deles. Pouco depois começou a rastejar feito cobra na direção dos arbustos onde a lança estava cravada. Contorcia o corpo com movimentos harmoniosos e avançava célere no meio dos caniços. Leve brisa agitava a extremidade das plantas e esse frêmito servia para sobrepor os leves ruídos causados pelo rastejar. A sorte parecia estar ao seu lado.

Ele se deteve a alguns passos da lança e observou atentamente através dos caniços. De fato, um homem, de quem se via somente uma parte do corpo, estava deitado embaixo dos arbustos. Sua indumentária revelava ser curdo. Sem

dúvida tinha feito pausa para proteger-se do forte calor ambiente. Estava acordado ou dormindo? Difícil dizer, pois de costas seu rosto estava do lado oposto. Detrás dos arbustos o viajante continua a observar o curdo. Estava interessado em saber se estava desperto. Se pudesse ver seu rosto poderia saber com certeza.

De repente, foi tomado de uma agitação febril e seus olhos refletiam uma raiva incontrolável. Transtornado, não sabia o que fazer. Como enfrentar um homem armado dos pés à cabeça, não tendo sequer uma faca? Porém, algo deveria ser feito; o tempo passava e cada segundo era precioso. Mas o quê? E como? Enquanto refletia, observou o curdo levantar a cabeça e olhar ao seu redor. Vendo seu cavalo pastejar tranquilamente e tudo calmo, voltou à posição inicial e fechou os olhos. Agora o nosso viajante sabia estar o curdo acordado. Novamente a raiva tomou conta dele. Mas avistando a lança fincada a poucos metros de onde se encontrava, sua fisionomia mudou gradativamente e seus olhos começaram a brilhar denotando certa alegria. E, com a agilidade de tigre, correu para a lança, arrancou-a do chão e, plantando-se diante do curdo, disse com voz forte:

– "Me dê suas armas! Já!"

O curdo, vendo o aspecto ridículo dessa aparição, com esse simulacro de chapéu, mediu-o de cima para baixo com desprezo, e sem se abalar, estendeu o braço, pegou o revolver e disparou dizendo:

– "Quer as armas? Tome!"

A bala partiu e roçou o rosto do rapaz.

– "Seu patife!", gritou o moço, e cravou-lhe a lança no peito.

Um sangue quente jorrou da ferida; assim mesmo, o curdo ergueu-se lentamente e tentou tirar a espada da bainha, mas seu braço não obedeceu.

– "Seu cachorro", disse ele moribundo, "por que quer me matar? Nem o conheço!"

– "Você já matou muita gente do meu povo; já saqueou a vontade. Eu aprendi a matar com vocês, e também a saquear. E tenho de andar muito ainda. Está vendo, não tenho roupa, nem armas, nem cavalo. Preciso de suas roupas, suas armas e desse magnífico cavalo que está pastando aí. Eu sabia que enquanto vivo, você não daria o que estou precisando. É verdade que você perdeu sua participação no saque de Bayazid, mas não fique chateado, os seus estão lá, matando e roubando à vontade".

O curdo nada ouvia; já estava sem vida, estirado no chão, com os olhos cerrados.

Tudo isso aconteceu em curto espaço de tempo. O moço tirou a roupa do curdo, puxou o cadáver até a beira do rio e o escondeu embaixo dos arbustos; jogou fora os seus trapos, vestiu as roupas do curdo, pegou as armas e montando no cavalo, seguiu seu caminho.

CAPÍTULO IV

No dia seguinte a esses acontecimentos, um cavaleiro trajado de curdo cavalgava célere e alcançava a vanguarda do exército de Der-Ghussakov. Apeando rapidamente, pediu para ser recebido com urgência, por ter uma mensagem para entregar ao general. Um oficial pegou a missiva e entrou na tenda do comandante supremo enquanto o cavaleiro esperava do lado de fora. Alguns minutos mais tarde, estava diante do general.

No meio da tenda, sentado na frente de uma mesa, um militar de cabeça leonina, cabelos cinzentos, de altura mediana, corpulento, altivo, acabara de ler uma das cartas espalhadas na sua frente. Parecia atormentado e fumava sem parar. Era o general Der-Ghukassov. Por fim, encarou o estafeta e disse:

– Você é armênio?

– Sou. Além disso, filho de padre[3], respondeu o moço.

O general apreciou a postura briosa do rapaz e prosseguiu com seu interrogatório.

– Há pão na cidadela?

– Pão? Daqui a pouco vão comer uns aos outros se não quiserem morrer de fome.

– E água?

– Não tem água. Tem que vir de fora. Durante o dia, isso é impossível, e todas as noites dez a vinte homens saem do forte, descendo pelos muros com escadas de corda, para trazer água. Mas os curdos estão atentos e logo começam a atirar. A maioria das vezes, ninguém consegue retornar.

– E armas e munições?

– Quase nada. Mas um dos nossos, armênio, achou, escondido em um grande buraco, muitas armas e munições. É com elas que estamos lutando.

– E você, como conseguiu sair de lá?

[3] Na religião Católica Apostólica Armênia, o padre que não quer seguir a carreira eclesiástica pode casar. (n.t.)

– Antes de o sol nascer, desci por um dos muros do forte, e entrei diretamente no meio do exército turco. O dia todo banquei o idiota.

Cantei, dancei, fiz mil e uma palhaçadas, enfim, os diverti enquanto pude e com isso entrei em todos os cantos e ouvi tudo o que diziam; e à noite desapareci.

O general atônito fitava o rapaz. Por fim, perguntou:

– O que está me contando? Você é louco?

– Sim Senhor, respondeu tranquilamente o moço. Fui predestinado a bancar o louco durante toda a minha vida. Eu gosto e isso tem me evitado muitos dissabores. Eles acharam, de fato, ser eu louco e assim me introduzi no meio deles. E ele fez novamente todas as palhaçadas que já tinha realizado no meio do exército turco.

Um leve sorriso apareceu no rosto austero do general, que perguntou de um modo mais amigável:

– E esse traje, como o arranjou?

– Foi Deus que me ajudou. Encontrei um curdo no meio do caminho. Estava com esse lindo cavalo, que está lá fora, com essas armas e esse traje. Matei-o e me apossei de tudo o que era dele.

– Você me parece um moço corajoso, disse o general e leu novamente a carta. Diga-me, disse ele, são muitos os curdos?

– Dizem haver mais de vinte mil; mas não são somente curdos ou turcos, no meio deles há toda sorte de muçulmanos. Quem possuía um fuzil qualquer e um cavalo correu para Bayazid, e assim se formou uma imensa multidão. Enquanto vinha para cá, encontrei muitos grupos se dirigindo para lá.

– Eles têm canhões?

– Têm.

– Qual é o plano deles, em sua opinião?

– Querem conquistar o forte de Bayazid o mais rápido possível para, em seguida, atacar Yerevan e depois Tiflis, se possível. Dizem que estão extremamente interessados pelas mocinhas da Geórgia e da Armênia.

Apareceu um sorriso de desprezo na face do general:

– Querem chegar a Tiflis com somente vinte mil?

– Vinte mil não é pouco, mormente quando há somente mil soldados para enfrentá-los. De mais a mais, as forças de Ismaël Paxá estão se deslocando para se juntar a eles e a população muçulmana está esperando de braços abertos os seus correligionários, prontos para ajudá-los em tudo o que for necessário.

Novamente, algo parecido com uma nuvem negra passou diante dos olhos do general. Ele que jamais desanimara diante do perigo ficou abalado. Sem perceber, começou a esfregar a testa como se quisesse aliviá-la de um peso que o incomodava. Mas logo em seguida levantou a cabeça e perguntou:

– Você entrou na cidade de Bayazid também?

– Entrei. De armênios cristãos, sejam velhos, velhas ou crianças, nem sombra. Uma enorme chacina. As mulheres e os adolescentes foram levados como escravos. Somente uma centena de famílias, que tiveram conhecimento do ataque do exército turco de antemão, fugiram e atravessaram a fronteira persa em direção da cidade de Macu. Mas não deu tempo de levar com eles absolutamente nada, a não ser a roupa do corpo. Ah! Esses muçulmanos! Como foram cruéis e desumanos para com os armênios cristãos!

– Como assim?

– Quando começou a guerra, o exército russo marchou e chegou perto de Bayazid. Os muçulmanos da cidade ficaram apavorados pensando que os russos iam fazer com eles o mesmo que o exército turco fez com os cristãos, isto é, roubar, matar e saquear. Com esse pensamento, levaram todos os seus pertences e riquezas para a casa dos armênios, dizendo: "Vocês são cristãos. Os russos não tocarão em vocês. Nosso dinheiro estará seguro aqui." De fato, os russos chegaram, mas não molestaram ninguém, nem aos muçulmanos e nem aos cristãos, tratando todos da mesma maneira, sem discriminação. Depois, quando os maometanos souberam que os turcos e os curdos estavam chegando, disseram para os armênios: "Quando os russos ocuparam a cidade, vocês nos ajudaram. Agora é a nossa vez de demonstrar nossa gratidão. Deem para nós todos os seus pertences e seu dinheiro; nos os guardaremos em nossas casas." Os armênios acreditaram piamente em suas palavras e deram tudo o que tinham. Alguns, com a esposa e os filhos, foram para a casa deles. Quando chegou o exército turco, eles disseram: "Saiam das nossas casas! Se os curdos e os soldados turcos souberem que vocês estão hospedados aqui, vão acabar com vocês e conosco também." E assim, entregando os armênios aos turcos, se apossaram de seus bens. Quando começou a matança, esses mesmos muçulmanos que tinham pedido e obtido tantos favores dos armênios, puseram fogo às casas deles, aqueles mesmos que, um mês e meio atrás, tinham jurado fidelidade ao senhor e ao exército russo. Eles pegaram o fuzil e começaram a atirar nos armênios. Até as mulheres turcas atiravam."

O general russo ouvia em silêncio e o moço prosseguiu:

– Oh! Se o senhor soubesse quantos jovens, belos e fortes, perdemos na batalha antes de lhes entregar a cidade de Bayazid. Como é de vosso co-

nhecimento, general, havia um número pequeno de soldados russos aliados a mercenários e voluntários armênios e turcos para defender a cidadela. Ichdogvitch, aquele herói, tomava conta do forte com seus soldados russos enquanto os mercenários se encarregavam da defesa da cidade. Notícias alarmantes, provindo da cidade de Van, circulavam na cidade. Diziam que uma imensa multidão de turcos e de curdos, encabeçada pelos *sheiks* Tchalaletin e Abdula, se dirigia para Bayazid. Imediatamente, pedimos para reforçar a fortificação da cidadela, levando para lá mais armas e alimentos. Mas alguns dos nossos espalharam serem notícias fantasiosas e não ser preciso fazer nada disso. Até agora não entendi o motivo desses traidores em não deixar fortificar a cidadela. Naturalmente o senhor desvendará esse mistério, general. Mas de uma coisa o senhor pode ter certeza: os armênios são e serão sempre fiéis ao senhor e ao exército russo.

O moço não parava de falar e o general percebeu que havia alguns pontos obscuros em sua narração. Ele o interrompeu e disse:

– Conta-me o que vocês fizeram depois da ocupação dos turcos.

– Quando os turcos entraram na cidade, Ichdogvitch tentou detê-los sem sucesso e rapidamente se retirou para dentro da cidadela. Porém, nem todos puderam entrar. Primeiro porque não caberia todo mundo e segundo porque não havia comida para todos. Por isso, uma parte dos mercenários ficou do lado de fora. Alguns dos nossos companheiros, mercenários turcos, fugiram para a cidade de Iktir e outros atravessaram a fronteira persa. Porém, nós, os armênios, resolvemos lutar até o fim para que a cidade não caísse nas mãos do inimigo. A maioria da população armênia da cidade estava disposta a nos ajudar. Eles sabiam o que lhes esperava quando os turcos entrassem em Bayazid. O senhor presenciou, general, a imensa alegria que dominou os armênios na hora que as forças russas penetraram na cidade pela primeira vez. Os maometanos não poderiam perdoar esse gesto dos armênios e estavam determinados a se vingar daqueles que preferiam a águia russa à lua crescente dos muçulmanos.

– Você não está me dizendo aquilo que eu quero saber, disse o general. Conte-me como terminou.

O moço conteve a sua prolixidade provocada pelas cenas atrozes que tinha vivido e continuou:

– Talvez pudéssemos rechaçá-los se tivéssemos, de antemão, armas e munições, visto que todos os armênios da cidade se juntaram a nós para lutar. Mas as armas não chegaram. Entretanto, no começo, e sem falsa modéstia, fomos brilhantes. Estávamos lutando de igual para igual com um inimigo

muitas e muitas vezes mais numeroso. Havia também uma centena de mercenários turcos lutando ao nosso lado. Mas, de repente, esses nossos aliados muçulmanos largaram as armas e começaram a correr, fugindo do campo de batalha. Parecia ter se arrependido de atirar em correligionários. Nós, os armênios, ficamos sós e lutamos com denodo para defender a cidade. Isso durou algumas horas, até o término das munições. Aí começou a luta corpo a corpo. Muitos morreram, outros foram feitos prisioneiros e o resto, vendo estar lutando em vão, preferiram fugir. Aí, os turcos tornaram-se os donos da cidade.

– Entendo, disse o general como se falasse para si mesmo, e pegando um pequeno cofre, o abriu e tirou uma pequena corrente na qual estava pendurada uma cruz. Aproximou-se do rapaz e passou a corrente pela sua cabeça; uma bonita cruz apareceu no peito do moço.

– Você a mereceu, disse o general. A partir de hoje você vai se integrar ao meu exército, com uma patente de oficial e um salário a ser fixado. Preciso de gente igual a você.

O jovem agradeceu inclinando-se e respondeu:

– Essa cruz era tudo o que queria. Porém, o senhor me faria um grande favor se me deixasse ir agora aonde almejo.

O general, surpreso com a falta de ambição do jovem, perguntou:

– E onde é que você precisa ir?

– Vou salvar a vida de alguém que me é muito precioso.

– Vejo que você tem um segredo, disse o general com brandura.

– É verdade. É um segredo que mora no meu coração.

– Então, aceita esse pequeno presente, disse o general, dando-lhe umas moedas envoltas em um papel.

– Consideraria como um imenso favor se o senhor me liberasse já, respondeu o jovem, despedindo-se.

– Vá com Deus, disse o general, apertando-lhe a mão.

O jovem inclinou-se uma vez mais e partiu.

CAPÍTULO V

Voltemos um pouco no tempo, alguns anos atrás.

A aldeia de O... ficava perto do mosteiro de São João, chamado hoje de Uch-Kilissá, na província de Bagravant. Situava-se em um magnífico vale onde

a Mãe Natureza nada poupara para proporcionar as suas mais belas imagens. O vale, encaixado entre duas serras cujas paredes comprimiam-no, parecia um campo em formato de ovo. Nele serpenteava o rio Eufrates, chamado pelos nativos de *agh-su*, isto é, água branca. A água era tão pura que merecia essa denominação. As encostas, cobertas de lindos prados onde pastejava o gado, sua parte mais baixa era coberta de trigo, cevada, linhaça e outros vegetais comestíveis. Ali, cada centímetro de terreno era cultivado. Ao longo do vale pontilhavam pequenas aldeias armênias. Os seus habitantes moravam em chácaras entre vinhedos e pomares. De longe, parecia um quadro pintado à mão, representando uma terra descampada salpicada, aqui e acolá, por pequenos bosques.

Na extremidade do vale se aninhava a aldeia de O... a chácara maior, que podia ser comparada a uma pequena fazenda, pertencia a Khatchô, diminutivo de Khatchadur, cuja casa se destacava das outras pelo seu tamanho e pela sua beleza. Toda manhã, centenas de animais saiam pelo grande portão para pastar. Seus cavalos, búfalos, bois e vacas eram os mais bonitos da região. Possuía também umas mil ovelhas vigiadas o dia todo por vários pastores. Era, igualmente, o dono da fábrica de azeite e de um moinho que, o ano todo, moía o grão de trigo para fornecer pão ao povoado. Mas a sua maior riqueza era constituída pelos seus sete filhos, representando para ele os pilares de sua casa. Todos eram casados e ouviam-se de longe os gritos da criançada. Alguns de seus netos também eram casados e tinham filhos. O ancião vivia no seu microcosmo rodeado por várias gerações. E a aldeia inteira dizia: "Khatchô tem tantos filhos quantos animais".

Dos filhos de Khatchô, somente o caçula não era casado. Tinha dezesseis anos e se chamava Stepanig. Nessas regiões, o clima é quente e as pessoas amadurecem rapidamente; mas, estranhamente, a fisionomia de Stepanig não revelava o adolescente, mas sim, o rosto de um lindo menino. Cada filho de Khatchô tinha uma tarefa bem definida a cumprir; uns cultivavam a terra e outros cuidavam do gado. Raramente tinham tempo para ficar em casa. Somente Stepanig permanecia no casarão. O pai, devoto de "São José, o Bem Aventurado", achava seu caçula o retrato do santo e o queria sempre ao seu lado. Com efeito, os dois eram muito parecidos; não somente pelo fato de Stepanig ser bonito, modesto, inteligente e cordato tal qual o santo, mas também pela indumentária. Assim, sua túnica era toda bordada com fios de ouro de Alepo, representando flores. Uma linda cinta de lã, vinda de Kirman, apertava-lhe a cintura. Suas calças, tipo bombachas, eram de tecido oriundo de Van. O couro de seus lindos sapatos vermelhos vinha de Erzerum. Uma larga faixa de seda preta cingia um bonito fez vermelho ornando sua cabeça e de

onde pendia um pompom também preto. Seus cabelos castanhos esparramavam-se sobre seus ombros. A única diferença entre José e ele é que os irmãos de José o invejavam, enquanto os irmãos de Stepanig gostavam muito dele.

De longe, a casa de Khatchô assemelhava-se a um velho castelo. Estava situado no alto de um morro. Esta sua posição e sua construção sólida protegiam-na do ataque de vândalos. Além disso, quatro enormes muros cercavam a casa de tal maneira que não se via o que se passava lá dentro, a não ser pelas quatro torres erguidas nos quatro cantos do quadrado. No interior do cercado havia muitas construções. Logo ali, cavado na terra, estava o aprisco; lá o curral dos búfalos, das vacas e dos cavalos, com suas divisões delimitadas para cada tipo de animais. Ao lado, o galpão onde se guardavam os implementos agrícolas; mais longe, o paiol onde se armazenavam o feno, a palha, a grama e todos os mantimentos necessários para o bem-estar dos animais. Depósitos e armazéns perfilavam-se para acolher os produtos do cultivo. Os pastores e os empregados do velho Khatchô moravam, com suas respectivas famílias, em pequenas casas espalhadas pela propriedade. Eram todos curdos. As mulheres trabalhavam de domésticas e os homens de pastor, vaqueiro ou lavrador. Poder-se-ia dizer que dentro da fazenda havia uma aldeia.

A família inteira morava na mesma casa. Esta, entretanto, não era dividida como as residências atuais do Ocidente. Tinha conservado a simplicidade das construções ancestrais, quando todo mundo morava sob a mesma tenda; porém, em vez da enorme lona, era uma sólida laje que servia de cobertura. Não havia quartos separados, e todos os seus filhos, com seus respectivos rebentos, moravam juntos como antigamente, em uma construção que tinha simplesmente quatro paredes de pedra e inúmeras vigas no teto. Aí, acendia-se o fogo para preparar a comida. Aí, todo mundo comia junto e dormia junto. Dentro do casarão, as crianças brincavam com os cordeiros e os bezerros recém-nascidos e de longe se ouvia a algazarra provocada por elas. Às vezes, até as galinhas invadiam, procurando migalhas de pão ou qualquer outro pedacinho de comida espalhado no chão pelas crianças descuidadas. Na verdade, era uma verdadeira arca de Noé. Ao lado desta construção, havia uma outra casa semelhante que se diferenciava pela sua entrada. Com efeito, não possuía nenhum portão e era totalmente devassável. Chamavam-no de "Sala de Veraneio". Na lateral, uma porta se abria sobre um pequeno salão chamado "odá". Era muito bem decorado e mantido sempre limpo; abriam-no somente para acolher convidados.

CAPÍTULO VI

Apesar do modo tão singelo, a vida fluía na maior das felicidades. Trabalho não faltava e a benção de Deus se fazia presente a cada instante. Os armazéns de Khatchô permaneciam repletos de trigo, banha, azeite e vinho. Durante as quatro estações do ano, fosse no frio, fosse no calor, havia sempre o que fazer.

Estamos na primavera. A neve da montanha está derretendo e a água corre em profusão pelas encostas, regando todo o vale. Os campos verdejantes parecem sorrir, exalando uma fragrância estonteante, espalhando-se em todas as direções. Centenas de riachos borbulhentos serpenteiam através do vale. A volta das andorinhas é convite ao trabalho. Os filhos de Khatchô já preparam os arados e as charruas.

A luz rósea da aurora acaricia os cumes da montanha. O ancião já está de pé andando para cá e para lá, distribuindo "Deus lhe abençoe" a todos cruzando seu caminho. Hoje é o primeiro dia da saída do gado confinado durante todo o inverno nos estábulos, ruminando, repousando, engordando. Durante todo esse lapso de tempo não viram a luz do sol. Para os moradores da aldeia é dia de alegria. Todos vêm para assistir o lindo espetáculo do desfile de gado tão bem tratado.

– "Parabéns! É hoje o primeiro dia do pastejo", não é Mestre Khatchô?, pergunta um dos camponeses.

– "É sim. Perguntei ao padre qual era o dia mais propício e ele me disse ser hoje", responde Khatchô.

Nesse momento, o som de um sino tocando com força fez o povo se afastar para dar passagem.

– "É o Tchorá", ouviu-se de toda parte.

Era o nome do mais famoso búfalo da região, célebre por sua força e beleza; ostentava na testa uma meia-lua toda branca. O gigantesco animal, mugindo e fungando surgiu na soleira do estábulo. A terra tremia sob suas passadas. De repente parou, e começou a observar em sua volta. Nesse momento o ancião, dono de todas essas terras, quebrou um ovo na testa do animal. O líquido esparramou-se tingindo a semilua de amarelo. Era um ritual para afastar o "mau-olhado". Tchorá não gostou e baixando os chifres investiu contra a multidão. Imediatamente os filhos de Khatchô, munidos de cacetes e porretes, tentaram deter o animal enfurecido. Travou-se a luta entre a força humana e a força bruta do animal. A transição repentina entre a escuridão do estábulo e a luz do dia fazia com que os olhos do animal não enxergassem bem. Não

conseguia reconhecer os seus próprios donos, aqueles que durante todo o inverno o tinham alimentado e cujas mãos ele lambia em um gesto de agradecimento. Na sua fúria selvagem investia a esmo, de modo incontrolável. Os filhos de Khatchô cansavam de bater nele, mas os golpes desferidos com violência não surtiam efeito. Um pouco afastado, o velho Khatchô observava com satisfação a luta digna de um espetáculo dos circos de Roma. Estava presenciando uma contenda entre o corajoso esforço de seus filhos e a força bruta do gigantesco animal. Ambos tinham um significado todo especial para ele. Deles dependia todo o andamento do trabalho na fazenda. De repente a briga tornou-se mais intensa. Isso porque a grossa corrente, em volta do pescoço do animal, à qual estava amarrada uma enorme viga para impedi-lo de correr, quebrou. Os camponeses, munidos de grossas cordas corriam para cima dele para amarrá-lo. Mas, com movimento brusco, o animal enraivecido arrebentava as cordas. Ele corria a torto e a direito, e o povo apavorado, fugia. No meio deste terrível alvoroço, aconteceu um inesquecível ato de coragem. Um dos filhos de Khatchô, chamado Abô, correu em direção ao animal e agarrou-lhe o rabo. A raiva do animal aumentou diante de tamanha audácia; virou, portanto, a cabeça para trás querendo atingi-lo com uma chifrada. E os dois começaram a rodopiar freneticamente. Tchorá tentava alcançar o homem para chifrá-lo, mas Abô, agarrado firme no rabo do animal, girava com ele no mesmo sentido. Esse duelo durou alguns minutos. Ouviam-se, de toda parte, gritos de espanto. O animal enfurecido fungava e deixava no solo largos buracos provocados pelas suas patas. Uma poeira levantava do chão e envolvia os dois contendores com uma tênue nuvem. Foi aí que os irmãos de Abô decidiram intervir, acorrentando o animal com grossas correntes de ferro. O povo exultou e ouviram-se gritos de alegria.

O velho fazendeiro aproximou-se do seu filho Abô e deu-lhe um beijo na testa, dizendo:

– Que Deus lhe abençoe! Você salvou minha honra...

Ele queria dizer que o filho o impedira de ficar envergonhado na frente de todo mundo. Depois chegou perto de Tchorá, como se fosse seu outro filho, e acariciando sua cabeça, disse:

– Seu patife! Por que você aprontou uma coisa dessas.

Mas Tchorá se acalmara. A névoa que embaçava sua visão desaparecera; agora estava reconhecendo seus donos, e parecia estar arrependido do que fizera. Amarraram novamente o seu pescoço com a grossa corrente e nela penduraram de novo a pesada viga a ser arrastada pelo chão entre suas patas dianteiras; e levaram-no para ser lavado nas águas geladas do rio. Porém, os

camponeses não arredaram o pé; permaneciam agrupados esperando a saída dos outros búfalos que mesmo não sendo iguais a Tchorá, eram magníficos. Mas desta vez os filhos de Khatchô cuidaram para nada de especial acontecer. Os animais desfilavam um a um diante dos olhos maravilhados da plateia. Qualquer um deles ganharia o primeiro prêmio em qualquer concurso. O fazendeiro, enternecido, os olhava ao passarem e quebrava o ovo "mágico" na testa de cada um para evitar o "mau-olhado". Além disso, pedira ao padre para escrever uma reza a qual mandara costurar dentro de um pedaço de couro triangular azul e pendurara no pescoço de cada um deles. Ao vê-los passar, os camponeses felicitavam os filhos de Khatchô por eles serem tão bem tratados. E o pai estava orgulhoso de ouvir todos esses elogios endereçados aos seus filhos. Assim, essa cena se repetiu todos os dias para os animais se acostumarem pouco a pouco à luz do dia, até poderem trabalhar puxando o arado.

CAPÍTULO VII

Chegou a primavera. Com ela temperatura mais amena e céu mais claro. Flores vermelhas, amarelas e brancas apareceram nas encostas da montanha. Moças curdas iam colhê-las e, amarrando-as em ramalhetes, percorriam aldeias armênias trocando-os por pedaço de pão. Cogumelos, aspargos e vários outros tipos de legumes eram tão abundantes neste ano que as mulheres curdas os apanhavam e os levavam no dorso dos burros para trocá-los por alguns quilos de farinha. Os filhos de Khatchô já estavam trabalhando as suas terras. O trabalho no solo começara. Não se acharia nas aldeias pessoa sem trabalhar. Todos ocupados no cultivo da terra.

O primeiro raio de sol despontava. Já se acendiam os fornos. Em um, tinham colocado grandes caldeirões de cobre para cozinhar alimentos. Em outro, assava-se pão. As noras e domésticas se movimentavam em torno deles. O cheiro agradável da comida se alastrava pela casa toda. Quem presenciasse a cena, pensaria estar em uma imensa cozinha onde estavam preparando almoço e jantar para um exército. E de fato, exceto a família do ancião, todos, empregados, pastores e lavradores, tomavam suas refeições ali mesmo. E eram legiões. Todos os dias acendiam-se os mesmos fornos, todos os dias cozinhava-se a mesma quantidade de comida. As noras, espertas e ativas, não tinham um minuto de descanso. Era preciso ocupar-se com tudo e com todos.

Além disso, havia muitas outras tarefas a cumprir. Perto do estábulo, uma das noras ordenhava as vacas e as cabras; outra elaborava o iogurte; a terceira

confeccionava os queijos e a quarta batia o leite preparando manteiga. Em volta delas, crianças correm, pulam e brincam com ovelhas e bezerros recém-nascidos. Criança e ovelha: os dois se complementam; são duas riquezas das quais o camponês se orgulha.

No pátio, onde bate o sol, junto à parede, uma em cima da outra, colmeias se perfilam. O sol de Abril derrama um feixe de raios quentes. Enquanto as noras trabalham febrilmente, o velho Khatchô abre as portinholas das colmeias. As abelhas, felizes da vida, irrompem e volteiam ao redor de sua cabeça branca de ancião, zumbindo, zunindo, zoando, e a zoeira de milhares de insetos enche os arredores. Alguns mais atrevidos cobrem o rosto enrugado do ancião de beijos ardidos. Mas ele nada sente; apenas os enxota com a mão dizendo: "Seus capetinhas, que fiz eu para merecer isso?".

Não longe dali Stepanig observa o trabalho de seu pai.

– "Afaste-se filho, senão as abelhas vão lhe picar", diz o velho Khatchô.

– "E por que não picam o Sr.?", pergunta o filho.

– "Elas picam, mas não chega a me incomodar."

– "Por que não?"

– "Após tantos anos meu corpo está acostumado."

E o jovem sorrindo responde: "O meu também se acostumará um dia".

O pai sorri e beija o filho.

Nesse ínterim, o chefe curdo Fattah Bei mandara um mensageiro avisar que, após caçar nas montanhas vizinhas, estaria chegando com sua comitiva para visita de cortesia. Parece que uma nuvem negra varreu o rosto do velho fazendeiro e seu semblante, sempre alegre, tornou-se triste. Mas, tentando disfarçar seu desgosto, pediu ao *kizir*[4] que chamasse alguns de seus filhos para receberem o chefe curdo, enquanto, ele próprio providenciaria feno e alfafa para os cavalos.

As visitas de Fattah Bei tinham se tornado tão corriqueiras que tudo mundo sabia como recebê-lo. Portanto, assim que as noras receberam a notícia, imediatamente mataram algumas ovelhas e prepararam o *pilaf*[5] em alguns dos enormes caldeirões. Pois, pouco que fosse, havia sempre vinte a trinta pessoas acompanhando o Bei.

Fattah Bei era o chefe de uma tribo de curdos, cujas ovelhas pastavam bem na fronteira da aldeia de O..., no sopé da montanha. Não raras eram as brigas

[4] *Kizir*: responsável de uma aldeia perante o governo. (n.t.)
[5] *Pilaf*: prato de arroz com carne. (n.t.)

entre pastores armênios e curdos, principalmente quando estes últimos roubavam alguns carneiros dos armênios ou invadiam o pasto deles. Mas essas brigas não levavam a maiores consequências, pois Fattah Bei considerava Khatchô como grande amigo e, além disso, eram compadres. De fato, Fattah Bei estivera presente na pia batismal para batizar alguns dos filhos de Khatchô, e este apadrinhara alguns dos filhos de Fattah Bei durante a cerimônia da circuncisão. Assim, forte laço de amizade unia o velho armênio ao chefe curdo.

Mas por que, de repente, ficara triste ao saber da vinda do compadre? Khatchô não era avarento a ponto de negar comida a toda essa comitiva. Sua casa estava sempre aberta e sua mesa sempre farta. Todos os dias vinham aldeões e forasteiros sentar a sua mesa. É com orgulho que Khatchô dizia nunca ter, em toda a sua vida, sentado à mesa sem um convidado. "O pão, dizia ele, é dádiva de Deus e só a Ele pertence. Os pobres, filhos de Deus, devem se alimentar com ele". Mas por que, de repente, ficara triste ao saber da chegada do chefe curdo?

Cheio de pensamentos sombrios, parou na soleira, esperando a chegada de seu ilustre visitante. Alguns peões, vendo o velho fazendeiro, aproximaram-se.

– "Ouvi dizer que o Bei está chegando. Vamos ver se ele tem algum 'pretexto' hoje?"

– "Curdo quando entra na casa de armênio, inventa sempre algum 'pretexto'", respondeu Khatchô.

Atrás da colina, perceberam-se as pontas cintilantes das lanças, e minutos mais tarde, aparecia um grupo de cavaleiros.

– "Estão chegando", disse um dos peões.

O velho fazendeiro, cuja vista era fraca, virou a cabeça na direção dos montes, mas nada viu.

– "São eles", gritou outro peão.

Dirigindo-se aos seus empregados, Khatchô disse: "Esperem aqui. Tratem seus cavalos dando-lhes feno e alfafa até que meus filhos cheguem do trabalho."

O Bei aproximou-se rodeado de várias raças de cães de caça, acompanhado de vinte ou mais cavaleiros, todos aparentados de perto ou de longe, e que lhe serviam também de guarda-costas. Estava montado em um magnífico tordilho, ajaezado, cuja sela era toda trabalhada e ornamentada de pedras preciosas. O Bei tinha uns quarenta anos, mas parecia ter trinta. Era esbelto, viril, rosto másculo. Sua indumentária toda bordada com fios de ouro; suas armas decoradas com filigranas de ouro e prata.

O fazendeiro, ao vê-lo, deu uns passos à frente, esperando-o ao lado da ponte que atravessava o largo fosso circundando a propriedade; pensava que o Bei fosse transpor a ponte, mas este, em vez disso, esporeou o animal, que relinchando, tomou impulso e pulou o fosso e após algumas evoluções parou de chofre em frente do anfitrião.

– "Como que é? Gostou? Meu bom Khatchô", indagou ele, enquanto acariciava o magnífico animal. "Você entende de cavalos, o que acha deste?"

– "Que Deus o proteja de *mau-olhado*, é muito bonito. Mesmo Keroghlu não tem um igual. Acho que este pertence à pessoa certa", disse o ancião acercando-se do cavalo e acariciando-o. "Onde você o conseguiu? Você nunca teve um cavalo assim."

– "Foi o *Vali*[6] de Erzerum que me deu. Ele sempre disse preferir perder seus olhos a se desfazer deste tordilho. Mas mesmo assim, deu-o para mim, seu amigo. Ele próprio o tinha recebido como presente do Cheik de Alepo."

– "É magnífico", repetiu o fazendeiro.

O Bei, enlevado por essas palavras, esporeou novamente o bicho e demonstrou todas as suas qualidades de excelente ginete, fazendo o cavalo corcovear e, por fim, apeou e estendeu as rédeas ao seu palafreneiro para andar um pouco com o cavalo a fim de acalmá-lo.

O anfitrião pegando na mão do seu ilustre visitante, o levou até o *odá*, recinto reservado aos convidados e que fora arrumado e ornamentado, especialmente e às pressas, para a ocasião. O chão estava coberto de tapetes persas de alto valor; em volta da casa, perto das paredes, havia inúmeras almofadas para sentar-se e recostar-se. Para o Bei, tinham providenciado um lindo sofá.

O fazendeiro convidou o Bei para sentar-se e lhe disse palavras de boas-vindas de praxe:

– "Minha casa é sua casa. O Sr. será sempre bem-vindo; sou seu humilde criado. Meus filhos são seus escravos e as mulheres suas criadas. Seja bem-vindo, mil vezes bem-vindo. Tudo o que tenho está à sua disposição. Esteja à vontade, sente-se por favor."

O Bei agradeceu, enquanto um dos filhos de Khatchô retirava as suas lindas botas vermelhas; a seguir, foi sentar-se no canto que lhe era reservado. Ao seu lado sentaram-se dois dos seus primos e os outros a seu bel-prazer. Mas alguns membros da comitiva ficaram de pé, perto da soleira, mãos colocadas na altura

[6] *Vali:* prefeito de cidade grande. (n.t.)

da cintura (e das pistolas), esperando qualquer ordem do Bei. Os outros ficaram do lado de fora cuidando dos cães e dos cavalos, aproveitando-se de tudo o que oferecia o paiol do fazendeiro. Mesmo estando na casa de amigo, o Bei e seus asseclas não se separavam de suas armas. O curdo, onde quer que esteja, nunca se separa de suas armas. Faz parte de sua indumentária, faz parte de sua vida.

Os filhos de Khatchô iam e vinham incessantemente a fim de cumprir as ordens do pai. Mas, não estavam armados...

Para começar, serviram o tradicional café oriental sem açúcar em xícaras bem pequenas.

– "Não estou vendo, Stepanig", disse o Bei. "Estou acostumado a que ele me sirva o café".

O fazendeiro, disfarçando sua contrariedade, mandou chamar o seu caçula.

Apareceu Stepanig com lindo sorriso brotando de seus lábios, alegre em sua pura inocência. Aproximou-se do Bei e beijou-lhe a mão. (É costume dos curdos beijar a mão do chefe.) O Bei, acariciando o cabelo sedoso do jovem, disse:

– "Sabe o que trouxe para você?"

– "Sei sim", respondeu Stepanig; "uma linda ovelhinha. Levei-a até o pasto, mas não quer comer".

– "Vejam só! Ele já recebeu seu presente", disse o Bei, voltando-se para Khatchô.

– "Como sabia que era para mim, peguei e levei-a para pastar."

– "Bravo!", disse o Bei, "vai então, vai brincar com ela."

O adolescente agradeceu e afastou-se.

O Bei esperou que Stepanig saísse e disse:

– "É um menino muito bom, mas parece ficar sentido quando não lhe trago um presente".

– "Ele não tem culpa, o Sr. o acostumou assim", disse o anfitrião com um riso contrafeito.

Mudando de assunto, o Bei emendou:

– Que belas terras você tem aí, compadre. A cada passo a gente topa com uma caça. São bandos de corças, cabras, veados; e quantos pombos e perdizes! Sabe, compadre, essa ovelhinha que presenteei, foram meus cães que a conseguiram sem machucá-la! Você nem imagina a qualidade da minha malta.

Aliás, ganhei mais dois deles. Foi o Bei de Zelants que me presenteou. Em contrapartida, mandei duas mulas para ele. Mas, não fala para ninguém, nós roubamos as mulas de um grupo que ia em peregrinação para Meca. Eram persas, os coitados. E os cachorros que recebi são magníficos e mais rápidos que o relâmpago.

A conversação do Bei girava sempre em torno de caça e cães de raça. Para o fazendeiro, era enfadonho, mas ele ouvia o assunto com paciência e às vezes até anuía com a cabeça.

Entretanto, chegou a hora da refeição. Estenderam no chão uma imensa toalha de mesa e dispuseram nela enormes bandejas repletas de *pilaf* e de carneiros assados inteiros em longos espetos. Diversas jarras cheias de sucos de vários tipos de frutas, acompanhavam as iguarias, assim como o indefectível *airán*[7]; os convidados se refrescavam, tomando-os em grandes conchas que lhes servia de copos. Não havia bebida alcoólica. E iniciou-se o ágape.

– "Você ainda não mandou suas ovelhas pastar", comentou o Bei, dirigindo-se ao anfitrião.

– "Ainda não", respondeu Khatchô. "Não confio muito no mês de Abril; às vezes ocorrem ondas de frio, prefiro esperar mais um pouco."

– "Calor, frio, são coisas de Deus. O que está escrito, será. Faz uma semana que levamos as nossas para pastar... Mas, compadre, você não pode imaginar o que está acontecendo este ano. Nossas reservas estão acabando. Nossos pastores estão passando fome."

O fazendeiro, captando a mensagem, respondeu:

– "Será que o Sr. esqueceu-se que o nosso pão é o vosso? É só dizer quantas arrobas de farinha precisa e eu lhe mandarei".

– "Que Alá o proteja!", disse o Bei. "É verdade, entre nós nunca houve nenhuma desavença. O que é meu é seu e o que é seu é meu, não é compadre?"

– "Só Deus sabe quanto isso é verdade! Quantas arrobas quer que eu mande?"

– "Por enquanto, carregue umas dez mulas. Mais tarde, se precisar, pedirei mais. Não queremos esvaziar os seus silos."

O velho Khatchô disse sim com a cabeça, enquanto um sorriso contrafeito brotava em seu rosto tristonho.

Após a refeição, Stepanig trouxe água em uma pequena lavanda para lavar as mãos, e ele mesmo serviu o cafezinho. A seguir, o Bei ordenou aos seus

[7] *Airán*: iogurte misturado com água gelada. (n.t.)

acólitos saírem e avisarem os outros para comer todos juntos lá fora. Para esse fim, tinham estendido um enorme carpete no chão onde se alinhavam caldeirões de comida.

Na sala convivial, permaneceram o Bei, alguns de seus parentes e Khatchô. Novamente o assunto da conversação girou em torno do cavalo presenteado pelo *Vali* de Erzerum. O Bei descreveu com entusiasmo o *pedigree* do tordilho originado de uma das linhagens mais antiga, a de Antares.

– "Porém", concluiu ele, "esse presente vai me custar muito caro!"

– "Como assim?"

– "Você não sabe? É preciso dar umas cem moedas de ouro para a pessoa que trouxe o cavalo."

Foi com esta resposta que o velho Khatchô descobriu qual era o "pretexto" do Bei e o porquê de sua visita. Mas respondeu com naturalidade:

– "E o que tem isso? Não é muito dinheiro por um cavalo igual a esse."

– "E qual é o curdo que tem dinheiro?", perguntou o Bei, com uma voz zangada. "Só os armênios têm esse maldito dinheiro!"

Os parentes do Bei, até então em silêncio, entraram na conversa, e um deles disse:

– "Ô Bei! O Sr. não pode se queixar; nunca teve problema de dinheiro, pois seu amigo Khatchô sempre esteve presente quando foi preciso."

– "Isso é verdade, por Alá", disse um outro.

– "O compadre Khatchô é um grande amigo", acrescentou um terceiro. "Nos armênios, não existe um igual a ele."

O velho Khatchô entendeu o recado e muito a contragosto disse:

– "Nem por mil moedas de ouro eu magoaria meu amigo Bei."

Então, os curdos, uníssonos, conclamaram:

– "Que Alá te abençoe"!

Khatchô levantou-se e saiu do *odá*. Mandou chamar seu filho mais velho e pediu-lhe para ir, sem chamar atenção, até o paiol, retirar cem moedas de ouro do esconderijo. O filho, meio desconfiado, perguntou:

– "Por que, pai?"

– "Você não está vendo? Os desgraçados vieram, comeram, beberam e agora querem cobrar a "visita", respondeu o velho com uma voz triste.

– "Malditos sejam!" E pegando o carrinho, foi até o paiol, como se fosse pegar um pouco de feno.

Essa cobrança se chamava *kichkirassi*, em língua curda. Era, antigamente, uma espécie de imposto criado por eles, também chamado "imposto do dente". Significava que o armênio tinha que agradecer a visita do curdo que vinha comer e beber em sua casa, pagando-lhe uma certa importância. Se não pagasse, apanhava, sendo esmurrado impiedosamente. Hoje em dia esse costume não se usa mais, todavia, ainda perdura em certas circunstâncias, porém, de modo mais "civilizado".

Enquanto isso, a seguinte conversação rolava entre os convidados.

– "Se o velho não trouxer o dinheiro, mando botar fogo em tudo isso", bradou o Bei irritado.

– "Não precisa chegar até lá", disse um dos parentes do Bei. "Khatchô é um bom homem, apesar de armênio. Não precisa ofendê-lo. A sua porta está sempre aberta para nós, e toda vez que pedimos alguma coisa, ele nos a deu. Khatchô é um homem bom, não devemos ser ingratos."

Ao término destas palavras, Khatchô apareceu, carregando as moedas de ouro e, colocando-as em uma bolsa de couro, ofereceu-as ao Bei dizendo:

– "Deus me é testemunha que tinha guardado esse dinheiro para ir em romaria até Jerusalém. Mas não poderia recusar um pedido seu."

– "Não minta para mim, compadre, você tem muito, muito mesmo", respondeu o Bei, pegando a bolsa e colocando-a no bolso, sem verificar se estava certo.

Uma brisa fresca surgira nesse fim de tarde. O Bei deu o sinal para os cavaleiros se prepararem para partir. Ele também saiu do *odá* junto com o fazendeiro, aguardando que trouxessem seu cavalo. Stepanig estava brincando com o cordeirinho, quando o Bei se aproximou e disse:

– "Você está gostando dele?"

– "Muito. Mas os cachorros morderam uma de suas patas e o machucaram. Mas vou cuidar disso. Coitadinho! Deve estar doendo e por isso não está comendo nada."

– "Estou vendo que você gosta muito de animais, não é? Vou lhe mandar de presente um dos meus potrinhos."

– "Não gosto de cavalo!"

– "De que você gosta, então?"

– "Gosto de cabritinhos, veadinhos, perdizes..."

– "Ótimo! Quando for caçar, vou lhe trazer todos os animais que eu puder pegar vivo."

A seguir, vieram avisar o Bei que os cavaleiros estavam prontos. O Bei agradeceu o anfitrião e se dirigiu para o seu magnífico tordilho que estava pastando diante da entrada. O próprio Khatchô segurou o estribo para que o Bei montasse no cavalo. Era um sinal de alta consideração para com seu convidado. Montado no cavalo, o Bei pegou no seu dardo e golpeando de leve o animal, saiu andando, enquanto acenava novamente para Khatchô. O velho, imóvel, olhou o Bei afastar-se. Viu mais uma vez o chefe da tribo transpor o fosso sem precisar usar a ponte, demonstrando assim ser aquilo destinado somente aos fracos. Viu também que ele, ao avistar um coelho correndo no cerrado, investiu tal qual um raio e fincou seu dardo no lombo do pobre animal; e pensou: "Por que o mundo é feito assim? O curdo ou o turco não têm pão porque não semeiam. O armênio semeia e colhe o trigo pensando no futuro. O curdo ganha um tordilho de presente e é o armênio que deve pagar. E o armênio não pode montar em nenhum animal a não ser em um burro."

[...]

Poema de **Delmira Agustini**

Quadrinhos de **Aline Daka**

Tradução de **Gleiton Lentz**

LO INEFABLE

Yo muero extrañamente... No me mata la Vida,
No me mata la Muerte, no me mata el Amor;
Muero de un pensamiento mudo como una herida...
¿No habéis sentido nunca el extraño dolor

De un pensamiento inmenso que se arraiga en la vida,
Devorando alma y carne, y no alcanza á dar flor?
¿Nunca llevasteis dentro una estrella dormida
Que os abrasaba enteros y no daba un fulgor?...

Cumbre de los Martirios!... Llevar eternamente,
Desgarradora y árida, la trágica simiente
Clavada en las entrañas como un diente feroz!...

Pero arrancarla un dia en una flor que abriera
Milagrosa, inviolable!... Ah, más grande no fuera
Tener entre las manos la cabeza de Dios!!

In. *Cantos de la mañana*. Montevideo: O. M. Bertani, 1910.

O INEFÁVEL

Eu morro estranhamente... Não me mata a Vida,
Não me mata a Morte, não me mata o Amor;
Morro de um pensamento mudo como uma ferida...
Não haveis sentido nunca a estranha dor

De um pensamento imenso que se arraiga à vida,
Devorando alma e carne, e que não chega a dar flor?
Nunca levastes dentro uma estrela dormida
Que vos abrasava inteiros e não dava um fulgor?...

Cume dos Martírios!... Levar eternamente,
Dilaceradora e árida, a trágica semente
Cravada nas entranhas como um dente cruel!...

Mas arrancá-la em uma flor que abrisse um dia
Milagrosa, inviolável!... Ah, maior não seria
Ter entre as mãos a cabeça de Deus!!

In. *Líricas - Poesias selecionadas*. Desterro: Nephelibata, 2005.

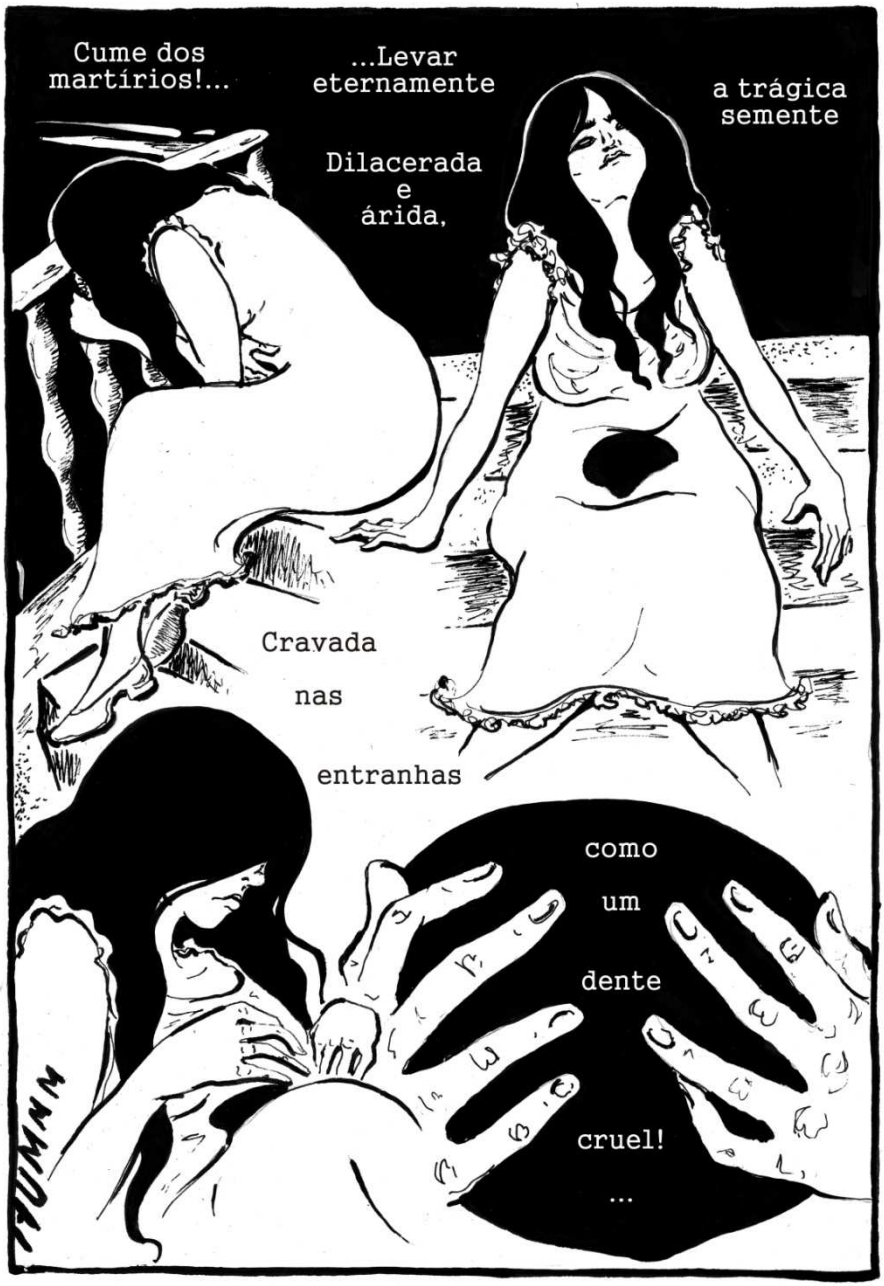
DELMIRA AGUSTINI EM
O inefável
Eu morro estranhamente...
ORGANIZAÇÃO: ALINE DAKA / TRADUÇÃO: CLEITON LENTZ

[aline daka]

[delmira agustini]

De um pensamento imenso que se arraiga à vida,
Devorando alma e carne, e que não chega a dar flor?
Nunca levastes dentro
uma estrela dormida
Que vos abrasava inteiro
e não dava um fulgor?
...
OH!
HUM

[aline daka]



[delmira agustini]

AH!
Milagrosa, inviolável!
...
Ah, maior não seria
Ter entre as mãos
OH!
a cabeça de Deus !!
Más arrancá-la em uma flor que abrisse um dia
fim.

[aline dakal]

INDEX

CAPA:

Escrita Sinhala – Sri Lanka
ARQUIVO (n.t.)

INTERNAS:
Aline Daka (p. 3)
A chave, 2017
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

VINHETAS:

Fotos de:
Miguel Sulis (pp. 8, 147, 305 e 361)
Humberstone - Chile
ARQUIVO (n.t.)

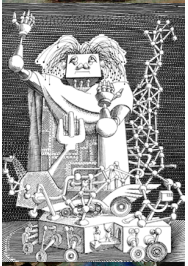
ENTRADAS:
Nikolaos Gyzis (p. 9)
Ninfa e Cupido, 1897
Óleo sobre tela
ΕΘΝΙΚΗ ΠΙΝΑΚΟΘΗΚΗ, ATENAS

Mikhail Vrubel (p. 16)
Detalhe de *Lilás*, 1900
Oléo sobre tela
ГОСУДАРСТВЕННАЯ ТРЕТЬЯКОВСКАЯ ГАЛЕРЕЯ, MOSCOU

Ioana Candea (p. 39)
Grãos Pretos, [s.d.]
Ilustração para *Gedichte*, de Sarah Kirsch
WWW.ARTFLAKES.COM

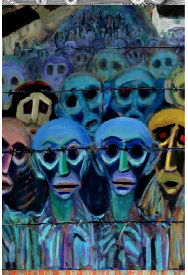
Nikos Engonópoulos (p. 62)
O poeta e a musa, 1938
Óleo sobre tela
ΕΘΝΙΚΗ ΠΙΝΑΚΟΘΗΚΗ, ATENAS

Caspar David Friedrich (p. 89)
Detalhe de *A Abadia no Carvalhal*, 1809-10
Óleo sobre tela
ALTE NATIONALGALERIE, BERLIM



Pompeia (p. 108)
Detalhe de *Dido e Eneias*, 10 a.C.- 45 d.C
Afresco romano
MUSEO ARCHEOLOGICO NAZIONALE, NÁPOLES

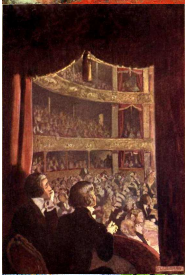
Desconhecido (p. 148)
Capa para o livro 牛をつないだ椿の木 (1968), de Nankichi Niimi
Brochura
KADOKAWA SHOTEN PUBLISHING, TÓQUIO



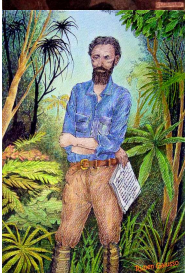
Daniel Mróz (p. 174)
"Elektrybałt Trurla", 1972
Ilustração para *Cyberiada*, de Stanisław Lem
SOLARIS.LEM.PL

Edith Birkin (p. 197)
Detalhe de *Um acampamento de gêmeos, Auschwitz*, 1980-82
Acrílico sobre papel
IMPERIAL WAR MUSEUM, LONDRES

Mary Cassatt (p. 220)
Detalhe de *Chá das cinco,* 1880
Óleo sobre tela
MUSEUM OF FINE ARTS, BOSTON



Byam Shaw (p. 259)
Sem título, 1909
Ilustração para "The Spectacles", de Poe
SIDGWICK & JACKSON, LONDRES

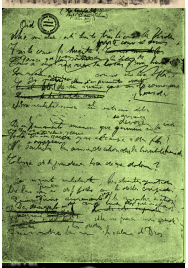


Ruben Galusso (p. 306)
Horacio Quiroga, 2013
Nanquim e lápis de cor
MUESTRAVIRTUAL-Y-VIAJERA.BLOGSPOT.COM.BR

Roger Wild (p. 335)
Detalhe de *Músicos com alaúde e violão*, c. 1946
Aquarela
WWW.LEBRECHT.CO.UK

William Sharp (p. 346)
Ilustração para *Wilhelm Meister's Apprenticeship*, de Goethe, 1959
Litografia
THE HERITAGE PRESS, NOVA IORQUE

Grigor Khanjian Sepuh (p. 362)
Aghasi, 1958
Ilustração para *Wounds of Armenia*, de Khachatur Abovian
WWW.GALLERY.AM



Delmira Agustini (p. 346)
Original do poema “Lo inefable”, c. 1910
Manuscrito
BIBLIOTECA NACIONAL DE URUGUAY, MONTEVIDÉU

QUADRINHOS:

Aline Daka (pp. 429-436)
O inefável, 2017
HQ sobre poema de Delmira Agustini
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

CONTRACAPA:
Escritório de Tradução em Addis Abeba, Etiópia [s.d.]
Fotografia
ARQUIVO (n.t.)

⁘

A (n.t.) | 13º acabou-se de editar em 15 de abril de 2017.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, Baramond
Grego, romeno e polonês: **Palatino Linotype**
Japonês: MS Gothic
Armênio: **Sylfaen**

አዶናይ የትርጉም ጽ/ቤት
ADONAY TRANSLATION OFFICE
011 6 55 63 88
102199
French
Arabic
Somaligna
English
Italian
German
Swedish
Norwegian
Spanish
Hebrew
Danish
Russian
Dutch

(n.t.) | Etiópia